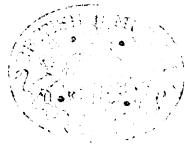






10909. 11-12

CARTAS
D'HELOISA E ABAILARD.



Paris. — Impreso por BOURGOGNE e MARTINET, rua Jacob, 30.





Abailard & Heloise

K. Ab. de Lourenço (P.)

CARTAS
D'HELOISA E ABAILLARD

TRADUZIDAS POR

CAETANO LOPES DE MOURA,

Traductor das obras de Walter Scott,

SEGUIDAS DAS

CARTAS AMOROSAS

D'UMA

RELIGIOSA PORTUGUEZA,

RESTITUÍDAS Á LINGUA MATERNA

POR

D. Joze Maria de Souza,

Morgado de Matheus,

AUGMENTADAS COM AS IMITAÇÕES DE DORAT E OUTRAS,

E TRADUZIDAS DO FRANCEZ

POR

FILINTO ELYSIO E CAETANO LOPES DE MOURA.

TOMO PRIMEIRO.

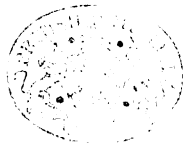


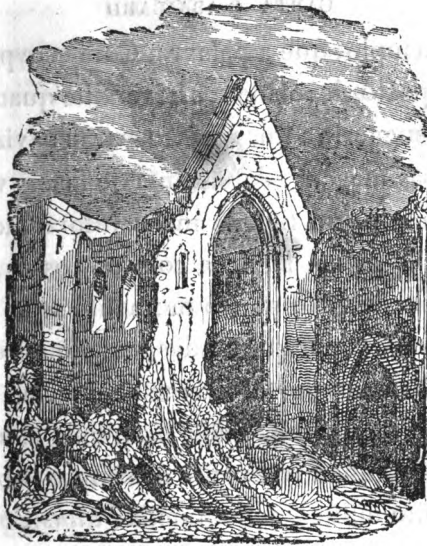
PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J.-P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1838.





CARTA D'ABAILARD

A um Amigo.



Svezes, tanto para perturbar-nos o espirito, como para serenál-o, tem mais poder em nós

o exemplo, que a palavra. Com este pressuposto, depois de vos haver dito quanto me suggerio a imaginação, para suavizar vossas mágoas, determinei de fazer - vos uma pintura fiel de meus infortunios. Ponde-os em balança com os vossos, e vendo de quão pouco momento sejam as provações, por que tendes passado, aprenderéis a supportá-las com paciencia.

Deo-me minha mãe á luz n'uma aldeia da Bretanha ao nascente de Nantes, obra de oito milhas, denominada *Palais*. Coube-me em sorte, ou fosse por influencia do clima, ou por natural compleição, certa leveza d'animo, de mistura com não pequena aptidão para as sciencias. Antes de cingir a espada, havia meu pai tido alguma tintura das lettras, e adiantando em annos veio a conceber por ellas tal paixão, que determinou de mandar dar a seus filhos uma educação solida e in-

structiva; determinação que seguiu invariavelmente em quanto foi vivo. Era eu o primogenito, e o desvelo, que poz em me fazer instruir, não ficou devendo nada á ternura com que me amava. Da minha parte tambem quantos mais progressos fazia nos estudos, tanto mais a elles de todo em todo me entregava. Emfim, tal encanto achei n'aquelle genero de vida, que renunciando á pompa, e gloria das armas, e fazendo deixação da paterna herança, e do meu direito de primogenitura a beneficio de meus irmãos, despedi-me da côrte de Marte com a esperanza de adiantar-me na de Minerva, e dando a preferencia á dialectica, e seu arsenal d'argumentos sobre todas as demais partes da philosophia, troquei pelas armas da logica as da guerra, e as sanguentas victorias, pela gloria de me assignalar nos academicos combates.

Assim que, resolvi-me a discorrer pelas provincias sustentando theses, e apresentando-me em todas as cidades, onde havia conclusões, com uma emulação verdadeiramente peripatetica.

Cheguei finalmente a Pariz, onde já n'esse tempo florescia a filosofia scolastica, e assisti por algum tempo ás lições de Guilherme Champeaux, que era então tido pelo corifeu d'essa sciencia. Recebeo-me este ao principio com os braços abertos, mas logo depois converteo o agrado em displicencia, e tomou-me odio por ter eu porfiado em refutar algumas das suas opiniões, argumentando com elle a pé queado, e á carga cerrada, e tendo por vezes, não sei se diga a ventura, se a desventura de ficar por mim o campo. D'esta ousadia da minha parte concebêrão grande indignação meus condiscipulos, com espe-

cialidade os que erãõ tidos em maior conta; por isso que viãõ que tão superior lhes era no saber, quãõ inferior na idade e tempo, que ao estudo déra.

D'esta inveja nascêrãõ todas as perseguições, que soffri, e soffro; as quaes forãõ avultando á proporção, que foi crescendo a fama de meu nome. Emfim presuppõdo que meu espirito tinha mais forças, e capacidade do que as que se compadeciãõ com minha idade, sendo ainda muí novo concebi o atrevido projecto de abrir aula, e d'antemãõ demarcava com a vista o lugar onde pretendia assentar a cadeira rival. Era este Melun; cidade então consideravel, e onde a côrte por vezes residia. Aventou Guilherme Champeaux minha tenção, e temendo professasse eu em sua vizinhança, trabalhou surdamente para que lhe dessem o lugar, de que eu tinha feito eleição;

porèm como tivesse entre os grandes alguns inimigos, com o auxilio d'estes vim a conseguir o meu intento, grangeando-me o ciume de meu rival o assentimento de todos. Apenas dei as primeiras lições publicas, subio de ponto minha reputação como dialectico por tal maneira, que escureceo a fama de meus antigos condiscipulos, e mesmo a de meu mestre Champeaux. Animado com este successo, dei-me pressa em me avizinhar de Pariz, e fui estabelecer-me em Corbeil, a fim de ter mais á mão o inimigo, para poder arcar com elle, e aterrál-o. Porèm com o excesso do estudo vim a enfermar no cabo de pouco tempo, e foi-me mister ir tomar ares patrios. Sepultado n'um lugarejo da Bretanha, onde vivi alguns annos, consolava-me o saber que suspiravão por mim quantos amavão a dialectica.

Havia já algum tempo que me achava restabelecido, quando meu mestre Guilherme de Champeaux, arcediogo de Pariz, se determinou a entrar em religião, como com effeito entrou, professando na ordem dos Conegos regrantes na esperança, segundo era voz, de subir ás maiores dignidades da Igreja por meio d'aquella mostra enganadora de piedade, e devoção: o que não tardou muito se não verificasse, sendo eleito bispo de Châlons.

O que não obstante continuou a residir em Pariz, e a dar-se, como d'antes, ao estudo da philosophia; tanto assim que passado algum tempo, abriu um curso publico d'esta sciencia n'uma das salas do mosteiro, a que se tinha recolhido, na apparencia para dar um christão intervallo entre as occupações d'este mundo, e os cuidados do outro.

De volta a Pariz aprendi com elle a rhetorica, e tive varias controversias, nas quaes refutei victoriosamente sua opinião ácerca dos Universaes, e obri-guei-o a modificál-as, e porfim a abandonál-as.

Era sua opinião sobre este ponto a seguinte :

« Toda a substancia se acha essencial-
» mente contida em cada corpo : a es-
» sencia é sempre a mesma, os attribu-
» tos são differentes. »

Mudou depois de formula, e sustentou que toda a substancia era identica quanto aos attributos, porém não assim quanto á essencia.

Como esta materia seja uma das mais relevantes da dialectica, pois que o mesmo Porphyro em seus Isagoges sobre os Universaes não ousou dar-lhe talho, contentando-se com dizer que aquelle

ponto era summamente difficil, teve Champeaux o desgosto, por se ter retractado, de ver-se quasi sem ouvintes, e apenas lhe permittião de professar, como se toda a sciencia da dialectica versasse unicamente sobre os Universaes.

Com esta victoria tanta celebridade adquirio minha escola, que os mais zelosos discipulos de meu rival, e os que por serem nimiamente afferrados á sua doutrina fazião escarneo da minha, o desampararão para vir-me ouvir. O mesmo professor, que lhe havia succedido na cadeira de Pariz, veio offerecer-me o seu lugar, e matricular-se em minha aula na mesma sala, onde ambos tinhamos sido testemunhas da gloria de Champeaux.

Empunhava eu emfim o sceptro da dialectica. Dizer-vos a que ponto a in-

veja e o ciúme retalhvão o coração de Champeaux, as lavaredas de indignação, que se levantavão em sua alma, a raiva que lhe roía as entranhas, cousa e que sobrepuja a minha capacidade. Como não podesse resistir ás sofreadas da cólera e do despeito, valeo-se, segunda vez, d'astucia para se descartar da minha presença; e não tendo nenhum pretexto plausivel para romper abertamente comigo, tratou de fazer com que deposessem do lugar aquelle que me havia cedido a cadeira, assacando-lhe não sei que aleives, e poz em seu lugar outro, para que me servisse de padrasto. Voltei pois para Melun, e tornei ali a abrir aula; entre tanto, á medida que a inveja me tomava por alvo de seus tiros, engrossava cada vez mais a fama a voz, para levar ás estrellas o meu nome, segundo o dito do poéta:

« A grandeza desperta contra si a inveja : os lugares altos são mais occasionados a serém batidos dos ventos , que os baixos. »

Passados tempos, como Champeaux se advertisse que seus discipulos começavam a pôr em questão a sinceridade de seu zelo religioso, e murmuravam de sua conversão, por isso que continuava a residir na côrte, foi assentar morada n'uma casa de campo ás abas da capital, elle, sua communidade, e discipulos.

Logo que tive noticia de sua partida, passei a Pariz na esperança de que por fim deixaria de perseguir-me. Porém como elle fizesse supprir minha cadeira por um dos que me erão desaffectedos, determinei de assentar meu campo no alto de Santa Genoveva, para d'ali pôr em assedio o usurpador de meus direitos.

Informado d'este meu designio não pôde Champeaux refrear a sua indignação, e deo-se pressa em regressar com todos os seus para a capital, como para obrigar-me a levantar o sitio, que havia posto a seu lugartenente. Aconteceo porém que, em vez de o auxiliar, não fez mais que anticipar-lhe a ruína: porque se até ali o substituto tinha alguns discipulos, com a chegada do proprietario da cadeira ficou sem nenhum, e vio-se obrigado a cessar de dar lições. Passados alguns mezes, desenganado talvez de poder brilhar no seculo, abraçou tambem a vida monastica. Depois da chegada de Champeaux, as diversas controversias, que meus discipulos tivérão com os seus, os successos que alcançárão, e a parte que d'elles me tocou, tudo isto sabeis vós tão bem, como eu; portanto escuso referil-o. Todavia direi como

Ajax, se bem que com mais modestia :

- Quereis saber qual foi do combate o exito, nao fui vencido;
- E quando o nao disera dil-o-hia o mesmo acontecimento..•

N'esse interim escreveo - me Lucia, minha mãi, que a fosse ver: Beranger meu pai acabava de metter-se n'um convento, e sua esposa se dispunha a seguir seu exemplo. Depois de assistir á cerimonia da profissão, voltei para Pariz determinado a entregar-me ao estudo da theologia, que o sobredito Guilherme de Champeaux lia com bastante applauso em seu bispado de Châlons, como quem tinha aprendido com Anselmo de Laon, tido, n'esse tempo, pelo maior theologo da Igreja.

Fui-me pois pòr debaixo da disciplina d'este velho e decantado professor, o qual devia a sua celebridade mais ao habito que tinha de professar aquella sciencia, que a um talento solido. Se alguem lhe ia bater á porta e consul-

tál-o em alguma duvida, voltava mais embaraçado e indeciso que d'antes. Causava admiração ouví-o discorrer em publico, e pena o vêl-o em presença d'um adversario. Tinha uma verbosidade verdadeiramente rara, mas pouca, ou nenhuma solidez. Seus discursos erão brilhantes, mas vasio de sentido. A chamma que d'elles vinha, em vez de alumiar, escurecia, e nublava o entendimento. Era uma arvore frondosa, que de longe cattivava a attenção, e que vista de perto desmerecia muito por ser esteril. Approximei-me d'ella com tenção de deparar com algum fructo, que me alimentasse, e vim a conhecer que era a figueira amaldiçoada pelo filho de Deus, ou esse carvalho comparado com Pompeo por Lucano.

« Era a sombra do heroe, que subsistia ainda em pé como um carvalho

» annoso no meio d'uma fertil campina. »

Logo que me desenganei, assentei era inutil deixar-me ali estar com as mãos enfronhadas, e sentado á sua sombra. De maravilha assistia ás suas lições; e esta falta de exactidão ferio o amor proprio dos principaes de seus discipulos, que, tendo-o por um oraculo, levárão a mal que não tivesse eu toda contemplação por um tão grande doutor. Irritárão-no secretamente contra mim, e com perfidas suggestões acabárão por me crearem mais um inimigo.

Um dia, depois da sabbatina, estando uns com os outros praticando, como um de meus condiscipulos me preguntasse insidiosamente qual era o meu modo de pensar ácerca da leitura dos livros santos, pois que até ali me não tinha empregado n'aquelle estudo; respondi-lhe que muito folgava com ella, e que a pre-

feria a todas as outras , pois se encaminhava á nossa salvação ; porém que causava-me grande admiração ver que um sem numero de pessoas , que não careciam de instrucção , se não contentassem para explicar a Biblia de ter o texto , e a glosa , e necessitassem d'outros auxilios. Desfechárão todos a rir ouvindo tal , e perguntárão-me se me achava com forças e capacidade para chegar ao cabo com tão difficil empreza. Disse-lhes que sim , e que estava prompto a tentál-o , se isso fosse de seu agrado. Pasmárão todos do meu atrevimento , e desatárão a rir com mais força , dizendo : « Certamente que muito folgariamos de vê-lo. — Pois bem , tornei-lhes eu ; escolhão uma passagem da Escriptura , que seja difficil e com um só commento , e eu me obrigo a explicál-a.» Concordárão todos em que fosse uma das profecias de Ezechiel.

Levei para casa o livro , e disse-lhes que viessem no dia seguinte , que me acharião prompto a cumprir com o prometido. Então começarão á aconselhar-me dêsse de mão a tão inconsiderada empresa, dizendo-me que ella excedia as minhas forças , e que ao menos tomasse; mais tempo para estudar maduramente aquella materia, que de sua natureza era summamente abstruía. Respondi-lhes resolutamente que não era meu costume cavar muito n'um ponto , e que me déra a natureza bastante penetração , para entrar no sentido de qualquer questão, em mui poucas horas; que por conseguinte ou levantava mão d'aquelle negocio , ou os esperaria em casa no dia seguinte, para lhes dar a explicação pedida.

Confessarei sem pejo que forão poucos os que assistirão á minha primeira li-

ção, porque effectivamente parecia ridiculo, que um mancebo, não tendo, para assim dizer, jamais aberto os livros sagrados, se abalançasse tão de leve a explicál-os. Comtudo todos os que me ouvirão ficarão summamente contentes, fizérão-me grandissimos elogios, e empenhárão-me a proseguir, seguindo sempre o mesmo methodo.

Este negocio foi muito soado, de sorte que os que havião faltado á minha primeira lição, acudirão diligentes á segunda, e á terceira; e todos concordes escrevêrão quanto sobre aquella materia lhes havia dito em todas as tres lições.

Um triumpho tão inesperado despertou no coração do velho Anselmo todos os furores do ciúme. Já d'antemão irritado contra mim pelas insidiosas instigações de meus condiscipulos, começou a inquietar-me pelas poucas lições de

theologia que havia dado , como em outro tempo Champeaux pelas de philosophia.

Havia na classe d'este professor dous discipulos , que se avantajavão a todos os outros, Alberico de Reims, e Loculpho de Lombardia , os quaes me detestavão á proporção do desvanecimento , que de seus proprios talentos tinham. A poder de insinuações perfidas conseguirão alienar de seus sentidos ao pobre do velho , que assustado prohibio-me expressamente, e com brutalidade, de proseguir na explicação da Escriptura , em quanto estivesse debaixo de sua disciplina , dando por pretexto , que se me acontecasse sustentar alguma opinião erronea , recairia sobre elle a responsabilidade , á vista de minha inexperiencia em semelhantes materias. Como isto ouvissem , indignárão-se quantos frequenta-

vão a aula. Nunca se tinha assim mostrado sem reboço a inveja ; nunca lhes havia parecido tão odiosa a vingança ; assim que , as calumnias d'Anselmo , e seu ciúme redundarão em gloria minha.

Poucos dias depois fui chamado a Paris para professar na mesma sala , e escola , donde havia sido expulsado. Ali me conservei muitos annos , sem que ninguém se atrevesse a inquietar-me , e desde a abertura do curso tratei de acabar o commentario , que tinha começado sobre as profecias de Ezechiel , quando estava em Laon.

Recebêrão-nos os leitores com satisfação , e minha reputação , como theologo , corria a par da que gozava como dialectico. Acodirão - me em bando os discipulos , e não me faltava , como deveis saber , nem gloria , nem dinheiro.

Mas o nescio se empola com a prosa

peridade; e nada ha que mais de pressa afrouxe a alma, e a submetta ao jogo das paixões, como a bonança de nossas cousas. Tendo-me em conta do unico filosofo que no mundo havia, e assegurado de receios comecei a soltar as redeas' a minhas paixões; eu que até então havia observado a mais rigorosa continencia, á medida que me adiantava na filosofia, e na sagrada sciencia, afastava-me pela impureza de minha vida do exemplo dos filosofos, e dos santos; porque é indubitavel que os filosofos, e em particular os santos em nada mais se extremarão tanto dos demais homens, como na castidade.

Estava no maior ardor da febre da soberba, e da luxuria, quando a divina providencia se dignou curar-me de ambas estas enfermidades; e a meu despeito, primeiro da luxuria, e logo depois da

soberba; da luxuria privando-me dos meios de contentál-a, e da soberba que procedia de meu saber (segundo o que diz o Apostolo, que o saber intumece o coração), permittindo fosse pasto das chammas o livro, de que eu fazia braço. Referir-vos vou um e outro acontecimento, na ordem que seguirão, quando me sobrechegárão, persuadido que a exposição dos factos vos fará reconhecer melhor a verdade, que os rumores que a este respeito se espalharão.

Não podendo determinar-me a atolar-me á cara descoberta em torpes gostos, e não tendo occasião de mostrar-me na sociedade das mulheres mais distinctas, por causa dos estudos, e das assíduas lições que tinha de dar, achava-me igualmente privado de frequentar as de meia condição, quando a fortuna (pois que assim a chamão), anti-

cipando meus desejos , me offereceo uma occasião de realisál-os , para ao depois me precipitar n'um abismo de males , e abatendo o meu orgulho , trazer á resipicencia o soberbo , que havia abusado dos dons de Deus.

Havia em Pariz certa donzella chamada Heloïsa. Era ella sobrinha d'um conego por nome Fulbert , que , amando-a estremecidamente , nada havia poupado para dar-lhe uma educação brilhante , e em tudo perfeita. Era de não vulgar belleza , e seus profundos conhecimentos lhe assignavão o primeiro lugar entre as de sua idade , e condição. Uma prenda tão rara nas pessoas de seu sexo a tornava muito mais recommendavel , sendo que a possuia em mui verdes annos ; e com razão era seu nome conhecido em todo o reino.

Vendo-a dotada de tudo quanto póde

cativar o coração d'um amante, tratei de galanteál-a, certo de que me corresponderia. Era tão celebre meu nome e tão conhecido, achava-me na flor da idade, bem feito de minha pessoa, e podia sem receio de encontrar muitos rivaes offerer meu culto indistinctamente a todas as mulheres; na certeza de que cada uma d'ellas se lisongearia de me ter por amante, e de que não teria de soffrer repulsas.

Persuadi-me pois sem difficuldade, quẽ a tal donzella annuiria a meus desejos. Minha reputação de sabio, e o amor que ella tinha ao estudo, augmentavão minhas esperanças. Quando mesmo me não fosse possível fallar-lhe, podia escrever-lhe, e ter com ella uma correspondencia seguida. Por escrito podia abrír-lhe meu peito mais facilmente que de bocca, e assim se perpetuarião nossas doces praticas.

Abrazado do amor pela sobrinha de Fulbert tratei de buscar azos para fallar-lhe, de habituál-a a ver-me para trazer mais facilmente a meus fins. Para conseguí-lo, recorri a alguns dos amigos do tio, os quaes lhe propuserão de receber-me em sua casa, que era vizinha de minha aula, pagando-lhe eu uma mezada a seu contento. Allegava eu, para coonestar esta proposição, a necessidade em que me via de occupar-me de negocios domesticos, o que empecia grandemente a meus estudos, além das despesas annexas a todo o que tem casa. Fulbert era muito avaro, e desejava summamente aperfeiçoar a sobrinha no estudo das humanidades. Lisongeando uma e outra paixão, dei no alvo, e consegui o que pretendia. Fulbert não pôde resistir á tentação do ganho, e á esperança secreta de ver sua sobrinha.

tirar proveito de minhas lições. E a esse respeito insistio mesmo commigo. Emfim achei-o mais tratavel do que cuidava, a tal ponto que elle mesmo entrou sem o saber em meus projectos. Poz a sobrinha debaixo de minha direcção, pedindo-me lhe consagrasse todo o tempo, que me deixassem de livre minhas occupações, e authorizando-me a vê-la a todas as horas do dia e da noite, e a castigál-a severamente, caso fosse descuidada e negligente.

Se a simplicidade e candura de Fulbert me deixou admirado, quando ponderei nos fins por que eu punha todo o empenho em me introduzir em sua casa, não o fiquei menos, vendo que assim entregava elle ás garras de um lobo esfaimado uma innocente ovelha. Encarregando-me da educação d'Heloïsa, e authorizando-me a castigál-a com seve-

ridade, dava toda liberdade a meus desejos, e punha-me no caso de triumphar d'ella, ainda quando me não amasse. Com effeito se as caricias não podessem dobrál-a, não podia eu reduzíl-a a .poder d'ameaças e punições? Duas razões porèm não permittião concebesse Fulbert a menor suspeita de minhas damnadas tenções; e vinha a ser o muito amor, que á sobrinha tinha, e a reputação de continencia, de que eu gozava. Por abreviar palavras, dir-vos-hei, que nossos corações forão unidos pouco tempo depois que nos achámos ambos debaixo do mesmo tecto. Com o pretexto d'entregar-nosao, estudo entregavamo-nos de todo em todo ao amor. Tíhamos diante de nós abertos os livros, e todavia praticavamos mais de amor, que de sciencia, e erão mais os beijos, que os preceitos; olhavamo um para

outro mais vezes, que para o livro, onde nem sempre eu tinha a mão. Para desorientar toda a suspeita cheguei um dia a castigá-la..... castigos, filhos d'amor, e não da colera; da ternura, e não do odio, e mil vezes mais doces que o mais suave mel. Emfim para encurtar razões, passámos por todas as phases, por todos os grãos de amor; pozemos em pratica quanto n'esta materia se pode inventar, refinámos n'ella. Nossos prazeres não tinham fim. Tão embebido andava n'elles, que já me não podia dar á filosofia, nem encher os meus deveres para com os meus discipulos. Assistir a seus exercicios era para mim o mais penivel dever, e ao mesmo tempo um trabalho insano; porque me via obrigado a sacrificar todas as horas do dia ao estudo depois de ter sacrificado as da noite ao amor. Professava indolente-

mente e sem gosto, meu espirito parecia ter-se embrutecido ; fallava de memoria , mas não de inspiração ; era meramente o écho das tradições do passado , e se acertava de fazer alguns versos erão ternas endechas. Esses versos , como sabeis , corrêrão o mundo , e ainda hoje se cantão em diversas cidades , e são estimados das pessoas , que experimentão a mesma paixão , que m'os inspirou.

Não tenho palavras , com que possa expressar qualfoi o sentimento e pezar que tivêrão os meus discipulos , quando se advertirão da preocupação , ou antes da desordem , que reinava nas minhas idéas. Todos adivinhárão a causa , excepto aquelle , cuja honra periclitava , isto é o tio de minha Heloisa. Em vão a voz publica o tinha advertido de nossas amorosas intrigas ; não podia resolver-

3.

se a dar credito ao que lhe dizião , tanto porque tinha mûita ternura pela sobrinha , como por estar persuadido de minha continencia. Com effeito custa-nos a acreditar na infamia d'aquelles a quem amâmos, e quando o nosso amoré extremo, não tomão pé em nós as suspeitas.

Ah! e quão profunda foi a sua amargura quando a final veio a saber essa triste verdade! Qual a nossa agonia vendo-nos obrigados a viver apartados! Qual o pejo, e confusão minha! Que de lagrimas não verti sobre a triste sorte de minha amante! Quanto fel me não verteo n'alma o discredito e má fama, que necessariamente devia seguir-se para mim d'uma acção tão condemnavel! Em tão angustioso trance cada um de nós punha em esquecimento suas proprias mágoas, para lastimar as alheias.

Porém a separação do corpo tornava ainda mais íntima a união d'alma, e nosso amor sobia ainda mais de ponto com as contrariedades. Desque ensecámos o calice amargo da infâmia, nada se nos dava do escândalo. Acontece-nos o mesmo que a Marte e a Venus, quando o sol invejoso lhes patenteou as fraquezas.

Passado algum tempo, sentio-se Heloisa pejada, e transportada de alegria escreveo-me a toda pressa, para que me avisasse dos meios, que deveríamos empregar em tal aperto. N'uma noite que o tio estava ausente de casa, fui ter com ella, conforme tínhamos ajustado, e a conduzi á Bretanha, e lá a deixei em casa de minha irmã, onde esteve até dar á luz um filho, a quem poz o nome d'Astrolabio.

Quando, voltando para casa, soube

da fuga ou rapto da sobrinha quem poderá pintar o furor que se apoderou d'alma de Fulbert? Só elle seria capaz de nos fazer uma fiel pintura. Porém que meios tinha para vingar-se? Como colher-me ás mãos? Se me assassinasse, se me fizesse o menor ferimento, era de têmer que meus parentes, em cujo poder se achava sua cara sobrinha, se vingassem sobre ella. Apoderar-se de mim, e ter-me em carcere privado não era cousa facil de effectuar-se, estando eu de sobreaviso, e acautellado, como quem sabia a que excessos se deixaria arrastar o bom do conego se porventura se achasse de melhor condição, ou imaginasse que assim era. Emfim compadeci-me do triste estado, a que por minha culpa se via reduzido, e accusando-me do rapto de Heloïsa, fui ter com elle; pedi-lhe que me perdoasse, e pro-

metti-lhe todas as reparações, que para sanear aquella affronta cumprisse. Affirmei-lhe, que minha culpa encontraria indulgentes quantos tinham experiência d'amor; quantos se lembrassem do grande numero d'homens celebres, que tinham succumbido a seus tiros desde o principio do mundo: e para de todo serenál-o offereci-lhe uma reparação, que excedia a tudo quanto elle podia desejar, propondo-lhe de receber por esposa a Heloisa, com tanto que o casamento não fosse publico, por causa do discredito que de sua publicação resultaria. Consentio n'isso Fulbert, empenhou sua fé, e a de seus amigos, e abraçou-me em signal de que, cedendo a meus rogos, me perdoava, e se reconciliava commigo, sendo que se assim obrava era para aguardar a occasião de ensopar-se, a seu querer, na vingança.

Parti immediatamente para a Bretanha, d'onde voltei em companhia de minha amante, que cedo ia ser minha esposa. Não que approvasse ella o meu projecto; pelo contrario rejeitou-o, e para me dissuadir allegou dous motivos poderosissimos; a saber : o perigo a que me expunha, e o discredito que resultaria de semelhante passo; asseverou-me que lhe custaria muito obedecer-me no que dizia respeito ao casamento, dizendo que seria impossivel fizesse gala de ser minha mulher, depois de ter cavado minha propria ruina. O mundo, ajuntava, lhe havia pedir estreita conta, pelo haver privado de seu mais bello ornato, do unico homem, que com seu saber o doutrinava. Fazia-me ver quão mal recebida seria de todos a noticia de nossa união, o quanto prejudicaria á

Igreja, e as lagrimas, que faria verter a quantos se davão ao estudo da philosophia. Como se veria com pezar sujeito ás ordens d'uma mulher, e submettido ao jugo do hymeneo um homem, que a natureza havia creado para bem de todo o mundo; emfim representou-me que do casamento não redundava, senão males; e quando menos, embaraços e cuidados: cousas que o Apostolo nos exhortava a evitar na seguinte passagem:

— « Levou-te a morte a mulher? Não busques outra. Não é peccado o casar o mancebo ou a virgem; porèm se o fizerem ficarão sujeitos ás tribulações da carne: o que desejo poupar-vos.

A este tom me disse outras muitas cousas, até que a final vendo que tudo quanto dizia para dispersuadir-me, e fazer-me mudar de resolução, era inutil na cegueira, em que estava, e não po-

dendo determinar-se a oppôr-se abertamente a minha vontade, desfazendo-se em lagrimas concluiu dizendo : « O passo , que vamos dar , ha de ser occasião de magoas iguaes aos prazeres , que até aqui temos desfructado. » Profecia que não tardou se verificasse.

Encomendámos a minha irmã tivesse todo o cuidado de nosso filho , e voltámos secretamente para Pariz , e poucos dias depois de passarmos a noite n'uma igreja a orar , ao romper da manhã recebemos a benção nupcial em presença do tio d'Heloïsa , e de muitos de seus amigos , e dos nossos. Finda a cerimonia , retirámo-nos com as mesmas cautélas , que tinhamos tomado na vinda , e não nos tornámos mais a ver , senão de longe em longe , e ás escondidas , para encobrir o melhor possivel o que se tinha passado.

Porém Fulbert, e seus parentes entrarão a divulgar o casamento, faltando á palavra, que me havião dado, com o fito de se lavarem da nodoa, que na reputação de sua familia havia posto o meu proceder para com Heloïsa. Negava esta a pés juntos ser verdade o que elles dizião, desmentindo-os a cada passo; com o que irritado o tio começou a maltratá-la. Do que como fosse informado determinei-me a tirá-la do poder do tio, e mandá-la para a abbadia d'Argenteuil, a pequena distancia de Pariz, onde ella fôra criada, e educada, e aconselhei-lhe que se vestisse de freira, recommendando-lhe todavia, que não trouxesse véo.

Entrarão em furor os parentes, quando d'isto soubérão, imaginando que era minha tenção embaíl-os, e descartar-me d'Heloïsa mettendo-a n'um con-

vento, e n'este presupposto determiná-
rão fazer de mim vingança. Um de
meus criados, que a peso d'ouro comprá-
rão, os introduzio em certa noite no meu
quarto, pondo-me á descrição de sua
vingança; vingança tão barbara, tão
aviltante que encheo o mundo de es-
panto: mutilárão-me por onde havia
peccado! Isto feito, posérão-se em fuga;
dous d'elles cairão em poder da justiça,
e forão castigados com a pena de talião,
e por cima d'isto cavárão-lhes os olhos,
entrando n'este numero o criado, que
por avareza me havia trahido.

Ao romper da manhã toda a gente
da cidade estava junto á minha porta.
Ser-me-hia difficil, ou antes impossivel,
pintar-vos a consternação em que esta-
vão todos, as lastimas e pezames que
sem cessar me davão, os quaes muito
me angustiavão; por isso que me trazião

á memoria o triste estado, a que me haviam reduzido os barbaros verdugos. Os clerigos sobretudo, e especialmente os que assistião ás minhas lições me desesperavão com seus gemidos e condolencias, por tal maneira, que mais me magoava sua compaixão que a ferida, que me havião feito meus inimigos. Davão-me mais tratos o pejo e confusão, do que as dores fisicas. Cercado de negras imagens dizia entre mim : quão vão, quão glorioso estava hontem, quão desprezível me vejo hoje! Deus é justo, castigou-me por onde lhe havia desobedecido. Teve razão Fulbert, tornando-me traição por traição. Que gloria para meus inimigos! Como cotejarão contentes o meu castigo com a minha culpa! E meus amigos, meus parentes, qual não será o seu pezar! Minha desgraça vai ser divulgada por todo o mundo, todo o mundo saberá

qual foi minha falta, e qual o castigo, que merecidamente me dêrão. Onde esconder-me? Como é que hei de apparecer em publico? Toda agente apontará para mim, e serei alvo de escarneos, e objecto d'horror para quantos me encontrarem.

Redobravão-me as magoas outras reflexões; ponderava que, segundo os canones, os eunucos serão excluídos do sacerdocio, bem como dos sacrificios os animaes castrados. Foi pois mais por necessidade, que por vocação que abracei a vida monastica, depois que Heloïsa, obedecendo ás minhas ordens, com uma total abnegação entrou n'um mosteiro, e professou. Ambos pois dissemos adeus ao mundo, sepultando-nos em vida, eu na abbadia de São-Diniz, e ella na d'Argenteuil, de que já vos fallei. Insistirão com ella os parentes e amigos, porque desse

de mão a tão precipitada resolução, porém nada conseguirão; antes permanecerão até o fim em seu proposito, dizendo debulhada em lagrimas, o que disse em outra occasião Cornelia.

— « Nobre esposo! não tinha de verte ainda uma vez deitado á minha ilharga! Quem me dêo direito sobre uma vida tão preciosa? Que impio furor me arrastou a vincular-me contigo, se havia de ser a causa de tua ruina? Mas cedo serás vingado; com gosto me dou a mim a pena.»

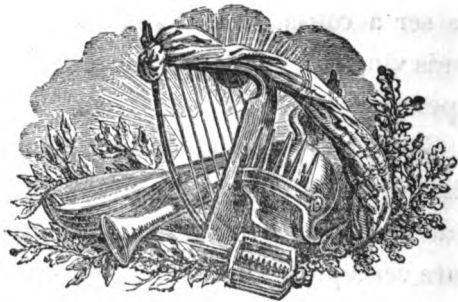
Como isto disse adiantou-se para o altar, e professou em presença do bispo, e de muita gente que tinham concorrido para ver aquella augusta cerimonia.

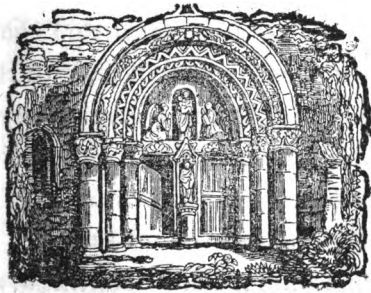
Depois que convalesci, cedendo ás instancias de meus amigos, e do abbade de São-Diniz, tornei outra vez a abrir aula de theologia, estudo mais conforme

42 CARTA D'ABAILARD A UM AMIGO.

com minha situação actual, e compuz um tratado sobre a Trindade, que despertou o ciúme de meus rivaes. As perseguições, que por este motivo soffri, e o mais que tenho padecido vós o sabeis, e por isso passál-o-hei em silencio.

Adeus.





EPILOGO

DA VIDA D'ABAILARD E DE HELOISA.

Quom a publicação do tratado sobre Trindade accendêo-se o furor dos inimigos d'Abailard, que

o delatárão ao arcebispo de Reims, como inçado d'erros e de heresias. O arcebispo convocou um concilio em Soissons no anno de 1120, ao qual foi Abailard obrigado a apresentar-se, por citação do Legado do Papa, e sem embargo de tersido o dito tratado censurado, com o maior rigor, por dous dos seus mais encarniçados inimigos, declarou o Concilio, que nada havia de condemnavel n'aquella obra, e que a doutrina, que n'ella se continha, era sã e orthodoxa. Esta decisão, e alguns sermões, que n'essa occasião prégou, avultárão ainda mais a sua reputação; porèm, crescendo com a fama de seu nome a inveja dos adversarios, tanto tecêrão, que conseguirão se nomeassem outros censores para examinar de novo o livro, que acabou por ser condemnado a ser queimado, sendo o author obrigado com graves penas a fazêl o por suas proprias

mãos em pleno concilio. Dêrão-lhe por prisão o convento, de que por fim saõ, sendo que era visto com mãos olhos pelos religiosos, que na regularidade de sua vida vião a condemnação da que até ali havião observado.

Levou-o o gosto que tinha para a solidão, a um sitio retirado, que ficava ao péde Nogent, onde, com licença do bispo, fez uma ermida dedicada ao Espirito-Santo, á qual por isso poz o nome de Paracleto, que quer dizer consolador. E com effeito ali têve a consolação de se ver rodeado de innumeraveis discipulos. Tornárão a accusál-o seus inimigos, dizendo commettêra um sacrilegio por ter dedicado a ermida ao Espirito-Santo, e dado-lhe o nome acima dito; porém, tendo-se justificado plenamente, gozou de algum descanso. Assacárão-lhe pouco tempo depois novos aleives, não obstan-

te os quaes foi eleito abbade de São-Gildas de Ruys, na diocese de Vannes. Pouco tempo depois de ali estar se arrependêo de ter saído de seu retiro, pelo espirito turbulento dos religiosos, que, como os de São-Diniz, estavam acostumados a viver desregrada e licenciosamente. No momento em que não sabia onde fosse, para viver socegado, inspirou-lhe Deus o projecto de estabelecer no Paraclete uma communitade de religiosas, debaixo da direcção d'Heloïsa, que por seu exemplo e virtudes havia edificado o mosteiro, em que estava, de que veio a ser abbadesa. Porém, apesar de seu zelo e erudição, experimentou Heloïsa os mesmos inconvenientes, que Abailard, para introduzir a reforma no seu mosteiro; e como a desordem, que n'elle reinava, passasse a ser escandalo, os monges de São - Diniz servirão-se d'estes pretextos

para deitál-as fóra, e pôrem-se em seu lugar.

Parecendo a Abailard, que a occasião não podia ser mais opportuna, para realisar o projecto que formára, escreveu-lhe que se mudasse para o Paraclete, que elle lhe abandonava com todas as terras annexas; proposição que Heloïsa accietou, e para onde se partio d'Argenteuil com algumas religiosas; foi Abailard recebê-las, para dar-lhes posse do novo mosteiro, onde ião residir. Não ha palavras com que se possa retratar o prazer, que tivérão estes dous amantes, quando depois de doze annos se tornárão a ver. Heloïsa foi eleita abbadessa por consenso de todas as religiosas, e Abailard, depois de dar as providencias necessarias para a conservação d'aquelle estabelécimento, se retirou para a sua abbadia.

No principio as religiosas soffrêrão algumas necessidades, por serem mui escasas as rendas do mosteiro; porém em breve tivêrão todo o necessario, concorrendo as pessoas mais illustres d'aquelles contornos a admirar Heloïsa. Demais que, Abailard tambem as favorecia com o que podia, e influiu em seus discipulos para que o ajudassem n'uma obra tão pia, e além d'isto tivêrão a dita de receber avultados dotes de algumas donzellas que professárão, de sorte que vivêrão com mais commodidade e abundancia.

Tanta era a ordem e piedade, que reinava no mosteiro d'Heloïsa, quanta a desordem e dissolução que havia no d'Abailard; o qual não podia dar um só passo na indispensavel reforma, de que tanto necessitavão os religiosos que governava, sem irritar sua colera, che-

gando a ponto de quererem assassiná-lo, ou descartarem-se d'elle por qualquer outro meio; o que com effeito terião conseguido, se Abailard, que estava de sobreaviso, se não acautelasse.

No meio d'estes desgostos, recebêo Abailard uma carta d'um amigo, que morava nas vizinhanças do Paraclete, na qual dando-lhe parte d'uma grande quantia de dinheiro, que acabava de perder, lhe pedia com encarecimento houvesse de lhe dar alguns conselhos e consolações, e foi da resposta que lhe mandou, que é a carta precedente que dimanárão as diversas, que hoje publicâmos.

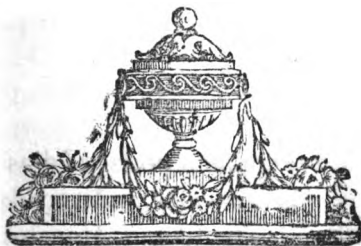
Continuou Abailard a residir mais algum tempo no mosteiro de são Gildas de Ruys, a final ponderando na critica situação, em que se achava, e no imminente perigo que corria sua vida pela

perfidia, e maldade dos monges estava a ponto de ceder ás instancias d'Heloïsa, que lhe pedia fosse residir nas vizinhanças de Nogent. Porém diversas circumstancias, e uma doença que lhe sobreveio, lhe tolhêrão de pôr em effeito o que desejava; pelo contrario, entendendo era chegada a sua morte, cessou toda correspondencia com Heloïsa, e dispoz-se para entrar na eternidade, para onde se passou em 21 de Abril de 1142, com 63 annos de idade.

Heloïsa recebendo a carta do abbade de Cluny, que lhe participava a morte de seu querido esposo, caio sem sentidos, e assim estêve tanto tempo, que as religiosas cuidavão já que era defunta. Logo que voltou a si, a primeira cousa que fez foi escrever ao abbade, pedindo-lhe encarecidamente fizesse trasladar ao Paraclete o corpo d'Abai-

lard, para dar -lhe sepultura, segundo o que elle lhe tinha recommendado em suas cartas. Depois que se vio de posse d'aquelle precioso deposito, não fez mais que chorar sobre a campa do esposo, a quem sobreviveo por espaço de vinte e dous annos, orando com fervor, e macerando o corpo com penitencias, até que morreo aos 17 de Maio de 1164, em seu anno climaterico, e como Abailard, com 63 annos de idade.

FIM DO EPILOGO.





CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.



LIVE em meu poder os dias passados uma carta, endereçada a um amigo teu; como, lançando para

o sobrecripto os olhos, conhecesse a lettra, não pude resistir de saber o que lhe escrevias: rompi a obreia, e para colorear esta acção, manifestamente inconsiderada, acolhi-me ao direito, que devo ter sobre tudo quanto saí de tua penna. Mas ah! quão caro me custou esta curiosidade! Que torrentes de lagrimas não verti, vendo n'essa carta fatal estampada meüdamente a triste narração de nosso infortunio. Não tenho palavras, com que te possa expressar a turvação, que se apoderou de meus sentidos: quiz-me parecer que davas em extremo, quando para consolar um amigo d'uma desgraça, talvez bem leve, fazias alardo das nossas. O tempo havia em parte apagado a lembrança d'ellas, mas vendo-as escritas por tua mão, partio-se-me o coração com dor, como se ellas presentes forão. Representou-se-me quanto por meu respeito padeceste, os inimigos, e invejosos que te careou teu peregrino engenho, bem como o carcere

perpetuo, com que te ameaçavão, e por opiniões que nunca seguiste. Fiel a memoria pintou-me de repente ao vivo quanto um e outro soffrêmos, não deixando em esquecimento a perseguição d'esses dous homens, que no Concilio de Reims levantárão contra ti a voz, a escandalosa applicação que fizérão do nome de Paracleto, que havias dado á tua nova morada, e por ultimo as cavilações e intrigas d'esses, a quem agora honras com o nome de irmãos. Tão ao vivo, e com tanta miudeza narraste a teu amigo as tuas e minhas desgraças, que não sei como não estalei com dor; e se não tivessem vindo tirar-me das mãos essa fatal escritura vél-a-hias de minhas lagrimas banhada. Ella me deixou entranhavelmente abalada, e despertou em meu coração o odio, de que são credores nossos communs inimigos; e pois que o tempo, que tudo acaba, não teve poder para abrandar-lhes a sanha, pois continuão sempre a perseguir-te, estou

determinada a dar a ler ao mundo em diversas linguas a historia de nossas desgraças, para opprobrio eterno do seculo injusto e barbaro, em que vivemos. E pois que ninguem te perdoa, nem tem contigo conta, não a terei com ninguem. Envidarei todas as minhas forças para justificar-te, e por tal maneira que mova á compaixão os corações mais duros, e que todos os olhos se molhem, em ouvindo pronunciar o nome de meu caro Abailard.

Não te fallo dos males, que por teu respeito padeço, porque só os teus me dão cuidado. Vejo-me só, afflicta, consternada, e sem ter quem me console, e tu a quem isso compria, nem novas tuas me dás. Não me negues mais tempo este alivio, conta-me por meüdo quanto passas, embora seja de tal natureza, que se me espedace de novo o coração. Se é verdade que as magoas se tornão mais supportaveis quando as confiâmos a um amigo, conta-me as tuas, e achar-te-has

alliviado. Não me digas que o não fazes temendo provocar-me as lagrimas, que mais copiosas me faz verter teu silencio, do que o faria a relação de teus padecimentos. De mais que, se para escrever-me aguardas se te mostre favonea a fortuna, receio que em vão esperes; que não costuma esta deosa prodigar seus favores ás pessoas de virtude, e se tu o não fôras, não te daria ella de rosto. Não esperes por milagres, e dá-me o prazer de receber quanto antes novas tuas, que são a unica alegria que longe de ti posso ter; alegria que exprimentava tambem Seneca com ser filosofo, quando recebia cartas de Lucilia. Em quanto me não dás este gosto, não tiro os olhos de teu retrato, que ponho de parte desque me vens ver, que me não é elle util, senão durante tua ausencia. Mas se só uma copia imperfeita de teu semblante me enche de prazer, que alegria me não causarião cartas tuas! O teu retrato é mudo, não assim as tuas cartas: essas fallão, essas

ateião em meu coração as chammas do amor. Quem nos veda de desfructarmos um prazer tão innocente? Por que, por nosso proprio descuido, nos privâmos do unico lenitivo, que adoçar póde nossas magoas? Escreve-me como meu esposo, que és, que como esposa tua te responderei; e não obstante todas as tuas desgraças podes estar certo, que sempre has de ser para mim o que fostes, e tudo quanto quizeres ser. Nem para outra cousa forão as cartas inventadas, senão para allivio das pessoas que se achão, como eu, encerradas. As tuas de continuo as trarei estreitadas ao peito, de continuo as cobrirei de beijos: mas não quero que te apures muito com ellas; escreve-me sem molestar-te, e como se acertar. Seja o teu coração quem as dicte, e não teu raro espirito. Se me não certificas de teu amor, crê que em breve me apartarei da vida. Pouco deve custar-te escrever-me n'este estilo, ou antes não está em tua mão o tomar commigo

outro: e porcima d'isto parece de justiça que com qualquer nova prova de ternura cerres a chaga, que em meu peito abriste, relatando pelo meúdo a teu amigo a longa cadeia de nossos infortúnios. Não é meu proposito condemnarte, por te teres servido d'esse innocente artificio, para suavisar suas magoas com a narração das nossas. A caridade é de si mesmo engenhosa, gabo-te o estratagemma; porém lembra-te que tambem alguma cousa debes fazer a favor nosso, e muito mais do que por teu amigo fizeste.

Chamão-nos irmãs tuas, e nós por filhas nos intitulâmos, e se houvera um nome mais doce, mais affectuoso, esse empregariamos para mostrar-te qual seja para contigo o nosso affecto, e qual para conosco deve ser o teu. Da nossa parte affianço-te, que não póde ser maior do que é; porque ainda que por ingratição quizessemos pôr em esquecimento o muito, que te devemos, não no-lo consentirião esta igreja, estes altares,

emfim tudo quanto ha n'este mosteiro. Tu foste o fundador d'esta casa, tu converteste esta morada do roubo e assassinio n'um templo digno do Senhor nosso Deus. Estes claustros nada devem á caridade do povo, nem nos havemos enriquecido com as usuras, e penitencias dos publicanos. De ti nos vem tudo quanto possuimos, a ti devemos o ser o que somos.

Posto que a clausura, e os votos pareção dever confirmar-nos em nossa vocação, e bem que as agudas púas de nossas grades vedem a todo o secular a entrada d'este mosteiro, esta semente, que de Adão nos vem, em breve povoaria d'agresteservas nossos corações, e affogaria as boas plantas, que n'elles semeaste, se te não dás pressa em mondá-las.

Bem sei que não estás ocioso; mas se trabalhas, não é para nós que o fazes. Deitas aos porcos os preciosos thesouros do evangelho, e deixas ao desamparo

as innocentes ovelhas, que te seguirão por montes e valles?

Agora me advirto que já não me atrevo a pedir-te isso em meu nome; e todavia devêra eu servir-me d'outro para mover-te o coração, nem recorrer a estranhos interesses, a alheios prantos? Os Agostinhos, os Tertullianos, e Jeronimos escreverão ás Paulas, Eudoxias, e Melanias. Quando estes nomes lês não te vem á memoria o meu? Porque me não fortaleces no caminho da virtude, como são Jeronimo? Porque me não prégas a verdade, como Tertulliano? Porque me não ensinas em que consiste a graça, como Agostinho? De nada me aproveitará pois o saber teu? De mais que, escrevendo-me, escreves a tua esposa. Com o sacramento cessa todo o escandalo, que semelhante correspondencia poderia motivar, e até podes ver-me sem escrupulo, como sem perigo. Dêmos que nossos votos não sirvão de estorvo a nossos prazeres, e que fossemos ca-

pazes de infringil-os, que mal póde provir d'ahi, depois de te haver meu tio com tanta barbaridade mutilado? Porque pois de mim te esquivas? Ouve antes meus gemidos, sê d'elles testemunha, como fostes o unico author. Se n'este claustro entrei, por m'o aconselhar assim a razão, faze por persuadir-me de n'elle permanecer por virtude.

Ah! que se te lembráras.... mas não, que não é possivel teres esquecido o estremecimento, com que te amei, e amo. Como passava os dias a esperar-te sempre com os olhos enfiados no caminho, por onde devias vir! Como me trazia desassoçada o menor bilhete que te escrevia, em quanto não achava occasião de t'o entregar! Pois para ver-te, que circumspecção não me era mister ter, que estratagemas não me via obrigada a empregar?

Já começas a embruscar-te porque te trago á memoria estas particularidades, e tremes de ouvir o mais: tem paciencia,

que só quando n'isso fallo me acho algum tanto alliviada , e não cuides que d'isto me corro ; e pois que te amei com todas as véras da minha alma, deixa-me tambem perpetuar, do modo que posso , a lembrança de meu amor. Para mostrar-te a que ponto chegava, tomei a mim mesmo tédio , e sepultei-me em vida n'esta clausura, para te deixar livre, e sem cuidados.

Affectos taes não os inspira o vicio ; o que faz consistir o amor na satisfação de seus appetites carnaes ama aos vivos, e não aos que já para o mundo morrêrão. Cuidava meu tio, que á imitação do vulgo das mulheres o que em ti amava era o teu sexo; mas enganou-se privando-te d'elle, e vingou-me de sua barbaridade amando-te porcima de quanto se póde imaginar.

Bem sabes que o que mais em ti me cativava, nunca foi o que de viril podias ter, mesmo no tempo em que nossos amores erão menos puros e innocentes.

Quanto te não custou o dobrar-me a dar-te de esposa a mão ; não que ignorasse quão sagrado era aos olhos do mundo, e de Deus este titulo, mas porque achava mais attractivos no de dama tua. O vinculo do matrimonio nos obriga a amar por dever, e não por gloria ; e a essa é que eu não queria dar renuncia ; requinte de ternura que não te pude assás occultar, e de que vi com prazer na carta que a teu amigo escrevias, estavas ainda lembrado, bem como do quão insulsos me parecião esses vinculos, que se não podem desatar , senão por morte, posto que as mais das vezes contrahidos sem amor. Quantas vezes te não protestei que antes queria viver comtigo, como tua dama, do que com Augusto com o titulo de imperatriz; e que folgava mais obedecer ás tuas ordens, do que ter sujeito ás minhas o senhor do mundo. O verdadeiro amor não respeita nem classes, nem condições, e separa do objecto amado quanto lhe é estranho ; por-

que o que n'elle ama é elle mesmo. Tenho para mim que n'este mundo não ha outra felicidade, senão a que provém da união simpathica de dous corações vinculados por um amor, e estima reciproca. Então somos verdadeiramente felizes quando nada temos que desejar; quando em nossas almas não existe vazio algum, quando o objecto amado as enche inteiramente de sua presença.

Tal foi a nossa sorte, Abailard; amando-nos trocadamente, passavamos a vida mais feliz que dar-se póde. Tua celebridade justificava a preferencia, que sobre todos te haiva dado; ufanava-me vendo que não havia uma só provincia de França, que não desejasse possuir-te. Donde quer que te ausentavas deixavas mil saudades, e todos se consolavão dizendo: « Emfim tivemos a dita de ver o celebre Abailard. » As mulhères mais isentas render-te hião vassalagem, se te caísse em fantasia o seduzíl-as. Qual d'ellas se não deixaria cativar de tuas

maneiras delicadas, de tua agradável presença, discrição e subtil engenho? Tudo advogava em teu favor, bem differente dos demais homens, que póde ser sejam versados em algumas sciencias, mas não na arte de agradar. Em ti a sciencia mais arida se torna facil, amavel, appetecivel. Os mais lindos versos saem-te da penna naturalmente, e sem o menor esforço. Quem mais conceituoso do que tu? Quem mais habil em tecer um elogio delicado? Aos vindouros deixas uma prova n'essa Rosa, digno parto de teu fecundo engenho. Que sal, que graça se não encontra nas mais pequenas bagatellas, que escribes, na menor cançoneta tua? Que de rivaes não envejavão a minha sorte, quando me galanteavas? Quantas, só porque uma vez as vistes, não devaneavão, crendo serem as Silvias, que em teus versos celebravas? Mas ai de mim! Onde se forão tão venturosos dias? Agora só de lagrimas me alimento, lastimando de continuo a minha e tua sorte.

6.

Vós, que em outro tempo envejaveis meu destino, sabeis que já não existe nem para mim, nem para vós-outras aquelle que era a causa de vossa inveja e zelo. Em amar-me consistia todo o seu crime; de me amar se lhe originárão infindos males. Ardendo em raiva meus parentes para todo sempre perturbárão a doce paz, em que viviamos, amando-nos e comprazendo-nos mutuamente. Se viver d'este modo é um crime, folgo de tê-lo commettido, e aborreço a innocencia em que hoje vivo.

Se a teu lado fòra, querido Abailard, na occasião em que esses barbaros te reduzirão a tão misero estado, escudar-te-hia com meu corpo, e remir-te-hia d'essa affronta á custa da propria vida. Mas ponhâmos isto de parte, que é mais eloquente o silencio, quando a desgraça é tal, que mal se póde com palavras retratar. Entretanto desejára que me disseses, porque has cessado de ver-me depois que professei, sendo que o unico motivo

que a isso me impellio foi o fazer-te a vontade, e libertar-te de cuidados? Donde vem pois tão estranha tibieza e esquivaça? Será possível que esfriasses de amar-me, por isso que fui contigo por extremo terna, contentando todos os teus desejos? Que ainda mal, todos os dias nos está mostrando a experiencia, que o meio mais certo de apartar de nós os que se prezão de serem nossos amigos, consiste em cumulál-os de favores; porque, quando estes são demasiados, só odio e desprezo parem, e não reconhecimento. Defendi-me mal, confesso; fiz bom bárato de meu peito, de que te apoderaste, cruel, com pouco custo. Com pouco custo me tornas outra vez a entregál-o, mas já o não posso acceitar; e posto que, entrando n'este mosteiro, tenha feito renuncia de minha propria vontade e desejos, a meu despeito conservo o de ser de ti amada, e o de amar-te eternamente. No acto da profissão tinha eu commigo um bilhete teu, no

qual de ser sempre meu me promettias, desorte que a Deus offertei o meu coração d'envolta com o teu, e ante elle jurei de morrer primeiro, que deixar de amar-te. Tem pois paciencia, toléra o meu amor, bem que enfadonho, como uma cousa de que te não podes descativar. Mas que fraqueza é esta minha! Eu, que devêra empregar em Deus todos os meus cuidados, só curo de agradar a um homem!... A culpa é tua, ingrato, que com tanto desamor me trata. Se já me não tens amor, porque ao menos não o finges? Porque nem se quer um pretexto me dás para desculpar-te? Como! e será crível que estejas resoluto a nunca mais me ver? Se assim é, escreve-me ao menos de quando em quando. Desengana-te, és meu, pois assim o juraste, como eu sou tua, porque outros votos não fiz, quando professei. Nada separar-nos póde: se me emparedei n'este mosteiro, só por te comprazer o fiz, eis todo o segredo de minha vocação: tu bem o sabes, e não

obstante, em pago de tão duro sacrificio, só colho esquivança e desamor.

Envergonho-me quando me vejo escrava d'um homem, tendo por subditas tantas esposas de Deus. Envergonho-me estando á testa d'esta communidade, que devêra edificar com meu exemplo, de saber que só Abailard me merece cuidado, que d'al não cuido senão d'elle. Ah! já sacrilega sou, já criminosa!... Perdoai-me, meu Deus, que não sei se os remorsos, que sinto, nascem d'um sincero arrependimento, ou antes da desesperação.

Abrasada d'amor vezes ha que, reconhecendo quão criminosa sou, compunjo-me, arrependo-me; mas que monta, seas lagrimas, que verto, são sobre o meu amante! Não ha dia que de minhas culpas me não lembre, não que tenha pezar de as ter commettido, mas sim porque já não posso commettê-las.

A que estado me has reduzido, cruel! Confesso minhas fraquezas, accuso o teu

rigor, leva-me arrojões o amor sem saber nem o que digo, nem o que faço. E ha hi tormento que comparar-se possa com o d'aquelle, que se vê obrigado por dever a desarreigar do coração as profundas raizes, que n'elle deitou a mais terna, a mais justificada affeição? Agasalho por vezes n'alma as inspirações, que Deus é servido mandar-me; mas logo depois repulso-as para dar entrada ao amor o mais extremoso, e a elle toda me entrego. Abro-te hoje de par em par as portas d'alma, e digo-te quanto no coração tenho, quanto desejava dizer-te hontem. Quantas vezes não tenho feito proposito de riscar-te de minha lembrança! Ri-se o amor de minhas resoluções, e carrega cada vez mais a mão, prenhe de tormentos, pondo-me nos umbraes da morte. Ajuda-me pois por piedade a desquitar-me de ti, se é que já de mim te desquitate. Consola-me, senão como meu amante e esposo, como pai ao menos; senão por amor, por motivos de religião!

Como! tão d'aço tens o coração, que te não demovem tão doces, tão respeitaveis nomes? Vem, vê se podes ensinar-me a domar minhas paixões, a seguir invariavelmente as veredas da virtude: não soffras que infrinja por mais tempo meus votos. Humilhemo-nos ante os immensos thesouros da divina providencia, que para nossa salvação de tudo se serve, e ás vezes por um effeito maravilhoso de sua graça nos sanctifica, mal que não lh'o peçamos, abrindo-nos os olhos sobre nossas miserias.

Queria aqui pôr fim a esta, mas não o consente meu coração; porque ainda se não acha de todo desabafado. Quando me obrigaste a consagrar-me a Deus, prometteste-me fazer o mesmo; o que até agora não sei que hajás cumprido. Se receaste em razão de minha idade e sexo, que no seculo viesse a prevaricar, andaste mal; que bastantes abonos tihas de minha fidelidade, e de meu constante amor, em minha vida anterior.

Feriu-me no mais vivo d'alma essa tua desajuizada desconfiança. Como! dizia eu entre mim; em outro tempo acreditava Abailard em tudo quanto lhe dizia, e agora é mister que os mais solemnes votos, que Deus mesmo, sejam abonadores de minhas promessas, para que n'ellas faça fundamento! Que necessidade tinhas de encerrar-me n'este claustro? Sobrava dar-me as tuas ordens, para estares certo de ser obedecido. Por ventura tens para ti que és mais habil em mostrar-me o caminho do vicio, do que em estradar-me para a virtude? Desterra esses vãoos temores; quanto de ti vem me conquista a vontade. Debaixo de tuas vistas, e com teus conselhos, a tudo me abalançaria affoutamente. Muito mais arriscaste apartando-te de mim; porque em me vendo só desfalleço, e cada vez te amo mais.

D'ahi podes inferir quão puro seja o meu amor. Se de meu natural propensa

fôra aos passatemplos e deleites carnaes, quem me tolhia de entregar-me a elles? Quando te acontecêo essa desgraça, tinha eu vinte annos, e podia ainda inspirar amor, e sentil-o. E não obstante, querido amigo, alegre disse adeus ao mundo, a suas pompas e vaidades, emfim a ti mesmo. Soffre pois que conserve a esperança, que ainda me resta, um amigo, que não estou de todo desemparedada. Vem pois ajudar-me a levar esta cruz, que sobre as costas trago; por mais pesada que seja, contigo me parecerá leve. Vem ensinar-me a amar a Deus, como devo, e pois me conduziste a este seguro porto, vem acompanhar-me na felicidade. Seja o nosso coração o mesmo, posto que diverso o objecto de nosso amor: levantemos para Deus o pensamento, e abismêmo-nos na contemplação de suas perfeições. Isto espero de sua infinita misericordia. Elle tem em suas mãos os corações dos varões insignes, e quando lhe apraz, n'elles

verte as enchentes de sua divina graça, e a si os arrebatada. Em quanto não chega este venturoso dia pensa em mim, Abailard, lembra-te de meu amor, de minha fidelidade, adora-me como tua amante, ama-me como tua filha, como tua irmã, ou antes como tua esposa; lembra-te que apezardos protestos, que todos os dias faço de nunca mais te amar, amo-te mais do que nunca. Que disse? Eu fazer protestos de nunca mais te amar!... Não o creias, que é blasphemia, e não sei como não risco o que acabo de escrever. Emfim fôra nunca acabar, se pretendesse dizer-te quanto sinto; porei pois fim a esta longa carta, dizendo-te adeus.

HELOISA.





CARTA

D'ABAILARD PARA HELOISA.



**E me viéra á lembrança que uma
carta, que não te era endereçada,
havia de ir parar em tuas mãos,**

certo que poria especial cuidado em não escrever n'ella cousa, que dissesse relação a nossa passada dita. Escrevia francamente a um amigo, e para tornar-lhe supportaveis seus infortunios, fazia-lhe ressenha dos meus. Perdoa-me se sém querer te magoei, sendo que não punha a mira, senão em consolál-o; assás castigado estou de tê-lo feito; pois nada me causa mais pena, do que fazer-te penar, bem que involuntariamente. Muito te enganas, Heloïsa, se cuidas que deixei de amar-te, pelo contrario amo-te, e mais que nunca: forçoso é que te diga quanto n'alma tenho. Depois que, dizendo adeus ao mundo, me sepultei n'este claustro, escondi aos olhos de todos o meu amor por pura vaidade, como tu o fizestes por ternura. Era meu proposito curar-te d'essa paixão, tratandó-te com esquivança, e poupar-te o tormento de amar sem esperança. E tambem da minha parte fiz quanto pude por te riscar da lembrança, vendo que me era ve-

dado viver eternamente contigo. Armei-me de filosofia, invoquei em meu auxilio a religião, na esperança que d'este modo poderia domar a violencia d'uma paixão, que cobrava novas forças com a impossibilidade em que me via de satisfazê-la, e jurei ao pé do altar esquecer-te; mas ai de mim! que só do que jurei me esqueci!

A solidão, que de industria busquei, como um remedio para me curar d'esta fatal paixão, torna-se em veneno, e faz que d'al não cure, senão de ti; tu só me enches o coração, e me cativas a vontade, tu és emfim o unico alvo de meus pensamentos, por tal maneira que assentei era inutil cançar-me em delir-te da memoria, e muito faço em soffrer-me, não descobrindo minha fraqueza e confusão, senão a ti. Está-me sempre a razão mettendo diante dos olhos toda a importancia de meus deveres, ora me pungem os remorsos, ora me põe a tormento o amor, sem

que tenha um momento de socego. Que monta que te não veja, se tua imagem, se a paixão fatal, em que me abraço, nem ao sol nem á sombra me deixa? Nada tenho que esperar do amor, e ainda assim não me acho com animo para entregar-me todo á virtude.

Quão fracos que somos, Heloïsa, quando nos falta o arrimo da cruz de Jesus-Christo! Sem a graça, os desertos não amortecem as paixões, que para elles comnosco levâmos. Dás-me de mestre teu o nome; verdade é que fui eu quem te ensinou a amar, mas tu em cambio me fizeste couhecer quão incuráveis são as feridas, que teus olhos no peito fazem. A teu tio daria eu mil graças, se assim como me privou dos meios de satisfazer a minha paixão, me houvesse arrancado do coração o amor; mas subsistindo este, subsistem tambem os desejos, e tanto mais violentos, quanto menos satisfeitos. Assim que,

muito mais culpado sou de amar-te agora, que vestido de burel, e coberto de cinza me consagrei ao altar, do que o era no tempo, em que por minhas faltas a este triste estado fui reduzido.

Bem vedes, meu Deus, que eu sinto todo o peso de minhas iniquidades, não permittais que succumba: com santo Agostinho vos digo: Senhor, dai-me a graça, de que necessito para cumprir com vossos mandados, e mandai-me então o que vos aprouver. Nada vos é occulto, sabeis como me anda em ondas o coração; eu vol-o consagrei, consentirêis que d'elle se apodére uma creatura, que vol-o dispute, sendo elle vosso?

Dizes-me, Heloïsa, que só para mim vives, posto que pareças viver só para Deus, e que outro voto não fizeste a não ser o de idolatrar-me até á morte. Ah! não irrites este Senhor terrivel, este Deus forte e cioso, que tem ha tanto tempo alçado sobre nós seu braço

vingador. Teme-o por teu proprio interesse e pelo meu, se te não achas ainda com forças para fazê-lo por amor d'elle mesmo; e não abuses de seu santo nome, para adquirir essa nomeada de virtude, que tens grangeado, fingindo-te resignada. Mas, ah! Heloïsa, quão difficil cousa é o praticarmos aquillo que a outrem aconselhâmos. Para riscar-te da lembrança que não hei feito, desde que n'esse mosteiro entraste? Entranhei-me nos sêrtões da Bretanha, busquei os sitios mais desertos, entre ti e mim metti de permeio o mar, e mettido em desesperação determinei matar o fogo, que me lavrava nas entranhas, com o gelo da indifferença, que traz consigo a ausencia. Baldei porém o intento; a ausencia, a distancia, jejuns, silencio e oração de nada valêrão: fui martyr d'amor, e nada mais. Busquei amparo nos conselhos d'um amigo, e para isso foi mister dar-lhe conta de meus infortunios, e por conseguinte

fazer menção de ti, e isto bastou para avivar em meu peito o antigo incendio. Tua constancia empeçonhenta os meus dias, aticando o fogo que me abraza, e faria mais para minha salvação a tua indifferença, que os gritos de minha consciencia, e os conselhos da razão. Pedir-te-hia que me desamasses, se o grande amor, que te tenho, m'ò consentisse. Em te fallando em amor, sinto-me arder em viva fragoa, e não posso conceber como pude ter inveja do repouso indolente, em que jaz aquelle que é incapaz de amar.

Lanças-me em rosto o meu silencio, e esquivança, e trazendo-me á lembrança nossos doces colloquios, e mil outras donosas particularidades, trata de avivar uma paixão, que sabes não póde jamais ser satisfeita. Para morrer de dôr, sobra-me, Heloisa, meu desgraçado amor, e o pezar que tenho de me ver a tão triste estado reduzido. Mas, pois que devo morrer, Deus e Senhor

meu, porque não morrerei por vós! Porque arriscarei minha salvação, perdendo o fruto de tantos padecimentos? Fa-
zei, Senhor, que no meio da amargura,
em que me nada o coração, experimente
aquella saudavel doçura, que o pecca-
dor verdadeiramente arrependido en-
contra em chorar seus peccados: porque
até aqui, victima d'um paixão funesta,
não fiz mais que chorar sobre minha
amante, e illudido com a apparencia
d'uma vida penitente, cuidando que ex-
piava as passadas culpas, commetti
outras.

A's vezes o exemplo dos religiosos,
que govérno, me confunde e abisma,
porèm muito mais me irrita sua apathia
e indifferença; então concebo o maior
desprezo por quantos não sabem amar,
e ponho todo o meu desvelo em abali-
sar-me n'isso, para render ao amor o
culto que outros lhe negão. Sei quão
reprehensivel, quão peccaminosa é a
pintura que te faço de minhas fragili-

dades ; se fôra mais forte , meu exemplo te daria forças , e te tornaria superior á tua paixão , senão por virtude , ao menos por despeito ; porèm o amor está posto a fazer de mim quanto quer , e a ter-me ás suas leis sujeito. Tenho a alma combatida d'aquellas duas vontades de que falla são Paulo , e a de amar a Deus é a mais fraca. Se semelhantes culpas fossem dignas de perdão , quem me não perdoaria em te vendo ? Mas conheço que corro para minha perdição , e não ousou retrahir-me. Condemnado em vida a uma morte eterna , amo uma creatura que já não póde ser minha , e perco os merecimentos d'uma vida abstinente , que me franquearia as portas de céo , se a esta dita eu não preferisse a de amar-te. Creio no evangelho , mas não me sinto vontade de pôl-o em pratica ; tenho a fé dos réprobos. Falido de forças para seguir a estrada da virtude , de resignação para me conformar com meu estado , de vocação para cumprir com

minhas obrigações, soffroos tormentos do vicio, e as austeridades da virtude, sem ter esperança de colher algum fructo d'aquelle, nem de receber d'esta a menor recompensa. Fazes-me aggravo appellidando-me varão insigne; quão longe estou de sê-lo, quanto em minha propria fraqueza me abismo! Acho-te sempre entre mim e Deus; como queres pois que o veja? Occulta-me tua ternura, faze com que me persuada que já de mim te deslebraste, que nada te custa a minha ausencia. Entrega-te da tua parte inteiramente a Deus, aproveita-te do descanso de que gozas, por effeito de nosso apartamento. O calice da salvação é amargo, quando pela primeira vez o pomos á bocca, mas acaba de tornar-se dôce com a perseverança. Encobre-se o teu amor com o manto da religião, e com esta industria espera ver-me outra vez contigo unido. Guarda-te, Heloisa, de suas ciladas. Fugi, diz o apostolo, e como poderia eu ris-

car-te da lembrança tendo-te presente, se ausente me acompanha de continuo a tua imagem?

Perguntas-me por que me empenhei em fazer-te professar antes de mim, dir-te-hei com franqueza, que não está em meu poder occultar-te meus mais secretos pensamentos.

Quando teu tio me fez servir de escarmento aos temerarios amantes, lavrou em meu coração o ciúme, por isso que me vi na impossibilidade de satisfazer á minha paixão; e cri que não encontrando em mim senão desejos impotentes, buscarias talvez outro amante, que menos illusorio fosse. Quem ama toma por realidade as mais leves suspeitas, e como as tivesse, quiz descativar-me d'ellas, insistindo por que entrasses em religião; porque menos me doia o perder-te, do que ver-te repartir com outrem esse affecto que me tens; e de-feri de professar, para ter a liberdade se resistisses, de acompanhar-te por toda

a parte, para fazer-te feliz se continuasses a amar-me, ou ser teu verdugo se infiel me fosses. Obrei como um interesseiro, mas quem ha que o não seja, quando de véras ama? Quem ha que ame, sem querer ser em seu amor correspondido! Ha muito que me mostrou a experiencia, que podêmos amar espiritualmente, e prescindindo dos prazeres sensuaes; mas não cabe na alçada do coração humano o continuar a amar sem ser amado, e com vergonha confesso, que sinto-me com mais força para viver n'este retiro, sabendo que tambem tu retirada vives. Tratemos pois de nos entre-ajudarmos a curar-nos de nosso amor. Esposastes-te com Jesu-Christo, cumpre desvelar-te em observar a fidelidade, a que és õbrigada por tão santa alliança. A um homem certo que nada me estorvaria de disputar a tua mão; mas a Deus necessariamente devo cedê-la, fazendo o maior dos sacrificios, que cabe na esfêra da humanidade.

Foste até aqui victima de meu louco amor, sê-o d'hoje em diante de minha piedade. Ouve o que de nós exige o Senhor, que de nossas proprias fraquezas tira fundamentos para sua infinita misericordia. Confessemos nossas culpas prostrados ante seus altares. Para pôr termo a nossos males, Deus sempre bom, sempre indulgente aguarda tão sómente que ante elle nos humilhemos; que assim como peccámos em publico, em publico façâmos penitencia. Sirvâmos de exemplo á gente moça, na prevaricação, e na emenda. Portemo-nos de modo que o seculo presente e os futuros nos perdõem, em attenção ao nosso publico e sincero arrependimento; façâmos ver quão poderosa é a divina graça, que até do mais fino amor triumphar póde. Não te acobardes, se de tempos a tempos vires atear-se em teu peito o mal extincto fogo do amor, pelo contrario torna-te mais meritoria pondo todo o desvelo em apagál-o inteiramente. Inteirada de tua

propria fragilidade ensina-te a compadecer ás de tuas irmãs, e para desamar-me, tem sempre presente na memoria os damnos, de que fui causa, corrompendo tua pureza, maculando tua reputação, e sobre tudo, pondo em perigo a tua eterna salvação.

Não me perdões por amor, mas sim por espirito de religião. A providencia quer que nos salvemos, Heloïsa; não contrariemos seus altos decretos, e ponhâmos termo a esta correspondencia. Pelo que me diz respeito será esta a derradeira vez, que para escrever-te a pena tome; porèm onde quer que Deus for servido chamar-me a si, é minha ultima vontade, que meus despojos mortaes sejam trasladados para o Paracleto; então terei necessidade de suffragios, e não de lagrimas. Vê pois se podes com ellas apagar de presente o fogo do amor, e se não obstante isto, o teu subsistir quando me apartar da vida, meu cadaver te prégará com mais eloquencia do

que hei feito, e te fará ver que só é verdadeiramente digno de nosso amor aquelle, a quem podêmos amar eternamente.

ABAILARD.

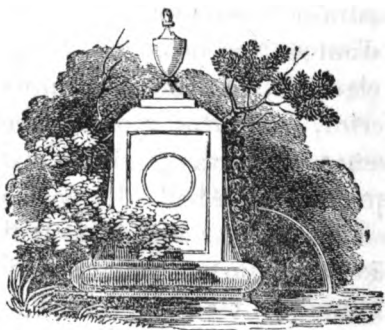
SUMMARIO

DO QUE SE CONTÊM NA SEGUINTE CARTA.

Mostra-se Heloïsa mais apaixonada do que d'antes. Nos primeiros tempos de sua clausura, os votos solennes que proferira, os muros innaccessiveis do convento, as ferreas grades, a distancia em que estava d'Abailard, e por cima de tudo a barbara crueldade de Fulberto, tinhão-lhe algum tanto abatido as forças, e diminuido a violencia de sua paixão. Porém, como recebesse uma carta de Abailard, cobrou novo vigor o antigo incendio, e desesperada com os obstaculos, que a fortuna oppõe á sua dita

8.

não guarda já comedimento n'esta segunda carta. Queixa-se do infeliz estado, em que se vê; já se não mostra como uma timida religiosa, que forceja por vencer uma inclinação perigosa, mas sim como uma amante, que diz sem pejo quanto lhe inspira o mais violento amor. Abandona-se a seus loucos transportes, e de tempos a tempos entra em si mesma e se arrepende.





CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.



OM indizível sofreguidão a carta li, que me escreveste, na esperança, com serem tamanhas

as minhas desditas, de n'ella achar algum motivo de consolação. Mas quão engenhosos são os amantes em avultar suas proprias magoas! Julga da delicadeza, e força de meu amor pelo abalo, que em mim causou o sobreescrito de tua carta. Porque escreveste primeiro o meu nome, que o teu? A que fim esta distincção injusta, e até cruel? Meus olhos não buscavão senão teu nome, o nome d'um esposo, d'um pai; o meu tomára eu sepultál-o no esquecimento, em castigo de te ter acarreado tantos infortunios. As regras do decoro, a superioridade, que sobre mim tens como meu mestre e meu director, desapprovão estas mostras de respeito, e o amor te aconselha de nunca mais empregál-as, caso me escrevas. Ah! tu bem sabes quão má andaste : era porventura d'este modo que me escrevias, quando a fortuna invejosa ainda não se tinha lembrado de destruir a doce paz, em que viviamos? Bem o sinto, mudou d'amo teu coração;

fazes mais progressos do que desejára que fizesses no caminho da devoção, e não me acho com forças para acompanhar-te: não te apresses tanto, demora-te um momento, para alentar-me com teus conselhos. É possível que tenhas a crueldade de me entregares nas mãos do desamparo? Géla-se-me de susto o coração, quando tal penso, e muito mais me amedrentão os terríveis prognósticos, que de tua morte fazes, bein como a pintura com que remataste tua carta. Cruel Abailard! como assim com tanto desamor me dás novos motivos para chorar, sendo que devêras enxugar-me as lagrimas? Como ousas rasgar-me o peito, em vez de verter algumas gotas de balsemo na ferida, que n'elle abriste? Pretendes que depois de morto tenha cuidado de tuas cinzas, encarregas-me das tuas exequias!... Ah! e como podeste conceber tão tristes pensamentos, e o que mais é, pôl-os por escrito? Não te tirou das mãos a penna o receio de me

dar morte? Provavelmente te não lembraste da afflicção em que me punhas. Por mais rigorosos que tenham sido para commigo os céos, não posso acreditar sejam tão meus inimigos que me concedão, tu morto, um só atomo de vida, nem tenham a crueldade de m'a conservar para ao depois tirar-m'a aos poucos. A luz do dia, sem o meu querido Abailard, me causa incomportaveis dores, e abençoarei mil vezes a morte, se ella me unir com meu amante. Sim o Creator de tudo benigno ouve as supplicas, que todos os dias lhe dirigimos por tua saúde, teus dias serão conservados, não has de baixar tão cedo, como desejas, á sepultura. Como! não és tu quem nos devêra com doces e persuasivas fallas animar-nos para esta grande e penivel jornada, cuja vizinhança quebra ao mais intrepido as forças? A quem senão a ti releva o receber nosso derradeiro alento, tratar de nossas exequias, e dar testemunho de nossa fé e são costumes? Qual outro

com suas ferventes preces nos deve encommendar a Deus, e conduzir á sua presença estas almas, que a seu culto consagraste com tão sollemnes votos? Tão piedosos deveres esperâmos de tua paternal caridade; comprindo-os achar-te-has descativado das inquietações e sustos, que a nosso respeito debes ter, e sairás com mais satisfação d'esta vida, quando o Senhor se dignar chamar-te. Seguir-nos-has então contente, por ter posto o ultimo remate á tua obra, estradando-nos para a eterna bemaventurança. Mas em quanto este dia não chega, não nos assustes com tão pavorosos prognosticos. Crês por ventura que não somos assás desditosas? Achas opportuno ajuntar novas desgraças ás nossas desgraças? Nossa vida é uma não interrompida agonia, vê lá se nos queres enterrar, buscando no porvir novos motivos de afflicção, como se não bastarão os que sem cessar nos avexão. Quão fallidos de siso, diz Seneca, são aquelles,

que se inquietão do futuro, e antes de ser chegada a hora da morte se preparão para deixar a vida! É tua vontade que teu corpo seja trasladado para este mosteiro, onde vivemos, afim de que tendo-te sempre diante dos olhos do corpo e do entendimento, nos affervoremos cada vez mais na devoção; como se fôra necessario isto para conservarmos na memoria as feições de nosso pai e bem-feitor. Mas como queres que empégadas n'um mar de afflicção e de pezares tenhamos vagar para fazer-te esses suffragios, que nos pedes? Outros cuidados, ai de mim! occuparão então toda a minha attenção. Quem sabe a que estado me reduzirá tão triste noticia, nem se terei um momento de socego! Quem sabe se minha razão resistirá a tão duro golpe, e se perdido de todo em todo o siso me não rebellarei contra Deus, offendendo-o com meus gritos, lamentos, e vans re- criminações, em vez de o aplacar com supplicas? Mas ai de mim! que nem for-

ças terei para lamentar-me, a intensidade da dôr me levará immediatamente ao regaço da morte, e longe de cuidar de tuas exequias, será mister cuide alguém das minhas. Por ti, Abailard, por ti só é que conservo esta triste existencia; se de ti me privão, que queres que faça de meus negregados dias? Ah! e quanto não seria para lastimar a minha sorte, se os céos por uma cruel piedade me conservassem a vida, para ser testemunha d'esta final separação! Só de n'ella pensar experimento todas as angustias da morte. Que seria pois de mim, Deus meu, se ella se verificasse? Não me escrevas mais d'este modo, Abailard, que me despedaças o coração; ouve meus rogos, senão por amor, por piedade ao menos. Pois que me aconselhas de desempenhar cabalmente minhas obrigações, pois que insistes de me dedicar inteiramente ao serviço de Deus, por que razão me estorvas de fazêl-o, trazendo-me á memoria cousas, que dia e noite occupão todos

os meus pensamentos, e não me dão vagar para cuidar de nada mais? Quando somos ameaçados d'uma desgraça inevitavel, de que serve que nos abandonemos a um temor inutil, e ás vezes mais cruel, que a propria desgraça? Deixa-me pois viver livre d'estes mortaes sosso-bros, no regaço da esperança, embora vã, com tanto que seja lisongeira, pois que, tu morto, nenhuma mais me resta : e que ha hi que me faça ter apego à terra, quando a morte tiver feito desaparecer d'ella o unico objecto, que a meus olhos a tornava cara! Dei de mão voluntariamente a todos os prazeres do mundo, mas não a meu amor, unica cousa que guardei; e este amor consiste tão sómente em pensar de continuo em meu caro Abailard, em saber que elle está em vida, e se bem já não viva para mim, conservo sempre a esperança de gozar um dia de sua presença. Lisongeira esperança! tu és o meu tormento, e ao mesmo tempo meu unico allivio.

Fortuna cruel! quão acerrima foste em perseguir-me! Esgotaste contra mim todos os teus tiros, já te não resta nenhum para affligir a outrem; estás cansada de atormentar-me, e a demais gente nada tem que temer de tuas iras. Mas porque me segundas novos golpes? porque me abres no peito novas feridas, se as passadas ainda não estão cicatrizadas? Ah! e porque não tomas esta vida, que tão molesta me tornaste? Se eu te podéra a isto obrigar, com que gosto o não faria? Mas se me conservas a vida, é porque queres conservar-me o padecimento, fazendo-me passar mil vezes pelos fios da morte.

Ápiada-te de mim, querido Abailard, tem compaixão do miseravel estado aque se vê reduzida a triste Heloïsa. Vio-se jamais una mulher como eu desgraçada? Quanto mais me engrandeceste, e exaltaste por cima de todas as mulheres, que pretendião render-te, tanto mais me custa agora o perder-te; nem

que me não tivesse a fortuna elevado ao auge da felicidade, senão para que me fosse mais sensível a queda. Nada em outros tempos se podia comparar com meus deliciosos extasis, nada tão pouco agora com meus violentos pezares. A todos fazia inveja minha dita, a todos causa lastima minha desventura. Deo a fortuna para commigo em extremos; ora liberalisando-me seus mais feiticeiros dons, ora mergulhando-me n'um mar de infortunios, e tão engenhosa foi em atormentar-me, que quiz que a lembrança dos bens, que hei perdido, fosse perennemente o motivo de meus pezares. A final sortio a traça o seu effeito; que tão amarga é a desgraça, que hoje me acurva, como me parecêrão deliciosos os transportes que outrora experimentei. Porém o que mais me afflige e desespera é ver, que nossos infortunios começárão no tempo em que por certo não eramos de tal merecedores. Enquanto ambos embellezados um d'outro

corriamos avante por nossos criminosos ardores, ninguém nol-o estorvava; e se por vezes o receio de que algum invejoso viesse surprender-nos, nos perturbava em nossos amorosos colloquios, tornavão-se estes ao depois mais ternos e saborosos. Mas desde que legitimámos a nossa paixão; e a cohonestámos, buscando no matrimonio um remedio contra os remorsos, de que por vezes eramos salteados, descarregou immediatamente o céo sobre nós toda sua colera. E a ti especialmente com que impiedade te castigou! Só de pensar estremeço. Um esposo ultrajado em sua honra, transportado de ciúme, não maltrataria com mais rigor ao temerario quebrantador da conjugal fidelidade. Demais, que direito sobre ti tinha esse tio deshumano? Ligados estavamos com os vinculos sagrados do matrimonio, contrahido á face dos altares, e isto só bastava para te preservar do furor de teus inimigos. Como é pois possivel que te hajão infli-

9:

gido a pena reservada aos adúlteros? Além d'isto, viviamos cada um em differente lugar. Tu em tua casa dado ao estudo, descobrindo aos homens sabios e curiosos de ouvir-te os arcanos da natureza, e eu mettida n'um claustro, conforme me ordenaste, pensando em ti, e meditando ás vezes na Escritura sagrada. É no meio d'este doce remanso que victima foste do mais desgraçado amor, dando as penas d'uma culpa, que ambos tinhamos commettido; tu só foste o punido, sendo que um e outro eramos réos do mesmo delicto: e para mais ajuda, o que tinha menos crime esse é que foi o alvo da crueldade d'um barbaro verdugo. Mas porque me queixo dos que assim te maltratarão? Desgraçada de mim! Eu é que fui a causa de todos os teus males. Céos! E devia eu vir ao mundo para ser occasião de tão tragico successo! Que perigo não corre o homem illustre, que se deixa cativar das mulherís caricias! Desde a

infancia deverião ter callejados os peitos, para que n'elles não fizessem mossa os perniciosos attractivos de nosso sexo. Escutai, filhos meus, e mastigai esta lição, dizia em outros tempos o mais sabio dos homens; se com seu brando olhar uma mulher pretender conquistar-vos o coração, não vos deixeis seduzir de tão feiticeiras mostras; guardai-vos de provar do veneno que ella vos apresentar, de seguir a vereda que vos ensinar, a qual vai ter á sua morada, e á porta encontrarêis a perdição e a morte. Tenho reflectido e meditado largo tempo sobre este assumpto, e a conclusão que tirei foi, que a formosura d'uma mulher era mais perniciosa e fatal, que a mesma morte; o escolho onde naufraga o alvedrio; uma prisão que nos algema d'um modo indissolúvel. Uma mulher despenhou o primeiro homem do alto e glorioso estado onde Deus o havia posto, quando o formou de barro. Quão grande seria, Sansão, a tuagloria,

se teu peito fôra tão forte contra as graças sedutoras de Dalila, como os teus braços contra os Filisteos! Venceste numerosos exercitos, e uma só mulher te tirou das mãos as armas, entregou-te em poder de teus inimigos, os quaes te privárão dos olhos, que havião dado entrada em tua alma ao amor. Confuso, desesperado vieste por fim a tomar por tuas mãos a morte, sem mais consolação que a de envolveres em tua ruina teus proprios adversarios. Para agradar ás mulheres deixou Salomão de agradar a Deus, e esse rei appellidado o sabio, que fazia a admiração de todas as nações, que fôra pelo Senhor escolhido para edificar seu santo templo, foge como um desertor dos altares, que até então defendêra, e chega a ponto de ir encensar os idolos. Job não teve mais figadal inimigo, que sua propria mulher, e a que tentações não teve de resistir! O espirito do mal, que constantemente o avexava, servio-se da mulher para

pôr em provação sua constancia, e mettêo-se agora no corpo d'Heloisa para cavar a ruina d'Abailard. A unica consolação que tenho é que , se causei teus males, fil-o involuntariamente. Em nada fui contra ti senão em amar-te, e ser-te fiel. Se me fazem um crime de te haver idolatrado , nunca de o ter commettido me arrependerei. Verdade é que me entreguei mais do devido aos doces prestigios d'uma primeira paixão, e que me desvelei em agradar-te, e comprazer-te em tudo, sem ter conta com a virtude; o que mais que muito exaspera n'este momento as minhas magoas. Tão crimosos amores devião de necessidade terminar-se tragicamente. Logo que adverti me amavas, cri em quanto me disseste, e contente me submetti ao jugo teu. Ser amada d'Abailard era para mim a maior gloria , a que podia aspirar, e com tamanho ardor por esta dita suspirava, que ainda depois de estar certa d'ella não se me aquietava o coração.

Assim que, a unica cousa de que tratei foi de convencer-te de minha ternura, sem me armar de desabridas repulsas, nem de importunos e fastidiosos raciocinios. Estes dous tyrannos, que nos algemão a mocidade, não tivérão sobre mim poder; pelo contrario cerrei-lhes a bocca, e obriguei-os a me ajudarem no projecto, que meditava, de contentar os desejos do homem mais instruido e mais amavel, que existe em todo o universo. Se alguma cousa me podia retrahir era o muito amor que te tinha, e o receio que o teu se esfriasse, se te concedesse quanto desejavas, e fosses em busca de novas conquistas, para novos prazeres desfrutar. Mas sem muito custo me fizeste ver quão futeis erão esses escrupulos, que a meu pesar agasalhava n'alma. Ah! que então devia eu prever que a lembrança de tão ineffaveis gostos havia de ser o verdugo de meus negregados dias. Com effeito ter-me-hia n'este momento por venturosa, se po-

déra com as lagrimas. que verto, apagar do entendimento a memoria dos gostos passados, memoria que ainda agora, a meu despeito, é o unico objecto de minha complacencia. Mas ponhâmos isto de parte, façâmos quanto em nós está por suffocar estes desejos, filhos da fragilidade da natureza, emfim vejamos se nos podêmos reduzir ao mesmo estado em que se acha meu amante; com isto o contentaremos, embora não seja sufficiente para com Deus. Porque a final é tempo, é mister que te faça tocar com o dedo a profunda ferida que trago no peito, contra a qual nenhuma virtude tem o balsamo do arrependimento: mormente não havendo um só dia, que me não rebelle contra o céo, taxando-o de cruel por te ter feito cair nas ciladas, que te armárão teus inimigos. Assim que, em vez de tratar de applical-o, cada vez o irrito, e inflammo mais contra mim com minhas continuas queixas, e recriminações. Para expiar uma culpa,

não basta soffrer a pena que nos foi dada. É mister não tornar a recair n'ella : quanto padeceremos de nenhum valor será, se continuâmos a alimentar no peito o fogo das paixões. Confessar-se culpado, e impôr-se o merecido castigo, cousa é que pouco custa; o mais difficil, como o mais meritorio, consiste em esquecermo-nos dos prazeres que lanção, por effeito do habito, em nosso coração profundas raizes. Quantas não vemos nós que, posto confessem suas faltas, longe dese arrependerem parece que folgão de referil-as ! A confissão oral deve ser immediatamente seguida do proposito de emenda, cousa que poucas vezes se vê. Pelo que me diz respeito, tanto prazer experimentei amando-te, que bem a meu pezar confesso que nunca me arrependerei de tê-lo experimentado, e de conservál-o presente na memoria, em quanto viva fôr. Por mais que me cance, para onde quer que me volte, a mesma idéa me

acompanha, e tenho presente diante dos olhos do corpo, e dos do entendimento, a cousa de que mais me devêra deslembrar. Nem no silencio, em que devêra gozar de algum descanso, nem no mais forte da modorra, que costuma dar trégoa aos cuidados, me posso ver livre das doces illusões, que se engendram em meu coração. Afigura-se-me que estou ao lado do meu caro Abailard; que o vejo, que lhe fallo, que me responde, que ambos um d'outro embellezados, pômos de parte nossas tarefas litterarias, para nos occuparmos exclusivamente de nosso amor. A's vezes tambem se me representa, que assisto ao horrivel attentado n'elle perpetrado por seus barbaros inimigos; opponho-me á furia dos verdugos, com espantosos brados faço estremecer a cella, e quando acordo acho-me toda banhada em lagrimas. Nos mais santos lugares, ao pé mesmo dos altares, me não deixa a memoria dos passados gozos, que são o unico alvo

de meus pensamentos : tanto assim , que suspiro por me ver privada d'elles , em lugar de chorar amargamente sobre estes fructos venenosos da arvore da seducção. Lembra-me , como se fôra hoje (e que ha ahi que não esteja presente na memoria de quem ama!) o lugar , a hora , em que pela vez primeira me declaraste o teu affecto , jurando amar-me até á morte. Tuas palavras , juramentos , tudo gravado tenho em meu peito. A turvação das minhas idéas transpira em minhas fallas ; meus suspiros a delatão ; teu nome me vem a cada instante , sem que me advirta , á bocca. Em tal estado meu Deus , porque vos não compadeceis de minha fragilidade ? Porque me não confortais com vossa poderosa graça ? Tu , Abailard , foste mais ditoso , recebeste seu divino auxilio , e tua propria desgraça tambem contribuiu para essa paz interior , de que gozas. O martirio , que no corpo padeceste , operou a cura das chagas que trazias n'alma.

Levôu-te a tempestade ao porto da salvação, é Deus que, segundo nosso fraco entender, alçava indignado sobre ti a vingadora dextra, na realidade o que queria era salvar-te. É um pai, que corrige, não um inimigo que se vinga. É um medico, que com as asperas theriagás te cura do veneno, que pelas veias espalhado tinhas. Muito mais digna de lastima é a minha, que á tuá sorte, porque me vejo reduzida á combater meus desejos, é extinguir o ardor, que em meu juvenil peito atéa o mais violento amor. Meu sexo é um composto de todo o genero de fragilidades, e tanto mais me custa o defender-me, quanto mais me é caro o inimigo a quem tenho de resistir. Achando no perigo attractivos, como é possível que não succumba? N'esta lucta cruel, em que de continuo ando, o mais que posso fazer é não o dar a conhecer a estas insibcentes ovelhas, que á minha direcção confiaste; assim que, quantos me cercão pasmão

de minha virtude e resignação; porém se podessem ver o que meu coração encerra, que de maculas n'elle descobrião! Vê-o-hião de continuo em ondas de turvação, e entenderião que governando a outras não tenho forças para governar-me a mim mesmo. Tenho um exterior enganoso, uma virtude aparente, tudo o mais é vicio. Os homens julgão-me digna de sua approvação; não assim Deus, que lendo no mais recondito de minha alma me rejeita, como um vaso impuro. A seus olhos penetrantes é foro d'impossivel esconder minhas fraquezas; e assás me custa o encobríl-as com estas mostras vãs de devoção; que ainda assim não deixa de ser louvavel tão penosa dissimulação. Ao menos não escandaliso os seculares, tão propensos a seguir os máos exemplos; nem deseefifico estas innocentes pombas, que vivem debaixo de minha direcção; porque posto me pêje o peito o mundano amor, não canço de prégar-

lhês que sê consagram inteiramente ao divino ; e com ter a imaginação occupada com as pompas e delicias do mundo, pônho todo o desvelo em fazer-lhês ver quão futeis, quão acatasoladas seião. Assás de forças tenho para occultar-lhês a chamma, em quê me abraço ; o quê tomô por um effeito da graça, a qual, dado que não possa dobrar-me a seguir a virtude ; me estorva de me abandonar de praça aos vicios. Mas em vão me canço em separar cousas, quê de sua natureza são inseparaveis. Peccâmos, todas as vezes que desmerecemos, afastando-nos da virtude ; ou deixando de tender para ella. De máis que é mister, que todas as nossas acções seião encaminhadas à Deus ; e por amor d'elle motivadas. Desgraçada de mim ! que esperanças posso ter de salvar-me ? Com vergonha confesso que mas receio tenho de offender a um homem, que de irritar à Deus ; tanto em comprazer-lhe me desvelo. Sim ; Abailard ; forão tuas ordens

e não, como cuidão, uma sincera vocação que me impellirão a vir-me encerrar n'esta morada da penitencia; que não tinha eu em mente o sanctificar-me, mas sim comprar com este sacrificio o descanso de espirito, de que havias mister. Deus! Que desventura a minha! Separo-me da unica pessoa que amava, enterro-me em vida, mortifico o corpo com jejuns e penitencias, sigo á risca as asperas obrigações d'uma regra das mais severas, nutro-me de suspiros e de lagrimas, e de tantas penas e privações nenhum fructo colher devo. Largo tempo te trouxe enganado minha falsa piedade; cuidavas que estava resignada, sendo que nunca me vi como agora impaciente e exasperada. Persuadiste-te que de nada mais tratava, que de cumprir com meus deveres, quando realmente a unica cousa, que me dava cuidado, era a minha paixão. N'esta persuasão rogaste-me de te encomendar a Deus em minhas orações, sendo que das tuas

mais que muito necessito. Não confies demasiado em minha virtude e perseverança ; que vacillante ainda estou, e hei mister de tuas exhortações. Fragil sou, e a ti cabe o sustentar-me, e ajudar-me com teus conselhos. Não me louves, que o louvor se converte ás vezes em peçonha, e mata aquelle a quem o prodigamos. O louvor enche-nos da vaidade, cega-nos os olhos do entendimento, e as sobresaradas feridas se vão gradualmente infistulando. Cava a nossa ruina o lisongeiro, ao passo que o amigo sincero nos restitue á saúde, porque nos falla com verdade, e em vez de correr a mão de leve pelo orgão lesado, tentêa a chaga, embora nos faça soffrer algumas dôres, afim de curál-a radicalmente. Porque te não has commigo por este theor? Não receias te tome por um vil e perigoso adulator? E caso encontres em mim alguma cousa, que digna seja de louvor, como é que não receias com teus gabos infatuar-me, sendo as pes-

soas de meu sexo tão propensas á vaidade? Não tomemos por virtude tudo quanto com ella se parece; que seria confundir os escolhidos com os reprobos; pois que muitos d'estes se debruão d'outra côr, que não da que lhes compete. Assim o faz o hypocrita, e não poucas vezes com este ardil conquista mais admiração, que o homem verdadeiramente virtuoso. Nosso coração é um labirinho inextricavel, muitos são os caminhos e voltas que n'elle se encontram, e certo o engano. Cessa pois de louvar-me, que nada ha de mais perigoso que o louvor, que de ti me vem, por isso que muito te amo; e como todos os meus desejos cifrão-se em agradar-te, facilmente creio em tudo quanto de meritorio me attribues. Ah! préserva-me antes d'estas fragilidades com tuas paternaes admoestações. Minha salvação deve motivar-te susto, e não confiança, e não me tornes a dizer que a virtude tem por alicerces a fraqueza, nem que só

alcança a corôa o que mais na lucta se affadiga. Demais que não aspira aos louros da victoria , quem como eu se contenta de poder evitar de apresentar batalha. Na gloria , como no mais , ha differentes grãos, os mais elevados deixo-os eu de boa mente aos varões, que se illustrarão com repetidos triumphos ; sobra que me toque um dos mais inferiores. Não trato de vencer , só sim de não ser vencida , e ter-me-hei por ditosa , se não naufragar antes de chegar ao porto. O céo me ordena de dar renuncia á paixão, que por ti sinto : mas quem sabe se me acharei jamais com forças , para cumprir com seus mandados. Adeus.

HELOISA.



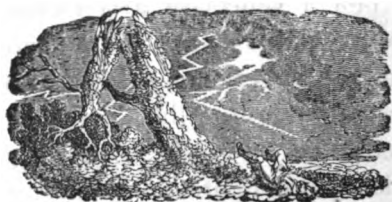


RESUMO

DA CARTA SEGUINTE.

Abailard fazendo as mais austeras penitencias em seu retiro, e cuidando seriamente em sua salvação, determina de não receber mais cartas d'Heloisa. Portanto communica-lhe esta resolução

na seguinte carta, fazendo-lhe ver as tentações a que se expõe, conservando esta correspondencia, e persuade-lhe com energia a seguir o seu exemplo. Exhorta-a a vencer-se a si mesma; e como, cotejando entre si duas causas, claramente se vem no conhecimento da que é melhor, pinta-lhe a doce paz que traz consigo a virtude, e despego do mundo, depois de lhe ter mostrado, que um amor criminoso é de necessidade acompanhado de mil pezares e inquietações. Sendo profundamente instruido no estudo do coração humano, não ignorava Abailard quanto era difficil de pôr em execução o que elle a sua amante propunha e aconselhava, nem o quanto custa extirpar do coração uma paixão, que n'elle deitou profundas raizes; por isso depois de ensinar-lhe o modo, com que se deve haver para conseguir o desejado intento, lhe dá parte da resolução, em que está, de ajudá-la n'esta santa empreza.



CARTA

D'ABAILARD A HELOISA,

EM RESPOSTA A'PRECEDENTE.



Mo me escrevas mais, Heloïsa,
é mais que tempo de pôr termo
a uma correspondencia, que é

causa de serem infructuosos nossos jejuns e penitencias. Desenganêmo-nos: em quanto nos deleitarmos com a memoria dos passados prazeres, em quanto ista idéa mundana nos morar n'alma, havemos de viver em sustos, privados da paz e quietação, que devêramos encontrar na solidão. Comecemos a fazer um bom uso de nossas austeridades, desterrando do espirito todas as idéas peccaminosas. Succeda a nossas devassidões a mortificação do corpo e do espirito; aturados jejuns, um retiro absoluto, e nunca interrompido, devotas e profundas meditações, e o mais puro e constante amor áquelle, a quem devemos a existencia.

Ponhâmos todo o nosso estudo em chegar ao ultimo ponto de perfeição, que dar-se póde. Que gloria não seria para o christianismo, se em seu gremio se achassem duas almas tão despegadas do mundo, das creaturas, e de si mesmas, que não dependessem de modo algum

dos corpos, a que andão unidas, antes ao contrario os tivessem a suas leis sujeitas! Demais, que para nos approximarmos de Deus é mister elevarmo-nos o mais que for possivel, na certeza de que, por mais que nos remontemos, sempre nos acharemos por uma immensa distancia separados d'esse ente incomprehensivel, que nem com a imaginação se póde abranger. Sejâmos virtuosos porque assim nos ordena Deus, e não tenhâmos conta nem com nossas paixões, nem com a opinião dos homens. Se a tal estado chegássemos, Heloisa, nenhuma duvida poria em estabelecer a minha residencia no Paraclete. Lá desvelar-me-hia noite e dia no bem d'uma communidade, que me deve a sua fundação, e faria que fosse o objecto da veneração de todos. Instruir-vos-hia com meus discursos, alentar-vos-hia com meu exemplo; governaria, ou antes velaria sobre tuas subditas e irmãs, obrigando-as a orar, meditar, trabalhar, e fallar o meços possivel, e da minha parte faria

o mesmo. Por vezes todavia vos fallaria, mas tão sómente quando fosse necessario admbestar-vos de vossos erros, fortalecer-vos no exercicio da virtude, e illustrar-vos na escuridão em que de quando em quando vos virdes. Consolar-vos-hia n'essas tribulações de espirito, e sequiões que avexão as pessoas devotas, que seguem a vida contemplativa: colhiiria tambem o excessivo ardor de vosso zelo e piedade, e moderaria vosso fervor. Mostrar-vos-hia quaes são vossas obrigações, e dissiparia as duvidas nascidas da fraqueza de vosso entendimento. Faria emfim as vezes d'um mestre, d'um pai, e accommodando-me ás vossas necessidades seria umas vezes vivo, outras vagaroso, ora aspero, ora brando, segundo a diversa indole d'aquella, que tomasse sobre mim de encaminhar nas escãbrosas veredas da perfeição christã.

Mas porque assim loucamente devaneio? Quão longe estamos d'esse feliz estado! Teu peito se abraza n'um fogo, que

mal podes apagar, e no meu não vejo senão turvação e desassocego. Não cuides que gózo aqui d'uma paz perfeita; não Heloïsa : por derradeira vez contigo me abro. Ainda, por mais que tenha feito, não pude desazir-me de ti : em vão contra tão doces laços me rebello, a meu despeito sinto que um resto de ternura me faz ter quinhão em teus pezares, e sentíl-os como se forão proprios. Tuas cartas produzirão em mim um abalo indizível, nem era possivel que pcesse com indiferença os olhos n'uma escrita, que vinha d'uma mão tão cara. Suspiro, e ás vezes choro; é pouca toda a minha razão para esconder a meus discipulos minha turvação e fraqueza. Sim, cara e infeliz Heloïsa, tal é o estado em que se acha Abailard. O mundo, que as mais das vezes ajuiza erradamente, tem para si que vivo no mais dòce remanso, e n'uma paz d'alma incomparavel; e como se eu não tivera em mira, amando-te, se não a brutal satisfação de meus appeti-

tes, imagina que já te hei posto em esquecimento. Ah! e quão grosseiramente se engana! Estou persuadido que a maior parte das pessoas, que tiverão noticia de nossa separação, assentárão de si para si, que o que me obrigava a recolher-me n'este retiro era o pejo e nojo de ver-me tão cruelmente maltratado; nem que o meu amor, tão engenhoso em satisfazer-se, não podesse inventar mil prazeres não menos agradaveis que esses, de que me privou Fulbert. Quem aqui me enterrou, tu bem o sabes, foi o pezar de ter offendido a Deus. A desgraça porque passei, pareceo-me um secreto aviso, que nos mandava o céo para nosso bem, de sorte que tomei o cruel Fulbert não por um inimigo, mas sim pelo ministro da vingança do Todo Poderoso. Foi esta divina graça quem me encaminhou para este asilo, onde ainda agora fôra, se m'os não tivessem estorvado meus cruéis perseguidores. Levei tudo com paciencia, persuadido que de industria me mandava

Deus essas tribulações, para pôr em provação minha constancia.

Logo que me submetti á sua santa vontade, permittio o Senhor que minha doutrina fosse justificada das falsas imputações, com que a pretendião macular, e reconhecida não só por orthodoxa, mas tambem pela unica, que era isenta de novidades.

Quão ditoso que seria se não tivera outros cuidados, senão os que me dão meus inimigos, nem encontrasse outro obstaculo para minha salvação, senão o de suas calumnias ! Mas não é isto o que me faz tremer, Heloïsa; é sim o ver, lendo as tuas cartas, que encubas n'alma uma paixão insensata, e se não a vences, arriscas grandemente a tua salvação. E que ousas aconselhar-me? Que me rebelle contra o espirito santo, e desprezando suas divinas inspirações que, para comprar-te, te vá enxugar essas lagrimas, obra dos espiritos reveis? N'isto é que havião de vir parar minhas meditações

e penitencias? Não, não, mostremos mais firmeza em nossas resoluções. Se voltámos ao mundo as costas, se nos enterrámos na clausura, foi para chorarmos os nossos peccados, e ganhar a bemaventurança; comecemos pois por entregarmo-nos de todo em todo a Deus.

Sei que em todas as cousas os principios são peniveis; mas grande tambem é a gloria que resulta de emprehêdel-as; gloria que é tanto mais sobida, quanto maiores são os obstaculos que é mister vencer. Reléva portanto que superemos com valor quantas difficuldades encontrarmos no caminho da salvação. Os homens se purificação nos claustros, como no crisol o ouro : quem não leva em paciencia o jugo do Senhor, não póde fazer n'elles longa estada.

Não ha homem por mais perfeito que seja que não tenha por vezes algumas tentações, e taes ha que são uteis. Não é pois de admirar que estejâmos a ellas

expostos, mórmente tendo dentro de nós mesmos a origem de todas as tentações, que é a concupiscencia: assim que, andâmos sempre com ellas a braços. Sofrer, e penar mais ou menos, tal é a sorte dos descendentes d'Adão. Não nos lisongeemos de vencer as tentações, que de balde trabalharemos em affugentá-las, e resistir a seus assaltos, se nós não adargarmos da paciencia e humildade. Mas facilmente o conseguiremos implorando os divinos auxílios, do que servindo-nos dos meios, que temos de nossa propria colheita.

Sê constante, Heloïsa, confia em Deus, e terás menos tentações; e caso venhão assaltar-te, suffoca-as logo ao nascer, para que não deitem raizes em teu coração. Dá remedio ao mal no principio, disse um author, que se o deixas encruar, tornar-se-ha incuravel. Com effeito assim é, as tentações tem differentes grãos: primeiro não é mais que um simples pensamento, que nos parece innocente, e

nossa alma o agasalha sem desconfiança; depois converte-se em certa idéa lisonjeira que nos apraz, e deleita, e a final torna-se uma paixão, a que nos rendemos.

Estou persuadido, Heloïsa, que trataes seriamente de tua salvação, e de facto tal é o objecto, que deve encher teu coração. Desterra para sempre d'elle a Abailard, eis o melhor conselho que te posso dar; porque enfim a memoria d'uma pessoa, por quem nos abrazámos em criminosas chammas, não póde deixar de nos ser prejudicial, por mais progressos que hajamos feito no caminho da salvação. Quando tiveres de todo em todo vencido essa fatal paixão, que por mim tens, terás mais facilidade para pôr em pratica as virtudes proprias de teu estado: tua alma se desprenderá do terreno envoltario, a que anda unida, e se remontará aos céos. Então te apresentarás com confiança perante o Senhor, não verás no livro da vida escrita a tua con-

130 CARTA D'ABAILARD À HELOISA.

demnação, e o Redemptor te dirá: « Vinde, filha minha, participar de minha gloria, e receber o premio eterno, que reservado tenho para os que praticão as virtudes. »

Adeus, Heloïsa, eis os ultimos conselhos de teu caro Abailard. Ah! e quanto desejo poder plantar em tua alma a salutifera doutrina do evangelho! Praza a Deus que teu coração, outrora tão sensível ao meu amor, abraçasse agora os meus avisos, e por elles se regulasse! Possa a imagem d'Abailard amoroso, que sempre tens presente na memoria, converter-se ná d'Abailard arrependido, para que vertas por tua salvação tantas lagrimas, quantas derramaste durante o longo fio de nossos padecimentos.

ABAILARD.





CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.



QUERIDO Abailard, talvez imagi-
nes que te escrevo para estra-
nhar-te o teu silencio, pelo

contrario aos céos dou graças de não teres respondido á minha ultima carta. É para mim, no estado em que me vejo, não pequena dita encontrar-te insensivel á funesta paixão, que ati me prendia; pois que em fim eis-me para sempre descativada d'ella. Não obstante os protestos que fiz de amar-te eternamente, de não pensar, de não cuidar senão de ti, risquei-te da lembrança, puz-te totalmente em esquecimento. Lisongeira idéa d'um amante idolatrado, já não librarei em ti toda a minha dita! Cara imagem d'Abailard, que sempre ante os olhos tinha, arrédate de mim; apagar-te quero de minha memoria! Merito transcendente d'um homem, que, a despeito de seus detractores, era a maravilha de nossa idade, e vós tambem, feiticeiros prazeres, a que se entregava sem cessar a infeliz Heloïsa, fugi, fugi de minha lembrança, pois nada mais fazeis, que atormentar-me. Aprenda o mundo, vendo-me inconstante, quão pouco ha que fiar nos feminis

protestos, e quão variaveis, quão mudaveis somos. Mas que ! já te turvas? Salteou-te provavelmente esta noticia, e não podes capacitar-te da infidelidade d'Heloïsa. Com effeito a paixão que me tinhas inspirado era tão forte que custate a acreditar que a pudesse extirpar do coração. Dar-te quero o desengano e tirar-te da cegueira, em que andavas, fazendo-te tocar com o dedo a minha deslealdade, certa que longe de m'a estranhares, de prazer mal poderás conter as lagrimas. Em te dizendo o nome do rival que te roubou meu coração, com mil gabos engrandecerás minha inconstancia, e te empenharás com elle para que nunca mais de mim se aparte. D'aqui debes inferir que quem te rouba o affecto de tua Heloïsa, é o ente todo poderoso, que a creou. Sim, querido Abailard , foi Deus quem me restituió á paz espiritual, da qual me não deixava gozar a memoria de noçsas desgraças. Quem, a não ser o mesmo Deus, justos céos !

poderia desatar-me d'um amor tão extremo e de tanta dura? Tiveste porventura receio de que pudesse um mortal qualquer que elle fosse, delir de minha memoria a tua imagem? Será possível que tenhas sido a tal ponto injusto, que me supposes capaz de renunciar por outrem, prescindindo de Deus, ao virtuoso, sabio, e eloquente Abailard? Não, não, lisongeo-me que terás feito de mim melhor conceito, e estou persuadida que muito desejas saber quaes forão os meios de que o Senhor se dignou servir-se para tocar-me o coração. Dizer-te vou, para que admires a fecundidade dos occultos expedientes de sua divina providencia. Alguns dias depois de te haver escrito a ultima carta, caí gravemente doente, desconfiárão de mim os medicos, e tive por certa a morte. Então foi, não sei se te direi, que meu amor, que até então me parecia innocente, se me affigurou como o mais horrivel peccado. Passo em resenha to-

da a minha vida, e em tão terrível transe aterrada fico. A morte, que até ali de longe vira; se me antolhou n'aquelles instantes acompanhada de todos os seus horrores, como costuma mostrar-se aos peccadores. Estando a ponto de comparecer perante Deus, tremi de o ver irado, e nos umbraes da morte arrependi-me de ter mal vivido. As cartas apaixonadas que te escrevi, e nossos doces colloquios causavão-me então mais pena, do que prazer alguns tempos atraz. Desditosa Heloïsa! dizia entre mim se é um crime o amar, se na outra vida sabias te aguardava um castigo infallivel, porque não trataste de combater essa paixão funesta? Vê os horriveis supplicios que se te aprestão; contempla com pavor esse espantoso aparelho de tormentos, e lembra-te ao mesmo tempo d'esses vãos prazeres em que te engolfavas. Agora já te peza havê-lo feito. Como é que podetes viver tanto tempo em tal cegueira? N'uma palavra, querido Abailard, faze-

te uma ideia dos remorsos que devião de necessidade retalhar-me o coração, e menos admiração te causará minha conversão.

O retiro é um peso insupportavel para quem não está em paz comsigo. Dá mór vulto aos pezares o silencio, e a solidão lhes serve d'alimento. Desde que aqui estou, que outra cousa não faço, senão chorar meus infortunios. Tremêrão as abobadas do Paracleto com os meus nunca interrompidos lamentos; passei as noites e dias em perpetuo pranto, como uma escrava condemnada a um cativeiro sem fim. Em lugar de me sujeitar aos decretos da Providencia, rebellava-me contra sua santa vontade. Este santo asilo parecia-me uma masmorra, o jugo do Senhor d'um peso insupportavel. Assim que, longe de sanctificar-me com a vida penitente que fazia, infernava-me cada vez mais. Que cegueira! Mas emfim abri os olhos, Abailard, rasguei o véo que me offuscava

a vista, e se devo fazer alicerse nos sentimentos, que hoje me animão, cedo serei digna de tua estima. Já não és a meus olhos aquelle voluptuoso Abailard, que para fallar-me á noite inventava todos os dias novas traças, para deslumbrar a vigilancia dos que nos espreitvão. A desgraça, que a tão doces instantes se seguiu, fez com que deixasses a estrada do vicio, e desde então te consagrastes á virtude, sujeitando-te apparentemente á dura lei da necessidade. Eu porèm quer fosse mais terna, quer mais propensa aos sensuaes deleites, soffri mal nossos communs infortunios. Rompi em imprecações contra nossos perseguidores, e pelas cartas que te hei escrito debes de saber a que ponto chegava a minha desesperação, e o odio, que lhes tinha. Isto me malquistou contigo; meus transportes amorosos te desassocegavão, e talvez, se me quizeres dizer a verdade, desesperaste de minha salvação. Com effeito quem havia de

crer que Heloisa saíria victoriosa de tão ariscada lucta, e acabaria por domar uma paixão tão violenta? E com tudo consegui-o, e posto que fragil, com o auxilio da divina, graça espero alcançar de meus sentidos a victoria a mais completa. Restitue-me á tua amizade, Abailard, com encarecimento te peço, e tu m'a debes por motivos de religião.

Mas que turvação em mim sinto! Que desconhecido impulso se oppõe á resolução, que formei, de não chorar senão sobre os meus peccados? Justos Céos! será crível que não tenha ainda desterrado de todo do coração meu funeste amor? Desventurada Heloisa! Em quanto viva fores tens de amar a Abailard: chora, lamenta-te, que agora mais do que nunca motivos tens para áffligir-te; agora é que é forçoso que morras de puro padecer. Visitou-me a graça, e eu prometti de me conformar com seus dictames, e eis que falto aos meus jura-

mentos, e a rejeito por causa d'Abailard. Com este sacrilegio cerro a abobada das iniquidades, e seria necedade lisongear-me de que Deus repartirá commigo os thesouros de sua misericordia. Assás de mûito abusado tenho de sua clemencia. Comecei a offendê-lo desde que vi pela vez primeira a Abailard, uma funesta sympathia nos impellio a um commercio illicito. Para nos tirar do peccado, suscitou Deus uma mão inimiga, que nos separou : e em vez de me resignar, lastimo-me, amaldição a desgraça, ao mesmo tempo que idolatro a causa d'ella. Ah! não devêra antes tomar estê sinistro acontecimento por um aviso particular do céo, e pôr todo o meu desvelo em combater victoriosamente minha paixão? Não era mais prudente que pozesse em esquecimento o objecto de meus criminosos ardores, que guardál-o no peito entalhado para viver em continnos desassocegos, e pôr em perigo a salvação da minha alma?

Deus grande! pejar-me-ha sempre os seios d'alma a imagem d'Abailard? Não poderei jamais quebrar as prisões, que com elle me vinculão? Mas talvez sem fundamento me assuste : com effeito não vejo em que tenha discrepado da virtude, assiste-me a divina graça. Não te scandalizes, Abailard, desterra todo o temor : não disse escrevendo-te o que verdadeiramente sentia : e esta falta de consonancia entre o meu dizer e pensar, que tanto te tem dado a soffrer não se ha de renovar mais ; nem tão pouco me verás, para despertar a paixão, que por mim tiveste, trazer-te á memoria nossos passados prazeres. Desobriço-te de todos os protestos d'amor que me fizeste de bocca, e por escrito ; põe em perpetuo olvido, que foste meu amante, meu esposo, porém sê sempre meu pai espiritual. Já não espero, que me escrevas como em outro tempo esses ternos bilhetes, que alimentavão a minha paixão; o que te peço sómente é que

me exhortes á virtude, que me aconselhes, e me dirijas nos exercicios de devoção. O caminho da salvação é arduo, e cheio d'abrolhos, mas indo após ti me parecerá facil e agradavel; assim que, sempre me acharás prompta para acompanhar-te. Com mais prazer lerei as cartas, em que me fizeres ver os admiraveis bens que resultão da pratica das virtudes, que essas em que com tanto artificio douravas o veneno da funesta paixão, que tua presença inspira. Nenhuma razão já tens para guardares um silencio obstinado; se o fazes, tornas-te culpado. Quando abrazada de amor insistia fortemente por que me escrevesse; quantas cartas minhas não recebias, antes de determinares a favorecer-me com uma tua! Assim que, não duvidavas negar-me a unica consolação, que me restava, na persuasão que este era o meio de contribuir para o meu socego. Era teu projecto obrigar-me á força de esquivança a desterrar-te da

memoria; porèm agora não tem lugar taes receios. A doença, que felizmente Deus me enviou para sanctificar-me, curou-me a alma, cousa que todo o humano saber, e o teu proprio não teria podido effectuar. Olho para a vã felicidade, que nos embellezava, como se nunca a tiveramos conhecido. Que inquietações não deviamos ter! Que sus-tos não tinhamos de curtir! Não, Deus meu! não ha n'este mundo prazer sem mistura de dor, senão aquelle que procede da virtude. No meio das delicias do seculo experimentâmos certo desasocego no coração; o qual nunca se aquieta, nunca está comsigo mesmo em paz senão depois que a elle desceis. Que tormentos não soffri, caro Abailard, em quanto, posto que retirada do mundo, conservei n'alma a chamma que me lavrava nas entranhas, quando vivia fóra do claustro! Com que horror não olhava para estes muros! Como me parecião seculos as horas! Quantas ve-

zes me não arrependia cada dia de me ter assim em vida sepultado! Mas depois que a graça me abriu os olhos do entendimento, tudo tomou nova face: revestio-se de mil encantos a solidão, e a paz que n'ella reina se agasalhou em meu coração; sinto interiormente uma doçura indizível, uma satisfação desconhecida entre os grandes e ricos da terra. Bem caro me custou a paz de que gózo; pois que a comprei á custa de meu amor, sacrificio que me parecia superior ás minhas forças. Desterrei-te do peito, é verdade, mas não has que ter ciúme; pois agasalhei n'elle aquelle, que deveria tê-lo sempre occupado com sua divina presença. Bem basta que te traga sempre no pensamento, e que nunca de ti me esqueça. Pensar em ti será meu secreto prazer, praticar os exercicios de piedade, que me prescreveres minha unica gloria. Recebo n'este momento uma carta tua, vou lê-la, e tenho tenção de responder-te sem dila-

ção. Ao menos verás pela ponctualidade com que te escrevo, que ainda sou a mesma que d'antes era..... Lanças-me em rosto, verdade é que com amor, civildade, e cortezia, o ter deixado passar tanto tempo sem te ter dado novas minhas. D'esta culpa meabsolve a doença que tive; que se assim não fôra já as terias recebido, pois bem sabes que aproveito todas as occasiões de o fazer. Muito te agradeço o cuidado, que te deo o meu silencio, e os receios que a respeito de minha saúde tens tido. A tua, segundo me dizes, não é muita, e ha poucos dias que estiveste a ponto de morrer. » Com que desenfado, barbaro, me dás uma nova que sabes o quanto magoar-me deve! Na minha precedente carta tedei bem a ver a que triste estado mereduziria a tua morte; se tens pois em preço a minha vida, faze por conservar a tua, abstando-te d'essas penitencias, com que mortificas mais do devido o corpo. Representei-te o quanto

era necessario poupar-te, a fim de nos podêres ajudar com teus conselhos, que são para nós d'absoluta necessidade. Não repetirei o que já disse, para te não importunar. « Recommendas-nos que nos não esqueçamos de te encomendar a Deus nas nossas orações. » Ah! meu caro Abailard, seria fazer-nos aggravo, se duvidasses do zelo d'esta communidade, que está sempre prompta a obedecer-te em tudo. Seria impossivel que de ti nos esquecessemos, sendo que és nosso pai, e que fazemos gala de nos intitularmos por filhas tuas. Tu és o nosso guia, confiadamente seguiremos os teus passos no caminho da devoção. A ti compete o ordenar, a nós o obedecer, e executar com fidelidade, e exactidão quanto nos prescreveres. Nem sobre nós tomâmos o infligir-nos a menor penitencia sem teu consentimento, com o receio de seguir os conselhos d'um zelo indiscreto, em vez de nos conformarmos com os dictames da razão, e da

virtude. Numa palavra nada aqui se faz que não seja segundo as tuas ordens. Uma cousa em tua carta me embarça. Dissérão-te que algumas irmãs minhas com o máo exemplo, que davão, scandalizavão as pessoas virtuosas. Não sei porque d'isto te espantas, sendo que bem conheces de que modo se povoão em nossos dias os mosteiros. Para aqui mettél-as consultão por ventura os pais a inclinação das filhas? A politica e o interesse são as duas unicas cousas, que óra vogão, e eis o porque se vêem tantas religiosas, que são o opprobrio dos conventos, onde residem. Peço-te com todo o encarecimento de dar-me por meúdo conta dos boatos, que correm ácerca do Paracleto, indicando-me ao mesmo tempo os meios, que te parecerem proprios para dar remedio a semelhante mal. Devo entretanto dizer-te, que a relaxação, de que me fallas, não chegou ainda ao meu conhecimento; desque me advertir d'ella, porei todo o disvelo em

emendál-a. Todas as noites faço a ronda do costume; se acho algumas religiosas a tomar o fresco, mando-as immediatamente para suas cellas, escarmentada com o que aconteceu em alguns dos mosteiros, que se achão nos arredores de Pariz. Emfim rematas a carta com as costumadas queixas contra a fortuna, e invocas a morte, como o desejado fim d'uma vida semeada de tantos infortúnios. Como é possível que um homem d'um talento tão transcendente, qual o teu, não possa ser superior ás desgraças, que ha muito, que são passadas? Que dirião os seculares, se lessem como eu, tua carta? Imaginarião, e não sem fundamento, que o motivo que te impellio a retirar-te do mundo, foi o pejo de te veres no horrivel estado, a que te reduzirão meus parentes. Que diria de ti tambem essa multidão de mancebos, que vêm de tão longe só para ouvirem as tuas lições, e que para esse effeito não duvidão dar de mão aos gostos, é

prazeres da vida secular se soubessem que escravo de tuas paixões, desmentes em particular o que em publico lhes prégas, e cais nas mesmas fragilidades, de que pretendes preservál-os? Não ha que duvidar, que esse Abailard, que tanta admiração lhes causa, esse varão insigne, cuja doutrina com respeito escutão, decairia grandemente da esclarecida reputação que logra, e tornar-se-hia um objecto de desprezo para seus proprios discipulos. Se tão ponderosos motivos não bastão para erguer-te o animo, e fortalecer-te na adversidade, põe em mim os olhos, e assombra-te da resolução, que tomei de encerrar-me n'este mosteiro. Quando me apartarão de ti, estava eu ainda no verdor da idade, e se devo dar credito ao que todos os dias me dizias, podia inspirar a todo o homem decente uma paixã duravel, e séria. Se fizéra consistir o amor nos prazeres sensuaes, que d'amaveis mancebos me não terião consolado de tua

perda! Lembra-te dos protestos, que então fiz de amar-te com o mesmo estremecimento, que d'antes. Enxuguei-te as lagrimas a poder de beijos, e mostrei menos recato, por isso que não tinhas já o mesmo ardor. Ah! que se me amáras finamente, pagar-te-hias dos juramentos, que te fazia, dos transportes, com que os acompanhava, e das innocentes caricias com que te cumulava a cada instante. Razão terias para te queixares, se me víras ir pouco a pouco esfriando do amor, que te mostrava, até olhar-te com indiferença; mas pelo contrario, nunca te dei mais ostensíveis provas do meu affecto, do que depois de tua desgraça. Não rompas pois mais, querido Abailardo, em queixas contra a tyrannia da fortuna; que não és tu só quem a seus tiros serve de alvo; de mais que não convêm que conserves a lembrança dos insultos, que d'ella recebeste. Que vergonha! tens-te em conta d'um grande

filosofo, e não podes consolar-te d'um accidente, a que todo o homem anda exposto! Toma exemplo em mim, que não obstante ser de meu natural d'um genio fogoso e propenso ás paixões mais violentas, sei cohibir-me, lucto com successo contra as mais ternas impulsões, e faço timbre de vencê-las e sujeitá-las á razão. Como! será mister que uma fraca creatura tenha de dar consolações á mais forte, á que é dotada de mais solido juizo? Mas a que ponto me deixo arrastar d'um zelo indiscreto, d'uma supposição imaginaria? A ti taes invectivas? Como não hei pensado, que estava fallando com um novo padre dos desertos! As virtudes que pregas, quem melhor que tu as pratica? Se te queixas da fortuna, não é porque fosse contigo escassa de seus dons; nem por ter exercido sobre ti os seus rigores, mas sim porque te dissaborea o ver, que não podes persuadir a teus contrarios com quanta semrazão te perseguem. Deixa-os, Abailard, deixa-os desfechar em ti

todos os seus tiros : continúa a sobjugar a atenção de quantos te ouvem , descobrindo-lhes esses preciosos thesouros , que Deos para ti guardado tinha . Deslumbrados com o esplendor de teus merecimentos , teus inimigos hão de por fim render-te justiça . Que prazer não seria o meu , se víra toda a gente como eu capacitada de tua inteireza e probidade ! Teu merito é conhecido em todo o orbe , e teus proprios inimigos todos concordam confessão que sabes tudo quanto cabe e é dado ao homem saber . Caro esposo , deixa-me servir ainda uma vez d'esta expressão ; que eu te fico que será a ultima , é possível que nunca mais te tornarei a ver ? Que antes de morrer não hei de ter a consolação de dar-te ainda um abraço ? Que é o que dizes , malfadada Heloïsa ? Sabes por ventura o que desejas ? Terás a constancia de ver aquelles olhos vivos , e ao mesmo tempo ternos , que com o menor volver te rendia o coração , aquelle garbo magestoso , sem que ardas em zelos , e te arreceies de

quantos a vista põem n'aquelle prototypo de graça e de belleza? Aquella bocca, que desafia os mais ardentes beijos; aquellas mãos, tão proprias para roubar os thesouros do amor; emfim não ha mulher que possa pôr os olhos em Abailard, que se não sinta abrazada d'amor. Foge, foge, ó infeliz Heloïsa, de tornál-o a ver, que se com d'elle te lembrares, assim se te alvorotão os sentidos, que seria de ti se ante teus olhos se mostrasse? Que desejos sua presença não engendraria em teu peito? Como poderias conservar sobre teus sentidos um imperio absoluto, á vista d'um homem tão amavel. É mister que te diga, Abailard, qual é o unico prazer que n'este retiro tenho. Depois de passar o dia contigo no pensamento, á noite de cançada adormeço. Então em lisongeiros sonhos entrego-me do 'constrangimento em que estive durante a vigilia, e abandono-me toda ao prazer de praticar contigo. Vejo-te com todos os teus en-

cantos, e com a vista cevo meus desejos. Confias-me por vezes teus secretos pezares; e de quando em quando deslembrado do perpetuo estorvo, que a nossos deleites posérão os barbaros verdugos, instas por que te adite, e a teus transportes sem resistencia ceda. Então o somno, proprio a nossos ardores, te empresta aquillo de que meus crueis parentes te privárão, e abrazados em amor nos engolfâmos, como d'antes, n'um mar de deliciosas sensações. Mas, ah! quão asinha passais agradaveis illusões, feiticeiros sonhos! Acórdo, abro os olhos, cerco com elles a cella, e não vejo a Abailard: estendo os braços para estreitál-o ao peito, e nada aperto, fallo-lhe, não me responde. Que loucura a minha de fallar de sonhos taes, e mais a ti em quem não fazem abalo prazeres de semelhante natureza. Acaso me engano, Abailard? Vês-me por ventura algumas vezes nos sonhos teus? Em que estado se te apresenta Heloïsa? Fallan-

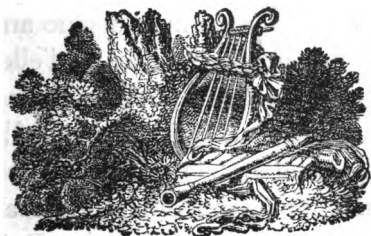
do-me, serves-te d'aquelle estilo doce, e persuasivo, de que usavas, quando Fulbert me confiou á tua direcção? E quando acordas estás triste ou alegre? Perdoa-me, Abailard, sê indulgente com uma amante que delira. Bem sei que já me não podes mostrar o mesmo ardor, que dava uma alma nova a todas as tuas finezas, e fôra inoportuno exigir de ti uma perfeita correspondencia na vivacidade dos desejos. Demais que havemos sujeitado nosso alvedrio ao jugo de nossos institutos, e cumpre que o supportemos, por mais que nos custe. Observemos pois nossos deveres á risca, e façamos, se é possível, bom uso do apartamento em que por necessidade nos achâmos. Pelo que te diz respeito; estou sem inquietação, findarás teus dias sanctamente, porque teus secretos pensamentos e desejos sendo, conformes com a virtude, não servem de estorvo á tua salvação; não assim a triste Heloïsa, que continuará a verter lagrimas amargas sem ter a certeza de salvar-se.

Estava a ponto de fechar esta longa carta, e esquecia-me de dar-te parte do que aqui aconteceu não ha muitos dias. Uma religiosa ainda moça, d'aquellas a quem os pais obrigão a professar sem vocação, tève a industria de pôr-se fóra d'este mosteiro, e acompanhada d'um mancebo, de quem era amada, dizem que se embarcára para Inglaterra. É escusado dizer-te que recommendei a toda a communiidade guardasse sobre este acontecimento o maior segredo. Seme lhantes desordens não terião lugar, se te determinasses a residir ao pé de nós; porque todas as nossas irmãs, contentes de ver-te e ouvir-te, de mais nada tratião que de aproveitar-se de teus salutiferos conselhos, e optimo exemplo. Se aqui fóras não teria a tal freira formado o projecto de quebrantar seus votos, pondo-se em fuga, como fez. Por que razão não vens exhortar-nos a viver sanctamente? Tua presença sanctificaria nossas acções. Se caíssemos, teu braço auxiliador nos ergueria. Confor-

156 CARTA D'HELOISA A ABAILARD.

tadas com teus paternaes conselhos caminharíamos affoutas na estreita senda da virtude. Agora me advirto de que hei escrito mais do que devêra, prova evidente do quanto me apraz a praticar contigo, e melhor fôra que deitasse ao lume esta carta, pois d'ella verás que ainda me não pude descativar do amor que por ti concebi, sendo que quando me puz á mesa para escrever-te punha o fito em persuadir-te o contrario. Fluctua-me de continuo o animo entre as inspirações da graça e os impulsos da mais violenta paixão : ora uma, ora outra me domina. Tem piedade de mim, Abailard, vê o triste estado, a que me reduziste, e faze que os ultimos dias de minha vida sejam tão ditosos e serenos, como forão desgraçados e agitados os primeiros.





CARTA

D'HELOISA A ABAILARD.

POR POPE.



ESTE solitario asilo, pousada do
mais profundo silencio, onde só
para o céo s'erguem nossospen-

samentos, que secreto desassocego me faz andar o coração em novos marulhos? Por que peregrina meu animo por fóra dos muros d'este mosteiro? Por que sinto lavrar-me nas estranhas a antiga chama? É possível que não tenha de todo desterrado do peito meu insano amor?

Bem me dizia o coração : é d'elle esta carta, eis a sua firma ; beija-a ainda uma vez, desgraçada Heloisa. Abailard!.. nome caro e fatal, não quero proferir-te mais; não me assomes mais á bocca a religioso silencio condemnada. Deixa-te estar lá bem no fundo do coração, onde a imagem d'esse, que dás a conhecer, se acha gravada á par da de Deus.

Que fazes? detem-te, imprudente mão, não o escrevas : mas ai! que já lá te saio da penna; pois bem, apagál-o-hei com minhas lagrimas. Mas que monta, se nem lagrimas, nem orações para isso aproveitão? Se obediente a mão não faz mais que escrever o que lhe está dictando o coração? Sombrio claustro, de volunta-

rio martyrio melancolica morada, onde continuamente geme, e se lamenta a penitencia; rochedos dos devotos joelhos já gastados, cavernas eriçadas d'abrolhos, altares ante os quaes vélão noites a fio pallidas virgens; imagens d'esses homens veneraveis, que soubérão vencer-se a si mesmos; ah! porque assim como á força de contemplar-vos perdi o dom da falla, não perdi tambem o da sensibilidade? Que importa que o céo a si me chame, se quando a elle levanto o pensamento, rebella-se-me a natureza, e metade de meu coração fica á terra preso? O fogo, em que me abraço, não se mitiga com préces e jejuns, nem tão pouco se apaga com lagrimas.

Apenas com tremula mão tua carta abri, querido Abailard, puz logo os olhos em teu nome, e só de vê-lo senti tantas dores, quantas no longo fio de nossos infortunios experimentámos. Triste, mas sempre caro nome! que não possa eu articular-te, sem romper em

palavras de dor, e em lagrimas de ternura! Toda estremeço, se com'o meu deparo; porque temo seja annuncio de novas desgraças, e é o que vejo em todas as regras de tua carta, que leio em lagrimas debulhada. Ora sinto-me abrazada no mais puro, no mais terno amor; ora entrego-me á mais violenta desesperação, por me ver na flor da idade emparedada n'esta solidão, onde a religião dá morte com as armas da penitencia ás mais nobres paixões, ao amor, e á gloria.

Escreve-me entretanto, meu caro Abailard; abre-me teu peito, e verás como com tuas dôres misturo as minhas, como te rendo suspiro por suspiro. Tal é o unico allivio que tenho, allivio de que me não podem privar nem os fados, nem os homens. Será caso que Abailard seja mais rigoroso, que os primeiros, mais cruel que os segundos?

Seja-o muito embora; senhora sou de minhas lagrimas, e não pretendo ser d'ellas avara. Por amor verterei as que

devéra derramar por contrição; nem já outro emprego a meus tristes olhos cabe: chorar, e ler será a unica occupação que d'hoje em diante tenham.

Confia-me os teus pezares, não me negues esta triste consolação: faze ainda mais, lança-os todos á minha conta. As cartas forão inventadas para allivio dos desgraçados, para consolação do amante da patria desterrado, para refrigerio da amante nos claustros encerrada. As cartas vivem, fallão, exprimem quanto dizer-se póde de mais terno, de mais affectuoso: por meio d'ellas dous corações, que se amão, explicão sem temor quanto sentem, quanto lhes volve no interior. As cartas enganão as penas da ausencia, vencem a distancia, e transportão d'um pólo ao outro os magoados suspiros.

Ingenua, tu bem o sabes, quão sem suspeita corri ao encontro de teu amor contrafeito em amizade. Emprestava-te a fantasia a belleza d'um anjo; teus olhos desferião um brando lume, parecido

com a luz do céo. Cuidando que nenhum perigo corria em contemplar-te, amava-te sem que o menor remorso me pungisse. Se em harmoniosos hymnos cantavas os louvores do Todo-Poderoso, affigurava-se-me que se abrião os céos, e que os serafins vinhão escutar-te. Se préguas, imaginava que as divinas verdades, que annunciavas, se tornavão mais sublimes passando por tua bocca.

Que preceitos, sendo por ti ordenados, serão para mim difficeis de executar? Ah! para me. persuadires que não era crime o amar, não foi mister matares-te muito; porque antes que n'este ponto me tocasses, dos mais ardentes desejos possuida, já tinha receios não fosse uma creatura celeste, e não um homem aquella a quem humanamente idolatrava. Como a eterna bemaventurança se me apresentasse ao longe, envolta nas nevoas do porvir, não invejei ao paraiso a sua gloria, porque achava superior a de viver com tigo.

Quando meus parentes insistião por que fizesse escolha d'um marido, quantas vezes não disse entre mim : Leis que amor não dicta por crueis as tenho. Amor de sua condição isento, qual leve passarinho, apenas de longe enxerga as prisões do himeneo, desprega as azas, e subito se transmonta. Embora preencha as honras, e riquezas os desejos d'aquelle, que sujeita a cerviz ao jugo do matrimonio; embora acatem-na todos; embora logre uma reputação sem macula : que valem estas apparencias de mentida ventura em comparação dos prazeres, que traz comsigo uma amorosa affeição ! Reputação, honras, riquezas, que sois vós a par d'amor? Este Deus cioso vendo-se desdenhado entra em colera, e vingá-se accendendo turbulentas paixões no coração d'aquelles que profanão seus fogos, buscando n'elles outra dita, que a de amar.

Se a meus pés víra o maior monarcha do universo, se elle me offerecêra seu

throno, e seus thesouros, tudo sem vacillar, rejeitaria. Do mesmo Cesar engeltaria a mão, para ser dama d'aquelle que me cativou o coração, e se podéra pertencer-lhe por outro qualquer titulo, que mais doce e mais livre fosse, faria d'isso maior gala. Ha ahi ventura que se possa comparar com a de duas almas, que estreitamente unidas se amão sem sujeição no regaço da simples natureza, a cujas leis unicamente obedecem? Reina então em dous corações uma só vontade, um só prazer logrâmos: amâmos, e somos amados. A bocca exprime as mesmas ideias, os olhos os mesmos desejos; eis o em que consiste a verdadeira felicidade, e tal era em mais ditos tempos a sorte d'Abailard, e d'He-loisa.

Quão asinha se convertêrão em tristezas as alegrias! Que horrores de improviso se me debuxão na fantasia? É por ventura o meu amado quem ali vejo atado, despido, e banhado em sangue?

Onde estavas, Heloisa, em tão critico momento? Teus gritos, teus transportes, tua afflicção farião sobreestar a execução de tão crueis ordens. Barbaros! que fazeis? Guardai-vos de pôr n'elle as mãos; fartai em mim a sêde, que de sangue tendes, ou ao menos, pois que ambos somos réos do mesmo crime, dai-nos a ambos a mesma pena..... Aperta-se-me o coração com dôr, vendo seus padecimentos. Deixai-o, senão por piedade, por pudor..... O rubor que me acode ás faces, e os frequentes soluços me embargão a voz.

Bem lembrado deves de estar d'esse dia triste, e ao mesmo passo solemne, em que me apresentei ante os altares, como uma victima destinada ao mais cruento sacrificio. Que lagrimas não verterão estes olhos n'esse fatal momento! Na primavera da vida dizia para sempre adeus ao mundo, e com os gelados labios beijava uma, e outra vez o véo sagrado. Tremêrão os altares, quasi que se apa-

gãão as lampadas, duvidou o céo da victoria, os anjos se assombrarão ouvindo meu sacrilego voto. Entretanto adiantei-me para o terrivel sanctuario com os olhos postos, não na cruz, mas sim em ti; que minha vocação não procedia de religioso zelo, nem dos impulsos da graça; quem a tão duro sacrificio me impellia era unicamente o amor. Assim que, morria ao mundo por ser para mim morto meu amante.

Vem pois, querido amigo, vem suavizar-me as magoas com teu divino olhar, com tuas doces fallas; não te privarão d'isso os barbaros. Deixa-me reclinar sobre teu peito, deixa-me matar a sêde que tenho d'essa doce peçonha, que heí bebido em teus olhos, ou antes em teus labios. Dá-me o que tens; que eu suprirei com a imaginação ao que te falta.

Mas que digo! Longe de mim tão pecaminosos pensamentos: vem antes instruir-me em meus deveres, e sobre felicidades mais puras, e mais duraveis

cómmigo praticar. Descerra + me os olhos, faze-me uma viva pintura das glorias do paraíso, para que minha alma toda se entregue a Deus. Se não annues a meus votos, lembra-te que o deves fazer em attenção a estas innocentes companheiras, que tão merecedoras são de teus desvelos. São ovelhas tuas, plantas por tuas mãos cultivadas, emfim filhas de tua devoção. Deixarão o mundo na aurora da vida, e fôrão por ti conduzidas a este retiro, fundação tua. Tu déste vida e alma a este deserto, e em novo Eden o transformaste. Aqui não se vem lastimar o orphão, vendo embebida nos ornatos de nossos altares, nem no rico lagedo do pavimento a maior parte da paterna herança, nem ornão as paredes d'esta capella magnificos paineis, e soberbas imagens de precioso metal, deixas estorquidas aos agonisantes, ou offertas feitas pelo cego desejo de ganhar o céo pelos mesmos meios, com que seus authores se tornarão dig-

nos do inferno. Simplez e desenfiteado o nosso mosteiro perfeitamente se harmoniza com a singeleza das almas, que n'elle morão, e retumba mais agradavelmente com os hymnos em louvor do Creador.

Se viesses a este solitario retiro, onde devemos passar o restante da vida; se te mostrasses n'este mosteiro, cujas majestosas abobadas serião de continuo envoltas na mais escura noite, sem a frouxa luz que nellas penetra pelos colorados vidros; teus olhos dissiparião as trévas, em que estamos sepultadas, e espalharião por toda parte a mais viva claridade. Agora porèm nada ha que nos alegre a vista; jaz tudo na mais profunda tristeza. Só gemidos se ouvem, só lagrimas se vem correr.

Vem, meu pai, irmão, amigo, esposo : por tão caros, tão sagrados nomes apiada-te de tua serva, de tua irmã, de tua filha, de tua esposa emfim. Sem ti não está em meu poder o entregar-me á con-

templação, nem assignar um rumo certo a meus inquietos desejos. Já para mim não tem encantos o magnifico espectáculo da natureza. Com indifferentes olhos contemplo os magestosos pinheiros, que povoão a rampa das empinadas serras, cujos ramos verdeneiros rugem com a fresca viração da manhã e da tarde; nenhum prazer me causão os cristallinos arrosios, que serpeando se debrução do cume dos montes, nem outro sim as profundas grutas onde murmurão ruidosas aguas, e os lagos cuja superficie se encrespa com a ventante briza. Tudo quanto outrora me lisongeava os sentidos já não tem posses para suavizar-me as magoas, para conciliar-me o somno. A negra melancolia assentou morada n'estas matas; escondem estas abobadas e grutas os ossos de innumerados finados, reina em toda parte o silencio da morte. Sim é a melancolia, quem com a mão de chumbo empasta a pintura de tão alegres sitios.

Perdem á vista d'ella as flores a viveza de seus matizes, veste-se de negra côr o verde arvoredado, e os placidos ribeiros, em vez de murmurarem brandamente, se despedaçam com fragor horrendo nas quebradas dos rochedos. Incute susto e pavor quanto nos rodeia, e todavia aqui tenho para sempre de estar, triste e fatal padrão da obediencia, com que cumpro as ordens do dono de meu coração. Só a morte, sim só ella poder tem para romper os grilhões, que me prendem. Este claustro tem de ser o depositario de meus gemidos, nelle se esfriarão meus ardores, nelle descançarão minhas cinzas, felizes se poderem misturar-se com as tuas!

Malfadada Heloisa! O mundo te tem em conta d'uma das esposas de Deus, sendo que não és mais que a serva, a companheira d'um homem, n'uma palavra uma vil escrava do amor. Valei-me, Deus, e Senhor meu! Mas que digo? Porque seu santo nome invoco, se o

que me impelle a dirigir-lhe minhas supplicas não é a piedade, mas sim a desesperação? Como! e é possível que n'este sagrado asilo da castidade dou culto ao amor? Arrependo-me, sem querer emendar-me. Chóro a perda de meu amante, e não meus peccados. Conheço o mal, desapprovo-o, e nada obstante, abraço-o. Tenho pezar de me haver abandonado aos sensuaes prazeres, e ao mesmo tempo trato segunda vez de engolfar-me nelles. Ora êrgo para o céo os olhos, e imploro o perdão de minhas culpas; ora ponho em ti todo o meu cuidado, e mudando de opinião folgo de as ter commettido, e de boa mente renuncio á innocencia.

Como queres que te ponha em esquecimento, e que deteste minha propria fraqueza, se a causa d'ella existe no fundo de meu coração? Quando d'elle desterrál-a intento, então conheço quanto me é caro o seu author, e não cabe em mim o detestar o crime, amando

aquelle que m'o fez commetter, de sorte que umas vezes me deixo vencer do amor, outras do arrependimento.

Que penivel dever para um coração, como o meu, de continuo atribulado! Quem!... eu vencer uma paixão que em minha alma deitou tão profundas raizes! Para recobrar a antiga tranquillidade, e paz do espirito, quanto será mister que batalhe, ora com o amor, ora com o dever? Quantas vezes não tenho de arrepender-me, de recaír nas mesmas faltas, de amar e de desamar o objecto que idolatro, emfim de recorrer a mil expedientes, tirando o de pô-lo em esquecimento! Mas não... feito é de meu amor! Nenhum receio já d'elle tenho; está consummado o sacrificio. Vem sem susto, vem, meu pai, meu director; ensina-me a domar a natureza, a renunciar ao amor, á vida, a mim, a ti mesmo emfim; enche-me de Deus o coração, que só elle occupar póde o teu lugar.

Feliz, oh tres e quatro vezes feliz a

virgem que ao Senhor se consagra! Esquece-se do mundo, e do mundo esquecida em paz profunda se lhe deslizão os dias. Abnegando-se a si mesma, não abrangem a muito os seus desejos. Reparte o tempo entre o trabalho, e o descanso. Dorme d'um somno tranquillo; véla e ora, quando é mister velar, e orar. Moderada em seus desejos, constante em suas inclinações, suas lagrimas são meritorias, suas orações de Deus acceitas. A graça divina continuamente lhe assiste; os anjos que sobre ella velão lhe mandão á noite doces e innocentes sonhos, em quanto o esposo se apresta a metter-lhe no dedo o annel nupcial. Um sem numero de virgens vestidas de branco entoão mil hymnos em seu louvor. Para ornar-lhe o peito crescem e florecem no Eden immarcessiveis rosas, e os serafins sacudindo as nevadas azas derramão sobre ella os mais exquisitos perfumes. Soão as celestes harpas quando finalmente morre, ou antes quando

assombrada com a visão da gloria do
paraíso cái n'um doce deliquio,

Quão differentes são dos seus meus
sonhos, e extasis ! Quando no cabo de
cada um dos tristes dias, que n'estas so-
lidões passo, me entrego ao somno, ap-
pareces-me com todos os teus encantos,
como no dia em que a meus olhos pela
primeira vez te mostraste. Cessa de pré-
gar-me a consciencia, e vem tomar-lhe
o posto a natureza. Docil ás suas lições
toda me entrego á contemplação de tuas
perfeições. A lembrança da noite, em
que te concedi os primeiros favores, me
enche de prazer, e ao mesmo tempo de
tristeza. Se durmo, sonho que estás ao
pé de mim, fere-me os ouvidos o doce
som de tua falla; se acordo nem te ouço,
nem te vejo, e por mais que estenda os
braços, nada aperto; foge de mim a tua
imagem com a mesma crueldade, com
que tu me esquivas. Fecho outra vez os
olhos na esperança de engolfar-me de
novo em tão doce sonho, e tacitamente

exclamo : Brandas illusões, feiticeiros prestígios vinde ainda uma vez suavizar-me as magoas. Mas ah ! que se me appareces é para errar commigo por aridos desertos , maldizendo teus barbaros verdugos.

Sobes então a uma antiga torre dos annos arruinada, que abarca em torno a sarmentosa hera, e cujo empinado cume se debruça para o mar. Fallas-me como se estiveras no empireo; eis que de improvisto separão-nos espessas trevas, magem as vagas, e os ventos furiosos horrendamente bramão. Arrepião-se-me as carnes, gela-se-me nas veias o sangue, acordo horrorisada, e acho-me nesta triste solidão rodeada dos negros pezares, que de dia me acompanhão.

Comtigo a certos respeitos foi menos rigoroso o destino; porque, se te privou dos prazeres, isentou-te tambem das penas. Tua vida symboliza com o mar, quando não venta a mais leve bafagem: está por assim dizer de leite teu coração,

o vento das paixões não lhe perturba a serenidade, e teu somno é semelhante á morte do justo.

Vem, meu querido Abailard; de que te arreceias? O facho do amor nas mãos dos mortos não arde, não alumia, e pois já te não é dado amar podes afouto ver-me. Em ti morreo a natureza, e resuscitou a religião. Reina em teu coração a indiferença mais completa; e sem embargo ama-te ainda como d'antes a sensível e malaventurada Heloïsa. O' chamma sempre duradoura, e sempre infeliz, quanto te assemelhas a essas lampadas sepulchraes, que aquecem inutilmente frigiditas urnas, e alumião insensíveis cinzas!

Mas já novas lisongeiras scenas me salteão os olhos. Para onde quer que os volva vejo as mesmas encantadoras, e perigosas imagens; para onde quer que me encaminhe as mesmas fieis me acompanhão. Quer véle ao pé dos tumulos, quer ore prostrada ante os altares, ellas

me fascinação os olhos, e me revolvem os seios d'alma. Cruel Abailard! porque fatalidade te vens tu sempre pôr entre Heloïsa e Deus? Se ouço entoar os sagrados hymnos, affigura-se-me que distingo a tua voz; se me recomendo a Deus, tenho-te sempre no pensamento, e cada supplica que lhe dirijo é acompanhada d'uma lagrima, que por teu respeito verto. Quando se erguem dos thuribulos enroladas nuvens de pio aroma, quando os sonoros sons do orgão retumbão nas abobadas do templo, se a menor circumstancia te traz á minha memoria, nella para sempre estampado ficas. Desvanece-se a pompa toda; padres, tochas, templos, tudo se me furta da vista. Brillão com mil luzes os altares, rodeão-nos os anjos com o mais profundo acatamento ajoelhados, e eu insensivel a tudo empégo-me no mar tempestuoso da mais violenta, e criminosa paixão.

Em outras occasiões, quando banhada em lagrimas de contrição humilde-

menteme prostro ante o throno do Todo Poderoso, e oro com todo o fervor; quando a graça victoriosa se dispõe a baixar sobre mim, porque não vens tu com todos os teus encantos oppôr-te aos decretos da providencia, contender sobre o dominio de meu coração, abater com o lume de teus olhos seductores a claridade das celestes felicidades, desviar de mim as enchentes da divina graça, tornar emfim infructuoso o meu arrependimento? Ah! porque não vens arredar-me da estrada do paraizo e arrancar-me dos braços do mesmo Deus?

Que é o que digo, e a que excessos me arrasta meu insano amor? Não venhas, não; pelo contrario vai-te para bem longe d'estes sitios; mete entre mim e ti montanhas, mares; nunca mais me appareças, nem me escrevas, risca-me inteiramente da tua lembrança, e sobre tudo faz que eu te apague, se é possível, da minha; que só assim me poderei ver livre dos tormentos, de que tu es o unico causador.

Desde hoje desobrigado está Abailard de seus juramentos; nem jamais quero de semelhante individuo lembrar-me. Faça elle tambem da sua parte por aborrecer - me, por tomar aversão a tudo quanto me diz respeito... Seductora imagem que mal a meu grado tenho insculpida no coração; lisongeiras idéas, que com tanto prazer n'alma agasalhava.... a deus... adeus para sempre vos digo. E tu, graça divina, dom celeste, doce esquecimento das lidas d'este mundo, esperança sempre renascente, filha do céo, mãe da alegria; tu que nos fazes gozar por antecipação da immortalidade, vem, peja-me o coração, estabelece n'elle tua morada, hospede doce e amavel, e engolfa-me a alma na mais profunda paz. Deitada sobre a fria loisa da sepultura a triste Heloïsa te invoca, e por tua vinda suspira. Mas que é o que ouço? Sera o rumor do vento? Não, não... alguem por mim chamou, nem é esta a primeira vez que isto acontece.

Uma noite estava eu sentada ao pé

da funerea lampada, que alumia o jazigo de nossas irmãs, de improviso uma voz rouca, que parecia sair d'uma das sepulturas, assim me diz: Vem, triste irmã; eis o teu lugar, debaixo d'esta loisa encontrarás com o descanso por que suspiras: tambem, como tu, fui victima do amor; como tu, passei os dias em continuos sustos, em nunca interrompido pranto, orando ao pé dos altares; e só deparei com a paz, quando entrei no eterno somno. Aqui cessão de queixar-se os desgraçados, aqui enxugão as lagrimas os amantes; aqui emfim a mesma superstição despe seus vãos temores, porque se acha em presença d'um Deus bom, e muito mais indulgente, do que o são os homens.

Já vou, já vou... Anjos do Senhor aprestai para mim os odoriferos bosques, as immarcesciveis flores: já ahí vou; em breve me acharei n'esse lugar, onde os peccadores paz e socego achão, onde as chammas impuras, que n'este

mundo nos abraço são totalmente desconhecidas. Caro Abailard, ajuda-me a bem morrer, ameniza-me o final transitto, cerra-me os encandeados olhos, e recebe minha alma, envolta no meu ultimo suspiro. Mas não, vai-te antes revestir, toma tremendo n'uma mão a tocha e n'outra o crucifixo, apresentam'o, ensina-me, e aprende ao mesmo tempo a morrer. Em me finando, podes apascentar sem peccado n'essa, que amaste, os olhos. Vê como já me começo a desmaiar do rosto as rosas, como em meus olhos se vai apagando o lume da vida, como se vão arrefecendo as mãos; toma-as nas tuas, Abailard, estreita-as ao teu peito, até que de todo rendida cesse de respirar, e de amar-te ao mesmo tempo.

Quão eloquente és, ó morte! Só tu nos podes fazer entender quão desajuzada é a paixão, que tem por objecto um pouco de barro.

Tempo virá tambem em que essas fei-

ções que tanto poder sobre mim tiverão, serão alteradas e de todo consumidas: quando essa hora fôr chegada, a Deus rogo de ti arrede as agudas dôres, e angustias, que acompanhão o penivel transito da vida para a eternidade, e te mande um doce santo extasi. Rodêem-te seus anjos o leito, e baixe sobre ti um raio da celeste gloria. Venhão ao encontro de tua alma os bemaventurados, e te recebão nos braços, como soia fazer a extremosa Heloisa.

Oxalá descaem n'um mesmo tumulto as nossas cinzas, e seja a memoria de nossos amores tão duravel, como a de tua fama. Então se nas futuras éras algum pár amante, acertar de aqui vir, lendo nosso epitaphio, sentir-se-ha profundamente abalado. Molhar-se-lhe-hão os olhos, e olhando-se um para o outro dirão. «Se muito amárão, muito padecerão; queirão os céos que assim como os igualámos no amor, os não igualêmos no infortunio!»

Sim, quantos aqui vierem hão de dar lagrimas á nossa sorte. No meio da pompa augusta de nossos sagrados sacrificios, se alguém puzer por acaso os olhos na fria pedra, que esconder nossas cinzas, apertar-se-lhe-ha o coração com dôr, e distrahido de suas contemplações, lastimará nosso destino.

Se algum alumno das musas com igual rigor fôr da fortuna maltratado; se separado d'uma amante curtir os males da ausencia; se seu amor fôr tão duravel, e tão intenso, como o nqssso; para adocarseus pezares, tome por empresa mandar á posteridade a lamentavel historia de nossos infortunios. Aquelle que vivamente os sentir, este só poderá dignamente celebrál-os.

HELOISA.





CARTA

D'ABAILARD A HELOISA.



ARA, e sensivel Heloïsa ! É possível que aprouvesse á Providencia que fosse ter a essa soli-

CARTA D'ABAILARD A HELOISA. 185

dão, onde moras, a triste relação de nossos infortunios, por mim escrita unicamente para consolar um amigo da perda de seus bens? Mas porque me queixo da Providencia, se a ella devo esta terna carta, que a fio de lagrimas rego; mas convém por ventura dizer-te o quão abalado fiquei, quando, pondo no sobrescripto os olhos, reconheci o elegante talho de tuas lettras, de tuas lettras, que erão em mais felizes tempos meu conforto, minha unica alegria? E porque não? Porque te occultarei que não pude ler tua carta sem beijál-a no fim de cada frase, com ardor igual áquelle em que meu peito se abrazava, quando com o teu unido andava. Beijando-a, cuidava beijar-te as mãos. Que de lagrimas não hei vertido sobre meu triste destino, todas as vezes que me vem á memoria minha passada ventura! Feliz de mim se essas lagrimas não são effeito d'uma fraqueza condemnavel! Que mais que muito é certo, que quantas vezes em ti

penso, tantas assume sobre meu peito seu antigo imperio o amor; mas emfim esse amor é um dever, Heloïsa; e quem ousaria criminal-o? Os votos, que fiz de dar renuncia ao mundo, não podem ter rompido o vinculo sagrado, com que um a outro unidos fomos. Embora os homens o considerem por dissoluvel, o contrario o disse aquelle que recebeo nossos juramentos; aquelle que é a mesma verdade. Mas que importa se contrahi novas obrigações, se voluntariamente fiz renuncia da metade de mim mesmo, se disse, para sempre, a Deus á esposa a quem ternamente idolatrava?

Quando reflecto, querida amiga, que tantas graças, quantas te adornão, e esse corpo, obra prima da natureza, tudo se ha de resolver em pó depois de ter sido manjar dos vermes, sôa-me n'alma uma voz, que me diz: « Abailard! Nada n'este mundo é estavel. Estes prazeres tão appetecidos cedo ou tarde vem

a cavar a ruina dos que a elles se entregão, condemnando-os a penas sem fim.»
Cumpre que o amor, que a Deus devemos sobreleve de muito ao que temos pelas creaturas, que são feitura sua. Amando a Deus, immolando-nos por elle, temos a esperança de gozarmos da eterna bemaventurança. Amando uma mulher, que felicidade podêmos aguardar? Um momento de prazer as mais das vezes acompanhado de remorsos. Taes são as reflexões, ou antes as verdades que me suavisão as magoas. Ellas me impellirão a prostrar-me ante os altares, e a jurar a Deus de submetter-me sem murmurar a seus santos decretos. Depois que cavei mais n'esta materia, vim a descobrir que esta união do homem com a mulher, que nos parece tão bella, nada é mais que um encaminhamento para a corrupção, e impureza, todas as vezes que ella tende unicamente á satisfação dos sentidos. Ousarei dizer-te, que o que me levou a desposar-te

foi tão sómente o desejo de saciar meus brutaes ardores? Talvez fosse essa impureza o motivo, porque Deus permitio que me imprimissem no corpo estas marcas vergonhosas, que hão de baixar commigo á sepultura. Céos! Que não esteja em meu poder o delir da memoria o funesto acontecimento, que me separou para sempre d'aquelle a quem mais, que a propria vida, amava? Mas que importa que estejamos separados, se nossos corações estão unidos, e unidos estarão, querendo Deus, quando já nos não baterem nos peitos?

Muito folgaria de escrever-te mais amiúde, e de receber amiúde lettras tuas. Porèm mais que muito receio, e não sem fundamento, que seja esta correspondencia occasião de novos pezares, perturbando a doce paz de que gozâmos. O fogo que jaz debaixo da cinza occulto, e quasi apagado, em correndo algum ar, facilmente se torna a accender, e o que no peito ambos encubâ-

mos com qualquer cousa póde arder em ala. O piloto que vê imminente a tormenta acolhe-se ao primeiro porto, que encontra ; e nós que somos tão occasionados a naufragar, por que razão iremos afrontá-la ? Deixemo-nos estar em nosso abrigo , e contemplemos postos em seguro os imprudentes, que se engolfão no pego tempestuoso das paixões. Obrigámo-nos debaixo dos mais solemnes juramentos a viver no mais austero retiro ; seja pois o nosso unico emprego o chorar sobre nossas faltas. Cerremos os ouvidos aos conselhos do espirito tentador , que nada mais deseja , que perturbar nosso socego. Amemo-nos muito embora , com tanto que nosso amor seja casto , e puro , conforme o voto que fizemos, quando professámos. Abailard se desquita d'Heloïsa, como Heloïsa se desquita d'Abailard , e oxalá possamos viver um de outro deslembados, como antes de nos termos conhecido. Dar-me-hião sempre muito gosto as tuas cartas ,

se não me arreceára de mim mesmo , que não sei se o desejo que tenho de receber noticias tuas provém ou não do amor , que ainda te guardo.

Faço quanto em mim está para sujeitar-me aos decretos da Providencia ; porèm a pezar de todas as minhas lettras ignoro ainda quaes elles sejam. As reflexões que faço sobre a turvação , que n'alma sinto, me engolfão n'um mar de incertezas, e perplexidades, as quaes me fazem entrar em grandissimos receios ácerca de meu estado actual. Se para meditar mais á minha vontade, buscando a solidão , me aparto dos demais religiosos , afigura-se-me que te vejo á testa d'um rancho de virgens consagradas ao Senhor , fallando-lhes com tua affabilidade natural , exhortando-as com doces , e eruditas praticas , animando -as com os mais palpaveis exemplos. Parece-me que vejo baixarem sobre ti os anjos , e transportarem-te ás celestes moradas. Porèm mal volto para o claustro,

estes rochedos escarpados, estas montanhas inacessíveis, a vasta extensão do mar, onde a vista se perde, os desertos, as praias, onde se quebrão com furor as ondas; emfim quanto n'estes sitios inspira horror furta-se-me de repente dos olhos, e tu te mostras com todos os teus encantos, como quando pela primeira vez me appareceste.

Não attribuas á indifferença o meu silencio; que não está em mim o riscarte da lembrança, nem é possível, que o fizesse, tendo o amor gravado tão profundamente em meu coração a tua imagem.

Nos primeiros tempos depois de professar, perturbavão-me de continuo o somno as lembranças do tempo passado, porque a graça não tinha ainda operado; porém agora que ella começa a inclinar-me o animo para a devoção, estou persuadido que atinei com os meios de tornál-a preponderante.

Ponhamos em eterno esquecimento

esse dia fatal, em que o amor desfarçado com o manto da mais terna amizade, pela primeira vez te pôz nos meus braços; esqueçamo-nos dos doces prazeres que desfructámos em paz, depois que o hymeneo legitimou nossa união; porque emfim não ignoras a que excessos me arrastou a paixão que me inspiraste, nem a que vergonhoso cativo me vi reduzido. Em tal estado de cegueira estava, que nem o temor de Deus, nem a obrigação, que temos de consagrar-lhe certos dias do anno; nem mesmo esses deveres com que cumprem as pessoas menos devotas; nenhuma consideração emfim, quer fosse divina, quer humana, era capaz de pôr freio ao torrente que me arrebatava. Para satisfazer meus brutaes desejos, a nada guardava respeito, nem attentava se era, ou não, a semana santa. Esses dias solemnes, que os mesmos impios guardão respeitosaes, não bastavão para arrefecer meus criminosos ardores, e se por ventura por

◊

motivos religiosos oppondo-te ás minhas sollicitações , tratavas com razões de dissuadir-me , e de fazer-me entrar em mim mesmo , todo furias te compellia a fazer-me a vontade , já recorrendo a ameaças , já despregando toda a authoridade , que sobre tua pessoa tinha. A paixão em que por ti me abrazava era tão violenta , e a tal ponto me havia cegado os olhos do entendimento , e apagado as luzes da razão , que não sabia nem o que me convinha , nem o que para tua dita relevava que fizesse. Meu proprio interesse , o teu , o da nossa salvação , e até mesmo o da religião nenhum abalo me davão , e na cegueira implicada , e mais que muito deploravel , em que andava , tudo sacrificava a meus brutaes ardores , dos quaes não ousou lembrar-me , sem que me corra pelo rosto o pejo. Foi pois por um effeito de sua justiça , ou antes de sua misericordia , que Deus se servio da barbaridade , e traição de teu tio para privar-

me do orgão que se tinha tornado a séde da concupiscencia , e que era occasião para que vivesse sujeito ao imperio dos sensuaes prazeres. Com effeito esta parte de meu corpo dominava sobre todas as outras, que a seu despeito erão obrigadas a sujeitarem-se a suas ordens absolutas, e tyrannicas.

Mas não sobresaltemos os tempos , começemos pelo principio : meditemos, cara Heloisa, sobre a causa primeira de nossos infortunios , e acharemos, que o modo por que Deus permittio que eu fosse punido é justo , e conforme em tudo á razão : consideração esta que deve em parte adoçar nossos pezares. Sim, merecidamente nos castigou Deus, e mais justificadamente o fez no tempo em que com o sacramento do matrimonio encobriamos a impureza de nossos corações, do que quando solteiros nos abandonavamos á redea solta aos sensuaes prazeres. Para te convenceres d'esta verdade , traze á memoria, terna ami-

ga, o modo por que vivemos depois de casados, e as gravissimas culpas, em que cahimos. Não te lembras que quando residias na abbadia d'Argenteuil, eu te fui clandestinamente ver só para o fim de satisfazer a minha paixão, sem attender á santidade do lugar, onde moravas? E as culpas sem conta que commetemos antes do matrimonio, assentas tu que não merecião um castigo exemplar? Parece-te, por ventura, uma venialidade a affronta, que a teu tio fiz, abusando de sua confiança, e violando os sagrados direitos da hospitalidade? Não o authorizei eu a atraiçoar-me, tendo-o primeiro tão indignamente atraiçoado? Pensas que uma leve incisão, uma dôr momentanea basta para expiar tão enormes culpas? E que não fizeste tu? Não te lembras que te disfarçaste em religiosa, quando me vi obrigado a tirar-te de casa de teu tio, para occultar-lhe o teu estado, e poupar-te os dissabores, que erão inevitaveis, se d'elle

se advertisse? Deus é justo, e em castigo de haveres profanado os habitos religiosos, quiz que te visses obrigada a tomál-os, e a trazêl-os com todo o respeito.

Tambem o foi commigo, permitindo que me acontecesse o sabido desastre, afim de libertar-me da paixão violenta, que me inspiraste. Tendo sempre diante dos olhos tuas adoraveis feições, ainda depois de possuir-te, com o mesmo ardor te idolatrava; tu eras minha divindade, o unico emprego de meus cuidados, e tão cego andava que mesmo a Deus te antepunha. Que dizes, infeliz Abailard? São estas as inspirações da graça, que affirmavas te havião purificado o coração? Queres romper os grilhões, que te prendem ao carro dos mundanos prazeres, e folgas de estender a pena recontando os desatinos, que te reduzirão a tão triste cativoiro, e beijas os mesmos ferros que insoffrido rojas?

Perdoa-me este transporte, cara He-loísa, e roguemos ao Senhor se digne apagar de nossa memória essas feiticeiras, e perigosas imagens. Vê também se podes banir da tua as maximas, que n'ella inculquei, quando te dava lições. Conhece quão falsas erão, pois as dictava a concupiscencia, e o desejo de satisfazer ás minhas paixões. Era o pai da maldade quem me dava essa eloquencia insinuante, que nos deitaria a perder, se Deus não me acodira. Enfeitei o crime; pinteit'o com as côres da virtude, fizte tomar o mais violento veneno confeitado no mel mais saboroso; tomei-o também por minhas proprias mãos em avultada dose, ensinando-te, como em tua carta me fazes lembrar, que não era crime o amar: e o peor é, que cheguei a persuadir-te, e a persuadir-me a mim mesmo que dizia a verdade. Ah! E quão cegos que andavamos ambos!

Verdade é que nosso amor era constante, e immudavel, e sobrelevou mui-

to mais de ponto, depois que ante as aras do hymeneo consagrados vinculos o legitimámos. Adorada amiga d'um esposo, que ternamente amavas, com razão te parecião crueis quantas leis não são por amor dictadas ; com razão antepunhas ao amante rico o amante fiel, e sincero. Tal era então o nosso estado ; assim passaríamos contentes as raias da vida. Houve jamais no mundo sorte mais feliz , mais invejavel que a nossa ! Ah ! E quão mudados estão os tempos ! Indissoluveis votos para todo sempre nos segregão do genero humano. Cruel lembrança ! Voárão com a rapidez do pensamento, para nunca mais voltarem, tão puros, tão donosos dias. Que triste, que medonho porvir ! Para nunca mais !... Como é para desesperar esse : « nunca mais ! »

Estreita, e semeada de abrolhos é a estrada da virtude. Quão difficil é o seguil-a sem desvio ! Quantas difficuldades e tropeços n'ella a cada passo se encontram ! Tomei por empresa o guiar-te

e eis que apenas encéto a jornada, érrora , e me extravio. Quanto escrevo tende a resuscitar a memoria de nossos criminosos ardores, e a avivar o fogo do amor, que jazia encoberto debaixo das cinzas da austeridade. Estou gravemente doente, e não sabendo curar - me pretendo dar saúde a quem está muito menos doente. Omnipotente Deus ! Só vós tendes o poder de mudar os corações dos homens, de convertêl-os á razão; empregai-o pois, Senhor, arrancando d'alma d'um peccador o dardo agudo, que de parte a parte a atravessa. Fazei que entrando em si dê a final de mão a tudo quanto de vós o desvia.

Mandas-me em tua carta que tua vocação foi um mero fingimento, e antes um effeito da cega obediencia, que a teu amante prestavas, que resultado de divina inspiração. Conhece-te a ti mesma, Heloisa, melhor do que até hoje tens feito. Posto que tua conversão não fosse, segundo me quer parecer, mais sin-

cera, que a minha, nem talvez tanto, nem por isso deixou ella de ser um effeito da graça; veio, não duvides da fonte pura, d'onde dimanão todos os pensamentos, e obras que são agradaveis ao Senhor, e sua infinita bondade nos é caução de que elle ha de pôr o sello á sua obra. Porèm como a distancia d'um extremo a outro, do vicio á virtude seja vástissima; para vingál-a requer-se muito tempo, e não se póde conseguir sem passar por varias privações, e trabalhos. Afferrar com a esperança; motivo tens para o fazer, pois já não é tão pouco o que sacrificaste; belleza, mocidade, educação, bens de fortuna, emfim quanto os homens prezão, quanto é objecto de seus mais ardentes desejos. Podias passar no seculo folgadamente a vida, mas não sem algumas tribulações, e no cabo d'ella gozar da eterna bemaventurança; o que alcançarás com mais certeza, e tambem com mais privações no claustro. Ora um sacrificio

tão desinteressado , e espontaneo ; uma deicção voluntaria de quanto no mundo tem valia devem necessariamente vir d'aquelle supremo Ser, que véla por nossa salvação. Por seres naturalmente timida, e modesta, custa-te a crer que fosses para tanto, e taxas de falsa tua vocação. Enganas-te , e o succedimento te fará ver que foi o Senhor quem te inspirou essa resolução. Pede-lhe pois se sirva de dar a ultima demão á sua obra.

Pelo que me diz respeito, que hei feito? Que é o que deixei, e qual é o meu merecimento? Nenhum : Um bando de barbaros verdugos contra mim encarniçados, cevão seu furor em meu sangue , privão-me do que servia de instrumentó a meus carnaes prazeres, e deixão-me sem sentidos envolto nas sombras da morte, e a braços com agudissimas dôres. Passada a furia, forão-se contentes com o mal que me haviam feito, Quando tornei em mim d'aquelle mortal deli-

quio, achei-me n'um lago de sangue, mutilado, e para assim dizer, desbautizado do nome d'homem. Na desesperação em que entrei quiz despejar-me d'uma existencia, que os barbaros me tinham conservado, para mais me anojarem, porém faltárão-me as forças, e tornei a perder os sentidos.

Esta narração te horrorisa, e todavia por mais exagerada, que possa parecer-te, não é mais que uma mortacôr d'essa tragica scena.

Que victima offereci pois ao Senhor? Uma ovelha magra entrezilhada, o rebotalho do rebanho: um corpo desfigurado, cuja vista inspira horror; um navio batido dos temporaes, e de todo em todo desaparelhado; um objecto enfim mais capaz de desafiar a sua justiça, que de merecer a sua misericordia. Não tendo outro regresso, disse adeus ao mundo: e que faria n'elle? Como ousaria apparecer em publico? Fundido no pégo da miseria, todos olharião para

mim com desprezo; adeus atenções, obsequios, prazeres, de tudo me via para sempre privado. De que modo me podia remir d'um tal gráo de desestima? Era lance forçoso morrer ao mundo, pois que meus verdugos por uma piedade barbara me havião deixado a vida. Com effeito o unico regresso que tinha era a solidão, porque tudo o mais devia parecer-me insipido, triste, e enfadoso.

Fiz profissão, e como sabes o por que, julga qual das duas foi mais meritoria, se a minha, se a tua. Por isso é que temo me desassista o Senhor, e seja minha conversão menos sincera, do que desejava que fosse. Ah! E como não beijaria as mãos que a tal estado me reduzirão, se ao mesmo tempo me houvessem privado do sentimento, e apagado da memoria a imagem d'aquella, que sempre n'ella trago.

Em nossas mãos está, ó Heloisa, o importunar o Céu com supplicas, não

assim o enganál-o. O Senhor, a quem nada é occulto, vê quanto tenho no coração, sabe qual foi o motivo por que entrei em religião, e carrega a mão no castigo. O bicho roedor, que em minhas entranhas se apascenta, é um monstro por elle enviado para atormentar-me eternamente, e só elle o póde affugentar. Porém se sua justiça é infinita, não o é menos a sua misericordia; n'ella ponho toda minha confiança, e a ella espero me encommendes em tuas orações.

Dizes-me que vá passar algum tempo na vizinhança d'esse mosteiro, para te instruir nos deveres da religião; pintar-te ao vivo os prazeres da bemaventurança, e emfim ensinar-te o modo por que deves viver para andares com Deus unida. Verdade é que nada meestorva de fazer-te a este respeito a vontade: mas certamente não pensaste no que escreveste. Quem eu!... ir ter contigo no estado a que me vejo reduzido? Não o

permitta Deus! Seria expôr-me a um perigo certo, e querer acintemente perder o pouco fructo, que de minhas austeridades colhêr posso: seria emfim avivar o fogo, que tanto me relêva de todo em to do apagar.

Não, não, Heloïsa: ainda me não acho com forças para tanto; ainda tenho mui presente na memoria tua imagem, e Deus sabe o que padeço. Como queres que te ensine quaes sejam os teus deveres, se com os meus não cumpro; que te dê vista, se estou cego? Pelo que diz respeito á gloria do paraiso, estou que a pintura, que d'ella fazes, deve ser mais conforme com o original, que a minha. Assim que, de nossas practicas não colheriamos outro fructo, senão o de resuscitar o antigo incendio, e recair talvez nas mesmas faltas.

Quanto ao andares com Deus unida, isso só elle o póde fazer; porque só elle tem o poder de dispôr como lhe apraz de nossos corações. Vê tu pois em que

precipicio me despenharia, se tivesse a desgraça de condescender com o que desejo. Foge, diz o apóstolo, e tal é o unico regresso, que me resta, para verme livre d'um inimigo tão perigoso, qual tu és. Não cuides que assim te appellido por odio que tenha, nem que por indifferença te esquivo. Se o faço é porque sei quão inevitavel seja o perigo, que nos parece agradavel, se temos a imprudencia de o encarar de perto. Na fuga está a salvação, tudo o al é nada. Mal por mim, que nem fugindo me acho em seguro, pois que por toda a parte me acompanha a tua imagem; nos mais apartados desvios com ella deparo, quanto mais se fôra ao pé de ti!

Heloïsa! cruel Heloisa! Que fizeste dando-me a entender que podiamos ainda um dia ver-nos? Só de em tal pensar sinto-me abrazado no antigo incendio que em meu peito ateaste. Se é certo que contra os males d'amor não ha melhor remedio, que a ausencia, cumpre

que para sempre renuncie a ver-te, e que ponha todo o disvelo em olvidar-te.

Se engolfado na meditação de todo me entrego a Deus, vem-me o teu nome a meu despeito á bocca : reprimo-me, chamo em meu soccorro a razão; faço um firme proposito de pôr-te em esquecimento, eisque quando menos imagino sobe-me ao espirito a lembrança dos prazeres, que junto a ti logrei, e quantos projectos hei feito se tornão irritos. Como! não me será licito gozar da serenidade, que disfructão as almas puras? Se prostrado ante a imagem da mãe do Redemptor imploro humildemente sua poderosa intercessão, acho não sei que semelhança entre as suas feições e as tuas, e fóra de mim em vez de orar, faço mil protestos d'amor, e de ternura. Se taes effeitos em mim produz a lembrança de teus encantos, que seria se na realidade te víra, e te fallára! O mais prudente pois, é o conservar-me onde

estou e fugir de ver-te. A mim cabe o servir-te de exemplo, e todavia não tenho mais forças, que o arbusto recém plantado, que o menor vento derriba... A Deus, que já assás o tenho offendido, occupando-me d'uma sua creatura.

Não esperes pois que te va ver, senão quando estiver certo de ter feito maiores progressos no caminho da salvação; quando, despido de paixões, puder fallar-te com a serenidade e paz, proprias d'uma alma christã, e não no estado em que actualmente me vejo.

Para me obrigar a condescender com teus desejos, escreves-me em nome d'essa commuidade. E com effeito só o interesse d'ella me determinaria a apparecer n'esse mosteiro. É meu rebanho, são plantas por minhas mãos cultivadas, como dizes, e não sem fundamento. Mas ellas forão commettidas a teu cuidado, e certo que não podião estar em melhores mãos. Não sei que possa fazer mais do que tu fazes. Brandas, e persuasivas

exhortações, ottimo exemplo, vida edificativa, tudo em ti achão essas, que a teu cargo tens. Que iria eu pois fazer n'essa morada de paz, cuja simplicidade está attestando o pouco caso que dos bens da terra fazem as que nella morão; onde reina o silencio da penitencia, a deslembrança, e desprezo das vaidades do seculo; onde tudo é harmonia, devoção, piedade? Que iria eu ahí fazer com uma alma agitada de remorsos, e sempre occupada da idéa das passadas desordens, sobretudo achando-me na presença d'aquella, que foi causa innocente d'ellas? Bem fóra de estado estou de manter n'esse retiro a doce paz que nelle reina. Debaixo do governo d'um director, combatido de mil paixões, necessariamente estiarião na devoção as religiosas, seguirião com menos assiduidade os diversos exercicios de penitencia, emfim tudo mudaria de face, e o exemplo dos superiores alteraria a boa ordem d'uma casa, de que fui o funda-

dor. Fallo no plural, porque supponho que tua vocação não sendo ainda bem decisiva, e consolidada, naturalmente minha presença deve produzir em tua alma o mesmo abalo, que receio faça na minha a tua : quero dizer, certa cegueira de entendimento, a que se não possa dar remédio ; accidente este que é mais para temer da tua parte, que da minha. Porque como ha muito estás privada do uso d'um certo sentido, a presença de teu antigo amante deve produzir n'elle grandissimo abalo. Da minha parte tambem, posto que a barbaridade dos verdugos me tenham tirado os meios de contentar os meus e teus desejos, resta-me ainda um certo não sei que, de que ainda mal, me não poderão despojar. Desorte que não posso fazer alicerce na calma de meus sentidos; pelo contrario quanto mais impotente sou, tanto mais libidinoso me tornaria; e a sombra e arremedo do vicio seria ainda mais para escandalizar da minha parte, que não da

tua a realidade. Sou pois algum tanto menos infeliz do que tu, porque não tenho contra mim senão um vão desejo; sendo que tu pelo contrario tens de lutar com o teu temperamento, e com a memoria sempre fresca dos passados deleites. Maes taes não se curão senão com a ausencia, e macerações.

Dá pois de mão a um projecto, cujas consequencias, bem vês, quão funestas são; e para nos conformarmos com os dictames da prudencia, talvez fosse acertado pararmos com esta correspondencia, como me dás a entender, posto que deve, até segunda ordem; isto é até que nos achassemos com forças para resistir a tentações taes: o que só de Deus devemos esperar, e de sua infinita misericordia.

Com todas as véras da minha alma te peço, e aconselho que aguardes pelo remedio d'esta enfermidade moral, que o Senhor nos tem promettido, e que não póde tardar muito, segundo de teu esta-

do conjecturo. Elle foi quem te fez entrar n'esse mosteiro; castigou-te pelo lugar mais sensível, privando-te de teu amante; obrigou-te a combater tuas próprias paixões; armas taes não dá elle senão a seus escolhidos, para assegurar-lhes a victoria. Padeçamos por amor de J. C. que por nós tanto padeceo; offerrece ao Redemptor tuas penas; tu o podes, pois voluntariamente te despediste do mundo, o que é já uma boa obra. Não posso eu dizer outro tanto; porque se padeci agudas dores, e se passei pela maior das affrontas, foi unicamente por teu respeito: e com quanto estes padecimentos tenham abatido a effervescencia de meus sentidos, pouco meritorios são perante Deus, porque se a elles me expuz, fil-o por amor d'uma creatura. Vê pois se tenho ou não razão de estar inquieto, e de ter necessidade de tuas orações, e das de toda tua communidade.

Não ha que esperar gozar, em quanto vivos formos, d'um só momento de tran-

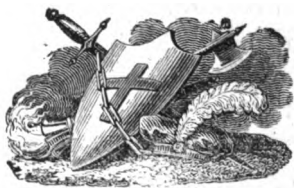
quillidade; tenhamos por certo que o primeiro dia de descanso, que havemos de ter ha de ser o ultimo de nossa existencia; que só a morte póde pôr termo a nossos males, despojando-nos de nosso terreno envoltorio, e fazendo-nos gozar da felicidade, que o Senhor reserva para os que n'este mundo por elle padecerão.

Quando o Eterno, que tem em suas mãos o destino de todos os homens, decretar que seja cortado o fio de meus desgraçados dias; o que naturalmente deve acontecer muito antes de tua morte, peço-te que mandes trasladar meus ossos para esse mosteiro, afim de que possam jazer ao pé dos vossos. Será então occasião de nos acharmos juntos sem receio do menor perigo, porque então tudo será reduzido a nada; e o amor, a esperança, o temor, as lembranças, os remorsos nada mais serão, que um mero sonho; um fumo, que o menor vento dissipa. Vendo o meu cadaver entrarás em ti, e entenderás quão desajuizada

214 CARTA D'ABAILARD A HELOISA.

cousa seja o pôr todo o teu affecto n'um pouco de pó, e preferir um corpo, que tarde ou cedo deve ser manjar de vermes, ao Ser todo poderoso, e immutavel, que é só quem nos póde abastar o coração, e fazer-nos gozar d'uma felicidade sem fim.

ABAILARD.





EPISTOLA

D' Heloisa a Abailard.



qui, onde a innocencia tem morada,
Onde paz em silencio eterno habita,
E os corações, a duras leis sujeitos,
Por escolha e dever os passos **seguem**

Da sã virtude ; qual ardor profano ,
Funesto a meu repouso, nos sentidos
D'uma Vestal, que é fraca, se levanta ?
Quem mal-extinctos fógos hoje accende ?
Ês tu, insano amor, que vens de novo
De um coração sensível tomar posse ?
Ah ! quanto eu m'enganava ! eu amo, eu ardo ;
Eu ainda adoro... Nome sempre caro ,
Abailard.... O' querido ! eu te idolátro !
Uma e mil vezes leio a tua carta ;
Mil vezes minha bocca amante beija
Da tua mão as conhecidas lettras :
Caro Abailard !... Que horror ! N'este retiro
Como teu nome articular me atrevo ?
Mas ah ! que involuntaria o tenho escripto !
O que esta mão traçou, o pranto apague.
Deus vingador ! perdoa se eu suspiro :
Tu não consentes que escrever eu possa
A um terno esposo ; e a teus crueis decretos .
Heloïsa se humilha. Mas que digo !..
O meu coração dicta, e a penna ob'dece.
Prisões, onde a virtude voluntaria
Como victima geme, e se arrepende ,
Bem que sem crime. Lugar, aonde o homem,

Louco destruidor d'um ente fragil ,
Seus dolorosos ais aos céos envia.
Duras pedras, e vós gelados ossos ,
Que de flores e canticos honrámos ;
Quando Abailard, quando um esposo adoro ,
Porque , assim como vós , serei eu fria ?
Insensível serei , como vós sois ?
Em vão lá do seu throno um Deus me chama ;
Eu cedo á natureza vencedora
Sobre os sentidos meus victoria indigna.
Ferros, cilicios, orações e votos ,
Tudo é baldo. Meu pranto não extingue
O fogo ardente que meu peito abrasa.

No momento em que li teu triste escripto ,
Do teu peito fiel depositario ,
Meu pranto, o' Abailard ! corrêo de novo.
De ternura e d'horror querido objecto ,
Ah ! que amor em teus braços me incantava !
E amor longe de ti meu chôro excita !
Ora de verde myrtho ornada a fronte
Inda a meus pés contente julgo vêr-te ;
Ora pelos desertos vagabundo ,
De cilicios, de cinza e pó coberto
De teus annos na flor de todo extincto ,

E á sombra dos altares esquecido....
Aqui é que Abailard , e que Heloïsa ,
Quando a religião de zelo armada
Seus ternos laços d'uma vez desata ,
Vêm a viver um do outro não lembrados ?
Aqui é que chorando e aborrecendo
O seu triumpho , pizárão aos pés
A gloria sua, e seu amor ardente?
Mas , ah ! escreve-me antes , e formemos
D'esta correspondencia prisões novas ;
Tu chora os meus , que eu chorarei teus males.
E Echo, de amantes tristes companheira ,
Os mutuos ais repetirá sentidos.
Dos nossos inimigós , e da sorte
Não se estende o poder a nosso pranto.
Sim elle é nosso , e nós carpir podêmos.
Tu dizes que a um Deus elle só toca ;
Cruel eu te perdi.... Tudo hei perdido.
Lagrimas de meus olhos tudo arranca :
Tu para mim não vives , e com tudo
Por ti sómente é que meu pranto corre.
E será certo , o' Deus ! que os desditosos
Com ais e chôro o teu prazer augmentem ?
Eu quero que escrevas. Este incanto ,

Este de um peito terno desafôgo ,
Esta conversação deliciosa ,
Que sem se ouvir , e sem fallar s'intende ;
Esta arte de escrever quasi divina ,
Sem duvida que foi piedoso invento
D'uma captiva amante , e de um amado
Por miseros desvelos agitados.
Os dedos de uma triste amante pintão
Da sua alma escondidos sentimentos :
Seu peito se descobre , e ali sem pejo
Os seus ardentes votos soltos vôão.
Ah ! de nossa união tão livre e pura
A terra e o mesmo céu têm feito um crime !
Quando o meu coração ao teu ligado ,
D'amor e de amizade tu me davas
Em nome da virtude lições meigas ,
Teus olhos sobre os meus nadando em gosto
Do fogo das paixões então brilhavão ;
Minha alma foi co'a tua confundida ,
Um Deus em ti sem susto contemplava :
Um erro assim busquei que me illudia.
Ah ! e quão facil te era hallucinar-me !
Tu fallavas... minha alma obedecia-te.
Tu me pintaste o amor de incanto cheio...

E a doce persuasão dos teus discursos
No já vencido peito insinuaste.
Ah ! que da tua bôcca para a minha
Ella pelos teus labios se passava !
Eu te amei ; e o prazer fiel seguindo ,
Fracas lembranças do alto Deus eu tive.
Estimação , dever , honra e prudencia
Hei tudo , por te amar , sacrificado.
Eu te adorava , e em tão suave engano ,
Da terra o resto para mim perdido ,
Meu Deus , meu universo em ti só via.

Quando tua alma enfim á minha presa ,
Serrar-me instava de hymeneu os laços ,
Eu te disse : « Querido , que pretendes ?
Amor crime não é , mas sim virtude ;
Para que é pois tyrannas leis impor-lhe ?
E de vin'clos politicos cingil-o ?
O amor não é escravo ; independente
No coração dos homens elle nasce ,
Qual puro sentimento de alma pura.
Nosso gosto liguemos sem que seja
Necessario tambem ligar as sortes.
Ah ! pensa que hymeneu atar só deve
Dos amantes sem fé vulgares almas.

Meus prazeres , meus bens no amor encontro ;
O firme amor insidias não receia.
Basta amar , e seguir a natureza.
Aprendamos a amar-nos mutuamente ,
E só no puro amor , amor busquemos.
Que dos réis o maior, deixando o throno ,
Venha a meus pés depor diadema e sceptro ;
Que seu fastoso amor do altivo solio
Aos attractivos meus a mão off'reça ;
Ver-me-hão todos preferir aquelle ,
Que soube do meu peito achar a entrada ,
Ao monarcha, ás grandezas, e a mim mesma.»
Abailard , tu o sabes , o meu throno
Só no teu coração hei collocado.
Eu no teu coração só tenho as pompas ,
Os titulos , a gloria , a honra , a fama.
Todos os nomes que a fortuna inventa
Rejeito altiva , e só me lisonjeia
De *tua amante* o nome ; e se inda ha outra
De *mim* mais digno , e que melhor explique
Meu terno amor , por ti vaidosa o tomo.
Oh ! meu caro Abailard , e quanto é doce
Amar e ser amada ! Esta a primeira
A mais santa das leis ; o resto é nada.

Quem mais felice do que dous amantes

Pela vontade e sentimento unidos?

Os jogos e os prazeres os ajuntão :

Elles pensão e fallão livremente ;

A alegria confundem com deleites ,

Gozando sempre , e sempre desejando.

Seus corações contentes não conhecem

Nojosos dias ; e preside sempre

Uma doce illusão a seu destino.

Em aurea taça a longos tragos bebem

Dos males e dos não-fruídos gostos

Eterno esquecimento ; se ha ditosos ,

Seus corações de certo a dita lógrão.

A bemaventurança que buscâmos ,

Amor a dá. Amor ao prazer guia ;

Os mais perfeitos bens no amor existem.

Tal foi, caro Abailard , a nossa sorte....

Quanto o tempo ha mudado ! Horrivel dia !

Dia espantoso , em que atrevido ferro

Em mão culpavel... Como ! e eu não tenho

A feroz violencia reprimido !

Desgraçada Heloisa ! que fazias ?

A desesperação , a voz , os braços ,

E minhas tristes lagrimas devião.....

Nada... nada suspende a brutal raiva...
Cruéis, detende, olhai que é meu esposo;
Eu só ás vossas mãos morrer mereço,
Amor punis, e amor é meu delicto,
Eu amo com loucura, eis a culpada;
Feri sem susto... Ah! não quereis ouvir-me!
O sangue corre... Barbaros! e como
Meus gritos, minhas lagrymas, o mundo
Julgará criminosas? Por ventura
Meu destino cruel chorar não posso?
Nossos prazeres jazem destruídos:
O resto dil-o a côr das minhas faces.
Mas que teimoso fado nos persegue,
E de um em outro abysmo nos arroja?
Oh! querido Abailard, pinta se podes
Minha sorte funesta. Aquelle dia
Recorda, em que de flores coroada
Prompta a dar o terrivel juramento,
Tua mão té o altar guiou meus passos.
Dia fatal, em que ambos detestando
O destino implacavel, foi nas aras
Uma por outra victima immolada!
O dia, em que em desejos toda ardendo,
Jurei deixar o mundo e seus prazeres!

De um véo sombrio e santo apenas tinha
Tua tremente mão coberto o rosto
Da triste amante ; apenas eu beijava
A sacra veste, os ferros, os cilícios
Para mim destinados : eis do templo
De repente as abobadas tremêrão ;
Escureceo-se o sol, e luz escassa
Das sepulcraes alampadas, convulsa,
Vacillava : com tanto espanto ouvia
O céo os votos, que por ti não erão !....
Que já não erão pelo fido amante !
Tanto do seu triumpho o mesmo Eterno
Duvidava ! Eu te deixo, e é custoso
A um Deus acreditar-o. Ah ! com bem causa
Elle da minha fé desconfiava.
Eu sua me chamei, e a ti sómente
No peito por senhor reconhecia.

Vem tu, o' caro amante ! não me prives
Do gôsto de te ver e estar contigo ;
Dos meus prazeres é o derradeiro
Que o triste coração deixar pretende.
Apressa-te Abailard, que inda podêmos
A dita conhecer ; em nossos olhos
Procurál-a, encontrál-a em nossas almas.

Eu ardo... de amor sinto as vivas chammãs.
Ah! deixa-me encostar sobre o teu seio
Até desfallecer : sobre os teus labios
O halito respirar dos nossos fogos.
Que momentos. Abailard ! que deleites !
E não os sentes-tu ! oh ! prazer novo...
Oh ! alegria... oh ! gostos, que me afogão !
Aperta-me em teus braços , e com força
Ao coração me cinge ; deixa que ambos
Assim nos enganemos. Quanto é bello
Passar a vida n'um tão doce engano !
Teu funesto destino já me esquece :
Cobre-me de caricias e de beijos ,
Que eu satisfeita sonharei o resto...
Que digo ? não , querido , não me escutes :
Ha outros bens , que tu mostrar-me deves.
Vem conduzir-me aos pés do santuario ;
Ensina-me a gemer , e a sujeitar-me
A tão saudavel jugo ; e se é possivel ,
A' tua imagem preferir me ensina
O meu Deus , seu amor , e a lei da graça.
Ah ! vem , não te dilates ; pensa ao menos
Que das vestaes o timido rebanho
De conductor carece. Estas donzellas ,

Ao Senhor consagradas , instruidas
Por tua voz , baixando a docil fronte
A's tuas leis , em tão agrestes climas ,
Os teus vestigios seguirão submissas.
D'este nosso retiro os sacros muros
São obra tua. Em cima d'estas penhas
Tu dos jardins d'Eden nos preparaste
Delicioso encanto; das virtudes
Morada , habitação campestre e simples ,
Sem fausto , sem grandeza , qual ser deve.
Dos bens dos orfãos não enriquecida ,
Nem do ouro de um fanatico adornada ,
A solida piedade ahi habita ,
E das riquezas o logar occupa.
N'este recinto escuro , aqui debaixo
Das capellas sombrias , e das altas
Torres , que o dia penetrar não póde ,
Tu n'outro tempo a luz introduzias.
O sol no seu zenith luzia menos ;
Da tua gloria os raios só brilhavão :
Mas hoje que Abailard aqui não vive ,
Tudo da fusca noite toma as côres.
A lugubre tristeza involta em sombras
Atraz de nós caminha ; eu ouço a todas

Procurar Abailard, e as minhas dôres,
Sem ti, por todas repartidas vejo,
D'estas irmãs o triste pranto me insta
Que a voar a seus braços te conjure.
Oh! engenhosa e falsa caridade!
Tenho eu, além do amor, outra virtude?
Vem, escuta-me só, eu só te chamo.
A' mortifera dôr, que me devora,
Sê, Abailard, sensível e sê brando.
Tu, que eu achava pai, achava esposo,
Irmão, e amigo; tu, que dos amantes
És tido pelo amante o mais querido;
Já por ventura em mim não vês a esposa,
A filha, a amiga, e mais que tudo a amante?
Vem, que estas arvores frondosas, estes
Pinheiros atrevidos, cuja rama
Se alonga ás nuvens, e no céu se perde;
Estas de prata liquidas correntes,
Que fugitivas pelos prados gyrão;
A abelha, que das flores tira o favo;
O deleitoso Zephyro brincando
Na sombria floresta, a grutta, o lago,
E todo este espectaculo risonho,
Que a natureza prósida offerece.

O rigor dos meus males não abranda.
O triste dissabor, do tedio filho,
Tudo n'este lugar, corrompe e murcha.
Sécca a verdura, e pallidas as flores
Sobre o seu tronco desbotadas morrem :
Não respira Favonio, Echo emmudece,
E as aves só gemer nos bosques sabem.

Este o lugar, onde captiva e presa
Em lagrimas banhada a vida passo.
Mas inda assim n'esta horrida morada
Meu coração de amor gosta o veneno :
Minha virtude aqui é só devida
A' tua ausencia, aqui mil vezes tenho
A fôrça da pureza detestado.
Quem? eu o amor domar, quando enlouqueço
De amor? meu coração para este esforço
É por ventura feito? antes que possa
Minha alma conhecer o que é descanso :
Antes que da razão vencidos fiquem
Os rebeldes desejos; quanto ainda
É necessario amar, e arrepende-me,
Desejar e esperar? D'ahi a pouco
Desesperar e sentir? e n'esse instante
Combater, anciar-me? finalmente.

Emprender tudo, menos o esquecer-te ?
Imperiosa lei ! Funesto jugo !
Qual é pois meu dever ? e n'este estado
Como posso chamar-me ? serei perfida !
E com que nome queres te designem
Tu, que de um Deus esposa, por um homem
Ardes ? o' Deus severo, tem piedade
Da minha confusão ; inspira, ordena
A meus sentidos tuas leis austeras.
Tu foste que do nada a luz e o mundo
Produziste. Precisas porém hoje
De todo o teu poder. Já se não tracta
De crear : hoje é mais, hoje é forçoso
Que o amor de Heloïsa extincto fique.
Grande Deus ! e ser-te-ha possível isto ?
Minha afflicção, meu pranto armas te pedem
Contra um caro inimigo ; e tão contrarios
Meus votos são, que mais que os meus excessos,
Da tua mão receio os beneficios.

Irmãs e companheiras innocentes
De meus erros ; vós pombas lagrimosas
Que, debaixo dos porticos sagrados,
Só conheceis as languidas virtudes
Que a Religião dá... e que eu não tenho ;

Vós, que ao lethargo do mosteiro entregues,
Desconheceis do amor o doce imperio;
E vós emfim que só a Deus amais
Por uso sim, e não por sentimento;
Oh! quanto vossas almas são ditosas!
Ellas são insensíveis: puros dias
Quietas noites em socego paixão;
O grito das paixões não vos perturba.
Ah! e quanto Heloïsa vos inveja!
Ella arde ainda quando nasce a aurora,
Na escura e fria noite ella arde sempre,
E adormece sonhando co'os amores.
O somno apenas os meus olhos fecha
Que o solícito amor, affavel, melgo,
Juncto a mim carinhoso me recorda
As suspiradas noites, noites caras
A meus ardentes votos; doces noites,
Que os prazeres ao somno disputavão!
Abailard vencedor se me apresenta;
Eu o ouço, eu o vejo... Agita-se minha alma...
Eu o abraço... Elle a mim todo se entrega:
Uma doce illusão me cala as veias;
Meu pranto do prazer as portas abre!
Mas que pouco eu gózo d'estas vãs imagens!

Despertando, a razão sobre estes quadros
Que o somno lisonjeiro me offerece,
Vem a correr a cortina da verdade.

Não, querido Abailard; tu já não sentes
Estas agitações crueis, nem sentes
Do crime as chammas: e no triste estado,
A que te reduzio a negra sorte,
Tua vida é um somno doce e brando,
Da morte imagem; sem calor teu sangue
Circúla em tuas veias, á maneira
Das puras aguas d'um quieto lago.
Teu coração gelado já não serve
De throno de Cupido, e os quebrantados
Olhos buscão com pena a luz do dia:
Nem n'elles brilha o fogo em que me abraço;
Mas são inda mais bellos que d'aurora
Os matutinos raios. Vem amado;
Que temes tu commigo? que receias?
Já de Venus o facho não te queima.
Sendo agora insensivel ás caricias,
Como ainda temer pódes fraquezas?
Pareço eu inda aos olhos teus formosa?
Bem como as tochas funebres, que junto
Das sepulturas ardem, sem que animem

As frias cinzas ; sobre os teus sentidos
Meu amor puro nada mais consegue :
Teu coração extinto não se inflamma ;
E de Heloisa amado , amar não póde.

Ai de mim ! e é possível , que eu te inveje
Destino tão acerbo ? estes deveres ,
Estas leis , que aborreço da clausura ;
A solidão , e seu horror tranquillo ;
Nada a meu coração arrancar póde
Tua doce memoria. Quer afflicta
De pranto banhe os tumulos sombrios ;
Quer junto dos altares com gemidos
Meu Deus implore ; tumulos , altares ,
E o lugar magestoso , nada póde
Minha alma distrahir. De ti cercada
Eu só por ti respiro , a ti só vejo.
Nos canticos sagrados eu só ouço
A tua voz ; e quando sobre o fogo
Minha convulsa mão o incenso deita ,
Quando a nuvem cheirosa ao céo se eleva ,
Por entre o denso fumo é tua imagem
Que eu ver sómente julgo. Abertos braços
Com força para ti então estendo ;
E ficão os meus votos vãos e nullos ,

E perdidos de todo. O templo ornado
De flores , nossas festas sumptuosas ,
Todo este culto magestoso , nada
Tem que enganar-me possa. Quando junto
Do altar , em vivos fogos abrasados ,
Os mesmos anjos respeitosos curvão
As fronte com temor ; até no instante
Mais terrivel dos mysterios sacros ,
Entre suspiros , orações e preces ;
Quando a todos o santo mêdo occupa ,
Meu coração ardendo n'outras chammas ,
Teu nome invoca , e só por ti suspira.

Teme com tudo , o' Abailard ! teme
Que um supremo poder, por arrancar-me
De ti , tambem me arranque a Heloïsa.
O nosso Deus um dia fallar póde
A este meu coração amante e cego :
Ah ! d'este Deus rival triumpha ainda.
Para mim voa , certo de que te amo :
Abailard, nos meus braços a Deus vence.
Sim , vem... entre Heloïsa e o mesmo céu
Te atreve a apresentar-te ; chega , chega
Este meu coração a disputar-lhe :
Meu coração é teu .. Mas ah ! que digo?

Não, cruel ; fuge , fuge para longe
Da tua amante ; cede , cede ao Eterno
A semiviva Heloïsa ; immensos mares
Se empolem entre nós ; do vasto mundo
Habitar vamos as oppostas ribas.
Quando no seio do meu Deus apago
O meu amor , té respirar receio
Os mesmos ares que Abailard respira.
Receio ver seus pés assignalados
Na solta arêia ; temo finalmente
Por toda a parte olhar a imagem sua.
É do crime ao pezar mui longa a estrada ;
Mas do pezar ao crime ha curto espaço.
Não venhas , o' querido ! eu já não vivo
Para ti : eu te torno os juramentos :
Em mim não penses mais. Adeus prazeres
Da minha alma illudida tão queridos.
Adeus suaves erros de uma terna
E desditosa amante ; eu já vos deixo :
Pôde o meu coração ao duro golpe
Emfim determinar-se. Adeus esposo ,
Adeus caro Abailard... e adeus tudo.
Mas que sentida voz gemer se escuta
N'esta minha alma attonita ! ah ! seria...

Sim... é ella... a minha hora está chegada.
Uma noite (por entre as sepulturas
Eu vagava) a funerea e negra tocha ,
Lampejando a intervallos , já e todo
Entre as opácas sombras se escondia :
Quando lá de uma funda sepultura
Esta tremenda yoz a meus ouvidos
Chega : « Querida irmã , suspende , pára :
A minha a tua cinza espera ; e chama
Por ti a minha campa. Vem depressa :
Aqui mora o descanso que te foge.
Eu tambem , como tu , vivido tenho
De amor forçada victima ; e d'um fogo
Tambem inutil , como tu , ardido.
Mas só no seio de um silencio eterno
Pude dos males meus achar o termo.
Aqui não se ouvem suspirar amantes ;
Aqui o amor acaba os seus gemidos
E as suas queixas : perde aqui de todo
A credula piedade os seus terrores.
Morre ; mas sem temor nem do futuro ,
Nem da morte. Este Deus , que se nos pinta
Prompto a punir-nos , vingadoras chammas
Não accende. Chorando , nossas dôres

Applaca, e compassivo esquece as faltas. »

Se tal é, o' meu Deus! tua bondade,
Do meu socego o bello instante apressa.
O' graça illustradora! o' sapiencia!
Filha do céo, o' inclyta virtude!
Dos bens do mundo o' sacro esquecimento!
Vós que á minha alma prometteis eternos,
Ineffaveis prazeres, para o seio
Dos immortaes chamai a vossa Heloïsa.
Eu morro.... O' Abailard! vem tu cerrar-me
Os olhos moribundos... Quando a vida
Desamparar meu corpo, amor com elle
Então eu deixarei. Vem tu agora
N'este momento extremo, pelo menos,
Meus ultimos suspiros, meus abraços
Colher piedoso e brando. E quando a morte
Murchado houver de todo os teus encantos;
Encantos seductores, triste origem
Do meu pranto: no instante em que teus dias
De todo extinctos forem; nossos corpos
Na muda, fria lousa unidos sejam:
E a nossa historia sobre a dura pedra
Por mão do terno Amor gravada fique.
O vago caminhante lamentando

Nossa memória, diga : « Com excesso
Elles se amárão; fôrão desgraçados :
Gemâmos sobre a sua sepultura ;
E como elles amárão, não amêmos. »

J. da F.



NOTA DE COLARDEAU.

Vivérão Heloïsa e Abailard no duodecimo seculo. Os dotes do espirito lhes grangárão então grande celebridade; e seus desditosos amorés são inda hoje, e serão sempre deplorados por todas as almas sensiveis. Veio-me á ideia (ao ler a historia d'esses dous amantes na mutua correspondencia, que nos elles deixárão em latim) escrever em verso a dicta historia ; mas , a exemplo do sabio Pope , preferi antes adoptar o mesmo plano que elle seguiu ;

isto é , unir n'uma só epistola os lances principaes que tecem a vida dos referidos amantes. Em lugar de verter á lettra o modelo inglez , imitei-o , e com largo desafogo ; pois tenho para mim que toda a translação servil não póde deixar de ser languida e dessaborida. Se as expressões de que usei n'esta minha obra parecerem nimio-apaixonadas a algumas pessoas escrupulosas , saibão as mesmas pessoas , que as sobredictas expressões são menos vivas e ardentes que as das cartas originaes.

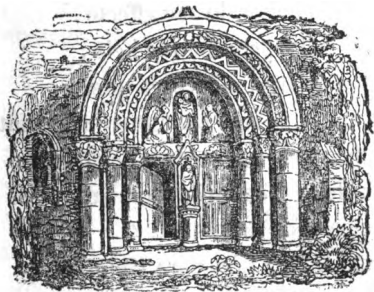
NOTA DO TRADUCTOR.

Para intelligencia da precedente epistola é preciso ler a nota seguinte , que é um compendio da historia d'estes dous infelices amantes.

Abailard e Heloïsa vivêrão em o duodecimo seculo. Essas duas pessoas forão as mais distinctas de seu tempo, pelas luzes do seu espiritu , e graças da sua figura ; mas nada as fez mais celebres que sua paixão desafortunada. Depois d'uma longa serie de desgraças , reti-

rarão-se cada uma a seu convento, onde consagrarão o resto de seus dias em exercicios religiosos.

Foi algum tempo depois de sua separação que uma carta d'Abailard , dirigida a um de seus amigos, e que continha a historia dos seus infortunios , veio a cair por casualidade em as mãos d'Heloïsa. Esta narração despertou toda sua ternura , e deo motivo a essas famosas cartas , que pintão com tanta efficacia os combates da natureza e da graça : esta , pois , é vertida livremente da epistola em versos francezes , composta por Colardeau.



EPISTOLA

D'ABAILARD A HELOISA,

DE sevéra moral estoicos mestres
Longe, longe de mim, sagrados livros,
Altos mysterios, que entender não
[posso.

Os bens', que m'offertais o mêdo azéda ;
Quereis ver-me feliz ? Dai-me, Heloïsa,
Esta carta, penhor de seu affecto ,
Onde seu peito pelo meu anhela ,
Mil vezes a lerei, mil vezes quero
Nutrir um erro, que me apraz, m'encanta,
E nas chammas arder, em que ella arde.
Que has feito Abailard ? Como rasgaste
O terno peito da fiel amante ?
Qual não foi tua dôr, cara Heloïsa,
Quando os olhos gentis a furto pondo
No papel de meu pranto rociado ,
Onde, trémula a mão, tracei o triste
Tragico fim de nosso doce enlace
Do infeliz Abailard a lettra viste ?
Por ventura nasci com a triste sina
De ser dos dias teus cruel verdugo ?
Que tudo percas , e por minha mão o percas
Até a doce paz de que gozavas ?...
Não te queixes de mim , mas sim do fado
Que a fio com desgraças mil me avexa ,
E pois elle assim quiz , soffre que verta
No peito teu o mal , que me assoberba ;
Que me engolfe em amor ; qu'amor só encha

D'esta alma amante os sequiosos seios.
Envolto em mil pezares desde o dia
Em que votado a sempiterno pranto
Perdendo-te , perdi toda a esperança ,
Para delir do peito a tua imagem
Que não hei feito ? Que não hei tentado
Para vencer esta paixão funesta ?
Prometti votos ; disse adeus ao mundo ;
A' voz da sã razão prestei ouvidos ;
Dei-me ao estudo ; da divina graça
Implorei o efficaz auxilio ;
Mas ah ! que contra amor nada aproveita
Estudo, solidão, razão, e graça.
E tu , cara Heloïsa , que resolves ?
Predomina em teu peito o amor, ou a graça ?
Roubou-te o meu affecto um Deus cioso ?
De remorsos crueis atormentada
Deterraste de todo amor do peito ?
De remorsos ! Que digo ? tu não podes ,
Não debes conhecêl-os , s'em tua alma ,
Como d'antes, ainda impera amor.
Ah ! não consintas que do rosto as rosas
Se te murchem com o sôpro dos pezares.
Amar é lei geral da humanidade ,

E seria um tyranno o author d'ella
Se da obediencia nos fizesse um crime.
Como queres se offenda d'um desejo
Que, mal por nós ! não póde ser cumprido,
Se é obra sua , se no l'o poz no peito ?
Vem de Deus o prazer , querida amante.
Fsse sublime , deleitoso extasi .
Que experimenta o amado ao pé da amada ,
Quando enlaçados um nos braços d'outro
Parecem um sô corpo , uma só alma .
É um tributo tacito , e jocundo
Que rende ao creador a creatura ;
Desterra pois do peito esses receios ,
Sê toda minha , como eu sou teu .
Sim , metade fiel d'esta alma amante ,
A despeito dos Céos , a meu despeito ,
Lavra-me sempre n'alma occulto incendio :
Gêlo por fóra , abraza-me por dentro ,
E caso estranho ! em mim mesmo encerro
O frio, e o calor, a vida, e a morte.
A morte !... Digo bem , pois já não posso
Dar-te provas do quanto te idolatro .
Que aproveita que o céu compadecido
Me deixasse uma sombra d'existencia ,

Se ao mesmo tempo cruel riscou meu nome
Da pauta dos viventes? Se existo
Para saber sómente que sou morto?
Deo uma volta ao torcedor a morte,
E parou-se; deixando-me de vida
Quanto era mister, que conservasse
Para ludibrio ser do genero humano.
Bem sei que não devêra magoar-te
Com tão sentidas queixas, cara amiga.
Ah! perdoa a um esposo, que te adora
Sem esperanças de tornar a ver-te.
Sim, que a ti renunciarei p'ra que possesses
Entregar-te de todo ao amor de Deus.
Ama-o Heloïsa, que só elle
Encher-te pôde de doçura a alma.
Põe em olvido de Abailard o nome,
D'esse vil seductor, cujos sofismas
Do entendimento os olhos te vendarão.
Deslembra-te de mim, faze o que eu faço.
Deus te dará a mão: elle te chama,
E a seu santo templo te convida.
Mas, ai de mim! Quão longe estou, Heloïsa,
D'esta calma apparente, que simúlo!
Anda-me sem cessar no peito anciado

Em ondas pressuroso o coração ,
E porque m'ò denega a natureza ,
Por isso tanto mais me abraço, e ardo.
A navalha fatal, que só de homem
Este triste vestigio me deixou,
Apazigou o ardor de meus sentidos,
Sem dar de todo morte á natureza.
De ti, de teus encantos penhorado
Ante as aras te vejo, e te contemplo.
Em vão teu Deus, o meu, cuja grandeza
A mente humana conceber não pôde,
Docil á voz d'um servo dos altares
Desce dos céos á terra obediente,
A ti unicamente se encaminhão
Meus mais férvidos rogos, e suspiros.
Nos santos livros que ameúde abro,
Se os olhos ponho, só Heloïsa vejo.
Vós não podeis do céu verdades puras
Dos sentidos calmar o atroz tumulto.
Oh ! quanta força tem a natureza !
Em fallando, o mesmo Deus é mudo:
De meu destino soberano arbitrio,
Soffre, sem te offender, estes queixumes,
Que com a violencia da dôr aos ares solto.

Se só dos vivós homenagens pedes ,
Porque a exiges de mim , que já sou morto !
Morto !... Sim , digo bem , pois que dúvida !
Os unicos vestigios , que me restão
São a desesperação , o nojo , e o pejo.
De continuo a luctar com infindos males
Para mim o universo é fumo , é nada.
Vinga-te , com o Deus, d'um mortal, que ousa
Roubar-te o coração de tua esposa ;
Dá-me outra vez a vida , a liberdade
E a teus pés me verás então prostrado.
Que é o que digo ? Antes d'amor nas azas
Irei, cara Heloisa, aos teus lançar-me ;
A morte para sempre me consuma ,
Se para reviver, deixar-te devo.
Assim victima triste d'esta triste lucta ,
Vejo passar-se um dia, e outro dia.
N'este sombrio asilo estranho aos homens,
Meu nojo, e pranto dentro em mim concentro;
Qual feroso volcão, que a terra opprime ,
Lá no fundo do abismo muge , e trôa
Até que emfim em chammas se consume ,
E em vapores subtis se esvae , se exhala.
Tudo o que vejo me importuna , e afflige ;

Tudo o que vejo meu destino accusa ;
Reinar n'este lugar , fazer as vezes
De crû ministro do rigor dos céos ,
Eis todo o meu prazer ; pezado jugo
A tenras victimas com rigor imponho.
Dos crimes meus desesperado os puno ;
Apraz-me a leis severas submettêl-as ,
De seus tormentos rio , alegre vejo
Pallidas faces , macerados olhos ,
D'austera penitencia indicios certos.
Cercado de infelices me affiguro
Mais socegado , e menos desditoso.
A que excesso a despeito da vontade
Nos não arrasta um mal sem esperança !
Eu barbaro ser ! Quem pensaria ?...
Cara Heeloïsa , se me fôra dado
Passar contigo os dias , que me restão ,
Ha muito que de ré teria posto
Os juramentos meus , os sacros votos.
Que dever é este tão cruel , tão duro ?
A par d'um beijo teu , meu bem , é nada.
Quando de meus dias vi rompido o estame
Disse desenganado adeus ao mundo.
Que mal podia eu fazer ? Teus ternos olhos

Em lagrimas banhados , de continuo
Pareção exprobar-me o triste estado
Em que me havião posto meus verdugos :
Forçoso era deixar-te ; este retiro
Servio-me pois d'asilo , e não podendo
Ser todo teu , a Deus me entreguei todo.
Mas com que frouxidão ! E que vazio
Não deixa do coração no amago
A tua ausencia , e novo theor de vida.
O mundo para mim é um deserto ,
De ruínas um montão , por onde vago
Em tristezas ruins sempre embebido ,
E de continuo a braços com a desgraça.
A negra nuvem , que me embrusca a vista ,
Tinge da mesma côr quanto ha no orbe.
O sol , que com meus prantos antecipo ,
Sô azares crueis me vaticina.
Das fontes o cristal , a fresca sombra
Dos negros arvoredos , a alcatifa
Dos prados de boninas esmaltados,
D'um céu sereno o risonho aspecto
Tudo avulta meu mal , tudo me avexa.
Gósto de entranhar-me nos desertos ,
De sepultar-me em horridas cavernas ,

Para poder , a meu sabor, fartar-me
De tristezas , de magoas , de pezares.
Lá , voz em grita , por Heloïsa brado ,
E o echo compassivo me responde
Heloïsa , Heloïsa... Outras vezes
Ouço de tua voz o doce accento ,
Teus ais , teus lugubres lamentos,
Tua imagem fiel nunca me deixa ,
De dia em fugitivos pensamentos
De noite em doces mentirosos sonhos ,
E quando cuído abraçar teu lindo talhe ,
Nada aperto. Inda a noite passada
Sonhei que nos teus braços repousava ;
Que em extase d'amor , nadando em gosto
Ao peito te estreitava ; que meus labios
Co'os labios teus se união , e n'esse enlace
Nosso ser n'um só ser se convertia.
Doce illusão quão pouco que duraste !
Passou, como um relampago , a dita minha ,
Acordei , e achando-me mutilado
E a tão triste estado reduzido ,
Tomei-te odio , mal disse teus encantos ,
Outr'ora meu prazer , e hoje a causa
Das lagrimas , que afflicto a fio verto.

Que horrivel condição, que triste fado!
De que serve porèm que ancians feridas
Rasgando, te conte o que padeço,
E a novo pranto dê novo motivo?
Antes quero a memoria renovar-te
D'esse dia feliz, em que propicio
Aos votos meus Amor me poz de posse!
Do que ha de mais bello no universo.
Já declinava o sol, nas verdes rãmas
Das arvores ciciava o brando zephiro,
Quando abrazado em amor a ti me envio,
E com os convulsos braços te uno ao peito.
Succumbiste, apezar dos vãos clamores
Do pejo virginal; infel guarda
Da pudicicia. Ah! que doces extasis,
Que prazeres, que então experimentámos!
Triumphava Abailard de teus escrupulos;
Em vão com extincta voz lhe exprobas
O crime, e ousadia; novos crimes
Do primeiro as lembranças apagavão.
Feliz pelo prazer que resentia,
E mais ainda pelo que causava,
Veria a par de mim cair um raio,
Sem me assustar, sem te soltar dos braços.

Quão ditoso que então me contemplava!
Como a meus olhos toda a natureza
De gala se vestia, e reflectia
No mais pequeno objecto o teu semblante!
Que importava que n'odio seu tenazes
Meus emulos diffamassem meus escriptos
E para mais depressa m'enterrarem,
Em santo zelo a inveja baptizando,
Em honra do Senhor me perseguissem.
Em quanto elles erguião a fogueira,
Que em cinzas devia converter-me
Reclinado em teus braços, de seus feros,
E ameaças vãs escarnecia.
Se por vezes uns longes de tristeza
A meu pezar o rosto me enturvavão;
Com um só sorriso teu tornava a alegria
A desfranzir, a alisar-me a testa.
Causava-me mais dó, do que despeito
Essa turba de estolidos pedantes,
Não menos invejosos, do que barbaros.
Ao pé de ti detodo me esquecia
De seus systemas vãos, e absurdos,
Oppostos entre si, e incoherentes.
E pondo-os de parte, só tratava

De ser fiel christão, fiel amante.
Póde ser, se te visse, cara amiga,
Que as desfalcadas forças recobrasse;
Que em teus olhos bebesse alentos novos,
E desfructasse mais serenos dias;
Póde mais o amor, que a natureza:
Esta obedece, aquelle impéra.
Talvez de meus esforços condoída,
E d'um fantasma de prazer contente,
Consentisses em pôr em esquecimento
O que fui, e o que sou: pois bem, embora
Contra mim se conjure o céo, e a terra,
Rompo por tudo, calco aos pés os votos,
Para viver contigo; tu só podes
Abastar, e fartar esta alma ardente.
É puro o meu amor, dèsque o approvas.
Heloïsa quer ver-me, quer ouvir-me,
Quer estreitar-me ainda nos seus braços.....
Venturoso de mim, se n'elles morro!
Cançado estou de supportar o jugo
D'uma religião austera, e triste.
Sigâmos a razão, sejâmos livres:
Qu'onde escolha não ha, não ha virtude;
Nem merito, onde é nulla a liberdade.

Ao céo te anteponho, cara Heloïsa,
E se n'isto o offendo, d'offendêl-o folgo.
Em breve te verei, sombrio claustro,
Que erguer fiz para asilo da innocencia,
Onde a virtude de seu proprio motu
Se dá a pena, que compete ao crime.
Em breve onde reside a penitencia
Assentará seu throno o deus d'amor.
Que fazes, infeliz? e como ousas
Um nome proferir que te renova
A memoria da affronta, que te hão feito?
Que aproveita que queiras, se não podes
Realisar tão donoso projecto?
Quem eu! ir-me expôr á tua vista
No miseravel estado em que me vejo!
Vêr sem cessar teus magicos encantos,
E em inuteis desejos abraçar-me!...
Não, não, antes morrer, este o regresso,
Unico que me resta. Adeus, Heloïsa...
Não penses mais n'um ente, que de homem
Não é mais que um triste simulacro,
Onde o fogo d'amor subsiste ainda,
Quando o gelo da morte já o invade.
Com que direito de teu peito a posse

Semi-defunto conservar pretendo?
Tudo com a morte finda... Adeus que morro...
Põe em teu creador tua esperança,
Observa a sua lei, sê sua esposa,
Consagra-lhe da vida os dias todos....
De ti só quero o ultimo suspiro.

ABAILARD.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.





10909.66-12

CARTAS AMOROSAS

D'UMA

RELIGIOSA PORTUGUEZA



Paris. — Impreso por BOEBGOGNE e MARTINET, rua Jacob, 50





*D. M. A.
Religiosa do Convento
de ... em Beja*

PREFAÇÃO.

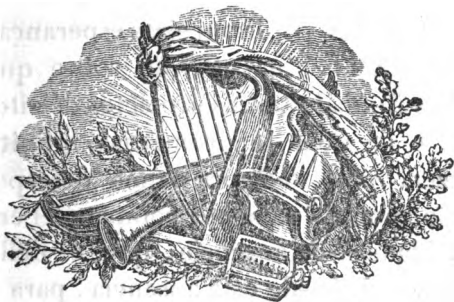
As cartas d'uma religiosa portugueza, que dâmos novamente á luz , apparecêrão , pela vez primeira, vertidas em francez na officina de Pedro Marteau em Colonia sem data ; forão recebidas com tal acceitação, que no anno 1669 apparecêrão

novamente impressas por Claudio Barbin, e assim successivamente em 1777, 1778, 1779, 1796, 1806, 1823 e 1824.

A justa celebridade, de que gozarão as sobreditas cartas no illustrado seculo de Luiz XIV, foi causa de que muitas pessoas de gosto se aventurassem a imitá-las. Uma das imitações, que mais bem acceita foi na republica litteraria, é a que trasladou em linguagem portugueza o nosso eximio poeta Francisco Manoel, com uma elegancia e pureza de dicção digna, a todos os respeitos, de sua bem merecida reputação. A esta versão juntâmos a da imitação feita por M. Dorat. N'uma e n'outra encontrará o leitor a mesma elegancia e simplicidade: n'ellas tambem verá uma viva pintura do amor em todas as suas phases, e com todas suas inquietações, prazeres, arrependimentos, ciúmes, e

heroicos sacrificios. Mariana é a amante mais terna, e desinteressada, e ao mesmo tempo a mais amavel, que dar-se póde.

Esta religiosa vivia pelos annos de 1663 n'um convento de Beja. O cavalleiro com que se correspondia era M. de Chamilly, mais conhecido com o titulo de conde de Saint-Leger, o qual com effeito militava n'essa época em Portugal, como outros muitos officiaes francezes, debaixo das ordens do conde de Schomberg, e voltando para França foi feito marechal em 1703, e cavalleiro das ordens militares em 1705.



CARTAS AMOROSAS

D'uma Religiosa Portugueza.

Parte Primeira.

CARTA PRIMEIRA.



II.

ONSIDÉRA, meu Amor, quão
excessivo foi o teu descuido
de prever o que havia de suc-

I.

ceder-nos! Ah, infeliz! foste enganado, e me trahiste, por lisongeiras esperanças mentirozas: Uma affeição sobre que tinhas fundado tantos projectos deleitosos, e da qual te promettias infinito prazer, põe - te agora n'uma desesperação mortal, sómente comparavel em crueldade á da ausencia, que é della causa. — E ha-de esta ausencia, para a qual ainda a minha dor, por mais engenhosa que seja, não soube achar nome assaz funesto, ha-de ella privar-me de contemplar aquelles olhos em que divisava tanto amor, e que me fazião conhecer affectos, que enchião meu peito de alegria, que erão tudo para mim, tudo supprião, e emfim me satisfazião?

Ai de mim! os meus ficárão privados da unica luz que os animava, sós lhes restão lagrimas; nem eu lhes dou outro exercicio, senão o de chorar continuamente, desde o instante que sube estares resolvido a uma separação,

para mim tão insoffrivel, que em breve tempo me acabará.

Parece-me porém, que de algum modo me affeição a infortunios, dos quaes és a unica causa. — Dediquei-te a minha vida apenas te vi, e sinto algum gosto em fazer-te della sacrificio.

Milhares de vezes no dia a ti envio meus suspiros, que te procurão por toda a parte, e não me trazem outra recompensa de tantas inquietações, mais do que um aviso, por demasia sincero, da minha má Fortuna, a qual cruamente não consente que eu me lisongeie, mas repete-me a cada instante: Cessai, cessai, ó Marianna desditosa, de consumir-te em vão, e de procurar um amante, que jámais tornarás a ver; que passou os mares para fugir de ti, que vive em França entregue ás suas delicias, e que nem um só momento cuida nas tuas magoas, que te dispensa de todos esses transportes, e não sabe agradecer-t'os.... Mas não,

eu não posso resolver-me a formar de ti um conceito tão affrontoso, e tenho nimio interesse em justificar-te. Não quero mesmo imaginar que te esqueceste de mim.

E não sou eu já assaz desaventurada, sem que ainda me deixe atormentar por falsas suspeitas? — Para que fazer esforços por apagar da memoria todos os disvélos, com que anhelaste a dar-me provas do teu amor? Ah! todos estes disvélos tanto me encantarão, que eu seria uma ingrata, se não te amasse com o mesmo arrebatamento a que me impellia a minha paixão, quando gozava d'esses testemunhos, que me davas reciprocamente da tua. Como é possível que lembranças de momentos tão agradaveis se tornassem tão crueis? e que hajão de necessidade, em despeito da sua propria natureza, servir sómente para tyrannisar o meu coração? — Ai de mim! a tua ultima carta o reduzio a um estado miserando : as suas

palpitações forão tão sensiveis, que parecião-me como esforços para separar-se de mim, e reünir-se a ti. — Fiquei tão abatida destas commoções violentas, que cahi em um desmaio por mais de tres horas, perdidos os sentidos... Luctava assim contra a vida que não queria recobrar, pois devo perdê-la por ti, já que não posso conservá-la para ti.... Emfim tornei de máo grado a ver a luz..... Comprazia-me o sentir que morria de amor..... e demais estimava cessar para sempre de soffrer as angustias de um coração, despedaçado pela dor da tua ausencia.

Depois d'este accidente, padeci muitas e diversas indisposições; mas como posso eu existir sem males, em quanto não torno a ver-te? Sei supportál-os sem murmurar, porque de ti provém. — Como? É essa a retribuição que me dás por haver-te amado com tão extremada ternura? — Não importa: estou resolvida a adorar-te toda a minha

vida, e a não ver mais pessoa alguma....., e certifico-te que farias bem de não amar juntamente ninguém. Acaso poderias contentar-te com outra paixão menos ardente do que a minha? — Encontrarias talvez mais formosura (ainda que em outro tempo me disseste que me não faltava gentileza); mas nunca acharias tanto amor..... e tudo o mais é nada.

Deixa de encher as tuas cartas de ociosidades : não me escrevas que me lembre de ti. — Eu não posso esquecer-te, nem tão pouco me esqueço da esperança, que me déste, de vir passar commigo algum tempo. Ah! porque não queres tu passar assim toda a vida? Se me fosse possível sair desta amaldiçoada clausura, não esperaria certo em Portugal o cumprimento das tuas promessas; mas partiria desconcertadamente a buscar-te, seguir-te, e amar-te por todo o mundo. Não ousou lisongear-me desta possibilidade, e não

quero nutrir uma esperança, que me daria seguramente algum gôsto, pois só quero ser sensível aos meus pezares.

Confesso todavia, que meu irmão, offerecendo-me uma occasião de escrever-te, causou-me a surpresa de alguma sensação de alegria, e suspendeu por um instante a desesperação em que estou.

Conjuro-te de dizer-me para que te applicaste com tanta efficacia a encantar-me, como fizeste, sabendo muito bem que devias abandonar-me? — Ah! dize, porque motivo te assanhaste em fazer-me desgraçada? — Porque me não deixaste tranquilla no meu claustro? — que injuria ou mal te havia eu feito!

Mas perdoa: — não te imputo culpa alguma: — não me sinto forças de cuidar na minha vingança: — accuso unicamente o rigor de meu acerbo destino. Parece-me, que separando-nos, fez-nos todo o mal que podíamos temer. Separar nossos corações não poderia. O amor

8 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

mais poderoso do que elle os ligou por toda a nossa vida. Se tens algum interesse na conservação da minha, escreve-me frequentemente. Bem mereço attenção e cuidado de me participares o estado de teu coração, e da tua fortuna, — sobretudo vem a ver - me. — Adeus! não posso largar este papel, que ha de ir ás tuas mãos. — Bem quizera ter a mesma dita... — Ai! que loucura é a minha! Percebo, ainda mal, que isso não é possível... Adeus! não posso mais... Adeus! ama-me constantemente, e faz-me padecer inda maiores males.





CARTA SEGUNDA.

PARECE-ME que faço grão menos-
cabo dos sentimentos do meu
coração, em procurar dar-te

II.

2

delles um perfeito conhecimento, escrevendo-os. Quão venturosa seria eu, se tu podesses avaliá-los justamente pela vehemencia dos teus! Mas tu não es capaz de os julgar, nem eu devo pôr em ti essa confiança; assim vejo-me obrigada a dizer-te, e ainda menos vivamente do que o sinto, que não devias maltratar-me como fazes, mostrando um esquecimento de mim, que me desespera por extremo, e mesmo a ti, serve de vituperio.

É bem justo ao menos, que toleres os meus queixumes dos infortunios por mim previstos, desde que sube a tua resolução de me deixar. Bem conheço que me enganei, em pensar que terias commigo um procedimento de melhor fé do que é costume; porque me parecia, que o meu excessivo amor fazia-me superior'a todas e quaesquer suspeitas, e merecia de ti uma fidelidade além da que se encontra de ordinario: mas tua propensão para trahir-me

venceo emfim a justiça, que devias a tudo quanto por ti havia feito.

Não deixaria ainda de ser bem desafortunada, se soubesse que me amavas unicamente porque eu te amo, pois quizera tudo dever á tua propria inclinação: porém tão longe estou de um tal estado, que são passados seis mezes em que nem uma só carta recebi de ti!

Todas estas desgraças attribuo á cegueira, com que me abandonei a amar-te. — Não devia eu prever que todo o meu contentamento feneceria mais de pressa que o meu amor? Podia eu esperar que te demorasses toda a vida em Portugal, e que renunciasses a tua fortuna e o teu paiz para tẽ occupar sómente de mim? — As minhas penas não podem admittir allivio algum, e a lembrança dos meus prazeres remata a minha desesperação.

Como assim? — Todos os meus desejos se frustrarão, e não tornarei mais a ver-te na minha cella arrebatado da ar-

dente paixão que me mostravas? Mas; ai de mim! quanto me engano! Em demasia conheço agora que todos os alvoroços, que se apoderavam da minha cabeça e do meu coração, em ti são excitados sómente por alguns deleites, que acabavam tão rapidamente como elles.

Era-me necessario nesses momentos felicissimos implorar o auxilio da minha razão, para moderar o funesto excesso das minhas delicias, e para annunciar-me tudo o que soffro presentemente. Mas entregava-me toda a ti, e não me achava em estado de pensar no que podia amargurar o meu jubilo, e impedir-me de gozar plenamente das fervorosas demonstrações da tua affeição. Sentia demasiada satisfação de estar contigo, para poder lembrar-me de que um dia te acharias longe de mim. Lembra-me comtudo de haver-te dito algumas vezes, que me farias desgraçada, mas estes receios desvanecião-se immediatamente, e comprazia-me em

fazer-te delles o sacrificio, e em abandonar-me ao encanto, e á má fé das tuas protestações.

Diviso mui bem qual seria o remedio efficaz para os meus males, e delles me veria cedo livre, se cessasse de amar-te; mais ai de mim! que remedio cruel!... Não, antes quero soffrêl-os, e muitos mais ainda, do que esquecer-te... Ai! depende isso de mim? — Não posso accusar-me de ter um só momento desejado não te amar. — Póde-se ter de ti mais dó que de mim; mais val padecer quanto padeço, do que gozar dos languidos prazeres que te|dão as tuas amigas de França.

Não invejo a tua indifferença, — fazes-me lastima!.... Desafio-te a esquecer-me inteiramente... Lisongei-me de te haver reduzido ao estado de não teres sem mim gôsto que não seja imperfecto; — e sou mais feliz do que tu, porque tenho mais occupação.

Há pouco tempo nomeárão-me Por-

teira neste Convento : todas as pessoas que tratão commigo presumem que estou louca ; — não sei o que lhes respondo : é necessario que as Religiosas sejam tão insensatas como eu, para me julgarem capaz de algum emprego e cuidado. Oh ! quanto invejo a sorte do Manoel, e do Francisco ! — Porque não estou como elles sempre contigo ? — Teria partido em tua companhia, e te serviria seguramente de melhor vontade.

Nada appetço neste mundo senão ver-te : — ao menos lembra-te de mim ! — Contento-me com a tua lembrança ; mas não ousou mesmo averiguar a certeza della : em outro tempo, não punha eu esse termo ás minhas esperanças, quando te via todos os dias : — Mas ensinaste-me bem a necessidade da perfeita submissão a todas as tuas vontades. — Não me arrependo comtudo de haver-te adorado , — folgo mesmo que me seduzisses ; — a tua ausencia rigorosa, quiçá eterna, em nada diminue a vehe-

mencia da minha paixão : — Quero que todos o saibão ; não faço misterios della, e tenho a maior satisfação de tudo quanto fiz por amor de ti , contra todas as regras do decoro : não faço consistir a minha honra e devoção mais do que em amar-te perdidamente toda a minha vida, já que comecei a amar-te.

Não te digo todas estas cousas para obrigar-te a escrever-me : — Ah! não te faças violencia : — nada quero de ti que não seja espontaneo, e de teu proprio movimento : — rejeito todas as provas de amor que constrangido me déres.

Comprazer-me-hia em desculpar-te, pela razão que te comprazerias talvez em evitar o trabalho de escrever-me : tão profunda é a minha disposição para perdoar-te todas as tuas faltas! —

Um official francez teve a caridade de passar tres horas, ou mais, commigo, fallando-me de ti : disse-me que a paz da França estava feita. Se assim é , não poderias tu vir aqui ver-me, e levar-me

16 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

comtigo para França?... Mas tanto não mereço... faze tudo o que te agradar... O meu amor já agora não depende do modo por que me tratares...

Desde a tua partida, não tenho tido um só momento de saúde, nem sinto allivio senão em repetir o teu nome mil vezes no dia. Algumas Religiosas, que sabem o estado deploravel a que me reduziste, fallão-me de ti frequentemente. São o menos que me é possível da minha cella, aonde vieste tantas e tantas vezes, e ahi contemplo o teu retrato, que me é mais caro mil vezes do que a propria vida. Delle recebo algum contentamento, mas a este succede uma dolorosa tristeza, quando reflecto, que não tornarei talvez mais a ver-te. Por que fatalidade será possível que nunca mais te veja?... Acaso me abandonaste para sempre?... Estou desesperada A tua pobre Marianna não póde mais Desfallece acabando esta carta... Adeus, adeus... tem compaixão de mim.



CARTA TERCEIRA.

QUE será de mim!... e que que-
res tu que eu faça?... Vejo-me
bem longe de tudo o que tinha

imaginado! Esperava que me escreveses de todos os lugares por onde passases; que as tuas cartas seriam mui extensas; que alimentarias a minha paixão com as esperanças de ainda ver-te; que uma inteira confiança na tua fidelidade me daria alguma especie de repouso; e que ficaria assim em um estado assáz supportavel, sem extremador. Tinha até formado alguns leves projectos de fazer os esforços, que me fossem possiveis, para curar-me, no caso de saber com certeza que me tinhas esquecido completamente. A tua ausencia, alguns toques de devoção, o receio natural de arruinar totalmente a pouca saúde que me resta, por cansadas vigílias e tantas inquietações, a escaça apparencia da tua volta, a frieza da tua affeição, e dos teus ultimos adeus, e a tua partida, fundada em frivolos pretextos, e mil outras razões mais que boas, e demasiado inuteis, parecião prometter-me um auxilio assáz certo, se me viesse a

ser necessario. Não tendo emfim a combater senão commigo, mal podia desconfiar de todas as minhas fraquezas, nem apprehender tudo o que hoje soffro...

Oh triste de mim! Quanta compaixão mereço, visto não ser-mos ambos participantes das penas, mas eu só a desgraçada!.. Este pensamento mata-me, e morro de susto de que jamais tenhas sido extremamente sensível a todos os nossos prazeres. Agora sim conheço a má fé de todos os teus affectos... Enganavas-me todas as vezes que me dizias ter summo gosto de estar só commigo... A's minhas importunações devo sómente os teus disvélos e transportes... De sangue frio formaste a tenção de me abraçar, e consideraste a minha paixão como um troféo, sem que o teu coração jámais fosse commovido entranhavelmente... Não debes tu ser bem infeliz, e ter bem pouca delicadeza, para nunca haver sabido colhêr outro fructo dos meus en-

levamentos?... E como é possível que com tanto amor, eu não tenha podido fazer-te completamente venturoso?... Lamento, por amor de ti sómente, as deleitações infinitas que perdeste... por que fatalidade não quizesste disfructá-las?... Ah! se as conhecesses, acharias sem duvida que são mais sensiveis de que a satisfação de me ter seduzido, e terias experimentado que somos mais felizes, e sentimos qualquer cousa de mais fino mimo em amar ardentemente, do que em ser amados.

Não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo :... mil tormentos contrarios me despedação!.... Quem poderá imaginar um estado mais deploravel?... Amo-te como uma perdida, e modero-me ainda assim contigo, até não ousar talvez desejar-te as mesmas tribulações, os mesmos transportes que me agitação.... Matar-me-hia, ou a não fazê-lo, morreria de dor, se estivesse certa, que nunca tinhas repouso, que a

tua vida era uma continua desordem, e perturbação, que não cessavas de derramar lagrimas, e que tudo aborrecias... Eu não me sinto forças para os meus males, como poderia supportar a dor que me causarião os teus, mil vezes mais penetrantes?...

Comtudo não posso do mesmo modo resolver-me a desejar que não me tragas no pensamento, e para fallar-te sinceramente, sinto com furor ciúmes de tudo quanto possa causar-te alegria, commover o teu coração, e dar-te gôsto em França.

Ignoro por que motivo te escrevo ... Vejo que apenas terás dó de mim, e eu rejeito a tua compaixão, e nada quero della. Enfado-me contra mim mesma, quando faço reflectão sobre tudo o que te sacrifiquei... Perdi a minha reputação, expuz-me aos furores de meus pais e parentes, ás severas leis d'este Reino contra as Religiosas..., e á tua ingratição, que me parece a maior de todas as desgraças...

Ainda assim eu sinto que os meus remorsos não são verdadeiros, e que do intimo de meu coração quizera ter corrido muito maiores perigos por amor de ti, e provo um funesto prazer de ter arriscado por ti vida e honra. Tudo o que me é mais precioso não devia eu entregá-lo á tua disposição?... E não devo eu ter muita satisfação de o ter empregado como fiz?... Parece-me até não estar contente, nem das minhas magoas, nem do excesso de meu amor, ainda que, ai de mim! não possa, mal peccado, lisongearme de estar contente de ti... Vivo, e como desleal, faço tanto por conservar a vida, quanto perdê-la!... Morro de vergonha acaso a minha desesperação existe sómente nas minhas cartas?... Se eu te amasse com aquelle extremo, que milhares de vezes te disse, não teria eu já de longo tempo cessado de viver?... Enganei-te tens toda a razão de queixar-te de mim... Ah! porque te não queixas?... Vi-te partir; ne-

nhumas esperanças posso ter de mais ver-te;... e ainda respiro!..... É uma traição;... peço-te della o perdão; mas não m'o concedas;... trata-me rigorosamente; não julgues os meus sentimentos assáz vehementes;... sê mais difficil de contentar;... ordena-me nas tuas cartas, que morra de amor por ti... Oh! conjuro-te de me dar este auxilio, para poder vencer a fraqueza do meu sexo, e pôr termo ás minhas irrésoluções, por um golpe de verdadeira desesperação.

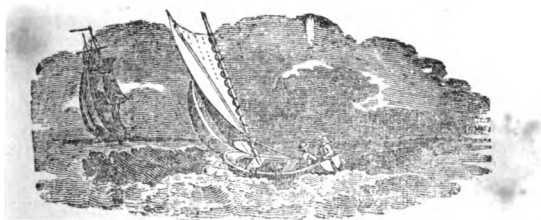
Um fim tragico, obrigar-te-bia, sem duvida, a pensar muitas vezes em mim;... a minha memoria te seria cara....., e quiçá esta morte extraordinaria te causaria uma sensivel commoção. E a morte não é por ventura preferivel ao estado a que me abaixaste?... Adeus! muito quizéra nunca haver posto os olhos em ti. Ah! sinto vivamente a falsidade d'este sentimento, e conheço neste mesmo instante em que te escrevo, quanto prefiro e prézo mais ser infeliz

amando-te, do que não te haver jamais visto.

Cedo sem murmurar á minha malfadada sorte, já que tu não quizeste torná-la melhor. Adeus, promette-me de conservar uma terna, e maviosa saudade de mim, se eu fallecer de dor; e assim possa ao menos a violencia da minha paixão inspirar-te desgosto, e afastar-te de tudo! Esta consolação me será sufficiente, e se é força que te abandone para sempre, desejava muito não deixar-te a outra.

Dize, não seria nimia crueldade a tua, se te servisses da minha desesperação para pareceres mais amavel, mostrando que accendeste a maior paixão que houve no mundo? Adeus outra vez... Escrevo-te cartas excessivamente longas, o que é uma falta de consideração para ti; peço-te mil perdões, e atrevo-me a esperar que terás alguma indulgencia para com uma probre insensata, que o não era, como tu bem

sabes, antes de amar-te, Adeus. Parece-me que demasiadas vezes me dilato em fallar do estado insupportavel em que estou : comtudo agradeço-te do intimo do meu coração a desesperação que me causas, e aborreço o socego em que vivi, antes de conhecer-te... Adeus, a minha paixão cresce a cada momento. Ah! quantas cousas tinha ainda para dizer-te!...





CARTA QUARTA.

Q teu tenente acaba de dizer-me,
que fôras obrigado a arribar, por
força de uma tormenta, no rei-

no do Algarve. Receio que soffresses muito sobre o mar, e esta apprehensão se apoderou de mim tão vivamente, que não cuidei mais nos meus males... Estás tu bem persuadido, que o teu tenente toma mais interesse do que eu, em tudo o que te acontece?... Por que razão teve elle esta informação antes de mim?... finalmente, porque não me escreveste?...

Sou bem desgraçada, se nenhuma occasião encontraste para o fazer depois da tua partida, e mais desgraçada ainda, se tendo occasião, me não escreveste!... A tua injustiça, e a tua ingratição são extremas; mas affligir-me-hia desesperadamente, se te careassem algum infortunio: pois antes quero que dellas não recebas o castigo, do que ver-me vingada. Resisto a todas as apparencias que deverião persuadir-me de que mui pouco amor me tens, e sinto maior propensão a abandonar-me cegamente á minha paixão, do que ás razões que me

offereces para queixar-me da tua falta de attenção e cuidado.

Quantas inquietações me terias poupado, se o teu procedimento fosse tão remisso e languido nos primeiros dias que te vi, como me parece agora, e desde algum tempo!... Mas quem não deixaria enganar-se como eu, por tantos disvélos, e a quem não parecerião elles sinceros?... Quanto custa resolver-nos a suspeitar longamente da boa fé daquelles que amâmos!...

Vejo muito bem que a menor desculpa te satisfaz, e antes que tu attendas a dar-m'as, o amor que tenho por ti, serve-te com tanta fidelidade, que não posso consentir em descobrir-te culpas, senão para gozar do sensível prazer de justificar-te eu mesma.

Consumiste-me com as tuas assiduas perseveranças;... inflammaste-me com os teus transportes;... encantaste-me com as tuas finezas;... asseguraste-me com os teus juramentos;... a minha in-

clinação violenta seduzio-me,... e as consequencias d'estes começos , tão agradaveis , e tão venturosos, não são mais do que lagrimas, gemidos, e uma funesta morte, sem que possa achar-lhe algum remedio!

Verdade é que , amando-te , gozei deleitações maravilhosas, mas custão-me hoje penas extraordinarias!... Todas as commoções que me causas são extremas... Se eu tivesse resistido ao teu amor , se te houvesse dado qualquer motivo de enfado e de ciúme, para mais inflamar-te,... se tivesses notado no meu proceder alguma reserva artificiosa, se eu emfim tivesse querido oppor a razão á inclinação natural, que para ti sentia, e da qual cedo me advertiste (posto que os meus esforços sem duvida terião sido inuteis), poderias castigar-me severamente, servindo-te de todo o teu poderio :... mas pareceste-me amavel, antes de me haveres dito que me amavas :... juraste sentir por mim a maior

paixão;... fiquei de gôsto absorta;... e entreguei-me a amar-te perdidamente...

Tu não estavas como eu vendado, porque soffreste pois que eu caísse no estado em que me acho?... Que querias tu fazer dos meus enlevamentos, que não podião deixar de ser-te mui importunos?... Tu bem sabias que não havias de ficar sempre em Portugal; e porque a bel prazer me escolheste aqui, para fazer-me tão desgraçada? Neste paiz terias sem duvida encontrado outra qualquer mulher mais formosa, com a qual terias desfructado iguaes divertimentos, pois só os grosseiros procuravas, que te teria amado com fidelidade em quanto estivesses presente á sua vista, e que o tempo teria podido consolar facilmente da tua ausencia, e que tu terias podido abandonar sem perfidia e sem crueldade..... Semelhante procedimento é mais proprio de um tyranno affincado a perseguir, do que de um amante, que só deve pôr cuidado em agradar.

Ai de mim ! porque tratas com tanto rigor um coração todo teu? Vejo claramente que es tão facil em deixar-te persuadir contra mim , como eu o fui em deixar-me persuadir a favor de ti.

Eu teria resistido, sem o estimulo de todo o meu amor, e sem o mais leve pensamento de ter feito alguma façanha, a razões maiores do que as que pudé-
rão obrigar-te a deixar-me... Todas me terião parecido mui fracas, e nenhuma terião tido a força de arrancar-me de teu lado :... mas tu quizeste aproveitar os pretextos, que pudeste achar para voltar a França... Um navio partia..... Deixál-o partir !... A tua familia te havia escrito... Ignoras tu as perseguições que eu soffri da minha?... A honra obrigava-te a me abandonar... Curei eu da minha?... Tinhas obrigação de ir servir o teu Rei... Se tudo que d'elle dizem é verdade, podia escusar os teus serviços, e saberia desculpar-te.

Teria sido nimiaamente afortunada se

juntos tivéssemos passado a vida ; mas já que era forçoso que uma ausencia cruel nos separasse, parece-me que devo sentir grande satisfação de não ter sido infiel ; e não quizéra, por quanto há no mundo, ter commetido uma acção tão feia... Como!... Conhecêste o fundo do meu coração, e o extremo da minha ternura, e pudeste resolver-te a deixar-me para todo sempre, e a expôr-me aos sustos que devem assaltar-me do teu esquecimento, ou ao receio de que te lembres sómente de mim para sacrificar-me a uma nova paixão!...

Bem vejo que te amo como uma louca : com tudo não me queixo de todos os impetos violentos do meu coração ; habituo-me ás suas perseguições ; e mal poderia viver sem um particular prazer que descubro e desfructo , amando-te entre mil dores e pezares...

Mas o que me mortifica sem cessar é o enojo e aversão, que tenho para tudo... A minha familia, os meus amigos, este

convento, são-me insupportaveis. Tudo que de obrigação devo ver, tudo que de necessidade devo fazer, me é odioso.. Tão zelosa sou da minha paixão, que, a meu parecer, todas as minhas acções, todos os meus deveres te dizem respeito... Sim, faço algum escrupulo se não emprégo por ti todos os momentos da minha vida... Que faria, ai de mim! sem tamanho odio, e tamanho amor, quaes enchem o meu coração? Poderia eu sobreviver ao que me occupa continuamente, para levar uma vida tranquilla, e languida?... Não, semelhante vacuo, e tal insensibilidade, não me convêm.

Todos reparão na mudança completa do meu genio, do meu modo, e de toda a minha pessoa..... Minha mãe fallou-me nisto ao principio com desabrimiento, depois com alguma bondade..... Não sei o que lhe respondi;... parece-me que tudo lhe confessei..... As mais austeras Religiosas compadecem-se do esta-

do em que me vêem : mesmo é causa de mostrarem certa consideração, e melindre para commigo. Todos se commovem do meu insano amor,..... e tu só, tu permaneces em profunda indiferença!..... sem escrever-me senão cartas frias, cheias de cansadas repetições, que nem enchem a metade do papel....., dando a conhecer grosseiramente que morrias da impaciencia de findá-las.

Dona Brites perseguio-me, há alguns dias, para fazer-me sair do meu aposento, e julgando divertir-me, levou-me á varanda d'onde se vê Mértola..... Segui-a, sim; mas ali fui assaltada immediatamente por uma cruel lembrança, que me fez derramar lagrimas todo o resto do dia. Reconduzio-me; e apenas chegada deitei-me sobre a cama, aonde fiz mil reflexões sobre a pouca apparencia que vejo de jámais sarar..... Tudo que fazem, para aliviar-me,exaspera a minha dor, e nos

mesmos remedios acho motivos particulares de affligir-me..... Naquelle lugar te vi passar muitas vezes com um garbo, e gentileza que me encantavão. Achava-me sobre esta varanda no dia fatal, em que comecei a sentir os primeiros effeitos da minha desditosa paixão. Pareceo-me que desejavas agradecer-me, ainda sem me conheceres; persuadi-me que me tinhas distinguido entre todas as minhas companheiras; imaginei, quando te demoravas, que tinhas gosto de que eu admirasse a destreza, e bizzarria com que arremessavas o teu cavallo; sorprendeo-me mesmo o susto que experimentei, quando o fizeste passar por um sitio escabroso; emfim interessava-me secretamente em todas as tuas acções : bem sentia que não me eras indifferente, e tomava para mim tudo o que fazias.

Tu conheces em demasia as consequencias d'estes começos; e ainda que não tenha a guardar respeitos, não

devo comtudo referir-t'as, receando de augmentar os teus crimes, e de arguir-me de tantas diligencias inuteis para obrigar-te a ser-me fiel..... Não o serás, ingrato!..... Como posso eu esperar das minhas cartas, e dos meus queixumes, o que o meu amor, e inteiro abandono não poderão vencer da tua ingratidão?

Estou mais que certa da minha infelicidade, o teu iniquo procedimento não me deixa a menor razão para duvidaar d'ella; tudo devo apprehender, pois me abandonaste!

Os teus attractivos terão por ventura só poder sobre mim? Deixarás tu de parecer bem a outros olhos?..... Creio que não desestimaria que os sentimentos dos outros justificassem de algum modo os meus, e quizera que todas as damas de França te reputassem amavel, que nenhuma te amasse, e que nenhuma te agradasse. Este projecto fantastico é ridiculo, e impossivel; não obstante saber assaz de propria

experiencia quão pouco és capaz de uma tenaz affeição, e que para esquecer-me não careces de auxilio algum, nem de ser constrangido por uma nova paixão. Talvez desejava conhecer-te algum pretexto com lume de razão: verdade é que eu seria mais desgraçada, mas tu menos culpavel.

Vejo, ainda mal, que te demorarás em França, sem grande contentamento, com plena liberdade. As fadigas de uma viagem longa, quaesquer pequeninas obrigações, e o pejo de não saber corresponder aos meus transportes, são as causas que te retêm. Ah! não me temas.... Contentar-me-hei com ver-te de tempos a tempos, e saber unicamente que vivemos no mesmo sitio, e respirâmos o mesmo ar.

Mas quiçá lisongei-me, a severidade e rigores de outra mulher te commoverão mais do que te commoverão os meus favores... Será possivel que máos tratos tenham a efficacia de incender-te?

Reflecte porèm, antes de enleiar-te em uma grande paixão, e attende o excesso das minhas dolorosas afflicções, a incerteza de todos meus projectos, a diversidade das agitações de minha alma, a extravagancia das minhas cartas, as minhas confianças, as minhas desesperações, os meus anhelantes desejos, os meus ciúmes... Ah! guarda-te da infelicidade que te espera.... Conjuuro-te de tirar proveito do estado em que eu caí, para que, ao menos, o que soffro por ti, não te seja inutil.

Haverá cinco ou seis mezes fizeste-me uma confidencia molesta, confessando-me com demasiada sinceridade, que tinhas amado uma dama no teu paiz..... Se é ella quem te impede de voltar aqui, dize-m'o sem disfarce, para que cesse de finar-me lentamente. Algum resto de esperança sustenta-me ainda; mas se este deve ser frustrado, estimaria mais perdê-la inteiramente, e perder-me com ella... Manda-me o seu retrato,

e algumas das suas cartas : escreve-me tudo o que ella te diz : talvez descobrirei motivos de consolar-me, ou de ainda mais affligir-me. Não posso aturar por mais tempo este trabalhoso estado em que permaneço : toda mudança me será favoravel.... Quizéra tambem possuir o de teu irmão, e o de tua cunhada. Tudo que te pertence me é por extremo caro ; e sou perfeitamente devota a tudo que te diz respeito. Nada reservei para mim, nenhuma disposição de mim mesma... Há momentos nos quaes me parece , que seria capaz de submeter-me até a servir aquella que amas... Tanto os teus máos tratos e desprezos me tem abatido , que não ousa ás vezes , nem se quer cogitar que poderia, a meu parecer, demandar-te ciúmes sem desagradar-te, e que creio obrar com a maior semrazão em dirigir-te reproches... Muitas vezes deixo-me convencer, que não devo manifestar-te com insano furor, como faço, sentimentos que tu desdenhas.

Há muito tempo que um official espera por esta carta... Tinha resolvido escrevê-la de modo que podesses recebê-la sem desgosto, mas é demasiado extravagante..... é necessario terminá-la. Ai de mim! não me sinto forças para tomar esta resolução; parece-me que te fallo quando te escrevo, e que me estás algum tanto mais presente... A primeira que te escrever não-será nem tão extensa, nem tão enfadonha; poderás abri-la, e lê-la fiado na minha palavra. Verdade é que não devo fallar-te de uma paixão, que te é desagradavel, e della mais não te fallarei.

Daqui a poucos dias fará um anno que me abandonei toda a ti; sem alguma consideração, e comedimento! O teu amor parecia-me muito fervoroso, e jámais teria pensado, nem por sombras, que os meus favores te desgostassem, até obrigarem-te a fazer quinhentas legoas, e a expor-te a naufragios, só para te alongares de mim: de ninguem era de

esperar semelhante tratamento !... Podes lembrar-te do meu pudor, da minha confusão, da minha desordem;... mas tu não te lembras de cousa alguma, que haja de obrigar-te , mal grado teu, a amar-me !

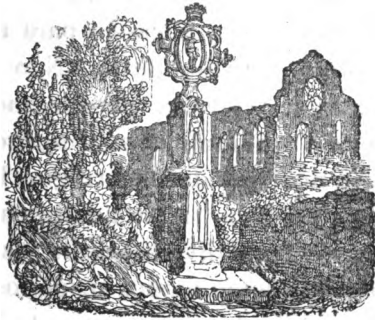
O official, que deve levar-te a minha carta, avisa-me pela quarta vez que quer partir. Que pressa tem !.... Abandona certamente alguma pobre desgraçada neste paiz.

Adeus, custa-me mais a acabar esta carta , do que te custou deixar-me, talvez para sempre. Adeus, não me atrevo a dar-te mil ternos nomes , nem abandonar-me livre de qualquer constrangimento a todos os meus affectos... Amo-te mil vezes mais que a propria vida, e mil vezes mais do que imagino. Quanto me es caro, e quanto es cruel para mim !.... Tu não me escreves !..... Não pude cohibir - me de repetir-te ainda isto.... Torno a principiar, e o official partirá... Que importa?.... Parta embo-

42 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

ra!... Eu escrevo mais para mim do que para ti... Al não procuro senão desabafar; assim tambem o comprimento da minha carta te ha-de metter medo;... não a lerás... Que fiz eu para ser tão desditosa?... E porque inficionaste com veneno a minha vida?... Ah! porque não nasci em outra terra?... Adeus, desculpa-me: não ousou rogar - te que me ames.... Vede a que termos me reduzio o meu destino!... Adeus!





CARTA QUINTA E ULTIMA.

ESTA é a ultima carta que te escrevo, e espero fazer-te conhecer pela differença dos termos

e do estilo della, que me persuadiste emfim que não me amavas, e por tanto que devo cessar de amar-te. Aproveitarei pois a primeira occasião para mandar-te o que me resta de ti... Não arreces que te escreva, porque mesmo não porei o teu nome no sobrescrito. De todas particularidades encarreguei Dona Brites, a qual eu tinha acostumado a confidencias mui diversas desta : os seus cuidados me serão menos suspeitos que os meus. Ella ha-de usar de todas as cautélas precisas, a fim de poder assegurar-me que recebeste o retrato, e pulseiras que me déste. Quero porèm que saibas que desde alguns dias me sinto em estado de poder rasgar e queimar os penhores do teu amor, que tão extremosamente queridos tinha; mas dei-te a conhecer tanta fraqueza, que jámais terias acreditado que eu chegasse a ser capaz de uma tal extremidade... Quero assim comprazer-me em toda a pena, que experimentei, separando-me delles

e causar-te ao menos qualquer agastamento.

Confesso com vergonha minha e tua, que me achei mais apegada do que quero dizê-lo, a estas ninharias, e que senti serem-me de novo necessarias todas as minhas reflexões, para desembaraçar-me de cada uma em particular, quando já me lisongeava de não ser-te mais afeiçoada. Mas tudo se consegue, sendo ahi a vontade ajudada de tantas razões.

Entreguei-as a Dona Brites... Quantas lagrimas me custou esta resolução! Depois de mil agitações, mil incertezas, que tu não conheces, e de que não te darei conta seguramente, pedi-lhe com as maiores instancias de não me fallar mais nellas, de não restituir-m'as, ainda quando lh'as pedisse sómente para as ver uma derradeira vez, e de enviál-as finalmente, sem dar-me aviso.

Só conheci bem o exesso do meu amor, depois que quiz fazer todos os esforços para curar-me delle, e creio

que não teria ousado attentál-o, se tivesse antevisto tamanhas difficuldades e tantas violencias. Estou persuadida que teria sentido perturbações menos desagradaveis, amando-te, ingrato como és, do que despedindo-me de ti para todo sempre. Experimentei que te queria menos do que a minha paixão, e tive extraordinario trabalho em combatê-la, depois que os teus injuriosos procedimentos me fizerão a tua pessoa odiosa.

A altivez, propria do meu sexo, não me ajudou a tomar estas resoluções contra ti. Ai de mim! Tenho soffrido os teus desprezos, teria supportado o teu odio, e até o negro ciúme que me causasse a tua affeição para outra; pois teria tido ao menos alguma paixão com que pelejar, mas a tua indifferença me é insupportavel!..... As impertinentes tuas protestações de amizade, e os ridiculos complimentos da tua ultima carta, me fizérão ver que tinhas recebido todas as que te escrevi, que não movêrão

no teu coração nenhuns affectos, e que todavia as leste!..... Ingrato!..... Tal é ainda a minha loucura, que me desespero por não poder lisongear-me que ellas não chegassem até ahi, ou que não te fossem entregues.

Detesto a tua lhaneza... Por ventura tinha-te pedido de me participares singelamente a verdade?... Porque me não deixavas as illusões da minha paixão!.... Bastava não me escrever : eu não procurava ser alumiada e desenganada. Não é grande desdita a minha, quando vejo que não pude obrigar-te sequer a usar de alguma precaução, para continuar a trazer-me em doce engano , e que assim não sei mais como desculpar-te!... Sabe pois que percebo emfim seres indigno de todos os meus sentimentos, e conheço todas as tuas ruíns qualidades.

Porèm se tudo quanto obrei por amor de ti, póde merecer que dês alguma, ainda que tenue , attenção ao favor que imploro, conjuro-te de não me escrever

mais, e de ajudar-me a perder inteiramente de ti a memoria. Se levemente mesmo me affirmasses ter sentido algum pezar, lendo esta carta, talvez te acreditaria, e talvez tambem a tua confissão e o teu consentimento me causarião despeito, e ira, e tudo isto poderia atear em mim de novo a chamma.

Não te embaraces pois com a minha conducta; derribarias todos os meus projectos, de qualquer modo que te quizesse ingerir nelles. Não quero saber o successo desta carta: não venhas perturbar aquelle estado para o qual me disponho. Parece-me que podes estar satisfeito dos males que já me causas, qualquer que fosse o teu primeiro intento de fazer-me desgraçada. Não me privas da minha incerteza; espero com tempo alcançar por meio della alguma tranquillidade. Prometteo de não aborrecer-te; desconfio demasiadamente de todo sentimento violento, para ousar intentá-lo.

Estou persuadida que acharia neste paiz um amante mais fiel;... mais ai! quem poderia dar-me amor? A paixão de outrem teria acaso virtude de occupar-me?... Que poder teve a minha sobre ti! Não fiz en a experiencia, que um coração enternecido não esquece mais o que o fez descobrir transportes que não conhecia, e de que era capaz; que todòs seus affectos e movimentos estão profundamente arraigados ao idolo, que erigio para a sua adoração;... que as suas primeiras feridas não podem ser nem cicatrizadas, nem extinctas; que todas as paixões, que lhe offerecem soccorro, e com todas suas forças tentão enchêl-o, e contentál-o, lhe promettem vãmente uma sensibilidade que não recúpera mais; que todòs os prazeres que procura, sem desejo de os encontrar, não servem senão para convencêl-o, que nada lhe é tão caro como a lembrança das suas penas?

Para que me fizeste conhecer a im-

perfeição, e desagrado de uma paixão, que não deve durar eternamente, e os infortúnios que acompanhão um amor violento, quando não é reciproco? E por que causa uma inclinação cega, e um cruel destino se aferrão de ordinario em decidir-nos por aquelles que nos desamão, e que serião sensiveis a outros amores?

Quando mesmo eu pudesse esperar qualquer distracção, e recreio de uma nova affeição, em encontrar um homem sincero ao qual me liasse, tenho tanto dó de mim, que faria muito escrupulo de pôr o mais infimo de todos no estado de miseria a que me reduziste; e ainda que eu nenhuma obrigação tenha de poupar-te, não poderia resolver-me a exercitar sobre ti uma vingança tão cruel, no caso mesmo que ella dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro actualmente de desculpar-te, e comprehendo perfeitamente que uma

Religiosa é em geral pouco amavel. Comtudo parece que, se os homens fossem susceptiveis de razaõ nas escolhas que fazem, deverião antes namorar-se dellas do que das outras mulheres. Nada as estorva de pensar constantemente na sua paixão; nenhuma das mil cousas que no seculo servem de occupação, e divertimento, as distrahem. Parece-me que não deve ser muito agradavel ver as Dainas que amão, sempre distrahidas por mil bagatelas, e que é preciso ter bem pouca delicadeza, para soffrer, sem uma desesperada impaciencia, que ellas fallem tão sómente de assembleas, atavios, e passeios... Elles estão expostos incessantemente a novos ciúmes, sendo ellas obrigadas a obsequiosas attenções, a complacencias, e conversações infinitas. Quem póde assegurar-se de que em todas estas occasiões não sentem algum deleite, e de que supportão sempre todos os deveres de seu estado com extremo enojo, e nenhum

consentimento?... Ah! quanto devem ellas desconfiar de um amante, que lhes não pede contas bem exactas de tudo, que acredita facilmente, sem inquietação, quanto ellas lhe dizem, e que com muita confiança, e tranquillidade as vê sujeitas a todas estas obrigações!

Mas não pretendo provar-te com boas razões que devias amar-me : estes meios são pessimos, e outros muito melhores empreguei eu, que me não aproveitarão. Conheço demasiadamente qual é a força do meu destino, para diligenciar superál-o;... hei-de-ser infeliz toda a minha vida!... Não o era eu quando te via todos os dias? Morria de susto de que não me fosses fiel; queria ver-te a cada instante, o que não era possível; perturbava-me o perigo a que te arriscavas, entrando neste convento;... não vivia quando estavas no exercitô; desesperava por não ter mais formosura, e ser mais digna de ti; murmurava contra a mediocridade da minha

condição; imaginava muitas vezes que o amor, que parecias ter por mim, poderia de algum modo prejudicar-te; julgava, a meu parecer, que não te amava sufficientemente; atemorizava-me a ira dos meus parentes contra ti; e estava enfim em um estado tão lastimoso como aquelle, em que presentemente me acho.

Se me tivesses dado algumas provas da tua paixão, depois que estás ausente de Portugal, teria feito todos os esforços para sair tambem d'elle, e disfarçada em outros trajos, ir encontrar-me contigo... Ai! que teria sido de mim se depois de chegar á França, tu ali de mim nenhum caso fizesses? Que desordem!... Que desatino!... Que cumulo de vergonha para a minha familia, que tão cara me é depois que não te amo!

Bem vês que, a sangue frio, conheço que era possível chegar a ser ainda mais miseravel, e mais digna de commiseração do que o sou, e que ao me-

nos te fallo uma vez na vida, de bom
sizo..... Quanto a minha moderação te
será grata! Quanto ficarás contente de
mim!..... Não quero sabê-lo :..... já te
pedi de não tornar a escrever-me, e de
novo te supplico com a maior instancia
o mesmo.

Acaso nunca fizeste alguma reflexão
sobre o modo por que me tens tratado?
Não te vem ao pensamento jámais as
muitas obrigações que me deves, com
preferencia a todas as pessoas do mun-
do? Amei-te como uma louca!..... Que
desprezo tinha para todas as cousas!.....
O teu procedimento não é de um
homem honrado..... A não teres tido
aversão natural para mim, era forçoso
que me amasses descomedidamente.
Deixei-me encantar por qualidades mui-
to mediocres!..... Que obraste tu jámais
que houvesse de agradar-me?..... Que
sacrificios me fizeste?..... Não correste
apoz mil divertimentos?..... Desconti-
nuaste por ventura o jogo e a caça?.....

Não foste tu o primeiro a partir para o exercito?..... Não foste o derradeiro a de lá voltar?..... Expozeste ali loucamente a tua vida, a pezar de haver-te rogado tanto, de a poupar por amor de mim :..... não procuraste com diligencia os meios de estabelecer-te em Portugal, aonde eras estimado : uma carta de teu irmão decidio-te a partir, sem a menor hesitação ; e não sube eu que durante a viagem conservaste a mais alegre disposição?

Forçoso é o confessar que tenho obrigação de aborrecer-te mortalmente. Ah! eu mesma careei todas as minhas desgraças..... Acostumei-te logo no principio a uma grande paixão com demasiada candidez; e é necessario artificio para ser amada; é necessario procurar com destreza os meios de inflamar : o amor por si só não chama amor.

Pretendias que eu te amasse, e como tinhas formado este designio, estavas resolutto a empregar todos os expe-

dientes para conseguir o teu intento, até mesmo a amar-me devéras, se necessario fosse : mas cedo conheceste que podias sair bem da empreza, sem te deixar levar de amor por mim, e que esta paixão era escusada. Que perfidia!..... Cuidas tu que podeste impunemente enganar-me?..... Declaro-te que se por algum acontecimento fortuito voltares a este paiz, eu mesma te entregarei á vingança dos meus parentes.

Vivi muito tempo em um abandono, e em uma idolatria que me horrorisão, e os meus remorsos perseguem-me com um rigor insupportavel. Sinto vivamente a vergonha dos crimes que me fizeste commetter, e falta-me, ai de mim! a paixão que me estorvava o conhecimento da enormidade delles... Quando deixará o meu coração de ser dilacerado?... Quando me verei eu livre d'este embaraço cruel?... Comtudo creio que não te desejo mal algum, e que

me resolveria a consentir que fosses feliz;... mas como poderás tu sê-lo já-mais, se tens um bom e bem formado coração?

Quero escrever-te outra carta para mostrar-te que poderei talvez estar mais tranquilla dentro d'algum tempo. Que gôsto será o meu de poder então lançar-te em rosto os teus iniquos procedimentos, depois que estes já me não causarem commoção, e de dar-te a conhecer, que te desprezo, que fallo com a maior indifferença da tua traição, que esqueci todos os meus prazeres, e todas as minhas penas, e que só me lembro de ti, quando muito quero lembrar-me!

Convenho em que tens grandes vantagens sobre mim, e que me inspiraste uma paixão, que me fez perder todo o siso, mas pouco deves vangloriar-te disto... Era joven, era credula, tinhão-me encerrado desde a infancia neste convento; aqui não tinha visto senão gente desagradavel; jamais tinha ouvido os

louvores que me davas continuamente; parecia-me que te devia os attractivos, e a belleza que dizias admirar em mim, e que me fazias conhecer; ouvia dizer muito bem de ti; todos me fallão em teu favor, tu fazias tudo para despertar o amor;... mas enfim quebrei este encanto;..... verdade é que me déste poderosos auxilios, e confesso que delles tinha extrema necessidade.

Ao remeter-te as cartas, que tinha tuas, guardarei cuidadosamente as duas ultimas, e as tornarei a ler ainda mais vezes do que li as primeiras, como preservativo de recair nas minhas fraquezas. Ah! quanto estas me custão caro, e quanto teria sido feliz, se houvesse querido soffrer que eu te anasse sempre!... Conheço mui bem que ainda com alguma demasia attendo á tua infidelidade, e ás minhas arguições queixosas; mas recorda-te que eu me tenho promettido um estado mais socegado, e que hei-de alcançá-lo, ou hei-de tomar contra mim

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 59
alguma resolução violenta, cujo exito
apprenderás sem muito desprazer :...
mas de ti nada mais quero... Sou uma
insensata em repetir-te as mesmas cou-
sas tantas vezes :..... é necessario deixar-
te, e desviar de ti para sempre o pensa-
mento :. Creio mesmo que não tornarei
a escrever-te... Acaso tenho obrigação
de dar-te exacta conta de todos os di-
versos movimentos do meu coração?

FIM DA PRIMEIRA PARTE.





CARTA PRIMEIRA.



foi possível que um minuto de enfado concebesses contra mim? e que eu com afeição

mais terna, com a affeição mais delicada te dêsse um único instante de pezar? De que remorsos, ai mîsera de mim! não fôra eu atormentada, se quebrantado houvesse a fé que te hei jurado? Ah! que se excesso ha de que accusar-me eu deva, é o do muito que eu fiel te sou; é de que ainda esse enfado eu t'ô perdôo. E porque consentir eu remorso tal? E não tenho eu razão de me queixar? E não fizêra eu agravo a esse teu affecto, se consentisse sem ressentido murmurio, a força de me soltares o menor dito? E quando, oh Céos, argúo minha alma eu de continuo, de que ella não patentea assaz o ardor de seus impulsos; quando tu... todos os segredos de tua alma cauteloso fechas! Quando não em languidez meus olhos, accuso-os do mal que elles servem ao meu amor, e de que sonegão ardores de meu peito: quando elles sobejão de vivos, tambem os accusa a minha languidez: com as acções de mais claro grito, inda me pa-

rece que assaz me não declaro ; quando tu d'um nada compões segredo. Oh quanto esse teu proceder magoôu minha alma ! E quanto dó , se me visses , te eu causára ! E quanto , se então , me podesses ver os pensamentos ! Mas d'on-de me vem o curioso empenho de decifrar o que volve em teu coração ? E lá deparar talvez com tibiezas , e (quem sabe) com deslealdades ? De honrado m'as encobres ; e d'esse encobrir , obrigações te devo : que me esquivas o pezar de te ver indifferente commigo ; e condoído da minha fraqueza me dissimulas o que de mim sentes. Ai de mim ! Que a conhecer-te eu , de primeiro , tal , bem póde ser , que pelo teu se moldasse este meu peito. E ora tu , então has resolvido amar-me tibio , dès que viste que em furias de amor me abraço. Não que da compleixão te venha o poderes refrear-te assim ; que bem reparei eu hontem quanto de assomado tens : bem que assomos taes não t'os cause a co-

lera , mas tão sómente o ultrage. Ingrato ! Quaes tens de Amor queixumes, que tão má parte n'elle tomas ? Porque não emprégas esses impetos , em correspondencia d'estes meus ? Quem impede accelerarem-se os passos com que adiantemos a nossa felicidade ? E quem , ao ver quão appressado te retiras do meu quarto , imaginaria o quão lento buscá-lo vens , quando Amor de lá te está chamando ? Cabe que leis te imponha um coração que todo se entregou ? Vai-te , que em castigá-lo bem fizeste : que eu de vergonha morreria , se de algum movimento meu me dêsse por Senhora. E quão bem que sabes o como se castiga essa especie de revolta ! Lembras-te acaso do apparente remanso com que me offereceste hontem de me ajudar a mais te não ver ? E tiveste animo de tal me offerecer , e pensamento de que eu tal acceitasse ? Tanto tem de melindre o meu amor , que mais doloroso me seria o delicto em mim , que em ti , se o com-

mettesses ; que mais ciosa sou d'esta affeição minha , que da propria tua ; e mais te perdoára uma infidelidade , que o suspeitar essa em mim. Sim ; que mais folgo de me ver leal contigo, que comigo tu leal. Tão preciosa é a ternura com que te amo , e a estima em que te prézo , e tanta gloria concebo d'ella , que não avalio maior delicto, que o d'ella duidares. Duidares tu, quando tudo, no meu coração, no teu, se affinca a persuadir-t'o? Não ha hi um unico descuido teu, que te não ponha aos olhos que sóbe a adoração o meu affecto. Tanto me tem o Amor instruida em me aproveitar de todo o lance ; pois a reserva mesmo de acariciar-te tem de te convencer do excesso d'esta paixão minha. (*) Comprazimento é este meu, em que não sei se has reparado. Quantas vezes não hei reprimido, quando entras, os impulsos da minha alegria, só

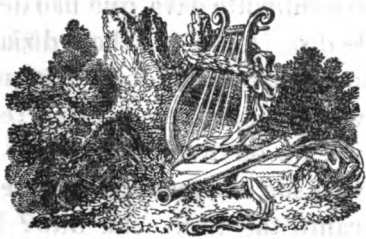
(*) Espirito refinado de alcool a 60 grãos da quintaessencia das finuras da affeição.

porque nos teus olhos attentei que me pedias mais moderação ! Aggravo me fizes, se , n'essas occasiões, não reparasses no quanto me eu constrangia. Sacrificios que te eu fazia ; e que me erão os mais custosos que nunca te fiz. Nem t'os lanço por taes em rosto. Que me val ser eu , ou não perfeitamente ditosa , com tanto que o que falta á minha dita , augmente a tua ? Víra-te eu mais empenhado a meu respeito, e oh quanto jubilára então no conceito de ser a mais amada ! mas tu não jubilarias de o seres tanto. Fôra esse o caso de imaginares , que algo ao teu amor devias : e eu me daria os gabos de que á minha inclinação devesses tudo. Não abuses todavia d'essa minha amorosa bizzarria, cerceando d'esse apoucado empenho, que inda demostras para commigo. Sê tambem generoso como eu , e vem-me protestar, que dá mór vulto á tua affeição o desinteresse d'esta minha, e que em arriscando de commetter tudo ao azar,

66 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

nada eu arrisco; e que tão fiel, e tão
terno me serás sempre, quão fiel, e
ternamente eu tua sou.





CARTA SEGUNDA.



Como é feia (não te minto) a Senhora, que hontem á noite dansou! E o Conde da Cunha andou mui mal

em dá-la por formosa. E ficares tu horas' esquecida ao pé d'ella! Pareceo-me pelo ar, que no semblante dava, que não desponsava de discreta, no que ella te dizia : mas nada menos boa parte do tempo que durou a visita, com ella conversaste ; e quão duro me foi ouvir-te que te não desagradava a sua conversação ! E que fallas de encanto tal te ha ella dito ? N'óvas fòrão de alguma Dama de França, amores teus ? ou começava ella já a dar-te amores ! Que conversação tão aturada só Amor sabe entretêl-a. Esses teus Francezes, d'ha pouco vindos, não me parecerão bem agradaveis ; todo o serão causarão meu martyrio, c'os mais galantes ditos que imaginar soubérão ; ditos affectados, que me não podião divertir ; delles só me procedeo, a noite toda, desatinada enchaquêca, de que não déras tino se de mim o não soubéras.

Não duvido, que andão os teus servos empregados em saber novas de como

essa Franceza affortunada se acha hõje do cansaço de hontem; que tanto a fizeste dansar, que bem se pôde inculcar doente. Que attractivos encontraste nella? Que ternura lhe supposéste? Que lealdade mais firme que a de outrem? Ou que inclinação mais prompta a querer-te maior bem, do que eu te dei a demonstrar?

Cousa impossivel! Tu muito o sabes, que só de te vêr passar, se me ausentou todo o socêgo da minha vida; e sem que me atalhasse o pundonor do sexo, nem o da nobreza, fui eu a primeira que diligencieei os acasos de tornar a vêr-te. Se ella mais fêz do que eu, direi que ella se acha esta manhã á cabeceira do teu leito, e que lá deparará com ella Durino, meu criado. Para felicidade tua, o desejo assim. Que me empenho eu tanto em tudo o que te pôde aprazer, que cortarei, em quanto eu viva, pela minha dita, por augmentar a tua. E se para contentar essa beldade a regalias

com a leitura d'esta minha carta, dá-lh'a sem scrúpulo a ler. Nem, para o adiantamento de tuas pretensões julgo eu inutil essa leitura; que appellido tenho eu bem conhecido n'este reino, e assaz me adulárão de formosa; mas já de o ser me despersiono o teu desprezo. Para essa nova conquista bem podes por exemplo dar-me, e dizer-lhe que estremecida te amo. Convirei gostosa, que antes quero contribuir para a minha perdição, que pôr em negativa tão qualificado affeito.

Sim; que te amo eu mil vezes mais do que a mim propria, n'este mesmo lance de ciúmes, em que te escrevo. Confesso que o modo, com que hontem procedeste, me arrojou centelhas de raiva no coração; e (por que nada occulte) desleal te creio. Aborreço a marquezia de F.... que deo azo a que visses essa dama pouco ha chegada. Quizéra eu que nunca viéra ao mundo a marquezia de F.... pois que no dia de

seu casamento é que tu me entranhaste na alma a dôr que sinto. Aborrêço o que inventou baile. Aborrêço-me a mim propria; e sobre tudo aborrêço ainda essa Franceza mil vêzes mais. Entre tantos aborrecimentos nenhumporém teve a audacia de se chegar a ti; que ainda infiel, te considéro amavel. A todas as luzes que te eu veja, e até ainda aos pés dessa cruel rival, que toda a minha felicidade perturba, encontro em ti incentivos táes, que em nenhum outro homem se deparão. Quão louca eu sou! Muito me enojára que os não vissem em ti os mais, quaés eu os vejo. E dado que a essa opinião eu persuadida esteja, que jaz pendente a perda para mim, da affeição tua, antes despenhar-me consinto nesse desesperado pégo, que cercear-te um só dos gabos que mereces. Como porém concorda amor contrarios táes! D'essa opinião vem que maior ciúme não cabe que haja, do que o meu ciúme á cêrca de

quanto te diz respeito; e iria eu não menos ao cabo do mundo grangear-te admiradores. Aborrêço essa Franceza, com tão entranhavel odio, que não ha hi crueza que em destruição sua não executára. Desejára-lhe eu a dita de que a amasses, se em mim coubésse, que com esse amor tu mais ditoso fòras.

Sim : que o teu contentamento o prézo eu em muito; e por te vér contente, me déra eu por bem venturosa, se todo o prazer da minha vida o sacrificasse a um instante de teu gôsto. Oh! como, sem hesitar eu o faria! Porque não és tu como eu? Se quanto eu te amo, me amáras tu, que ventura para nós ambos! A tua dita a minha fôra, e mais completa ainda fôra a tua. Ninguem em todo o mundo concebeo em seu peito amor tão avultado; porque ninguem concebeo tanto, o muito que tu mereces : e de compassiva morreria eu, se capaz te imaginasse de firmar o teu amor em outra dama. Habitado á ma-

neira com que eu amo, não acertarias com quem tão ditoso te fizesse, como o és commigo. Por mim julgo as outras damas, e sinto dentro de mim, que só eu para ti nasci. Que fôra do melindre de teu ânimo, se não deparasse c'um coração tão delicado! Esses ólhos tão eloquentes, e tão bein comprehendidos, quaés, a não ser os meus, saberião responder-lhes? Dá-o por impossivel! Amar? só nós ambos o sabêmos: e de mágoa morreríamos um e outro, se diferente empenho sorteassem nossas almas.





CARTA TERCEIRA.

QUANDO é que terá fim essa tua ausencia? E passar-se-ha inda hõje o dia sem que a Lisboa vóltes?

Tão esquecido estás de que haja dous dias que partiste? Imagino que pozeste na vontade achar-me já defunta quando vólvas! e que menos por acompanhar ElRei na visita, que elle fez ás náos, deixaste a Côrte, que por te descartar d'uma importuna amante. Com effeito, essa eu sou (dêmo-lo por assentado) em summo gráo : que uma ausencia de 24 horas me chega aos umbráes da mórte, e o que para qualquer sobeja felicidade fôra, não o é para mim sempre. Tempos ha em que te não contemplo assaz rico de venturas; outros em que te considero tanto dellas abastado, que de outras, e não de mim te vem essa riqueza. Até me dão tristeza os meus transportes, quando percebo que não reparas nelles como eu quizera. Assustão-me essas tuas distracções. Quizera-te eu recolhido em ti mesmo, quando eu sei tudo o que dentro de ti se passa : e desespéro-me quando por descuido teu, não saí ao ímpeto de meus arrôjos.

Confesso meu desatino; mas que pru-

dencia cabe em quem tanto amor como eu encerra? Razão seria que mais quietação em mim houvesse, neste mesmo prazo em que te escrevo, quando sei que a dous passos estás de mim; que o teu dever é que lá te demòra; e que eu podéra ir vêr-te, a não m'ò impedir a molestia de meu irmão, que lógo que partiste adoceco. Quando sei que onde resides, não residem damas... Agudo espinho arrancado de meu seio! Mas quantos não pungem ainda a misera amante, que tanto amor como eu concébe! Essas náos, essas guerreiras armas, e petrechos tem de te desavesar dos pacíficos prazêres do amor: e quem sabe, se nesta hora mesma, não estás tu delineando o instante do nosso apartamento, infallivel infortunio! e excogitas meio de preparar o teu coração para esse transe! Ah! que me não fôra mais funesto o vêr-te em companhia das mais raras formosuras da Europa, que essa artilheria, no caso que tal effeito em ti produza.

Não que eu combater queira com o que a ti déves, pois que mais que a mim propria, estimo o teu pundonor, bem inteirada de que não viéste á luz para passar teus dias junto de mim. Mas meu gôsto fôra, que te horrorizasse esse necessario dever, no mesmo auge que a mim me horroriza; que nesse pensamento estremecesses, e que quanto mais é inevitavel esse apartamento, tanto mais imaginasses, que, sem morrer, te fôra impossivel supportá-lo. Nem me crimines de que amo vêr-te a braços com a desesperação; que não tens tu de verter uma só lagrima, que eu não anceie de enxugá-la; e hei-de sempre a primeira ser, em te pedir que briosamente supportes o transe que, por sobeja d'ôr, me arrancará a vida. Que não houvêra ahi para mim consolação, se eu crêra, que vim ao mundo, para que fosse tua desconsolação a minha ausencia. Qual é pois o meu desejo? Não o sei. Desejo toda a minha vida amar-te, e até adorar-te. Desejo, a ser possivel, que me ames tu, como eu

te amo. Desejos táes só loucas como eu os pódem ter. Não te enóje de mim o vêr-me em tal loucura: que a não ser por ti, por nenhum outro em mim coubéra. Loucura, que eu nunca trocar quizéa pela mais sólida prudencia, se para a ter, relevasse amar-te eu menos. Tens mil prendas no teu juizo, e outras tantas me dizias ter descoberto em mim; prendas a que eu nada menos renunciára, se da nossa loucura aos progressos empecessem. Nas acções de nossa alma, só o amor déve dominio ter: tudo se lhe déve, em tudo se déve contentá-lo, queixe-se a razão, ou não se queixe. Foi tal teu parecer, desde que não me viste? Receio que óra haja recobrado toda a liberdade do juizo. E está elle inda nessa posse, quando pensas n'uma guerra que te déve separar de mim? Não cabe em ti traição tão feia. Céрто: cada soldado que vês, te arranca um suspiro, e já saboreio o gôsto de que te ouvirei, quando voltares, que tem dias de vago o teu juizo, que toda a jornada te vagueou. Segura

estou eu que ninguem te boquejou em mim ; em mim que não tenho esse defeito de sobeija razão ; antes desarrazôo em módo tal , que se espantão quantos me escutão. Se não fôra a molestia de meu irmão , que pretexta os meus devaneios , todos os de casa assentarião que sou louca rematada. Pouco falha que o eu não seja ; e pelo desconcêrto desta carta podes tirar o desmancho do meo juizo ; e della tirarás os motivos de arguïr-me.

Os estragos , que em meu semblante fêz a tua ausencia , dá-los-hás por mais jucundos que à frescura da mais linda têtz ; e por horrivel me tivéra eu , se tres dias privada de te vêr , affeiada me não tivessem. Que ser á de mim quando passarem seis mêzes , sem que eu te veja ? Não me verão mudança no rosto , porque ao separar-me de ti caïrei mórtá. Ouço ruído pela rua ; bate-me o coração. Serias tu , que chêgues ! De dessasocêgo , e impaciencia acabo. Não sou em mim. Ai

80 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

**miserá! Não te poderei vêr que de alvo-
roço me não sinto. E se não és tu a
quem espéro, tal turvação e tão revol-
tosos movimentos me tirarão o lume da
alma.**





CARTA QUARTA.



ENHO eu de vêr sempre em ti
friezas, e perguiça? sem que
cousa alguma turve o teu re-

II.

8

manso? Só poderá dar-lhe abalo, lançar-me eu em braços d'um rival, e que o vejas tu? Menos essa inconstancia, que nunca m'a consentirá o meu affecto. todas as mais te dei a perceber. Acceitei a mão do duque de A... no passeio; de propósito me sentei á ceia ao lado delle; olhei-o com ternura, cada vez que vi, poderias fazer reparo; disse-lhe mil ninharias ao ouvido por que as tomasses por cousas importantes; e não consegui que se te alterasse o semblante. Ingrato! deshumano! que tão pouco amas, a quem tanto te quér. Desvélos, favores, fidelidade minha não te merecem um rasgo de ciúme? Tão pouco apreço faz de mim aquelle, que mais precioso me é que o meu socêgo, que o meu pundonor, que víra sem estremecer deixál-o eu por outrem? E para que eu tremo, uma sombra me sobeja. Só de pôres em qualquer dama os ólhos me toma o frio da mórte; uma acção tua de méra civilidade, me custa um dia de

desespêro. E tu vês com socegados ólhos, que diante da tua presença fallo com outro todo um serão. Ah! que nunca me tiveste amor! Sei, e muito o como se quér bem; assim não creio que amor sejam affeitos tão contrarios aos meus. Que não fizera eu para te castigar d'essa frieza? Instantes ha, que assomada, e despeitosa poséra em outrem o amor que em ti emprego. Mas como? se no calor mesmo d'esse despeito, nada avisto que amavel seja como tú és! Inda hontem, quando as tuas tibiezas te despojavão de attractivos, fitos estes ólhos meus em cada acção tua, só para admirál-as tinham vista. Os proprios teus desdens ressumbravão grandeza, e debuxavão fidalguia de génio; e de ti é que eu fallava ao ouvido do duque: tão pouco está em mim aproveitar-me dos lances de offender-te! Tinha sim muito a peito picar te de maneira, que me désses azo a dizer-te alguma aspereza ás claras.— Eu dizer-t'a? quando do so-

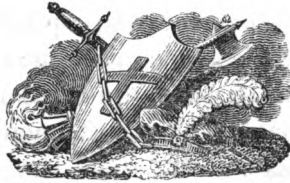
bejo amor é que a cólera me nasce? E que no mais subido das raivas, que me dava o teu socêgo, deparava com razões de o defender, se tão dasasizado não fôra o meu affecto? Tanto mais que tinha meu irmão em nós os ólhos, e mal de mim se elle rastreasse em ti a menor intenção de me querer fallar. O que todavia te não atalhava de teres ciúmes; que, sem que outrem o percebesse, eu colheria do teu mover de ólhos; que houvêra eu bem visto nelles cousas, que os mais da sociedade não devisassem como eu. Mas ai! que nada vi do que eu nelles espreitava. Vi amor; mas em caso igual, morar nelles amor! Queria vêr nelles despeito, raiva; que em tudo me contradissem, que me achassem feia; que namorassem outra dama; e por ultimo que faiscassem de ciósos, pois que eu taes apparencias desleães mostrava. E tu em trôco d'esses assomos naturæes de verdadeiro amor, me pagavas com mil louvores meus; me aper-

taste a mesma mão, que eu tinha ao duque dado, mão de que devêras ter horror. Quasi que vi o instante, que me dêras parabens, que se inclinasse a mim o mais honrado fidalgo da nossa Côrte. Insensível! assim é que se ama? assim é que eu te amo? Ah! que se antes de te amar, como eu te amo, houvera descortinado em ti igual tibieza... E quando a houvera eu visto, como agóra a vejo, e maior ainda que ella fôra, poderia eu resistir á força que me dobrava a te amar? Violento affecto, de que não pude ser senhora! E se eu derramo os ólhos da imaginação pelos prazêres, que dessa minha affeição me proviêrão, não posso arrepender-me de que no peito lhe dei pousada. Que não fizêra eu quando contente de ti, se transportada de amor, agóra mesmo que mais motivos tenho de queixar-me.... Mas tu me conheces bem; satisfeita me viste, e viste descontente; agradecida, e queixosa e sempre entre iras, ou agra-

decimentos extremosa amante. E não te dá emulação character que é tão de appetecer nas damas?

Insensivel (mais que muito amado), ama-me quanto és amado: quesó no amor consiste o prazer perfeito; da extrema affeição nasce o prazer extremo: e mais mal faz a tibieza aos que a possuem, que aos que ella amargura. Ah! que se bem sentiste o que vale um amoroso arrobo, quanto tens de invejar os que elle adita! Para o amor mesmo que tu me tens, rejeitára eu esse teu socêgo de ânimo. Ponho alto preço aos meus transportes, como quem os contempla pelo melhor bem que eu possuo: e antes quizéra nunca mais vêr-te, que vêr-te sem esse enlêvo meu.





CARTA QUINTA.



o estylo da tua considéro que
quizeste tentar a minha doc-
lidade : que não é crível te viesse

ao pensamento que eu outrem ame. Paciencia. E dado que esse conceito, em que me tens, seja mortal agravo do melindre com que te amo, já muita vêz de ti me veio, a mim, que te amo mais do que ninguém amou. Dares por rematada a minha deslealdade! dizer-me injúrias! Querer-me persuadir que tornarei a vêr-te! Tal não cabe no soffrimento meu. Fui ciósa: mas onde ha grande amor lavra o ciúme. Ciósa sim, mas sem bruteza, que entre os vislumbres dos zêlos, e os assômos do despeito, distingui sempre que eras tu o suspeitado. Mas que falhas não encontro no teu módo de amar; e quão mal o entendes! Como vem claro o pouco amor que te jaz no peito; e o que, quando o não estudas, te escapa do coração, tão pouco digno é do amor! E como assim! esse teu coração, que eu, á custa do meu, comprei, e de que me fiz benemérta por tantos extremos e finezas, e de que me déste palavra, e fé de ser eu delle a única possuidora; esse coração é capaz de me offender as-

sim! E são injúrias os seus primeiros movimentos? E quando lhe dás largas, se desmanda em ultrajes.

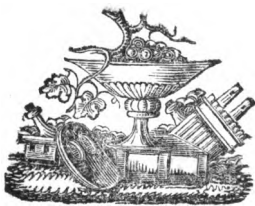
Para te castigar, ingrato, das suspeitas que concebeste, essas te deixo; e o teu tormento fôra duvidar do que te devêra ser suave, se me crêras leal e terna. Facil me fôra desmagnar-te; quando mórmente, para socêgo proprio, me é vedada a liberdade de offender-te. Mas quéro deixar-te nesse engano para vingança minha; e se crédito dás ao meu ânimo dissaboreado, dá por justas as tuas conjecturas todas, e dá-me a mim pela mais infiel de todas as mulhéres. Esse homem todavia de quem zêlos concebeste, nem visto o tenho eu; nem ha hi próva, a que eu desassombrada me não sujeite, se eu quizesse delle, e dessa carta, que dizem minha, dar-te plena satisfação. Dál-a! E porque? Por invectivas? Para dahi me concluires tão aviltada como me tu designas, e entenderes que pelos teus ameaços me justifico? — Não me verás jamais (me escrêves); vás-te de Lisboa,

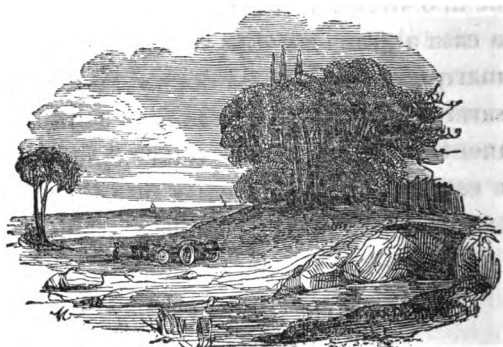
por te salvar do infortunio de encontrar-me? Apunhalarias o teu mais íntimo amigo, se tão traidor te fosse, que á minha casa te trouxesse? — E que te fêz, cruel, a minha vista, que te é tão insupportavel? Ella que sempre só prazer te annunciava? Estes ólhos em que nunca devisaste senão amor, e ancia de t'o demonstrar? Para os não vêr, te ausentas de Lisboa? Ah! não te ausentes, que eu te pouparei o desvélo de evitar a minha vista. A mim, que não a ti compete essa ausencia. Sim: que te não custou a minha mais que a faculdadede me deixar amar, quando a tua me custa todo o socêgo e toda a minha ufanía. Tambem confesso, que bem vézes foi todo o meu contentamento; que ainda hoje me debuxo na alma o íntimo abalo que então sentia, quando imaginava teus passos distinguir pelos passeios, e o suavissimo desleixo que se appossava de meus sentidos, quando meus ólhos se encontravão com os teus; e o como o coração se me enlevava, quando carea-

vamos furtada conversação. Nem eu sei como pude viver antes de vêr-te, nem como poderei viver quando não mais te veja. Tu já sentiste o que eu senti, pois que amado foste, e dizias que me amavas : e como podes propôr-me não mais olhar-me ? Serás satisfeito. Não mais tornarei a vêr-te ; mas cá me fica o prazer extremo de te lançar em rosto a tua ingratição ; e mais completa fôra a minha vingança , se os meus ólhos , e as minhas acções todas a minha innocencia te abonassem. Innocencia perfeita e pura a minha , e facil de destruir a mentira que a crêr te dêrão. Bastára um quarto de hóra para convencer-te dessa injustiça , e morrêres de amargura de a haveres commettido. Pensamento foi este , que já dous ou tres abalos me deo de me arremessar a tua casa ; nem eu aposto , que antes de findar o dia lá me não léve ; tão violento é o meu despeito , que me affôga a razão. Estudei-te com tudo eu tanto o génio , que receio , que te desagrade esse rompante ; a ti em quem

contemplei sempre comedimento em tudo, e que sempre olhaste mais pela minha reputação que eu propria. Chegaste alguma vêz a ponto de resguardo, que me queixei de ti. E que disséras então, se me vîras romper o segredo do nosso amor e dar escândalo aos honrados? Desprezar-me-hias, e se eu tal desprezo de mim te vîra, allî morrerá. Venhao que o fado dér; para mim a tua estima é tudo. Queixa-te de mim, dizeme injúrias, faze-me traições, que o podes; mas desprezos nunca. Desde que este amor não consiga, que te dês, com elle, por ditoso, sem elle viver pôsso, mas sem a tua estima não: razão essa pela qual tão impaciente estou de vêr-te; não creias porém que é por affecto; que louca eu fôra se quizesse bem a quem assim me trata. É cólera, mas quem a causa, é. . . amor. Que não te asomarias tu a pontos táes, se excesso de amor não militasse em ti. Que me podéra persuadir de tal? Ser-me-hião gratos es-

ses mesmos ultrajes teus. Lisonjear-me não quero todavia d'esse agradavel engano. És culpado, e quando não o fôras, quero assim crê-lo, para te punir de m'o deixar imaginar. Não vou hoje a casa alguma em que vêr-me possas. A marquesa de C... está doente, e lá passarei a tarde; e tu não tens lá conhecimento. Em fim quero estar enfadada; e esta será a última carta que de mim tenhas.





CARTA SEXTA.



sou eu quem te escreve? e és
tu o mesmo que outr'ora
fôste? Que prodigio fêz, que

me assinalaste amor, e que esse amor me não deo contentamento? Vi em ti ancia, e insoffrido despeito; li em teus ólhos aquelles desejos, a que eu acudi com sensibilidade; e tão ardentes, como quando fôrão já toda a minha dita : e nada menos, tão leal e térna como sémpre te fui, fiquei tibia e desleixada. Se foi illusão que aos meus sentidos fizeste, e que não calou no coração? Como me custão caro, os ditos agros que de mim te careaste! E quantos enlevos me rouba um dia de descuido teu! Não sei que interior spírito ruim me inflúe de continuo, de que ás minhas iras dêvo esses teus rasgos de ternura; e que entra em teus affeitos, mais política do que sinceridade. Não te minto : donativo do amor é o melindre em óbras e pensamentos namorados; mas não donativo tão precioso como o quérem persuadir. Confesso que o melindre as-saborêa os prazêres dos amantes, mas tambem espinha cruamente as mágoas.

Cuido sempre que te vejo nessa distracção, que tantas lágrimas me custou; considéra-o bem : os teus assômos são toda a minha infelicidade ; mas serião todo o meu ódio , se os eu devesse a outro motivo , que não fosse o movimento natural do teu coração. Receio-me de acções que vem estudadas , mais ainda que da tibieza da minha compleição : para almas grosseiras o exterior é laço ; mas não o é para quem no ânimo fineza tem. Quéres saber quâes, nesse ponto, meus séstros são ? O excésso de hontem , nesses assômos teus, levantou a fébre das suspeitas ; e porque parecias fóra de ti, atravessei pelas apparencias para te pesquisar no âmago. Que seria de mim, oh Céos ! se lá me convencesse de que eras dissimulado ! Anteponho a tua affeição á minha reputação, e ainda á minha vida ; com mais mansidão porêm soffrêra a certeza de teu ódio para commigo, que apparencias falsas nesse teu amor. Não me atenho á

fachada do edificio; entro nos camarins da alma : friezas, descuidos, levezas mesmas te perdoára; dissimulações nunca. Contra amor não ha crime mais indesculpavel que a traição; de melhor vontade se perdoaria uma infidelidade, que o desvélo em disfarçar-m'a. Que grandes cousas me não disseste no serão d'hontem? quizéra pôr-te a um espelho, para que te visses, como eu te via. Quanto discreparias do teu módo usual! Davas ares mais senhoris que os de teu uso : brilhava-te a affeição nos ólhos, e os realçava de ternura, e de penetração; vinha-te o coração aos lábios. Que feliz que eu sou (dizia commigo) se elle allí não vem de falso! Porque em fim mais que muito sinto o que vales, e me faltão posses para o sentir menos. O prazer de te amar com toda a minha alma, é dom, que de ti me veio; mas dom, que não tens tu fôrças bastantes para m'o tirar: que bem me capacito, que tenho, ainda a pezar meu,



CARTA SEPTIMA.

QUEBREMOS quantos juramen-
tos fizémos; são mui agros de
guardar; vejâmo-nos; e já e

lôgo, a poder ser. Imaginaste-me infiel, e entre ultrajes m'ò dèste a entender : nem, portanto, deixo de te amar ainda mais do que a mim propria, nem viver pôsso sem te vêr. A que prestão estas ausencias arrufadas? faltão-nos ellas inevitaveis? Vem dar á minha alma todo o contentamento, nesse curto prazo de nos vermos sem constrangimento. Escreves-me que me desejas vêr para me pedir perdão; vem, vem, quando para mais não fôra, que para me dizer injúrias. Vem, que te requeiro que venhas, porque quéro antes vêr-te esses ólhos agastados, que privar-me de vê-los. Nem eu arrisco de sobejo, quando em ti deixo a escólha : que sei que tórnos os hei-de vêr, e faiscando amores. Táes me parecerão já, esta manhã, na igrêja; nelles avistei quanto te envergonhavas de crédulo : e lá tambem dos meus colhêste as arrhas do meu perdão. Escureçâmos similhante arrufo; e se elle nós lembra, seja para o nunca mais

acolhêr. Duvidarmos do nosso affecto? Para elle nos lançou Cupido ao mundo. Nem eu tivêra o coração que tenho, se não fôra para o encher da tua idéia; nem tu essa alma que tens, se para me amar, te não fôra dada. Sim : para te eu amar, quanto amavel tu és, e para tu me amares, quanto és tu amado, nos produzio o Céu a ambos capazes de tanto amor. Não me dirás, se depois que fingimos tanta malquerença, sentiste como eu... Malquerença em nós! Não temos posses para tal, e é mais poderosa a nossa estrêlla, do que o são nossos despeitos. Que penoso me foi esse grande fingimento! Que violencias se não fizeram os meus ólhos, para te disfarçar seus movimentos? Só os que a si proprios querem mal, podem desperdiçar instantes de amoroso accôrdo. Como ninguem sabe amar como nós amâmos, ião meus passos (máo grado meu) a sitios onde eu tinha de encontrar-te, e o meu coração, que se avezou a dilatar-se, quan-

do te vê, ia subindo aos ólhos, para por elles se te demostrar; e como lh'o eu negasse, embates táes me dava no peito que só comprehendê-los póde quem os sente. Dou-me a crêr, que táes os tinhas de sentir tambem. Em sitios onde não vinhas por acaso, te encontrei; e se me cabe confiar-te minhas ufanias todas, tanta affeição descortinei no teu olhar, depois que affectas não me querer vêr, qual nunca descobri nelle: grande tontice são constrangimentos táes! Porque se não ha-de pôr ás claras o âmago da alma? Da tua, bem conhecia eu toda a ternura, toda a affeição; e podia eu estremar seus namorados movimentos, de todos os das outras almas; mas não tinha ainda computado os da sua cólera, nem os da sua altivez. Céрта estava de que farias praça ao ciúme, pois que amavas, mas não sabia ainda que condição tomaria em teu peito essa paixão. Traição fôra não m'o ter mais cêdo declarado, e quasi que á tua injustiça qué-

ro bem, por me ter descoberto esse segredo. Desejei-te ciôso, e o consegui por fim; descarta-te porém de ciúmes, como eu me descarto de curiosa. Nenhum amante se ostenta com mais vantajem, que quando elle é feliz. Errárão os que dissérão que dá ares de parvo o amante, que se diz contente; mais parvo pareceria quando por outro ar se demonstrasse. E quem não possúe em si assaz melindre, para tirar vantajens d'um amante satisfeito do seu amor, pécca pelo coração', não pela ventura. Vem, e vem logo ratificar-me esta verdade, que pouca fineza a minha fôra, se atrazasse eu esse instante com o prolixo desta carta. Bem sei que ás horas que eu te escrevo te é vedado vires vêr-me: e dado que em conversar contigo por escripta me dê gôsto, outro gôsto maior lhe preferira eu, que é o da tua presença. Assim é que o escrever-te me dá gôsto, mas tu lógras (e eu contigo) o gôsto de me vêres. Esse me vem acompa-

nhado das resérvas do decóro; mas o outro posso-o tomar quando bém o queira. Agóra, que todos os de casa repousão, e se dão por venturosôs de seu repouso, desfructo eu uma dita, que nunca sairá do mais profundo repouso. A mão escreve, mas o meu coração é quem te falla, como se tu fôras lá para lhe responder; aqui te está sacrificando, com as suas vigílias, o seu insoffrimento. E como é affortunada, a que sabe amar com perfeição! e quanto lastímo eu as que no ócio se desleixão sem tirar lucros da liberdade! Bons dias, meu amigo, que já raia a auróra; e mais cêdo houvéra ella raiado, se a minha impaciencia tivesse ella consultado. Perdoêmos-lhe a tardança; que não ama ella como nós amâmos; e para que menos insupportavel nos seja, cuidêmos em burlá-la com algumas horas de somno.





CARTA OITAVA.



CONSIDERA, amores meus, quão pouco previsto foste, que a ti mesmo, com enganosas

esperanças, te trahiste, e a mim contigo. Uma afeição, em que tu delineavas tantos prazêres, é hõje a tua desesperação mortal; que só parelhas corre com a desapiedada ausencia, que foi sua causadora. Engenhosa a minha mágoa excogita o mais funesto nome que dê a esta ausencia, que tem de me privar para sempre de mirar-me n'esses ólhos, em que via tanto amor, e que me assignalavão movimentos, de que bebia o meu coração tanta alegria, movimentos que erão para mim tudo; pois que para mais nada me ficavão desejos. Privados ficão estes meus ólhos, mîsera de mim! da única luz, que os aviventava; e que lhes deixa a ausencia? Lágrimas. Que outro uso lhes não dou, senão chorar, desde que em fim te sube resolutu ao duro appartamento, que me ha-de dar a mórte; que não tem minha alma fôrças sufficientes com que o suppórte. Não entendo comtudo como infortunios, quando elles de ti nascem, pérdem co-

migo um tanto de sua crueldade; porque, como desde que te eu vi, te dediquei a vida, tiro delles o contentamento de te fazer della sacrificio.

Mil vêzes no dia, te envio suspiros da alma, que lá te vão buscar em qualquér sítio que estejas; mas a reposta que me trazem em retribuição de tantos desassocegos, é um aviso mui lhano, que a minha ruim fortuna me remette, acompanhado da crueza de não consentir que eu meu lisonje; quando mórmente me diz a cada instante: — Marianna infeliz, é consumires-te em vão, por um amante que não tornarás nunca a vêr; que atravessou os mares, para se esquivar de ti; ei-lo em França, na róda dos prazêres, que de todos os teus pezares se descuida; e que de todas essas ancias tuas se deslembra; nem dellas algum caso faz. — Oh que não é assim. Oh que nunca me resolverei a ter de ti tão máo conceito; que muito me interesse em te justificar commigo; nem no

meu sentido, quero pôr que de mim te hajas esquecido. A que propósito atormentar-me assim, com suspeitas falsas! forcejarem desmagnar-me de quantos abonos te empenhaste a me dar do teu affecto! Tanto me encantavão teus desvélos, que muito ingrata fôra eu, se com arrôjos iguâes aos teus, quâes me dava a minha amorosa vontade, te não correspondesse, ao mesmo passo, que me lograva d'esses teus.

Como se tornárão agras tão suaves lembranças tyrannisando-me agóra o coração, que nesses tempos deleitavão! Em estranha situação o pôz a tua derradeira carta; tão sensiveis abalos padeceo, que cuidei que lidava em separar-se de mim, para te ir buscar. Fiquei tão quebrantada d'esses forcejos seus, que tres horas não sube parte do meu juizo: e me vedára recobrar a vida, se a tinha de perder por ti, para ti a queria conservar. Tornei, a meu pezar, a vêr a luz do Sól, quando me lisonjeava em

sentir que de amor morria. E mais folgada, que não sentira rasgar-se-me este coração co'a dôr da tua ausencia. Viêrão-me depois varias indisposições; e passarei eu sem ellas todo o tempo, em que te não vir? Padeço-as, e não murmuro, porque de ti me procedem. Tal é a gratificação, que de ti consigo, pelo mui térno amor que empreguei em ti. Embóra : tenho de te adorar em quanto eu viva, e ninguem mais vêr; e tóma este meu seguro : não ames ninguem. Quem acharias tu que te amasse com tão ardente affecto, como o meu? Mais formosa que eu, bem pódes vê-la (lembro-me todavia que me disseste que eu não era feia) mas não com igual amor; e sem amor tudo o mais é nada.

Não contenhão tuas cartas cousas inúteis, nem me falles de me não esquecer de ti. Eu esquecer-te! Eu que me não esqueço de que me prometteste que virias alguns tempos passar commigo? e por que razão não passara vida inteira? Ah! que se eu pudesse descartar - me

d'este desconsolado claustro, não me punha a esperar pelas tuas promessas : iria, sem resguardo algum, procurar-te, e seguir-te, e amar-te por todo esse universo. Não me lisonjeio de tal possibilidade, nem levar esperanças quero (bem agradáveis á imaginação!) mas sim entregar-me toda aos pezares. Deo-me (bem t'ó confesso) bons tóques de contentamento, a occasião, que meu irmão me offereceo de que te escreva; e, por certo prazo, suspendeo a desesperação em que me sinto.

Oh dize-me, que empenho foi-o teu de me encantares, como me encantaste, sabendo que me havias de deixar? Que te valeo o infortunar-me assim? Deixáras-me em socêgo, no meu claustro. Que aggravos te tinha eu feito? Oh perdôa, meu bem; nada te imputo, nenhuma vingança quero; só meu fado a culpa têve. Parecco-lhe que nos faria quanto mal podêsse, com separar-nos : e nossos corações nada ahi ha que os separe; que

mais poderoso que o fado, é o deos Amor, e elle é quem nos unio até á móрте. Se te é cara a minha vida escrêve-me a miúdo; que bem mereço eu que me dês nóvas do que em teu coração se passa, e de como te favorece a fortuna : e mais que tudo vem, e que eu te veja.

Adeos : Não me posso afastar d'este papél, que te ha-de ir ás mãos; e se essa dita me coubesse, feliz de mim! Oh louca, oh louca; que não vejo que é impossivel. Não póssó mais. Adeos. Ama-me sempre; e venhão embóra padecimentos.





CARTA NONA.



ARECE-me que o maior aggravo
que fazer pôsso aos movimentos
do meu coração é o empenho

que tómo de lh'os dar pela escripta a conhecer. Quão feliz eu fôra, se pela violencia dos teus podéras tu d'estes meus fazer conceito! Não me referirei a ti; nem me atalharei de te dizer (com menos actividade que o eu sinto) que te não cabe maltratar-me assim com esse teu esquécimento, que tanto me desespera, e que em ti mesmo é vergonhoso.

Justo é todavia que me eu lastime de pezares, que eu d'antemão contemplava, quando te conheci resoluto a me deixares. Enganei-me, e muito me enganei, quando puz no pensamento que procederias commigo mais lealmente, e fôra do usual, em razão de que o meu muito amor me realçava da baixeza de táes suspeitas, e merecia mais fidelidade, que a que de ordinario no mundo córre. Mas disposto como estás a me trahires, passas por alto da justiça que debes a quanto por ti me hei offerecido. Já mui desgraçada eu fôra, se o teu amor o

houvesse obtido á fôrça de te haver amado, eu que tudo sómente dever quizerá á nossa inclinação recíproca. Mas quão distanciada me vejo d'esses termos, quando depois de seis mêzes nem uma só carta de ti me vem! Desastre, que eu attribúo á cegueira, com que me entreguei, e me prendi a ti; quando antever me relevava, que mais cedo terião fim os meus gôstos, que o meu affeito. Quem me segurava que ficasses toda a vida em Portugal? que renunciasses á pátria, ao adiantamento, para em mim empregar todo o desvélo? Nenhum alívio consentem minhas mágoas; e a lembrança mesma de meus prazêres assanha a minha desesperação. Serão pois inúteis quantos desejos fórmoo? nem tenho de jamáis vêr-te no meu aposento, como te via, todo ardencia, todo arrojoo? Ai de mim! Como me engano! e como conheço mal que quantos movimentos me lidavão na idéia e no coração, se te davão a sentir quando unicamente

os accendião os prazêres, e com elles se amortecião. Allí é que eu nesses mui affortunados instantes devi chamar pela minha razão, que me acodisse, e moderasse o excesso das minhas delicias (que me havia de tão funesto ser!), e pedir-lhe que me informasse do que hoje tenho de padecer. Mas eu que toda me entreguei a ti não estava em caso de imaginar no que havia de envenenar minha alegria, e que me tolheria de em cheio desfructar os ardentes penhores da affeição tua. Tanto me comprazia em me vêr contigo, que se me desluzia, que houvesse tempo, em que longe de mim fosses. Não menos me lembra que alguma vez te disse que por tua causa, seria eu ainda desventurosa; mas logo esses temores se dissipavão, e com gôsto os sacrificava a ti, entregando-me ao accento e á má fé de teus protéstos. A todos esses males beni atinava eu com o remedio, e bem depressa me livrára delles perdendo-te o amor. Agro reme-

dio! que antes padecer do que perder-te da lembrança! Como se de mim, ai triste! dependêra: de mim, que arguirmo não pôsso de que um momento só te não haja amado. Mais para lastimado és tu, do que eu: que vale mais padecer, como eu padeço, que lograr-se dos lânguidos prazêres que te dão em França essas tuas damas. Não te invejo a indiferença; antes della e de ti me compadeço; e apostaria que nunca terás de inteiramente te esquéceres de mim; antes me lisonjeio, que te puz em estado de que nunca, a não ser comigo, desfructes complêto contentamento: e mais ditosa sou que tu, em me vêr com mais occupação, por quanto me nomeárão porteira do mosteiro, onde quantos me fallão, me considerão como uma louca; porque não sei o que lhes respondo; e que tão loucas como eu sejam as religiosas que me imaginárão capaz de emprêgo algum. Oh quanto invejo a felicidade de Ma-

noel, e de Francisco ; e porque não estou eu como elles sempre contigo? Quem te houvera seguido ; e servido ainda melhor que elles ! e com melhor coração mui seguramente ! Que nada anceio eu mais que o gozar da tua vista. Lembra-te de mim ao menos: que ser de ti lembrada me contentaria. Mas quem me dá essa certeza? Quando eu todos os dias te tinha presente, não limitava ahí minhas esperanças ; mas tu me tens ensinado a sujeitar-me a quanto queiras : e eu não me arrependo de te haver adorado ; e até de que tu me hajjas rendido, fólgo. A tua rigorosa ausencia (quem me diz, que não será eterna) nada desfalca dos impulsos do meu amor ; e quero que todo o mundo saiba, que não faço mysterios d'elle, antes me regozijo de quanto contra o civil decóro, a teu respeito fiz ; nem minha honra, nem meus scrupúlos emprégo senão em te amar estremecidamente a minha vida toda, visto que por ti comecei a tomar

lições de amor. Nem destas particularidades te fallo, para te obrigar a que me escrevas; tal constrangimento de ti não peço; e só desejo o que te pedir a vontade, de maneira que todos os abonos da tua afeição, que te não venhão a pedir de bôcca póde-los ter por rejeitados de mim. Eu mesma me farei fôrça em te desculpar; e me direi, que foi teu gôsto retrahir-te de me escrever: tanta a disposição, em que me sinto entranhavelmente de perdoar os teus defeitos! Foi caridoso commigo um official francez, que esta manhã, tres horas me fallou em ti, e me disse que a paz com França estava concluida. Se assim é, vem, falla-me, leva-me para França; e no caso que t'ò não mereça, faze de mim o que fôr tua vontade; que não depende o meu amor do modo, com que me trates. Depois da tua ausencia, não logrei uma hora de saúde; nem outro prazer tive senão o de pronunciar teu nome mil vêzes no dia. Algumas reli-

120 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

giasas , que sabem o estado em que me despenhaste , me fallão a miúdo de ti. Do meu quarto por acaso saío ; do meu quarto onde tantas vêzes viêste , e onde de continuo ólho para o teu retrato , a quem mais que á vida , quéro bem. Algum prazer me dá , mas bem descontado com pezares , quando contemplo que talvez nunca mais terei de tornar a vêr-te. Será certo que para sempre me deixaste? Desesperada me vejo. Desfa-lece a tua triste Marianna; e um desmaio me toma , quando dou fim á carta. Adeos, adeos. Tem compaixão de mim.





CARTA DECIMA.



QUE ha-de ser de mim? e que
desejas tu que eu faça! Quão
afastada me sinto de quanto

II.

11.

havia antevisto? Esperava que me escrevesse de todos os sitios por onde passasses, e escrevesse compridas cartas; que darias esteio á minha affeição, com a esperança de tornar a vêr-te; que inteiramente fiada na tua lealdade, teria algum socêgo; situação supportavel, izenta de despedadas mágoas. Traçados tinha alguns ténues projectos, na confiança que me dessem soccôrro, no caso, que eu soubesse de cêrto que me houvesse perdido da lembrança. Já de primeiro a distancia em que te visse de mim; lógo alguns assômos de devoção; tambem o receio de estragar de todo a minha saúde com tanta falta de dormir, tanto desassocêgo; e a pouca esperança de que vóltes; a frieza d'esse teu amor, e da tua despedida, o partires de Portugal com tão ruins pretextos; e outras mil razões tão inúteis, e que bem valem as dittas, parecião prometter-me seguridade de soccôrro, em caso de precisá-lo. E como então teria sómente de pe-

lejar com a minha vontade, não tomei desconfianças de quão fraca me sentiria nesse transe, nem cousa alguma receei do que padeço agora. Que lástima a de não poder repartir contigo os meus pezares! e de ser eu só a desgraçada! Este pensamento me dá morte. Sim, que môrro de desconfiança de que nunca fostes excessivamente sensível a todos os nossos contentamentos. Agora é que eu avisto a fé mentida de todos os movimentos de teu ânimo, e que me trahias quantas vêzes me disseste, que era teu prazer summo, quando te vias só comigo. A's minhas importunidades devi talvez esses arrebatamentos e arrôjos teus; que tinhas tu delineado a sangue frio abraçar-me o peito, e olhares a minha amorosa paixão como uma victoria ganhada por um coração desaffeiçoado. Desgraçado de ti! que por teu pouco melindre em amor, perdeste os lûcros que podéras tirar da exaltação do meu affecto. E como pôde acontecer

que com tanto amor que eu te manifestei não pude conseguir que te desses por plenamente feliz! Penosa estou (a teu respeito) que te não lograsses de infinidade de prazêres, que te vînhão á mão, se amasses como devias. Ah! que se os conhecêras entenderias que mais sensíveis são, que o prazer de me haver enganado. E te capacitarias de quanto é mais entranhavelmente venturoso quem ama com arrebatamento, que quem se contenta só de ser amado.

Nem eu sei o que sou, nem o que desejo; mil contrarios impulsos me despedação a alma. Houve jámais situação tão deploravel! Tão desatinadamente te amo, que não quizêra que sentisses a agitação em que me sinto: matar-me-hia, e sem me matar de minha propria mão, me mataria a dôr, se soubêra com certeza que não lógras quiétação; que a tua vida passas entre perturbações e desassocêgos, que de contínuo chó-ras, que tudo te aborrece. Eu que não tenho bastante vigor contra meus peza-

res, como sustentaria a dôr, que dos teus me procedêsse? dos teus, que muito mais sensiveis me serião? O a que todavia com grão custo me resolvêra, fôra o desejo de que não te lembrasses de mim; e a te fallar sincêra, tenho fu-rias de ciôsa de quanto alegrar-te pôde longe de mim, de quanto pôde empenhar-te o coração, de quanto te agrada em França. Nem eu sei por que razão te escrêvo. Bem sei que unicamente te compadecerás de mim; mas essa compaixão rejeito-a. E óra contra mim mesma me agasto, quando recórdo quantos sacrificios te fiz. Reputação deslustrada; expôr-me ao furor dos meus, á severidade das leis d'este reino contra as religiosas; á tua ingratição, que é o desastre que mais me penaliza. Fementidos remorsos! Do âmago d'este meu coração quizêra agóra lançar-me aos maiores perigos, agóra que alimento um funesto deleite de ter aventurado o meu recato, e a minha vida. E não

tinha eu dado á tua disposição quanto possúo mais precioso? E não fólgo eu muito de o ter tão bem empregado em ti? Ainda me não dou por contente de meus pezares, nem do meu extremoso affecto; dado que (triste de mim!) lisonjear-me possa de estar de ti contente. Mas vivo. Que infidelidade! Dar-me tanto desvélo por conservar a vida, que devêra ter perdida! De vergonha môrro. Toda a minha desesperação consiste pois nas minhas cartas? Se te eu amasse tanto como mil vêzes te hei dito, muito ha já que eu devêra ter morrido. Queixa-te de mim, que te enganei. E porque (misera de mim!) te não queixas tu? Partiste, e á minha vista; nem espéro de ainda vêr-te; e respiro ainda? Traidôra fui. Perdão te péço. Oh não me perdôes. Trata-me severo; não dês ainda por assaz violentas as minhas anciedades. Sé ruim de contentar; responde-me que é teu gôsto, que eu por ti môrra de amor. Dá-me, sim, dá-me esse

confôrto , para que eu vença a fraqueza do meu séxo , e que córte por todas essas irresoluções desesperada : que bem pôde ser , que o meu trágico fim te obrigue a pensar em mim a miúdo , e que prezada te seja então a minha lembrança , mavioso da minha extraordinaria mórte. Mais vale semelhante mórte , que o estado em que me pozeste. Bem quizera eu nunca te haver visto. Adeos. Que conceito tão falsario ! pois que neste mesmo instante em que te escrêvo , estimo mais ser infeliz amando-te , que de nunca te haver visto , e consinto em padecer meus tristes fados sem que delles murmure , pois que de ti dependia que ellès prósperos corressem. Promette-me ternissimas saudades , se eu ás mãos da dôr feneço , e que ao menos a violencia de meu affecto , de tudo te desgoste , e te descarte. Co' essa consolação morrerei contente ; e se tenho de para sempre te deixar , deixar-te a outrem não soffrêra. Que mui agro me fô-

ra , que para te dar mais a querer , te servisses da minha desesperada morte , e dizeres que a causou a desatinada affeição, que me inspiraste. Adeos, e ainda adeos ; que se estirão muito as cartas, que te escrevo, e te dou incommodo em lêl-as, e do que perdão te peço , na confiança que serás indulgente á cerca d'uma pobre douda. Ah! que o não era eu antes que te amasse. Não sei se te fallo de sobejo na insupportavel situação em que me vejo : e com tudo do intimo do meu coração te agradeço a desesperação que me enlouquece, nascida de ti mesmo : e tanto assim que detesto a tranquillidade em que vivia antes de conhecer-te. Adeos; que a minha affeição a cada instante augmenta. Que de cousas te quizéra dizer !





CARTA UNDECIMA.



ACABA de me dizer o tenente da
tua companhia, que te obrigou
uma tormenta a dar fundo no

Algarve : temo que te não molestassem os mares, e de tal modo temo, que todo o meu pezar escureci com esse receio. E imaginas tu que tome maior parte o teu tenente, do que eu no que te resguarda? Porque tem elle melhor informação tua do que eu tenho? e porque me faltão lettras tuas? Sou em fim bem desgraçada, se depois que partiste, não acertaste com occasião de me escreveres: mais desgraçada ainda, se a tiveste, e te descuidaste della; então fôrão extremas a tua injustiça e a tua ingratição. Desesperar-me-hia porêm se te ellas motivassem o menor desagrado; que antes quizéra vê-las sem castigo, que vê-me a mim vingada. Resisto a quantas apparencias me queirão persuadir que pouco ou nada me amas; antes me sinto disposta a me entregar cégamente ao meu amor, mais ainda que aos motivos que me dás de me queixar do teu descuido. Quantos desassocegos me houvêras evitado, se nos primeiros dias, em

que eu te vi, tivéras procedido com essa negligencia; mas ella não deo mostra de si, senão depois. Quem se não acharia lograda como eu, com táes arrebatamentos? e quem os não daria por sincéros? E quanto não é custoso resolvermo-nos a admittir suspeitas na boa fé de quem somos amadas? E quanto não sei eu que a menor desculpa vos lava; e sem que mesmo cuides em m'adar, já o amor, que tão fiélmente tóma o cuidado de te servir, me tem preparada a te não achar culpado; e se tal te considéa alguma vèz, é para ter o gôsto de te justificar lógo.

Frequente em namorar-me, arrebatado em abraçar-me, com finezas me enfeitiçaste, com juramentos me déste segurança, e a minha inclinação violenta se deixou levar. Em que rematá-rão com tudo tão apraziveis principios e tão bem assombrados? Em suspiros, em lágrimas, n'uma desconsolada mórte, a que nenhum remedio avisto. Assim é

que em te amar colhi prazéres indiziveis; mas que exorbitantes penas me hão oustado; nem movimento sinto, que de ti me proceda, sem que o abalo não seja extremo. Se eu com pertinancia houvéra resistido ao teu amor; se algum motivo de ciúme, ou de pezar te houvéra dado, para affervorar-te o affecto; se em mim reserva houvéras, ou arte conhecido; se eu houvéra opposto a minha razão á inclinação natural que a ti me deo, e que logo em mim conhecaste, dado que inutil foi quanto forcejei por encobrê-la... então cabia vingares-te severo, usando do poder que tinhas. Mas já me parecias amavel, antes que me dissesses que me amavas; déste-me abónos de profunda affeição, que me enlevarão, e fôrão causa de te amar desperdiçadamente. Mas tu, a quem não, como a mim vendára o amor, porque consentiste, que eu chegasse ao estado em que me vejo? Que destinavas tu fazer d'esses meus extre-

mos, que têm de te ser importunos? Certificado estavas que não tinhas de ficar para sempre em Portugal. Para que quizesse pois em mim a desventurada vítima, quando podéras achar nesta cidade quem mais formosa fosse que eu, com quem lograsses igual prazer (visto que grosseiros sós te agradão) que leal te amasse, em quanto te tivesse á vista, e que depois com o tempo se consolasse da tua ausencia, e a quem tú, sem aleivosia, nem crueldade deixar podéras. O procedimento que usas commigo mais é procedimento de tyranno que fólga de perseguir, que procedimento de amante que se empenha em agradar. Para que intenção, ai mísera de mim! tanto rigor disféres contra um coração que é todo teu? Acabo de crêr, que tão facil te persuades contra mim, quão facil me eu persuadi a teu favor. Sem precisar do muito amor que te consagro, sem que me imaginasse ter feito acção extraordinaria, teria resistido a motivos

muito mais relevantes, que os que tomaste, para deixar-me. Quão fracos me terião parecido! E não ha hi motivos que valessem a arrancar-me de teu lado: mas tu... deitaste sofregamente mão dos pretextos que se te depararão para voltar a França. Estava esse navio de partida? Deixáesses-lo partir. Não tinhas cartas da tua familia? E não sabes tu mui bem quantas perseguições eu padei da minha? Obrigava-te a honra a me deixares? Fiz eu grande caso da minha? Era-te forçoso ir servir o teu rei? Se quanto d'elle se diz é cërto, nada do teu soccôrro precisava, e facilmente te daria por escusado. Seriamos mais que muito felizes, passaríamos a vida juntos. Mas pois que tinha de nos separar esta desabrida ausencia, idéia tenho que muito me contentará o haver-te guardado lealdade. Quanto atróz me fôra haver commettido esse delicto!

E conhecido, como tinhas, o íntimo de meu peito, e toda a minha ternura,

como podeste resolver-te a deixar-me para sempre? Expôr-me aos sustos de que pérkas de mim lembrança? A que a novos amores sacrifiques os meus? Bem me capacito, que como uma louca te amo, e com tudo me não queixo de todos os movimentos do meu anciado coração, porque já me vou habituando a esses assaltos. Que não podéra eu sustar a vida, a não descobrir nella certo contentamento, que é o de te amar no meio de táes mágoas. Só me desagrada por extremo o ódio, e o fastío que tomei a tudo: a minha familia, as minhas amizades, este mesmo mosteiro me são incomportaveis; quanto por obrigação, tenho de vêr, quanto necessariamente fazer devo, me é odioso. Tão empenhada estou no meu amor para contigo, que só a ti devem mirar todas as acções e todos os meus devêres. Sim; que scrupuliso dos momentos da minha vida, que empregados em ti não são. E que fôra de mim se não tivéra o coração

abastado de tanto amor, e de tamanho ódio? E podéra eu sobreviver ao que me occupa de continuo, para desfiar languidamente socegada vida? Não se compadece c'o meu génio tão vácuua insensibilidade. Toda a gente repara na minha condição tão demudada, minha pessoa, e módo: minha mãi, com aspreza me fallou nella; mas depois com mais brandura: o que então lhe respondi me não lembra; mas creio que tudo lhe confessei. As religiosas que mais sevéras são, tem compaixão de vêr-me, tem commigo cértta estima, cértto resguardo, e do amor que tantas penas me dá, tem piedade. E tu... e tu indifferente commigo, cartas me escreves tibias, dizes sempre as mesmas phrases, nem sequér enches métade do papél; a ancia, com que estás de lhes vêr o fim, se mostra nellas. Dona Brites me perseguio estes dias passados porque saísse do quarto, e assentando que me divertiria, me levou a passear á varanda,

d'onde se avista Mértola. Comprazi-lhe; mas logo se apoderou de mim cruissima lembrança, que esse dia inteiro me alagou de lágrimas. Tornou-me ao quarto e me metteo na cama, onde mil reflexões fiz á cêrca da pouca esperança que podia ter de me curar da affeição. Quanto fazem por m'a alliviar, a azéda, e nos remedios mesmos acho eu motivos para ainda me affligir. Por esses sitios mesmos te vi passar bem vêzes com a bizzarria e gala, que me encantára; e nessa mesma Varanda estive, no fatal dia, em que comecei a sentir na alma os desventurosos tóques desta minha affeição. Pareceo-me que levavas intuito de agradar-me, posto que ainda me não conhecias; e me persuadi de que entre todas as que commigo estavam, fizeste reparo em mim; imaginei, que quando paravas, folgarias muito que eu melhor te visse, e admirasse a destreza e graça, com que meneavas o teu cavallo. Algum susto me tomou quando passava por um

sítio de máo caminho : que começava a lavrar em mim interêsse de acções tuas ; já me não eras indifferente ; já levava parte em quanto fizesses. Bem vias tu em que tinhão de parar principios táes, e ainda que eu nada tenha que resguardar, com receio todavia de te não criminalar mais, se possivel é que mais réo não sejas, te não escrevo tudo ; e tambem por me não arguir a mim mesma, que depois de esforços tantos inutilmente feitos, para que fiél me fosses, não terás tu de o ser.

Posso eu esperar das minhas cartas, e do que n'ellas te lanço em rosto, o que acabar não poudo o meu amor, e a entrega que de mim te fiz ? Que feia ingratidão ! Mas que certa estou do meu infortunio ; nem o teu proceder me consente a menor duvida, convém que eu receie tudo de quem assim me desampara. Não haverá outras damas, a quem, como a mim encantas ? outros olhos, a quem, como aos meus agrades ? Póde

bem ser , que folgasse eu mesma , que a affeição de outras damas justifique a minha ; o até folgára que te achassem amavel todas as Francezas, mas que nenhuma te amasse, nenhuma te contentasse. Impossivel e ridiculo projecto ! Experimentei não menos que és incapaz de constante affecto, e que sem soccorro algum poderás esquecer-te de mim , sem que a tanto te induza affeição moderna. Nem eu sei se desejára que para esse esquecimento se te deparasse arrazoado pretexto : maior desgraça minha , e mais tenue delicto o teu. Ficares em França; não terás lá requintados gostos; mas vêr te-has livre. Cansaço de prolixa jornada , certos rociaes decoros , receio de não responder como deves, a meus arrebatamentos , te reprezão em França. Ah não receies ! Contentar-me-hei de te vêr de tempos em tempos, e saber que n'um mesmo sítio estamos ambos. Lisonjas são talvêz, em que me cévo a minha saudade; quando

tu (quem sabe) te affeioarás mais da severidade, e rigores de outra amante, que o não foste de meus favores. E poderão rigores enamorar-te? ●

Antes porê[m] de entrares em affeição extrema, passa pelo sentido o excesso de minhas mágoas, a incerteza de meus projectos, a variedade dos movimentos de meu ânimo, a extravagancia de minhas cartas, confianças, desesperos, e ciúmes dellas. Considera, que buscas a tua desgraça; põe os ólhos no estado em que me vejo, e escarmenta; que te não seja, ao menos, inutil o que eu por ti padeço. Cinco, ou seis mêzes ha que penosa confidencia me fizeste, quando me confessaste em boa fé, que amáras em França certa dama: se ella é quem te atalha de voltar, dá-m'o a saber, sem algum resguardo, porque eu mais cêdo acabe de padecer. Se alguma cousa me sostêm a vida, é um vislumbre de esperança, e no caso que ella me falsêe, quizêra perdê-la por inteiro, e perder-me a mim com ella. Manda-

me o retrato dessa dama, e algumas cartas suas, e juntamente me escreve quanto te ella diz; que talvez ahi encontre motivos de consolar-me, ou de mais me angustiar : que no estado em que me vejo, não é possível aturar mais tempo : que não ha hi mudança que não seja a meu favor. Queria tambem ter o retrato de teu irmão, e de tua cunhada; tudo quanto te pertence, me é prezado, e a quanto se te achega sou affecta, sem de mim me ficar disposição alguma. Instantes ha, que imagino assaz de submissão no meu génio para poder servir a dama que tu amasses. Teu máo trato, e o menosprêzo teu me tem tão prostrada, que ha occasiões em que me não affouto a crer que pudesse ter ciúmes sem te desagradar; que te aggravo, quando te lanço alguma cousa em rôsto, e me dou por convencida, que me não cabe dar-te a saber, com o amoroso furor com que eu o exprimo, os movimentos de meu peito.

Já ha mais que muito que por esta carta um official espéra. Determinada estava em t'a escrever de modo tal, que sem tédio a podesses receber ; mas de sobejo é ella extravagante ; dêmos - lhe fim. Mas ai de mim , que cuido estar falando contigo , quando te estou escrevendo , e que te julgo mais perto de mim. Nem tão longa , nem tão importuna será a primeira : abre , e com segurança a pódés ler ; que como não devo fallar n'uma affeição , que te anoja , nem n'ella boquejarei. D'aqui a poucos dias , haverá um anno , que toda me entreguei a ti sem algum resguardo ; muito ardente me parecia o teu affecto , e mui sincéro : que não era de suspeitar que viria tempo , em que engeitasses minhas finezas , e que mais quizesse arredarte de mim quinhentas leguas , arriscar-te a naufragios. Tratamento igual ninguem tinha direito de o exercer commigo : que bem tens de lembrar-te do meu enleio , do meu pejo , e desordem de meus sen-

tidos; mas não queres lembrar-te, por te não empenhares a me amar contra teu gosto. Já quatro recados me manda o official, que quer partir, que está com pressa. Ah! que, sem dúvida, alguma desventurosa por aqui deixa! Adeos; que mais mágoas me custa o acabar a carta, do que a ti custou deixar-me... e para sempre. Adeos; que nem me atrevo a te escrever mil ternuras, nem me entregar com soltura a todos os impetos do meu coração, quando te amo mil vezes mais que a propria vida, e mil vezes ainda mais do que eu mesma cuido. Quanto és cruel commigo! Não me escreves (*), nem me posso atalhar de t'o dizer; e tornaria a começar, se o official não instasse por partir. Parta embora: que mais por mim escrevo de que

(*) Escreveo, e mui ternamente: mas a abbadessa que recebeu essas cartas nunca as quiz entregar á religiosa, que estas escrevia. Existem as cartas do official francez, e andão hoje juntas ás primeiras.

144 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

por ti mesmo ; consolo-me. Bem sei que ha-de assustar-te o prolixo d'esta minha carta , e que a não hás-de lèr. Em que te offendi, para tanto me maltratares ? Quem te instigou a vires envenenar-me a vida ? E porque nasci eu antes em Portugal que n'outras terras ! Adeos ; dá-me desculpa. ~~Nem~~ me affouto a te pedir que me ames. Olha sómente para o estado a que me reduziste. Adeos.





CARTA DUODECIMA E ULTIMA.



ESTA é a última que te escrevo;
pelo estylo d'ella verás quão
persuadida estou por fim, de

II.

13.

que me não amas, e que te não devo amar. Quanto de ti me resta, remettido te será pela primeira occasião. Cessa em teu receio de que eu mais te escreva; nem que teu mesmo nome no maço ponha; d'esse cuidado encarreguei a D. Brites, em quem depuz confidencias bem divérsas das de Agóra. Confio que tomará toda a cautéla por que o retrato, e as pulseiras de que me fizeste mimo, saiba eu que com certeza te fôrão entrégues. Quéro que saibas, que dias ha, me sinto capaz de rasgar, e queimar penhores do teu amor, que me fôrão tão prezados; mas tanta foi minha fraqueza para contigo, e tanto a conhecer-te ao claro, que darás por incrível que eu passe a tal extremo. Lograrei n'esse caso o fructo do que padeci em me separar d'esses penhores, quando saiba que n'isso te careei algum despeito. Com vergonha minha t'o confesso, que me sinto, mais de que eu quizéra, affeicoadá a essas ninharias, e que precisava

de todas as minhas reflexões, para me descartar d'ellas uma por uma no instante mesmo em que eu me dava por mais desnamorada de ti. Mas quem se enche de razão vem a cabo de quanto quér. Tudo puz em mão de D. Brites. Mas que lágrimas me não custou essa resolução! Depois de mil movimentos, mil incertezas, que tu não conceitúas, e de que eu por certo não te darei noticia, lhe pedi juramento de que nunca mais m'as tornasse, ainda quando eu para as vêr uma vez, lh'as pedisse; antes que sem me dar parte, t'as remetesse.

Nunca tão claro conheci o excesso do meu amor, como quando tanto esforço fiz para sárar d'elle. Receio que, se houvéra visto d'antes as difficuldades, e violencias d'esse empenho, me arrojasse a emprendê-lo. Persuadida estou que os movimentos que eu experimentasse, amondo-te assim ingrato como te conheço, me serão menos desprezíveis,

que os que sinto, quando para sempre me deixas. Já sube quanto menos me és prezado do que a affeição que te eu tenho; e quantas ancias padeci no combate com o injurioso procedimento que fêz que odiosa me fosse a tua pessoa.

Não foi por certo a natural sobêrba feminil quem me ajudou a tomar estas minhas resoluções. Misera de mim! Que desprezos te não soffri? teu abhorrecimento, e ciúmes que me dava cada affeição que em qualquér outra dama podias empregar? Só me foi sempre in-comportavel a tua indifferença. As impertinentes protestações de amizade, e ridiculas cortezanias da tua derradeira carta me indicação teres recebido quantas eu te escrevi, mas que, lidas por ti, nenhum abalo fizêrão em teu peito, ingrato! E que tão louca eu ainda seja, que me desespere de me não poder illudir, ora de que as minhas cartas não chegárão a tua casa, ora de que te não fôrão dadas! A tua boa fé! E oh quanto

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 149
a detesto eu! O que eu só te pedia, era que me escrevesse com sinceridade. Porque me não deixavas entregue ao meu affecto? Assaz havia em não me escrevendo. Clarezas? não t'as pedia. Não me sobra, para desgraçada ser, o não me ter sido possível metter-te no empenho de me enganares? de não deparar com motivos de desculpar-te? Dou-te a saber, que me capacito que és indigno da minha affeição, e que entro a descortinar quantas qualidades ruins possúes. Nada obstante (se póde merecer-te quanto hei por ti obrado, alguma attenção aos favores que te péço) te requiero, que mais me não escrevas, e que me ajudes a me deslembrar de ti inteiramente. No caso que me constasse que algum tanto te penalizou a leitura d'esta carta; se eu te dêsse crédito, e se me acarreassem despeito e iras essa confissão, e consentimento, talvez que o ardor me renovassem. Nada te inquietes d'ora em diante da maneira com que

eu me rêjo, porque fôra desmanchar sem dúvida os meus projectos, de qual-quer sorte que tu n'elles entrar quizeses. Nem o que esta carta produzio em ti saber intento ; só quéro que não perturbes a situação que me preparo : contenta-te com as mágoas que me causaste, qualquer que fosse o teu designio de me fazer desventurosa. Não me arranques esta minha incerteza, da qual espéro fazer, com o tempo, uma spécie de socêgo de animo. Prometto-te, que nunca te aborrecerei ; que muito desconfio de meus impetos violentos, para que me atreva a emprehendêl-o. Antes me capacito, que podéra aqui deparar com mais fiél, e mais bem appessoado amante. Misera de mim! Ha hi sítio no meu coração em que outro namôro caiba? E de quem? Póde a minha affeição acabar contigo constancia e lealdade? Não experimento eu, que um peito enternecido não se esquece nunca d'aquelle que lhe excitou transportes de

que esse peito era capaz, mas que elle até então não conhecia? Que quantos abalos sente, prendem todos no idolo que adora? Que se não curão, nem se apagam as primeiras feridas do amor? Que todas as paixões que lhe offerecem soccôrro, e que todo o esfôrço empenhão em occupar o sítio promettem debalde uma sensibilidade, com que nunca o coração acérta? Que todos os prazêres que procura, sem vontade de os encontrar, sérvem unicamente a inteirál-o plenamente, que nada lhe é tão caroa-vel como a lembrança de seus pezares? Porque me déste a conhecer a imperfeição e desagrado d'um amor que não tinha de ser perpétuo; e as desditas que acompanhão violentas affeições quando não são reciprocas? E por que motivo uma céga inclinação, e desabridos fados porfião pelo ordinario em nos determinar em favor d'aquellas que porião sua affeição em outra pessoa?

Ainda no caso que eu esperasse en-

contrar passa-tempo, empregando em outrem o meu affecto; e que a alguém, de boa fé, desse esse titulo, tanta compaixão tenho de mim mesma, que scrupulisára de pôr no estado em que me vejo, o ultimo dos homens, e bem que te não deva algum resguardo, nunca me decidira a me vingar de ti com tanta crueldade, quando mesmo, por alguma mudança, que antever não posso, de mim tal dependêra.

Excogito, n'este momento mesmo, motivos de te desculpar, e me digo, que ordinariamente não é mui amavel objecto uma religiosa. Parece com tudo, que se n'essa escolha entrára a razão, preferir ellas devião ás outras damas, por quanto nada as estórva de imaginar de continuo na affeição que tomárão, da qual as não desvião mil objectos com que o mundo as outras dissipa, e entretêm. Tambem creio que não ha hi grande contentamento em vêr a pessoa amada, sempre distrahida com mil nó-

nádas ; e que pouco melindre cabe (antes desesperação) em consentir que ellas unicamente fallem de assembléas , de atavios , de passeios , andar a cada hora exposto a nóvos zelos , e ellas obrigadas a cértos resguardos , comprazimentos e conversações. Quem é que vos abona que ellas se não agradeam do que n'essas occasiões se passa ; e que ellas consintão sempre com extremo tédio os maridos seus ? e sem nesse particular tomar algum prazer ? E como devem desconfiar ellas d'um amante que lhes péde exacta conta de tudo ; de tudo ; que facil e socegado cré quanto lhe ellas dizem ; que com muita mansidão , e confiança as vê , dado que a devéres táes sujeitas ? Não que eu por boas razões pretenda que amar me dêvas ; ruins meios para essa pretensão razões serião ; melhores empreguei eu , e que não surtirão. Quanto mais , que muito bem conheço eu o meu destino , e quanto me é impossivel superál-o : tenho de ser des-

graçada em quanto viva. E não o era eu, quando todos os dias te estava vendo? Não me via eu sempre em sustos de que leal, ou não me fosses? A cada instante (o que não era possível) te queria vêr. Estremecia dos perigos que corriás entrando no mosteiro; quando estavas no exército, era morte para mim; desadorava de não ser mais formosa, e mais digna de ti; murmurava da minha mediana fidalguia; dava-me temores crêr que te seria nociva a affeição que me mostravas; até me parecia que te não tinha amor bastante; temia as iras dos meus parentes contra ti. Via-me emfim n'um transe tão infortunoso, como o de agóra. Se depois que saístes de Portugal me tivéras dado alguns abonos da tua affeição, toda me empenhára em te ir buscar com o disfarce que pudesse. Mas que fôra de mim, se tu de mim fizéras pouco aprêço, quando me víras em França? Que desatino! que trasvio? Que cúmulo de af-

fronta para a minha familia , que me é tão prezada depois que estou sem ti! Bem claro vês , quanto eu conheço que mais digna de lástima seria , do que óra sou: forçoso é que ao menos falle contigo de bom sizo uma vêz na vida. Quanto te ha-de agradar este meu comedimento , e quanto tens de te contentar de mim! Mas não o quero saber. Oh não m'o escrevas.

Nunca tu reflectiste na maneira com que me hás tratado? Não consideras a obrigação , que a mim , mais que a ninguém déves? Como louca te amei , por ti desprezei tudo. Não procédes como honrado , e demóstras á cêrca de mim natural aversão , pois que ás perdas me não amaste. Ah ! que me deixei encantar de medianas qualidades! Que é o que tu fizeste? Não te davas tu a mil diversos passatempos? Deixaste por ventura a caça , o jôgo! Não fôste o primeiro que partio para o exército? e último voltaste? Como insensato te arremes-

saste aos perigos, quando te eu implorei que te poupasses para mim? Nunca buscaste meios de estabelecer-te em Portugal, onde eras estimado; bastou uma carta de teu Irmão, para partires desempeçadamente, e noticias me chegarão que em toda a viagem desfructaste humor contente. É para confessar que me vejo obrigada a te aborrecer de morte. E eu mesma fui quem táes desgraças me grangêei; porque desde lógo te acostumei a uma desmedida affeição (e tão de boa fé!). Arte é precisa para se dar a querer; com arte se hão de buscar os meios de accender a chamma no peito; que nunca o amor por si só, motiva amor. Bem intentavas tu que eu te amasse; e armado esse projecto, nada ha hi que não fizesses porque viesse a effeito; resolvido tinhas, que até me amarias, se assim cumprisse. Inteirado porê m que de tanto esforço não havia precisão... Oh que perfidia! E cuidaste que impunemente me enganasses? Pois

declaro-te, que se tornas a Portugal, á vingança de meus parentes te commêto. Longo tempo vivi n'um deixamento de mim propria, n'uma idolatria, de que hõje tenho horror, e com rigoridade insupportavel me perséguem os remorsos; mui agra me angustia a vergonha, quando me traz á memoria os delictos, que por tua causa commetti; que se desfez a nuvem de paixão que me tolhia penetrar-lhe a enormidade. Quando é que eu me verei livre d'esse cruél tormento? Não creio todavia que mal algum desejar-te eu pôssa, e se talvez me resolvêra a consentir em que viveses venturoso. E poderias sê-lo tu, se acaso tens no peito uma bella alma?

Escrever-te determino ainda outra carta, em que te annunciê daqui a cêrto prazo, que começo a ter socêgo; e que lograrei o prazer de te arguirentão de teu procedimento injusto para commigo; mas será quando não fôr já tão viva essa lembrança, e possa inteirar-te de que

desprézo, e fallar com indifferença da tua aleivosia; quando enfim me tiver esquecido de todos os meus prazêres de então, e de todos os prazêres continuos. Dar-te a saber que só de ti me lembro, quando recordar-te quero. Convenho que em muito me levavas vantajem, e que influiste uma affeição enlouquecida; de que não tens com tudo de tirar grande vaidade. Eu môça, eu crédula, encerrada desde a infancia n'um mosteiro, habituada a vêr gente desaprazível, nóva nos louvores, que me davas de continuo, julgava que a ti devia os attractivos e a formosura que em mim achavas, e em que me fazias attentar: ouvia o bem que de ti dizião, e fallarem-me todos a teu favor, além do muito que te empenhavas a que te cobrasse affecto.... Mas já tornei a mim d'esse encanto; que foi grande o socôrro, que para tal me déste, e do qual eu tinha precisão extrema. Quando te remetto as outras cartas, resérvo só-

mente as duas últimas, que mais a miúdo lerei do que não li as primeiras (*), a fim de não recair em fraquezas semelhantes. E quanto me não custão caro! E que affortunada eu fòra, se consentiras que te eu sempre amasse! Bem entendo que muito me occupo ainda em arguir-te, e me lembrar da tua deslealdade: recórda todavia, que a mim mesma me prometti agencear-me vida de mais remanso; e que a tenho de conseguir, eu tão desatinada resolução heide tomar... Tu receberás, sem grande desprazer, as nótas della. Eu que de ti nada já agóra quero, mui louca sou, em repetir sempre o mesmo. Creio que te não escreverei mais. Quem me obriga a dar-te razão de quanto por mim passa?

* (*) Falla das cartas que o Cavalheiro lhes escreveo antes da partida.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

[REDACTED]

IMITAÇÃO
DAS
CARTAS AMOROSAS
D'uma Religiosa Portugueza.

POR DORAT,

TRADUZIDAS LIVREMENTE DO FRANCEZ,

POR CAETANO LOPEZ DE MOURA.

Parte Segunda.

CARTA PRIMEIRA.

EUPHRASIA A MELCOURT.



VENCESTE, Melcourt, venceste : já
não tenho remorsos , já de todo
me entrego á discrição d'amor:

já abrazada em seu fogo calco aos pés a razão, e tomo-o por meu unico guia. Reina em meu coração uma doce serenidade, uma satisfação indizível. Experimentál-a-hia se fôra criminosa? Não, eu não o sou; que só merece ser por tal reputada aquella que ama tibiamente, aquella que é inconstante. E eu não estou n'este caso; porque te amo para todo sempre, entrego-me inteiramente em teu poder, e d'isso faço gala. Como andava até aqui enganada, quando no seio d'uma apathia, acompanhada de não sei que desassocego, imaginava queo ser honrada consistia em ser insensível! Ah! quão presto me tiraste do erro com um só volver de teus olhos! Se o temor me fazia verter algumas lagrimas, se meus beijos erão frios, se engolfada em prazer meus suspiros delatavão certa inquietação secreta perdão mereço; que não é de estranhar me fallecessem as forças vendo-me em tão verdes annos nos braços d'um amante, Dotou-nos a

natureza d'um feliz instincto, que faz que ao mesmo tempo desejamos, e tememos os transportes d'um amante. Certa inquietação, que n'alma nos mora no principio d'uma amorosa affeição, causa-nos um certo terror, sem que nossos prazeres deixem de ser vivos, porisso que nos não pareçãõ innocentes. Porém quando com o progresso dos annos conhecemos melhor o que é o amor; quando esta paixãõ nascente cobra forças e deita raizes no coração, então nos confessãmos vencidas, e fazemos gloria de o ser: então chorãmos de prazer, e se alguma cousa nos assusta e afflige, é o receio de não amarmos com todas as potencias de nossa alma o mesmo individuo, que nos inspirava certa desconfiança. Será isso um crime? Religiãõ santa! de balde vos invoco, de balde me lanço em vossos braços; encho-me de terror, mas longe de converter-me, cada vez idolatro mais aquelle que me aconselhais de pôr em esque-

cimento ; e esta alma , que devêra viver debaixo de vossa obediencia, se entrega toda em poder de Melcourt. Nem outra imagem diante dos olhos tenho, quando ante os altares me prosto : elle me falla, insiste porque cumpra a promessa que lhe fiz, e o consegue; emfim suas caricias, suas perfeições tem mais poder sobre mim , que vossas ameaças; e quanto mais forcejo por resistir-lhe , tanto mais prazer experimento , quando a final me rendo. Como é possível que predomine mais em meu peito o amor que a graça? Céos ! ou dai-me forças para combatê-lo ou direito para amál-o : aquelle que nos dotou d'um coração sensível de necessidade nos deve tratar com indulgencia. Não estava em meu poder o desamál-o. Eu não sou mais que um instrumento; amando, obedeço ao Deus que me creou; elle é quem a isso me impelle, e não se compadece com sua justiça o aconselhar-me a amar , para ter ao depois o direito de me punir. Não, não,

Melcourt, logo que tive a dita de te ver, senti que um poder irresistivel contigo me vinculava , e dispunha a meu despeito de meu coração, e vontade. Legitimo é nosso amor; que se não fôra, não serião tão vivos nossos prazeres. Taes, não os dá o crime. Quão feliz me acho, e quanto folgo de publicá-lo! Jactar-te podes com razão de que te adoro, e usar de todos os direitos, que sobre mim tens. Que triste vida que passava, quando te não conhecia! Entregue' nos braços d'uma criminosa indolencia, privada de toda especie de prazer, como de todo tormento, jazia como sepultada n'uma continua modorra: não dava féda successão do tempo, nem sabia em que o empregasse. Nada me podia tirar da inercia em que tinha empegadas todas as minhas faculdades, e até me mostrava indifferente no exercicio dos mais sagrados deveres. Affigurava-se-me que Deus nada mais era que um tyranno, um auto cruel; e a religião uma esca-

vidão. Quão mudada que estou depois que amo! Como me parece deliciosa a existencia! Melcourt reveste d'uma belleza insolita os mesmos objectos, que pouco antes nenhum abalo fazião em meus sentidos. A aurora desperta meus desejos, e a noite encobre com seu manto nossos prazeres. Na primavera a natuzera próvida nos offerece um abrigo sob o verde docel das arvores; emfim vejo-me n'um novo universo creado e embellezado por meu amado.

Que digo! Meus deveres parecem-me menos austeros, meu jugo mais doce, minhas prisões mais leves, Deus mais indulgente, e bom, depois que amo. Que de obrigações não devo á amavel madre, que governa esta santa casa! Não contente de adoçar-me os rigores da clausura, protegeo nossos amores, sem o saber. Tratou-me como a filha sua, e a ella devo o conhecer-te, querido Melcourt. Ah! sem duvida que tambem em seu tempo amou; que se não tivera amado,

seria muito menos indulgente. Tudo a nosso favor se declara, tudo minha paixão justifica: um Deus sem duvida protege nossos amores, e nos torna invisíveis aos olhos de todos, e nossos prazeres tanto mais gostosos são, quanto mais occultos. Dá-lhes ainda mais sal o constrangimento, e rigor da clausura. Quando depois de passarmos alguns instantes, enlaçados nos braços um do outro, porfim nos separâmos, então sentimos o bem que perdemos, e tratâmos de buscar novas occasiões de nos vermos. Não, tu não podes conceber até onde se estende o meu reconhecimento, e o como me dou a mim mesma os parabens da escolha, que de ti hei feito. Pois que direi d'esses instantes, que passâmos juntos engolfados n'um prazer, que é mais facil experimentar, que definir? Quando com véras amâmos ainda depois do prazer, somos felizes; descansão os sentidos, mas trabalha o pensamento, de sorte que a um pra-

zer succede outro prazer. Graças á imaginação nossa dita se eterniza, como se os cofres d'amor fossem inexgotáveis. Se estás ausente, caro Melcourt, nem por isso deixo de vêr-te, de abraçar-te, porque sempre tenho presente na memoria a tua imagem, e teu nome, que mais de cem vezes profiro, basta para suavisar-me o dissabor, que me causa tua ausencia. Emfim contigo sonho se durmo, e não sou menos feliz, que acordada.

Mas emfim sempre são sonhos; vem, caro Melcourt, vem realizál-os: vem tomar conta d'um coração, que é todo teu: vem, que não me ouvirás mais queixar-me de tibieza. Pelos ceos, t'o juro, querido amante, e se faltar á minha promessa, consinto em que cesses de amar-me.





CARTA SEGUNDA.

PERDOA-ME, caro Melcourt, se
me enganei, porém não sei o
que te achei hontem no sem-

II.

15.

blante, que não pude descansar toda a noite. Teus olhos parecêrão-me menos brandos, e pela primeira vez notei que de mim os desviavas. Fallaste-me, e o som de tua voz tinha não sei que aspezeza. Não me deixes mais tempo em tão mortal desassocego : porque estavas triste, ou antes enfadado? O menor aceno teu, o menor desprazer que tenhas, me dá cuidado. Quero saber quanto no teu coração se passa. O mal, que ao principio desprezâmos de tratar, torna-se ás vezes demasiadamente grave. Tu és para mim o que n'este mundo ha de mais precioso; para ti só é que existo, e quanto mais existo, tanto mais te adoro; a tal ponto que receio enlouquecer; para isso bastaria uma leve suspeita. O receio de que o amor, que me tens, já não é o mesmo bastaria para me levar á sepultura. E pois que a ti devo uma nova existencia, cumpre que m'a conserves; o contrario seria destruir tua propria obra. Já não tens motivo algum

para ser inconstante; estás ligado por teus propios beneficios, e não sei que haja cousa que mais sagrada, e respeitavel seja. Mas que digo! Suspeitar tua boa fé, crer que és capaz de cessar d'amar-me é o mesmo que vaticinar a época de minha morte. Seria possivel que... não sei o que digo... Se te offendi, Melcourt, castiga-me como te der na vontade; não tenhas contemplação commigo, que nenhuma mereço, pois te crimino, sendo eu quem deveria ser criminada.





CARTA TERCEIRA.



SENDO que ponho todo o empenho em agradar-te, como é possível que te tenha dado um mo-

tivo de enfado! Como é que, amando-te por cima de quanto se póde imaginar, te occasionei um dissabor! Que mais soffreria se infiel te fôra, se por tão leve falta me retalhão o coração os mais agudos remorsos? Mas de que os devo ter? Por ventura de amar-te com demasiado ardor? Com razão me queixo, pois me occultas o motivo de teus pezares, sendo que, se em alguma cousa me desvelo, é em patentear-te quanto no coração tenho. E tu quanto no teu trazes me escondes, e é mister que o adivinhe. Se meus olhos te exprimem toda a vivacidade de meu amor, enfado-me commigo mesma, e desejo têl-os mais ternos e maviosos; se acerto de te olhar com certa languidez, accuso-me de te não mostrar senão ternura, quando minha tenção era dar-te a ver quão violenta é a paixão que me inspiraste. Acho que sou tibia, todas as vezes que não dou em extrema, e assento que nada te hei dito, quando me tenho ex-

pressado do modo mais sensível; e tu pelo contrario pões mui particular cuidado em occultar o que sentes. E a quanto ha que tens segredos, que me não podes confiar? Para tamanha desgraça não estava eu apercebida. Como! fechas-me o teu coração, sendo que do meu te patentêo o mais recondito. Ceos! que me delata tão estranho procedimento? Toda me estremeço, quando n'elle reflecto. Mas porque assim me desvelo em saber quanto n'alma tens, sendo que talvez n'ella não tenho de encontrar senão tibieza, dissimulação, e inconstancia? Ah! já atino com o motivo, por que com tanto cuidado occultas o que sentes; é porque temes não venha eu a conhecer que me és infiel. Talvez tambem por compaixão por mim assim o faças. Ah! e porque te não mostraste qual es a primeira vez, que me appareceste? Conhecendo-te melhor, faria por arremedar-te, e não soffreria agora os tormentos, que padeço. Mas tu, cruel, parece que de industria te

revestiste do exterior mais amavel, que dar-se póde, para me cativares, e logo que me viste cativa mudaste de semblante. E todavia por natureza sei que és assomado, sobre tudo quando imaginas que te ultrajão; e só no que diz respeito ao amor te has com uma moderação, que toca de indifferença, ou antes de insensibilidade. Ingrato, que te hei feito para que assim me desames? Esses impetos que em ti desperta a colera, porque os não produz o amor? Porque tão diligente és em de mim te apartares, como remisso em me vires ver?

Mas com que direito te dicto leis, sendo que jurei de obedecer ás tuas? Escrava, todo o meu merito deve consistir na obediencia; e rebellar-me contra a tua vontade seria um crime, e mais que muito sabes o como castigar-me. Com que desenfado me proposeste hontem de me ajudar a pôr-te em esquecimento, e como tomaste um ar indifferente! Ceos! pôr-te em esquecimento!

Riscar-te da lembrança! Nunca mais apascentar em ti os olhos! Horrivel proposição! Se eu fôra capaz de acceitál-a, mereceria passar mil vezes pelos fios da morte. A simples suspeita de que me crês disposta a fazêl-o me faz gelar no coração o sangue : e tudo te perdoaria, menos o fazer de mim tão máo conceito. Sim, que o amor, que te tenho é tal, que menos me magoaria o saber-te infiel, do que o suspeitar que d'elle duvidas; assim que, quanto mais tibio commigo te mostras, tanto mais por ti me abraço, porque não está em meu poder, por mais culpado que sejas, o desamar-te. Posso affiançar-te que ainda te não mostrei a que ponto chega a paixão, que me inspiraste; porque me cohibo por ver em teus olhos, que me amarias mais se me houvesse com mais moderação. Se d'isto não déste fé, por aggravada me dou, que seria da tua parte mais que crueza o não ser sensível a tão custosos sacrificios. Não é mi-

na intenção, Melcourt, fazer delles alardo, e menos lançar-t'os em rosto; porque quanto mais peniveis são, tanto mais occultar-t'os desejo. Que importa seja' ou não perfeita a minha dita, se a tua o é? Que me importa te mostres na apparencia indifferente, se no interior te abrazas em amor por mim? Talvez não penses tu do mesmo modo a meu respeito. Não abuses com tudo desta minha franqueza, que seria faltar de generosidade, e della te dou um bem sensível exemplo. Faze por imitar-me, meu caro Melcourt, o que não tolhe que me venhas ver, pedir-me perdão, e jurar-me uma fidelidade, e um amor igual ao que te tenho.





CARTA QUARTA.



AO bella achastes essa dama
franceza com que hontem dan-
sastes? Andou mal D. Pedro em

t'a inculcar por tal. Devéras, que n'ella nada vi, que podesse cativar o coração d'um homem, nem sei o como podeste passar tantas horas ao pé d'ella. Sua fisionomia pareceo-me pouco expressiva, e d'ella julgo que é pouco discreta. Déste-lhe por ventura algumas consolações? Fizeste o panegirico de seus encantos? Não te causárão fastio as fallas suas? Que attractivos n'ella achastes? Talvez teve ella a condescendencia de fallar-te nas damas que em França conheceste, na esperança de tomar o lugar áquella que mais amasses. E creio que com algum fundamento se lisongea de o conseguir, que nos teus olhos vi claros indicios d'uma paixão nascente. Uma tão estirada pratica só dous amantes entreter podem. Da minha parte dir-te hei, que não achei teus compatriotas taes, quaes me dissestes erão; parecêrão mais vãos, que amaveis; disseras que não sentem o que dizem: pelo menos não o pensão. Dissérão mil ditos galan-

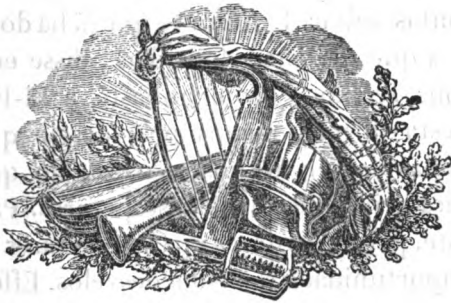
tes, e por tal maneira me azoinarão os ouvidos, que não pude descançar a noite; cousa que ignorarias, se eu t'o não dissera, que tão diligente és em mandar saber noticias minhas. Talvez estejam a estas horas teus criados nas anticamaras d'essa Franceza, esperando que acorde, para se informarem da tua parte do estado de sua saúde. Com effeito assim o devias fazer, que tanto a empenhaste a dançar e a fallar, que bem se póde dar hoje por rouca, e cansada. Não sei que encantos n'ella achaste; nem se a crês mais sincera; e terna que qualquer outra; porém d'antemão te affianço que se te não ha de render em menos tempo, que eu, nem amar-te com mais ardor. Não, que seria impossivel n'estes dous pontos levar vantagem a tua Euphrasia. Cedi-te sem combate, e um só volver de teus olhos decidio de minha sorte. Honra, nascimento, brio tudo por ti sacrifiquei. Se essa Franceza é inais extremosa, que eu, é mister que esteja a

estas horas sentada á tua ilharga. Assim o desejo, se n'isto consiste a tua dita, unico alvo de meus mais ardentes votos. Dou-te mesmo licença, se necessario for, lhe mostres esta carta. O que te escrevo não deve contribuir pouco para adiantar tuas pretensões, que tenho eu um nome assás conhecido, e não poucos me asseverarão era bem parecida, para não dizer formosa, bem que do contrario me certifica hoje teu desamor. Propõe-me pois por modelo a essa rival, dize-lhe com quanto estremeceimento te amo, e vejamos se se acha com posses para hobrear commigo. Sim, ingrato, eu te idolatro, quasi que é um delirio minha paixão, e apenas para te amar sobejão todas as forças de minha alma. Faze a essa rival sacrificio de meus transportes; que antes quero perder-te por excesso, que por falta d'amor. A dizer a verdade n'este momento punge-me a não poder mais os ciumes; inconstante te creio, e esta idéa, como

um agudo dardo me passa de parte a parte o coração. O que não obstante amo-te, Melcourt, como jamais ninguém n'este mundo amou, e mil vezes mais que minha propria vida. Detesto Eleonora, que foi occasião de que visses essa Franceza; detesto a dança, e amaldiço o que a inventou; detesto tambem a França, e mais que tudo essa rival, que te cativou o coração: entretanto amo-te mais do que nunca, dado que esteja persuadida de que me és infiel, e quer-me parecer que te amaria, quando mesmo nos braços d'essa Franceza te visse. Sim que não sei haja um homem, que tenha as tuas perfeições. Ah! e quão fóra de mim estou, que em vez de censurar-te, te louvo, e te engrandeço? Sim que antes quizera que me desamasses, do que cercear um átomo do prazer que experimento, quando rendo justiça a teus merecimentos. Oh! e como o amor ajunta cousas entre si contrarias! Quão impenetraveis

são os arcanos seus! Não os decortina a mais aguda vista. Tudo quanto de ti se avizinha me accende em colera, e zelos, e todavia sinto-me com forças para ir ao cabo do mundo procurar-te novas conquistas. Aborreço entranhavelmente essa Franceza; far-lhe-hia quanto mal se póde imaginar, apagál-a-hia de teu coração, onde desejo reinar exclusivamente; ardo em desejos de arrancar-lhe a vida, por mais que custe, e não obstante pôl-a-hia de posse do bem a que ella aspira, se soubera era isto de teu gosto. Sim que nada ha que mais me contente que ver-te alegre, e satisfeito. Éa tal ponto, que para que tenhas um instante de dita, não duvidaria expôr-me a seculos de pezar. Donde vem, caro Melcourt, que já não és o mesmo, sendo que te amo com igual ardor? Ah! que se me amáras, nossos dias serião sempre puros, sempre serenos. A prisão que nos une seria entretecida de rosas: tu serias a fonte de meus prazeres, eu

o nascente dos teus ; de ninguem teriamos inveja, e todos a terião de nós. Quem ha hi que possa, como eu amar-te? Quem que maior caso faça de teu amor? Ah! que se m'ò denegas, tens de enterrar-me. Demais que acostumado a meus fogosos transportes, as caricias d'outras mulheres devem de parecer-tè frias, nem é possível sejas completamente feliz nos braços d'outra que não seja a tua Euphrasia. Teme, Melcourt, de te affeições a quem talvez não te ame. Quão infeliz que serias se não deparasses com um coração, como o meu! Quem senão eu entender póde o que dizem esses teus olhos tão ternos, tão eloquentes? Não, não, formou-nos a natureza um para o outro; ella é que me impellio a amar-te, e foi tambem ella quem te aconselhou de collocar em mim o teu affecto. Amar é uma lei a que todos estamos sujeitos, mas ninguem a sabe observar mais á risca do que tu, e tua Euphrasia.



CARTA QUINTA.

JA não posso esperar, é mister
que te veja, e o mais depressa
que fôr possível. Cruel Melcourt,

quando terá fim tão dolorosa ausencia? Escreve-me ao menos, dize-me quando contas voltar. Lembra-te que já ha dous dias que partiste; dous dias, disse eu? dous seculos. Acompanhaste a El-Rei n'esta jornada menos pelo desejo que tinhas de ver as nossas náos, do que para acintemente me desesperares. Partiste, para m'evitares; para te livrares da importunidade de meus desvelos. Effectivamente importuna sou, nada me contenta. Com a menor cousa me assusto, o menor sonho me inquieta; duas ou tres horas d'ausencia me mettem em desesperação; emfim no momento mesmo em que me engolfo em prazer, sinto não sei que desassocego, porque duvido da vivacidade do teu, e se d'elle não me das evidentes provas, ponho em questão meu proprio merito. Enfado-me commigo, se de meus transportes não das fé; se me não olhas com a mesma ternura, se pareces preocupado d'al-guma cousa, entro logo em sustos. De-

pois que partiste ainda se não aquietou um instante o coração, e todavia estás ás abas da cidade, e retido por um dever indispensavel. Se por ventura sei que onde estás se achão algumas damas, cada uma d'ellas se me afigura, como uma rival; e se me vejo descativada d'este receio, acodem-me immediatamente outros. Quem ama vive em continuo desassocego, por mais cordato que seja, que não ouve amor conselhos da razão. Certo que os objectos de meus temores talvez n'este momento te sirvão de recreio. Esses navios, essas armas, esses aprestos de guerra pevão inteiramente teu peito, apagão d'elle minha imagem, desfazem-te das doçuras do amor. Talvez a estas horas estejas formando o projecto de te partires para França, e buscas pretextos para assombrar a meus olhos esta subita resolução. Menos susto me dá a França com seu luxo, e perigosas damas, que esta pompa horrivel em que com gosto os olhos apascentas.

Não que seja a tal ponto injusta que assente, deves empregar todo o teu tempo em amores, o não nos deveres militares; que prézo mais a tua reputação e gloria, que minha propria dita. Ai de mim! que ainda mal não ignoro que não vieste ao mundo para passar a vida ao pé de mim; porém quisera que a imagem da guerra te causasse o mesmo horror, que a mim; que todas as vezes que n'ella pensasses, sentisses as dõres crueis, que me ha de causar a tua partida. Não digas que para te affligir, de industria sem motivo me assusto, que não quizera eu causar-te o menor pezar, e por uma só lagrima que te fizesse verter, crer-me-hia obrigada a chorar milhares d'ellas. Não tenhas medo, Melcourt, que eu te aconselhe a deshonnar teu nome, mareando a reputação de esforçado, de que tão merecidamente gozas. Não, pelo contrario eu serei a primeira a te exhortar a partir, ainda que se me parta o co-

ração com dôr. Para conheceres a fundamento esta alma onde imperas, dir-te hei, que me teria por desditosa, e detestaria a vida, se soubéra, que por minha culpa havias de soffrer, sem a menor consolação, os males crueis da ausencia. Que é pois o que pretendo? Eu mesmo o ignoro: amar-te toda vida, e desvanecer-me de ter sido de ti amada. Com razão me taxarias de insensata, e a verdade é que o sou, e folgo de o ser. Perdoa-me, caro Melcourt, que se perco o juizo, tu d'isto és a causa. Se para ter juizo, é mister ter menos ternura, dou renuncia áquelle em favor d'esta. Amor, amor só nos deve dictar leis: elle te formou para seres o enlevo de meus olhos, e eu nasci com a sina de adorarte. Obedeçâmos pois a amor; se elle se dá por pago, que importa que a razão murmure? Desventurosa de mim! que sou só quem por este theor ama: só meu coração é capaz de se abraçar ao ponto de pôr em esquecimento quanto preção.

as demais mulheres. Tu, Melcourt, tu conservas a tua liberdade, ouves-me assim discorrer sem experimentar o menor abalo, trazes os teus pensamentos registrados, e á razão sujeitos. E não te envergonhas d'este socego, e paz de espirito, sabendo que em breve tua partida, e o horrivel flagello da guerra me bñão de pôr ás portas da sepultura? Não, não; de semelhante traição te absolvo; porque é impossivel que sejas a tal ponto insensivel, e perjuro. Certa estou que estremeces em vendo esses terribes aprestos, que enfiaste, quando te dissérão que era mister partir. Sim, em vindo achar-te-hei mais terno', se menos amavel, e saberei que sou o objecto de toda a tua ternura.

Vem pois, caro Melcourt, vem apaziguar-me o coração'; vem, que se tardas enlouqueço. Pelo desalinho e desconcerto d'esta julgar podes do que em juizo encontrarás. Escrevo como penso, e o que n'este papel leres é a fiel expres-

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 291
são do que tenho no coração. Vem e
verás os effeitos de tua ausencia; pal-
lida, desfigurada, talvez não reconhe-
ças a tua Euphrasia.





CARTA SEXTA.



OMO! nada será capaz de alterar essa serenidade d'animo, que talvez para me desanima-

res ostentas? Ver-te-hei sempre frio, sempre indifferente, e quasi insensivel aos gemidos, como aos desdens? Será por ventura mister para causar-te algum abalo, que nos braços d'um rival me lance? Dize-me se assim é, e se o devo fazer, quando presente fores? A' excepção d'isto tudo o mais hei feito? Propoz-me hontem no passeio a mão Almeida, aceitei-a, e ao pé d'elle estive á mesa, e deves de estar lembrado, que com elle conversei largo tempo, e todas as vezes que acertaste de pôr em mim os olhos é impossivel não notasses, que volyia eu ternamente os meus para o duque. De tempos a tempos disse-lhe ao ouvido algumas palavras, a fim que as tomasses por cousas de maior peso. E tu, insensivel a tudo, conservaste a mesma inalterabilidade de semblante, sem que se te divisasse n'elle a mais leve sombra de ciúme, ou de despeito. Ingrato! que se me amáras, outro foras. Ceos! ainda não o posso acreditar : um

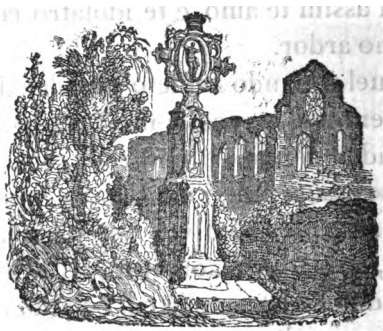
homem por quem sacrifiquei quanto de mais precioso tinha, a honra, e o socego; um homem que amo por cima de quanto se póde imaginar, a quem votei todas as potencias de minha alma, faz tão pouco caso do affecto meu, que vê com indifferença collocál-o n'outro objecto? Ah! que muito mais te amo, pois só a menor sombra de infidelidade me põe ás portas da sepultura. Se por acaso pões os olhos n'uma dama, toda estremeço, e ainda que esteja certa de que o fizeste por inadvertencia, e sem segundas tenções, não ardo por isso menos em zelos. O que tu por decencia, por uso, cortezia concedes ás outras mulheres sobra para me ter acordada noites inteiras. Dous dias d'ausencia parecem-me dous seculos de tormento; e tu vês-me fingir que n'outrem ponho o meu affecto sem demonstrar nem a mais leve turvação? Vem-me alardear d'ora em diante os extremos que por mim fazes: leio-te por dentro, e mais do que quizera. Não, não

engolirei esta affronta : hei de me vingar. Ah ! e o como é doce a inconstancia em occasiões taes ! Mas que, se não me sinto com animo para pôl-a em pratica, se toda a minha colera se cifra em suspirar por ti ! A quem poderei amar, se em todo o universo não vejo senão um homem que digno seja de meu amor, e este és tu, cruel ? hontem mesmo que estava a não poder mais encolerizada contigo, hontem que tua indifferença avultava meu despeito, meu coração indulgente anhelava pelo teu : achava graça até no ar desdenhoso, que affectavas : tanto assim que tu eras o objecto da conversação, que com o duque tive, eis todo o misterio. Desejava achar um pretexto para te dar ciúmes. Que imprudencia ! Meu irmão nos estava observando, e o mesmo fazião quantos ali estavam. A menor palavra, o menor aceno indiscreto que fizesse nos perdia. Com que arte te fingiste indifferente ! bem que tenho para mim que poderia-

mos mostrar que estavamos enfadados, sem que ninguem se advertisse. Sim que se meu proceder te causàra, já não digo ciùme, mas o mais leve despeito, em teus olhos o veria; teu silencio mesmo m'o daria a conhecer. Mas aí de mim, que em teu semblante nada mais vi, senão ternura; e não era isto o que n'elle esperava encontrar. Desejava sim ver-te enleiado, afflicto, pesaroso, indignado, ver-te assaltado das mais violentas paixões, emfim prompto a romper commigo, a detestar-me, a fazer o elogio d'outra qualquer mulher, e dizer-lhe mesmo alguns ditos para galanteál-a; desejava, para encurtar razões, ver-te com ciúmes. Sim, Melcourt, devias tê-los, pois que assim ás claras te offendia. Mas em vez dos transportes de colera, que minha supposta infidelidade devia motivar, déste a mão ao duque, e com elle conversaste com o maior desenfado. Dá-te do feito as vivas, mostraste com toda a evidencia o pouco

amor que me tens , e eu sou tal , que ainda assim te amo , e te idolatro com o mesmo ardor.

Cruel , quando reflecto nos deliciosos momentos que passei nos teus braços , saúdades tenho , e não remorsos. Ah ! que se assim por ti me abraço , quando me dás tantos motivos de enfado , que seria , se estivéra contente , e satisfeita ? Que digo ! viste-me já em colera , já ardendo em zelos ; umas vezes triste , outras no cumulo da alegria ; mas como quer que estivesse certo que não dirás que minha paixão deixou de ser por ti a mesma. Ama - me , Melcourt , ama - me como eu te amo , se queres ser perfeitamente feliz. A vida sem amor é insupportavel ; não conhece a dita o que é indifferente. Meus amorosos transportes são os meus unicos bens : ama - me , Melcourt , arbitro de minha alma , e minha unica consolação , que se não me amas com o mesmo ardor , melhor seria me desamasses,



CARTA SEPTIMA.



Em que pões a mira quando por tal theor me escreves? Provavelmente que me estavas a son-

dar, que não posso crer te persuadas que desdenhando um coração, como o teu, aspire por reinar n'outro. Todavia perdòo-te a suspeita, bem que injuria faças ao affecto, que te consagro, porque tambem já de ti as tive, não obstante amar-te estremecidamente. Porém não posso relevar que dês por consumado o crime, e que n'este presuppосто me ultrajes, e rompas abertamente commigo, protestando nunca mais verme. Desamor tal nenhum perdão merece. Tambem por vezes concebi de tua fidelidade não poucas suspeitas; fui ciosa, confesso, porém nunca assomada, e menos descortez. No momento em que sobia de ponto a minha colera, e despeito, nunca perdi da memoria quem tu eras: e tu ousas injuriar-me, sabendo que te amo, como ninguem jámais amou? E teu coração se revolta de si mesmo contra mim? Tão certo é que me não amas, que o costume leva-te a lingua a m'o affirmares. Em castigo de

teu injusto proceder, ingrato, deixo-te ás tuas proprias suspeitas; poderia sem muito custo fazer-te ver o pouco fundamento d'ellas, e talvez isto a minha gloria necessario fosse; porèm val mais que te deixe em teu engano. Poissim, cré que te aborreço, que outrem amo, que sou de todas as mulheres a mais inconstante. E todavia esse homem de que me fallas nem o vi, nem lhe fallei, nem lhe escrevi, e não sei quem tal ousou affirmar-te. Com pouco me lavaria d'essa imputação, mas por teu castigo, de industria me resolvo a deixar-te n'essa tua cegueira. Sim, que se o contrario fizesse daria a ver que sou insensivel ás affrontas, e que estremeço á menor ameaça tua. Para nos entendermos era mister primeiro que refreasses esses assomos.

Dizes-me que vas partir, que te ausentas da cidade, para não respirar o mesmo ar que eu respiro, e tão determinado estás a nunca mais me ver, que

asseveras serias capaz de apunhalar teu melhor amigo, se este te propozesse de vir a minha casa. E ainda assim me queres dar a entender, que semelhante resolução é um effeito do grande amor, que me tinhas? E que te hão feito meus olhos, para que d'elles desvies para sempre os teus? Tão mal exprimirão elles minha ternura! E para os não ver deixas Lisboa? Não tenhas tamanho incommodo, deixa-te ahí estar: a mim cabe o evitar a tua vista, que foi a causa de todos os males, que padeço; verdade é que tambem bastantes prazeres me deo. Quando me lembro da viva emoção, do estremecimento, que sentia, dos deliciosos extasis, em que me lançava sómente o ruido de teus passos; quando me sobe á memoria a idea de nossos passados prazeres a meu despeito te concedo, ingrato, um perdão que estás hem longe de pedir-me; que não sei, que antes de te conhecer tivesses vida, nem que possa conservá-la,

tendo-te perdido. E tens animo de propôr-me uma eterna separação? Satisfeito serás, descativar-te-hei de minha presença. Porém antes cumpre que te faças ver a olhos vista minha innocencia, de maneira que detestes tua injustiça, e credulidade. Quem sabe se arrependido te não virás lançar a meus pés, e regal-os de tuas lagrimas. Para gozar de tão mavioso espectaculo por tres vezes estive a ponto de ir ter contigo, e talvez antes do fim do dia dê tão arriscado passo; que tão fóra estou de mim! Sim, que no estado em que me vejo nenhum imperio tem sobre mim a razão, e posso aventurar-me a tudo. O que me retém é o saber o quão moderado sejas, e quanto te dissaboreão repentetaes. Gabo-te a discrição; e com effeito n'este ponto devo confessar que muito te esmeras; que tanto cuidado te dá a minha reputação, como a tua propria; e se houvéra de me queixar, seria de

sêres n'isso algum tanto extremoso. Certa estou, que me não perdoarias, se n'um transporte, dêsse um passo, que divulgasse nossos amores; talvez mesmo, que depois d'um tal escandalo, fosse a teus olhos um objecto mais digno de desprezo, que d'amor. Esta idea abreviaria meus dias, tão necessaria é á minha existencia tua estima. Desama-me, injuria-me, dá-me quantos nomes na colera te viêrem á bocca, tudo posso soffrer, menos despezos. Este é o unico receio, que tenho, e só elle me levaria a tua casa, e não o amor. o amor? Mereces tu que por ti tenham? E não obstante talvez d'amor provenha a colera tua. Se Melcourt não me amasse, descomedir-se-hia a tal ponto? Mas que me importa, que esses teus assomos sejam effeitos do odio ou do amor? Inexoravel sou, e quando fôras innocente, por culpado te tenho, e com isto folgo. Sim, ingrato, em breve me

394 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.
ausento d'esta cidade para nunca mais
ver-te, Em colera estou, e quero estar,
nem jámais tomarei a penna para te es-
crever.





CARTA OITAVA.

CARO Melcourt, que havemos
feito? A que por juramento nos
obrigámos? A nunca mais nos

II.

18.

ver? E foi possível que a tal ponto ensandecessemos? Retractemo-nos, quebremos juramentos táes, que muito nos custaria se quizessemos comprí-los á risca. Demais que não estávamos em nosso juizo quando o fizemos; no affogo da paixão peor fariamos. Vem ver-me, Melcourt, e já. Cruel, assás me tinhas ultrajado com tuas injustas suspeitas; era da minha honra vingar-me, portanto determinei de nunca mais vêr-te. Ceos! que vingança! Como me pôde vir ao pensamento semelhante idea, se mal posso respirar se duas horas te não vejo? Como se não tiveramos assás de constrangimento em nossos amores, para assim avultarmos mais nossos communs pezares. Dizes que desejas ver-me para implorar teu perdão, vem como quer que estejas, irado, ou arrependido; que antes quero supportar os impetos da tua colera, do que os tormentos de tão cruel ausensia. Mas que digo! Já sei que em teus olhos não tenho de ver vestigio al-

gum d'ira, que bem m'ò dissérão elles esta manhã na igreja : tão abrasados em amor os tinhas, que entendi logo estavas arrependido. E tu não vistes nos meus indicios certos do prazer que teria de te perdoar? Ponhamos em esquecimento essas suspeitas injuriosas, que dréão motivo a tão comprido arrufo, e que nunca jamais se renovem. Nasce-mos para nos amar, Melcourt: para te amar me deo Deus esta alma; que se assim não fôra, não te ornaria elle de tantos, e tão brilhantes dons. Formou-te de industria para mim; assim que, durante este arrufo não debes ter padecido menos, que tua Euphrasia. Quando mais accesos estamos em colera a influencia de nossa estrella póde mais, que nossa propria vontade, e nos lança nos braços um de outro. Deos grande! que de lagrimas não verti durante este arrufo! E quando me via obrigada a apparecer diante de gente, que de esforços para engolí-las me não

era mister fazer ! Quanto errâmos, Melcourt, quando assim desperdiçâmos o tempo que deveríamos consagrar ao amor ! Não obstante os clamores do brio, a meu despeito, levavão-me os pés em teu seguimento, e logo que sabia te devias achar em tal ou tal lugar, para lá me encaminhava; e sendo-me vedado dar-te a conhecer por palavras, ou acções os tormentos que soffria, dava cargo a meus olhos de t'o dizerem. Outrotanto fazias tu; conduzido por igual destino seguias todos os meus passos, e onde quer que fosse certa estava de lá deparar contigo. Não era o acaso não que ali nos ajuntava, que em casos taes tudo nasce do amor. E a dizer-te a verdade, embora m'o imputes a vaidade, nunca em teus olhos vi mais ternura, do que quando commigo estavas enfiado. É singular que, sentindo-nos um com outro irrevogavelmente unidos, tratássemos de desatar tão doces prisões, e que a isso resolutos nunca o pudesse-

mos conseguir. Mas de que me queixo? É impossível que deixemos de ser o que na realidade somos. Bem sabia eu quão terno, quão amavel fosses, mas ignorava que tocasses tanto d'assomado; sabia eras fogoso, mas não que tivesses tanto pundonor; sabia eras cioso, (que não é possível não o ser, quando realmente amâmos); porém como nunca te tinha dado para isso motivos, ignorava o como te haverias, quando em zelos abrasado, e quiz fazer a experiencia. D'ora em diante guardar-me-hei d'esses indiscretos desejos, como tu da tua parte de mal fundados ciúmes. Abafa, caro Melcourt, esta paixão ainda recente; e mostra-te qual és, qual te fez a natureza; que nunca tão bello me pareces, como quando aras dás de ser feliz, e aquelle que sendo-o não nos parece amavel, menos nos pareceria, se não o fosse. Quem não sabe encaminhar para o bem a indole da pessoa a quem ama, avultar-lhe as perfeições, e virtudes

não se deve queixar da ventura, mas só sim de sua propria incapacidade. Escrevo a esino, e digo-te quanto me vem ao pensamento, e escrevo-te porque te não posso ver, que se o podéra largaria das mãos a penna para te estreitar nos meus braços: que esta pratica muda supre bem imperfeitamente a expressiva linguagem dos olhos teus. Demais que vendo-nos, ambos felizes somos, e escrevendo-te só eu é que o sou. Verdade é que na primeira supposição alguma inquietação temos, porque receiamos nos vejaõ, ao passo que na segunda nenhum constrangimento experimentamos; agora que todos dormem, e se dão por felizes de dormir, agora que vogão as illusões, e não a realidade, agora que os mentirosos sonhos baixão sobre os mortaes, engolfo-me em mares de prazer; e o silencio que em torno de mim reina faz que sejam muito mais vivas minhas sensações. Sou livre á noite, e em que posso empregál-a melhor, do

que em tão delicioso exercicio? Oh quanto é ditoso o que ama, e quão digna de compaixão a sorte d'aquelle que não conhece as doçuras d'esta mimosa paixão! Mas já lá assoma a aurora. Deus! que dita a minha! Mais cedo teria ella assomado, se me pedira conselho. Com que vagar se vem adiantando o sol; ah! que se elle como nós em amor se abraçára.... Adeus, vou deitar-me para enganar o tempo.





CARTA NONA.

SOU eu a mesma que d'antes
era? És tu o mesmo Melcourt?
Como é possível que manifes-

tasses tanto amor, sem que eu sentisse essa embriaguez, esse doce deliquio, que nos tira fóra de nossos sentidos? Notei em teus olhos um ardor inquieto, um desejo vehemente, e eu senti-me fria, como d'antes. Sirva-te isto de exemplo para nunca mais commigo te enfadares. De que deliciosos extasis nos não priva um arrufo de poucos dias! Que não sei que voz me está de continuo a dizer, que desque te amo me desamas, e que esses transportes d'amor, que me mostraste, nascem de saberes estava contra ti irada. Se assim é, gabo-te o artificio, e não a sinceridade. Ceos! como é triste a sorte de quem em amor tem demasiado melindre! Por um instante de dita, a que pezares não está sujeito quem com esta fatal delicadeza ao mundo veio. Teus transportes, que a serem sinceros me encherião de prazer, sendo fingidos metter-me-hião a tormento. Meu coração requer outro igual, e mais receio me causa o vèr-te simulado, que tibio. Aspes-

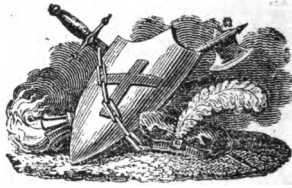
soas pouco delicadas contentão-se com o exterior, as sensíveis pelo contrario só no interior o fito põem. Confesso que hontem no momento em que teu ardor estava no maior auge, não sei que tristes presentimentos a tal ponto me abalavão, que um frio interior me gelava nas veias o sangue. Não me atendo ao que me dizião teus olhos, tratava de descortinar quanto em tua alma volvias. Que seria de mim, Deus grande, se apezar d'essas mostras exteriores de amor descobrisse que te era indifferente, e que mostrando-te tão apaixonado, nenhum affecto me tinhas! Anteponho-te á minha vida, á minha reputação, a tudo quanto tenho de mais caro, porém antes quizera que me aborrecesses, do que fingisses um amor que não tens. Sé embora frio, descuidado, exigente, tem quantos defeitos queiras, menos o de ser dissimulado. Não ha arte que mais horror me inspire, que a da dissimulação; é o peor defeito, que póde ter

um amante. Sim, antes te perdoaria o ser-me infiel do que o querer parecê-lo. Mas por que motivo assim me afflijo; arredemos de nós tão tristes imagens. Não, tu não has de ser nem infiel, nem dissimulado para com tua Euphrasia. Foi puro engano meu, pura illusão de meus sentidos, que nunca me pareceste mais amavel do que hontem, quando em meus braços repousavas. Tuas faces se tingião d'um novo carmim, teus olhos erão ao mesmo tempo mais ternos, e mais vivos, a ponto que seria impossivel que não cedesse a teus desejos. Não, não, não era um fingimento; em teus ardentes beijos se te evaporava a alma, e com a minha se confundia. Ah! E quão feliz que eu era! Tu só me podias ensinar o caminho da dita. A teu amor devo esta nova existencia, que desfructo. Embora me abandones, embora me prives de tua presença. Livre sou de amar-te, e hei-de fazê-lo quer sejas fiel, quer inconstante, a meu despeito, e

talvez... ao teu , cruel. Dou - te contra mim mesma armas , não importa , não quero que me ames á força. Talvez podesse valer-me d'outras artes; por inuteis as reputo : Em o amor despregando as azas, nada lhe tolhe o vôo. A paixão que por ti tenho não conhece limites , nem guarda contemplações. Toda me entrego ao prazer, que em amar-te acho; faço o que meu meu coração me diz , e não o que me aconselha a razão , que te desamaria, se vendo-te, me puzesse a raciocinar. Quanto me vires fazer nasce d'um natural impulso, e não d'um estado anticipado. Assim não observo um methodo certo e determinado ; detesto tudo quanto se faz por ser do estilo ; quando sigo teus passos, sigo os impulsos de meu coração , cedo a certa avidéz curiosa de te vêr, que nunca se farta ; pois que chego a procurar-te em lugares onde nunca costumás ir. Se o mesmo desejo sentisses quão ditosos seríamos ! Nossas almas andarião sempre unidas, bem que

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 217
nossos corpos fossem distantes. Obri-
gão-me a passar o dia d'hoje n'uma casa
onde não tens entrada, mas se nos amâ-
mos , estaremos sempre unidos espiri-
tualmente.





CARTA DECIMA.

MELCOURT A EUPHRASIA.



OR onde começarei esta carta?
como ousarei dizer-te, cara
Euphrasia, que parto, que vou

viver ou antes morrer longe de ti? Adeus ventura, d'ora em diante só desgraças me reservão os fados. Encantadora illusão, meigas delicias onde vos fostes! Para sempre me deixastes, e tomou-vos o posto a imagem da patria... Da patria que tem de ser minha sepultura. Emfim tenho de partir, de me apartar de ti não sei até quando. Ah! e como me fallecem as forças, quando em tal penso! Quão présto mudou de rosto a fortuna! Há pouco que amor me embriagava os sentidos, e ao mesmo tempo vertia em meu coração torrentes de ineffavel doçura. Toda a minha felicidade se librava em amar-te: tuas mãos enxugavão meu pranto, a tua voz se desvanecião meus receios; e agora esse mesmo amor me enche de tristezas o peito. Então era feliz nos braços d'Euphrasia, agora separado d'ella só de pezares me nutrirei. Ah! e como me redobra as mágoas a lembrança dos passados prazeres! Está em minhas mãos o ser ditoso, e não posso

sê-lo! Morro deixando-te, e todavia deixo-te. Vê pois qual de nós deve sofrer mais n'este cruel apartamento. Que vim buscar n'estes funestos sitios? Porque te vi, porque me deixei cativar de teus encantos? Ah! e quão mal andei não pondo o meu affecto n'uma dama de França; ao menos se me víra obrigado a ausentar-me teria sempre a esperança de a tornar a ver. Que dizes, Melcourt? Que mulher, por mais graças que lhe tivesse prestado a natureza, poderia roubar-te o coração, a não ser a tua Euphrasia? Só de seus olhos o vivo lume tinha posses para derreter o empedernido gelo de tua indiferença. E todavia cumpre que rompa tão doces laços. Anda-me o coração em ondas: quero, e não quero, ou antes não posso nem me atrevo a partir. É mister, assim o requer a honra, clama a meus ouvidos a patria. Pois bem, cumpre obedecer, cumpre.... Ah! que não possas tu, amiga cara, vêr meus combates, e ouvir meus

gemidos! Se me viras qual me acho, talvezte apiedasses de teu infeliz amante, tal vez em vez de increpá-lo, rompesses em palavras de dôr e em lagrimas de compaixão.

Em que momento o destino cruel me priva, cara Euphrasia, de tua divina presença! Quando meu amor estava no maior auge, quando tambem o teu com o meu hobreava, não obstante tuas suspeitas; suspeitas crueis que dão maior vulto a meus pezares. Dissimulado me crês, porque sou infeliz, e talvez partindo me veja privado ao mesmo tempo de tua presença, e de teu amor. Ah! não me negues a ultima consolação, que me resta, que é a de saber que ainda me amas. De si se lembra quem dos mesquinhos se compadece. Tem pois piedade de mim, que bem sabes que se te não conheçêra, não sentiria os males, que ora padeço.

Mas que ouço? É o lugubre toque de leva. Deus! que não levantassem as

222 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

ancoras sem me advertir! Porém não; estão á minha espera. Adeus, cara Euphrasia : guarda intacta a fé que me juraste, lembra-te de mim, de nossos mutuos prazeres, e por vezes de nossas penas. Affrontar vou de novo a inconstancia dos mares; possão elles ser minha sepultura, se cessar de amar-te.





CARTA UNDECIMA.

Como! é possível que não tenha
jamais de ver aquelle em cujos
olhos me revia , aquelle em

quem librava toda a minha dita, todas as minhas esperanças! Porque assim me castigas, Melcourt? É porventura por te ter amado com todas as potencias de minha alma? Caro e cruel author de meus pezares, meus suspiros te seguem por esses mares que sulcas, e de lá não me trazem senão tristezas, e desengano. Chegou até onde podia chegar a minha desventura, e a unica cousa que falta é saber que já de mim não curas. Assim será, que uma voz interior me está dizendo: Descarta-te d'esse louco amor que a Melcourt consagras, crédula Euphrasia: porque assim em inuteis pezares os dias passas? De que serve ferir os ceos com gritos, se teu infiel amante nem te ouve, nem quer ouvir-te. Dilatados mares de ti o arredão, chegou a França, e não ha mister de teus suspiros. Cercado de mil formosas damas já de ti se não lembra, nem lhe dão cuidado as lagrimas que vertes. Como! é possível que assim seja?

Mas não, sei que és algum tanto leviano, porém não posso acreditar que sejas cruel. O desvelo, que punhas em agradecer-me, abono dava de teu amor, como de tua constancia. Ah! e quão amavel, quão condescendente commigo eras, quão extremoso! Doce illusão, como tão cedo te desvaneceste! Não, não é possível expressar-te o abalo, que em mim causou a leitura de tua carta : fallecêrão-me de improviso as forças, cerrárão-se me os espiritos ; parecia que com agudas puas me dilaceravão o coração, o qual, mesmo assim partido embocados, ia em teu seguimento. Não, tu não podes crer o quanto n'esse momento soffri : não é mais amargo o trago da morte. Emfim tirárão-me d'aquelle mortal deliquio ; quando tornei a mim amaldiçoei a mão piedosa, que me tinha soccorrido, que sentia eu certa doçura n'aquelle angustioso transe, como quem me lisongeava de me ver emfim descativada dos pezares, que me causava tua

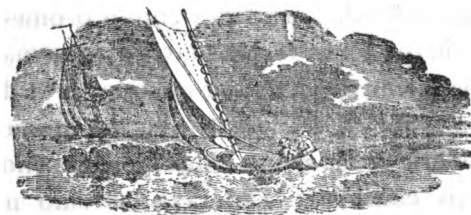
partida. E assim recompensaste tão puro, tão fino amor! Não importa, jurei guardar-te sempre o mesmo affecto, n'isso te affirma, e trata de imitar-me. Vê com indifferença as damas de teu paiz, e qual d'ellas, Melcourt, saberá amar-te, como a tua Euphrasia? Que de vezes não me adulaste de formosa, quero crer que exageravas, e que outras n'esse particular me levão vantagem, porém não assim na fidelidade. Nem é possível haja uma só que te tenha, como eu, tanto amor, e sem amor, tudo o al é nada. Lembra-te que me prometteste de vir um dia ver-me..... Ah! não o ponhas em esquecimento. Se me fôra licito sair d'aqui, verias o como iria ter contigo onde quer que fosses, para idolatrar-te em todo o restante de minha vida. O amor é de todos os lugares, e em França não me serias menos caro, que em Portugal. Mas que digo! Nem esta esperança guardar quero, porque temo me não suavize as dores, e é meu

timbre o soffrêl-as. Não sei que motivo te levou a roubar-me o coração, sabendo que tarde ou cedo me havias de deixar entregue nas mãos da desesperação. Porque me não deixaste na tranquilla indifferença, em que vivia? Que crime hei commettido, que injuria te hei feito? Ah! não te offendas, caro Melcourt: soffre que assim me desabafe. Que posso eu lançar-te em rosto? Naceste para captivar-me o coração, e eu para padecer: n'isto se cifra tudo. Já nenhum receio tenho da fortuna; que maior mal me póde ella fazer, do que separar-nos? Escreve-me, senão por amor, por compaixão. Quero seguir todos os teus passos de longe, e alegrar-me com tuas venturas, ainda que corra risco de te ser importuna. Vem-me ver, quando te for possivel; deixa-me esta esperança, alias finar-me-hei de pura mágoa. Adeus! não me posso resolver a entregar ao criado esta carta de minhas lagrimas orvalhada. Feliz papel! quem pódera

228 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

estar em teu lugar ! Tu serás entregue nas mãos de meu amante , em ti porá elle os olhos ; e eu , eu !... As lagrimas me estorvão de ir por diante. Adeus , sinto que não tenho forças para resistir a tantos males ; já ergue a morte o braço..... mas se tu me amas , se dás lagrimas á minha sorte , talvez que supportar possa com constancia a tua ausencia. Embora chovão sobre mim desgraças , zombarei d'ellas se me déres a certeza de que em teu peito reino.





CARTA DUODECIMA.

PROBRE de mim, que não sei dar-
me a conselho! Em que te
desmereci para ser tratada com

II.

20.

rigor tanto? Lisongeava-me eu que me havias de escrever de todos os lugares, onde aportasses; que tuas cartas me occuparião parte dos dias; que enganando minhas saúdades com a promessa de tua tornada me suavisarias as mágoas; emfim persuadia-me que certa de teu affecto, e descativada de ciúmes poderia viver, senão contente, ao menos mais consolada. Esperava, mesmo no caso em que me não fosse dado conservar a menor sombra de esperança, que me poderia descartar, bem que com custo, d'uma paixão funesta. A precipitação de tua partida, meus secretos pressentimentos, o despeito, a distancia, a incerteza de tua volta, a simulada ternura de teu derradeiro adeus, e mais algumas razões, que seria inutil referir, parecião-me outros tantos abonos de que afinal havia de gozar de algum descanso, e acostumar-me com o meu mal. Verdade é que devia arreceiar-me de mim mesma, e de alguns rebates de ternura

que por vezes sentia; porém assentei que tinha forças para de todo desterrá-los do peito. Ai de mim! que nunca cuidei chegasse a tanto o poder do amor; cuidei vencê-lo, e logo ás primeiras me prostrou por terra. Cruel destino! se ao menos me fôra licito descarregar meu peito no teu!... Mas não; quem apenas é sensível ao prazer, não póde ser accessível á compaixão. Assim que, nenhum fundamento devo fazer na sensibilidade d'um amante, que no mesmo momento, em que me jurava fidelidade, tacitamente se promettia de faltar a ella, dèsque se lhe offerecesse occasião. Meus fogosos transportes, minhas ingenuas caricias despertavão as tuas; mas essas erão fingidas. Punhas todo o desvelo em me inspirar amor, ao passo que nenhum sentias. Não cuides que te tenho odio, que só de lástima és digno, pois não soubeste aproveitar-te de meus transportes, e dos prazeres, que te offertava. Ah! que se foras capaz de sentil-os,

nenhum encontrarias em me illudir, e entenderias quanto maior é a dita de quem ama, que a de quem é amado.

Mas ai de mim! que não sei nem o que desejo, nem o que me convém. Sim, idolatro-te, mas não quizera que pelo mesmo theor me idolatrasses, nem que experimentasses os tormentos que padeço, e o contínuo desassocego em que me vejo; que tudo te fosse odioso; que em perpétuo pranto te nadassem os olhos. Meus males me parecem horri-veis, os teus levar-me-hião á sepultura. Que farei entretanto? Darei a mão a que me ponhas em esquecimento? Sincera-mente te confesso que não me sinto com animo para tanto. Detesto e abo-mino quanto te retêm em França, e comtudo não poderei dizer-te o por-que. Talvez meu estado te mova a com-paixão; não te cances com mostrar-m'a, porque nada ha que mais dissabor me possa dar. D'horror estremeço, quando me lembro de quanto por ti sacrifiquei,

Honra, brio, reputação, nome, tudo aos pés calquei, e o que mais me magôa, expuz-me a que de mim escarnecesses. Pois ainda assim, quando te quero arrancar do peito, sinto que não me acho com forças bastantes, e commigo mesma festejo o ter cedido aos teus amourosos impetos á custa da minha deshonor. Tal sou, por tal deves conhecer-me. Tudo quanto de mais precioso tinha em tuas mãos entreguei; mas não, meu amor devêra mostrar-se com acções de mais alto grito. Partistes, deixaste-me sem esperança condemnada a seculos d'ausencia; déste talvez teu coração a outra, infiel, e inda não morri, e minha desesperação toda se encerra n'estas poucas regras? E ainda me jacto de te amar! Ah! não; faze o que queiras; infiel sou; rompe contra mim em queixas, que não é amar, o amar com tanta moderação. Perdão te peço, mas não; sê inexoravel, ordena-me de mostrar mais ostensivamente a minha dôr, e

de provar que te amo expirando de puro amor. Estou decidida a obedecer-te, pende já d'um fio esta vida aborrecida; mas tenho necessidade que me ajudes a apartar-me d'ella. Repartida entre a esperança e o temor, nada posso fazer sem ordem tua, nem ainda mesmo morrer. Uma morte ruidosa, e fóra do commun talvez te conquistasse a attenção, e durasse em tua memoria; o que seria preferivel ao estado em que me vejo. Adeus! farão de mim o que quizerem os pezares. Ceos! e porque te hei visto? Quão feliz que fôra, se nunca a meus olhos te tivesses mostrado! Que é o que disse? Não me creias, que quanto minha bocca profere desmentindo está meu coração. Quem eu, caro Melcourt? Dar n'alma assento a tão injustos pensamentos? Não o creias, torno a repetir-te. Tua amante contente está com sua sorte. Por feliz se deve reputar, quem por teu respeito padece, e a despeito dos

tormentos que soffro o meu maior prazer é ter-te conhecido.

Emfim se a intensidade da dor me levar ao regaço da morte, empenha-me tua fé que has de dar lagrimas á minha sorte; que has de ter saúdade de meu terrissimo affecto, e conservar-me o teu; que a despeito da morte has de respeitar os doces laços, que nos união; que has de esquecer-te de tudo, menos de tua cara Euphrasia; que nenhuma outra mulher te conquistará o peito; que seria para mim o cumulo da desgraça saber que minha morte faz a bem de teus novos amores, e que ao pé d'elles te jactas do imperio, que sobre mim tiveste. Não sei se poderás ler esta carta escrita a impulsos da dor, e quasi com meu pranto apagada. Ah! tem piedade d'uma louca, que nunca o fôra, se não te tivera conhecido: e ainda graças te dou por me teres feito enlouquecer. Tudo quanto de ti vem me apraz, quer seja bom, quer

236 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

máo, e ainda lastímo de ter perdido tanto tempo vivendo no seio da indifferença, como soia fazer antes de amar-te. Adeus, já não posso escrever mais, e ainda te não disse nem a metade do que queria dizer-te.





CARTA DECIMATERCEIRA.

QUE aproveita que ameúde te
escreva, se com isto nada mais
faço que dar mór vulto a meus

pezares? Quão mal andei em cedera os impulsos de meu coração! Meu amor foi uma verdadeira cegueira, e tanto mais extremoso quanto mal succedido. Esvaeceo-se a nevoa, que me offuscava a vista, desapparecêrão os prazeres, e ficarão só commigo os pezares, e por cumulo de males sobe de ponto a minha paixão á medida que me falta o objecto d'ella. E não devêra por anticipação acostumar-me á tua ausencia? Como é que me pude lisongear de que por amor de mim havias de sacrificar honra, fortuna, e patria? Entretanto amesquinho-me, e choro, e o mal presente se torna insupportavel com a lembrança do bem passado. Como! Terei de abraçar-me sempre em inuteis desejos! Não has de vir um dia embellezar com tua presença esta solitaria alcova, onde tantas vezes nos tomou a aurora nos braços do amor? Fugitivos prazeres, enganosas doçuras? Durastes tanto, quanto o ardor que vos deo o ser. Que

val um prazer que reside unicamente na satisfação de nossos appetites! Porque não me conformei com os conselhos da razão, que me estava dizendo que moderasse meus transportes, e que me advertia dos perigos a que me ia aventurar? Surda aos seus dictames toda a ti me entreguei, Melcourt, e o prazer que tinha de estar contigo me não permittia de pensar que um dia havia de cessar de ver-te.

Lembra-me que um dia, presága do futuro, te confiei a este respeito meus receios. Com uma só palavra me tranquillizaste, e meus terrores se desvanecêrão, e tornárão a volver as doces, e lisongeiras illusões, que me allucinavão. Reclinada em teus braços eu mesma de meus proprios receios mofava, como quem só fazia fundamento em tuas promessas. Perfido! bem sei o como curar-me d'esta paixão: em não te amando, ver-me-hei socegada. Que horrivel expediente! Que triste remedio para um coração como o meu! Para riscar-te da lembrança seria

mister que cessasse de existir. Não, nunca me veio ao pensamento que fosse possível o deixar de amar-te: innocente sou a este respeito; antes graças dou á minha ventura, e de soffrer faço gala. Ingrato! longe de invejar teu destino, hei dó de ti. Empenhado em novos amores, teus insipidos prazeres não valem meus desgostos. Essas tuas compatriotas das doçuras do amor não conhecem senão o material. O que eu soube inspirar-te ha de te acompanhar até á morte. Se por ventura conseguisses pô-lo em esquecimento, que vazio immenso que havias de experimentar? Dize adeus aos prazeres, que d'ora em diante só pezares te aguardão. Essa paz de que pareces gozar, essa felicidade imperfeita é um tormento. Por mais feliz me tenho na agitação em que vivo, que tu n'esse repouso. A mais sobia ella de ponto em outros tempos, mas tu me ensinaste a soffrer sem gemer, e a meus desejos poseste freio. Paciencia! ainda assim

não me arrependo de te ter amado.

Sim, por timbre conto o haver cedido a teus desejos. Por que razão a nosso tímido sexo será defeso o seguir sua natural inclinação? Dêsque por um instante te rendi vassallagem, serva tua sou por toda a vida. Tal é a minha religião: n'isto libra o meu pundonor, e gloria, Não cuides que digo isto, para empenhar-te a responderes ás minhas cartas: faze o que queiras, que amar por violencia, e por obrigação não é amar, mais sim aborrecer. O official francez, que de nossos amores se tinha advertido, de ti me fallou em toda uma manhã. Oh! e o quanto lhe sou grata, por me dar a entender te tinha amizade. Disse-me elle era a paz assignada. Ah! quão entranhavelmente abalada me senti com esta noticia. Se assim é, não tardes em me vir ver; achar-me-has disposta a seguir-te por toda parte. Depois que te partiste ainda não tive uma hora de socego; anoja-me o viver, dou em douda, e não

faço mais que pronunciar a todo o instante teu nome, unico prazer, que tenho. Estou sempre fechada no quarto onde tantas vezes vieste, sem ser sentido, prodigar-me as mais ternas caricias, cede ai de mim! tivêrão principio todas os meus males. Ali insensivel a quanto me rodêa, só teu retrato, que a todo instante beijo, me cativa continuamente a attenção. Mas ah! que quanto mais o considero, tanto mais me desespero com a certeza de que não hei de nunca mais ver o original. Nunca mais! É possivel que para sempre de mim te apartasses! Quão desditosa que sou, pois já me não resta nem se quer a mais leve esperança! Ah! que bem diversa sorte me havias promettido!





CARTA DECIMAQUARTA.

Dios! será verdade, que o navio,
em que ias teve de arribar por
causad'um temporal? Tal abalo

me causou esta nova, que de meus proprios males me deslembrei: só do risco que podias correr sollicita estive, e tu nem se quer me escreves para tirar-me de tão atroz cuidado. Toda a gente aqui tem cartas, excepto eu. Desgraçada sou, se algum accidente te tolheo escrever-me, e ainda mais se o não fazes por descuido. Vio-se jamais maior ingratição, maior desamor? Devêra eu vingar-me, e tratar-te como me tratas; mas tão estremecidamente te amo, que receio dar-te o menor enfado, e antes quero soffrer que saber que soffres. De tua indifferença convencida estou, porém fecho sobre ella os olhos, porque antes quero enganar-me a mim mesma, que cercear um atomo do affecto, que te consagrei. E quem ha que em te vendo duvidasse de tua sinceridade? Quanto não custa o conceber suspeitas d'uma pessoa, a quem estremecidamente amamos! Quando tuas palavras estão claramente delatando tua perfidia, dou-lhes eu um differente sen-

tido, e d'antemão te perdôo. Tua propria bocca te accusa, mas meu coração te justifica. Que perigosas ciladas que me armaste! Seguias todos os meus passos, cortejavas - me assiduamente, protestavas - me um eterno affecto, e eu de boa cri que dizias a verdade, fiei - me em tuas promessas, e a todas has faltado. Cobriste de flores o precipicio, em que me despenhaste, e minha propria inclinação contribuiõ mais que tudo para minha ruina, que tu consummaste acintemente. Que barbaridade! Se eu houvéra com arte resistido a teus desejos; se me tivera negado a teus ardores, para avivál - os mais, se com esquivanças te tivéra desesperado, então terias razão de te vingares. Mas bem sabes que te amei, quando ainda nenhum desvelo punhas em agradar - me; que quando emfim te declaraste, cri cegamente em quanto me disseste; se me não amavas, porque me não advertiste? Porque pelo contrario te esmeraste em o fingir? Que

tenções são as tuas? Sem muito trabalho podias achar uma mulher talvez mais do que eu formosa, que te guardaria fidelidade por algumas semanas; que te offerceria esses vulgares prazeres em que ao acaso, e segundo seu temperamento, se engolfão as pessoas de tua nação, e sexo; a quem tua ausencia pouco ou nenhum pezar causaria; uma mulher emfim com quem poderias romper, sem que te accusassem de inconstancia: por que razão pois fizeste de mim escolha? Já o sei, cruel: como entendeste o quanto te amava, assentaste que menos te custava o enganar-me. Não allegues por desculpa o dever, a ordem, que recebeste de partir; que se eu estivera no teu caso ver-me-hias resistir a tudo. Nada me poderia obrigar a deixar-te, e tu lanças mão dos mais futeis pretextos para te ausentares d'esta terra. Dir-me-has que o navio estava de partida... Quem te tolhia de ficar em terra, e deixà-lo partir? Porque levado d'um

ardor inensurato te foste expôr sem mim ao furor das rugidoras ondas? Teu pai assim o ordenava. Quero crê-lo; mas bem sabes o quanto tive de soffrer da parte do meu. A gloria o exigia; sim, mas eu puz de parte a minha, e teu rei certo que não havia mister de ti para dilatar a sua. Dizem-me que elle é sensível, e pois que amou, certo que havia de perdoar a culpa em que, por amor de mim, incorresses.

Como! é possível que conhecendo o muito que te amava, te determinasses a privar-me para sempre de tua presença? a condemnar-me a eterno pranto? Assoberbada de tristeza vou-me de dia em dia finando; nada mitiga meus pezares; entro em colera contra as pessoas que me dão conselhos, como se todos os meus deveres se cifrassem unicamente em amar-te.

Hontem dona Brites, pessoa a quem muito, estimo apertou commigo para que sãisse do quarto, e fosse tomar o

fresco na varanda , donde os olhos se dilatão com prazer por estendidas planicies. Fiz-lhe a vontade , mãs quão de pressa me arrependi ! Apenas ali cheguei acodirão-me taes lembranças , que tive de recolher - me immediatamente ; para o meu quarto para chorar á minha vontade , e pensar em ti. Nada me suaviza as mágoas : molestão-me os desvelos com que , compadecidas de minha sorte , me tratão minhas amigas. D'aquella varanda é que pela primeira vez te vi , e n'ella é que nossos olhos se encontrãõ ; que senti esse secreto abalo , indicio d'um amor nascente. D'ali estive admirando a graça , com que governavas teu cavallo , o qual parecia soberbo com tão formosa carga. Ah ! e como me parecião longos os dias ! Como secretamente anciava por te ver de mais perto ! Tua bizzarria , e certo ar de negligencia que em tua pessoa observava , começavão , sem que eu n'isso attentasse , a triumphar de minha indifferença ; sentia não sei que

prazer, acompanhado de certo temor, e afigurava-se me que em tudo quanto fazias punhas só o fito em agradar-me. Qual foi o premio de tão estremecido amor tu bem o sabes; e ainda me atrevo a escrever-te?... Melhor faria de engolir meus enfados, e calar-me. Meus lamentos não servem senão para divulgar tua infidelidade, que não podem nem elles, nem minhas lagrimas conseguir o que não pôde conseguir meu amor. Minha ruina é certa, e d'ha muito projectada. Dêsque partiste, assentei que não devia conservar a esperança de reinar em teu coração. Com encantos taes é impossivel não enfeitices outras damas, como me enfeiticastes!... Não o permitta Deus! Mas que digo? é impossivel que assim não seja; porém ou não te conheço bem, ou estes novos amores devem durar mui pouco; e podes, sem amar, lançar-te nos braços d'outra? Se ao menos para isso tivesses algum pretexto, talvez, achando-te me-

nos culpado, fosse menor a minha mágoa. Quem sabe se o que ahí te retém não é o receio de não poderes corresponder aos meus transportes? Ah! não os temas; que por mais extremoso que seja o amor, que por ti tenho, acho-me com forças para moderar-me, e com tanto que respire o mesmo ar, que tu respiras, dar-me-hei por ditosa, e porei termo aos queixumes. Oh! e o como sou credula! E ainda me lisongeo de conhecer-te? Tens de amar outra dama, e sou a unica que te não agrada. Sim has de amar, e eu devêra ensinar-te o como se ama. Lembra-te pois dos tormentos que padeci, de meus ciúmes, transportes, sustos, e inquietações, e imita-me, se queres ser feliz.

Disseste-me um dia, que amavas certa compatriota tua, da qual com pena te apartaste. Ainda a amas? Falla-me sem reboço: tencionas voltar a Portugal, ou não? Não me deixes n'esta incerteza, que me atormenta de morte: val mais

um desengano a tempo , que uma esperança mentirosa. Manda-me o retrato d'essa dama , e dá-me conta dos prazeres que com ella logras. Escrever podes quanto ella te diz; não tenhas sustos que desmaie ao lêl-o; que tão tua escrava sou , que apenas me compete o fazer-te a este respeito a menor observação. Tão feia cousa me parece o ser ciosa , que por criminosa me teria , se o fôra.

Um official de tua nação está á espera d'esta carta. Quantas vezes não tenho querido rematál-a , e sempre em vão. Quando te escrevo affigura-se-me, caro Melcourt, estar-te vendo, e fallando. Achál-a-has por extremo longa, e fastidiosa. Serei mais breve na primeira, e porei á parte as queixas, e invectivas. Abster-me-hei nella de te fallar de meu funesto amor; estou resoluta a sepultál-o no intimo d'alma; tem-no por certo. Faz hoje um anno que elle teve principio, e quem diria que no cabo de seis

mezes me havias de ser infiel, que havias emfim de partir, e deixar-me aqui ao desamparo. Teu compatriota não me permite estender-me mais, que tanta é a pressa com que está de partir : talvez tambem aqui deixe alguma desgraçada; talvez alguma compatriota minha me faça companhia na desgraça.

Adeus !... não sei o como te appellide, que já não me atrevo a dar-te os nomes que meu amor havia inventado. Deus ! e o como te amo, sendo tu commigo tão desamoravel ! A ponto tal que nem para mitigar-me as magoas te dignas escrever-me, assim que a cada correio sobe de ponto a minha angustia. Mais queria dizer-te, porèm teu compatriota quer partir : parta muito embora. Demais que o que escrevo é mais para mim, que para ti, pois bem sei que tão estirada carta te ha de anojár. Que hei feito, meu Deus ! Porque me vejo condemnada a perpetuos pezares ? Porque aqui estou

D'UMA RELIGIOSA PORTUGUEZA. 253
presa ! Porque?... Assim o quiz minha
estrella, e seria inutil pedir-te que me
ames.





CARTA DECIMAQUINTA.



UMPRE que me deslembre
de ti : assim m'o prescreve o
dever, e o hrio, escrever-te

vou por derradeira vez. Deus! e como nossa alma folga, quando se vê descativada do jugo do amor! Agora sim que respiro... e a ti o devo. Cedo te será remettido por dona Brites, depositaria fiel de meus segredos, quanto me pôde avivar as lembranças de meus erros passados: de ti nada guardar quero. Ella desempenhará melhor do que eu o encargo de fazer com que ás tuas mãos chegue o teu retrato, e cartas. O primeiro sobre tudo que já ha dias que não podia ver: ancias me vinhão de deitál o no Tejo, e não o fiz, por temer tivesses para ti que o guardava, ou não me atrevia a romper de todo em todo contigo. Assim que, determinei de te convencer da verdade, hem que te cause talvez isso algum despeito. Confesso que não sei porque ao apartar-me d'esses penhores senti partir-se-me com dores o coração, não obstante não ter já amor algum. Enterneci-me, roguei-os com infundas lagrimas, custou

muito emfim, mas venci, e agora entendendo quão efficaz seja a razão em semelhante lucta.

A final ficção em poder de dona Brites esses penhores d'um fementido amante, não sem mil combates, incertezas, e dores, que teu coração é incapaz de sentir, e de que seria inutil dar-te conta. Pedi a minha amiga que não me fallasse mais n'elles, nem m'os tornasse a entregar, nem mostrar, ainda que de joelhos lhe supplicasse.

O muito que me custou a dar este passo é uma prova do extremoso amor, que por ti tive, e se eu soubera me havia custar tanto, talvez me não aventurasse a fazê-lo. Póde ser que não soffresse mais continuando 'a idolatrar-te, com ter a certeza de teu desamor, e ingratitude. Não me determinei a isso por amor proprio, não; que bem claras provas te hei dado de que podia supportar o teu odio, e até tua inconstancia; porém não assim tua indifferença.

Tua derradeira carta, os protestos de amizade, que n'ella me fazias, teus cumprimentos, tua compaixão sobretudo me fizérão romper n'este excesso. Sei que minhas cartas te forão entregues, e que as leste; pedi-te por ventura n'ellas que me tirasses do engano em que andava? Quem te encarregou de me privar dessa sombra de felicidade de que gozava? Porque destruiste os castellos de vento, que na imaginação edificava? Estava disposta a crer quanto me affirmasses, e não sei que não merecesse que delicadamente me enganasses.

Sei quaes seião teus defeitos, conheço-os um por um, ingrato. Sei que não és credor d'um affecto tão puro, e desinteressado, porèm espero que me ajudes a pôr-te em esquecimento. Promette-me sobretudo de nunca mais me escrever; talvez tivesse ainda a fraqueza de ler tuas cartas, de responder-te, de ceder a meus transportes, e desejo evitar as

consequencias que d'isto se podem seguir. Deixa-me livre e senhora de minha vontade, não cures mais de mim, nem do que penso, ou faço; não perturbes a doce paz de que vou gozar; ingrato fostes, porém não sejas barbaro. Pelo que me diz respeito dou-te a minha palavra que nenhum odio te tenho. O odio seria em mim um indicio d'amor. Não falta quem me corteje: amanhã, se quizer, posso ser vingada; amanhã posso empregar n'outro o meu affecto; mas quem será digno d'elle? Quem dará vida a um coração já defuncto? O que me é mister é um amante e não um vingador. Ah! e quanta força sobre nós teu uma primeira inclinação! Por mais que façamos, sentimo-nos impellidos por uma mão invisivel para o objecto, que primeiro nos cativou o coração. Sem elle não ha para nós completa alegria; é uma especie de idolo a quem secretamente tributâmos culto, bem que em publico o desado-

remos. Debalde procurámos distrahirnos, tudo vemos, e nada nos dá prazer : a ferida que a infidelidade em nosso peito abre, ainda depois de cicatrizada , nos occasiona dores ; e a unica consolação que temos, vendo-nos livre, é a liberdade de chorar a nosso sabor sobre o terrivel cativeiro a que fomos postos.

Demos mesmo que eu fôra d'humor a formar novos laços, a empenhar-me n'outros amores, como é que assoberbada de pezares associaria outrem á minha triste sorte? Creio que deves de estar satisfeito, que não podia eu fazer mais, do que hei feito para te agradar. Em que te desmereci, Melcourt, para ser com tanto rigor tratada? Que attractivos póde ter uma emparedada? dirás tu. Múitos; primeiro, por isso que vive longe do bullicio do mundo é mais terna, mais amavel. Nada ha que assim alente o amor, como a solidão. Na solidão nada nos distrahe de nosso affecto, n'elle pensâmos de dia, com elle sonhâmos

de noite, e o silencio que em torno de nós reina dá mór vulto, mór belleza ao objecto do nossa adoração. Como! agradão-te mais essas loucas que com qualquer cousa se divertem; que paixão do theatro á casa de dança, e da casa de dança ao theatro; essas almas insaciaveis, que correndo após o prazer, por mais variados que elles sejam nunca se fartão? Como te contentas com o pouco que ellas te podem conceder, já porque são casadas, já que as diversas occupações que tem lhes tolhem receber-te, se são solteiras? Mas para que me canço em provar-te quão diferente era o affecto meu, d'esse que te dedicão as damas de França? Desquittada estou de ti, e graças dou a tua inconstancia: demais que não nasci eu para ser feliz em amor. Não obstante ver-te todos os dias, andava sempre em sustos; amesquinhava-me por não ser mais formosa; ardia em zelos, se infiel te cria; o menor sopro do vento me fa-

zia enfiar; se me vinhas ver ao convento, temia não te encontrassem meus parentes; por mais que fizesse para te expressar o meu affecto assentava que nada havia feito, emfim sentia os mesmos tormentos, que hoje sinto.

Queseria de mim se perdido de todo o pudor me embarcasse, e fosse ter contigo em França, se em lá chegando me desprezasses? Sim, ingrato: com terem meus males chegado ao ultimo ponto, conheço que ainda podião sobir a mais. Emfim abrio-me Deus os olhos; abjuro meus erros, e uma vez na vida sigo os dictames da razão. Que feliz conversão! E o quanto deves de estar contente de me veres razoavel. Não tenhas o incommodo de m'ó dizeres, desejo ignorál-o: demais que já té pedi que nunca mais me escrevesses. Consideraste bem no mal que me has feito? Não te corres de pejo, ingrato e fementido? Houveste te como um covarde, como um homem de duas faces. Aborreacias-me, e fingias

que me amavas; e pude, e não me envergonhei de pôr em ti o meu affecto? Que encantos tinhas, que prestigios, ou que virtudes para por tal modo deslumbrar-me? Que sacrificio por mim fizeste? Enxugaste-me por ventura as lagrimas? Tiveste compaixão de meus tormentos? Deixaste por isso de caçar? Não procuraste longe de mim quantos prazeres encontrar podias? Entranhavelmente te aborreço, e abomino, e assim o devo fazer. Saltaste as barreiras do decoro, ultrajaste-me, feriste-me no mais vivo d'alma; nenhuma desculpa tens, nem t'as posso acceitar. Se jamais aqui pões os pés, meus parentes lavarão em teu sangue a nodoa, que em minha reputação poseste, entregar-te-hei em suas mãos; é tempo que a mim mesma dê as penas de minha cegueira, e idolatria. Que votos formâr ousos? Céos! guardai-vos de annuir a elles: desde já me retracto, e com gosto consinto que Melcourt venturoso seja. Venturoso!....

e longe de mim... E como o podes ser se teu coração é tal qual se me afigurava ser. Mas que digo? Por que razão de ti me apiado? Ah! é mister que te escreva ainda uma vez. Então fál-o-hei com mais assento, e meu estilo terá a mesma seccura e fricza que meus sentidos. Que prazer não será o meu, quando me vir em estado de te exprobrar teus crimes, de confundir-te, de tratar-te com o mais soberano desdem, de ensopar-me a meu sabor nas doçuras da vingança, de provar-te emfim com os olhos enxutos, e o coração de pousada, que te hei posto em esquecimento de envolta com meus prazeres, e magoas. Brazão não faças de me ter seduzido: que era eu moça, credula, e tinha sido educada n'um convento; ignorava o theor da sociedade, e quantos homens havia visto erão mal geitosos. Quanto me rodeava era insipido, e ninguem me adulava de formosa. Tu foste o primeiro que tal me disseste, inexperiente acreditei-te, e cuidei que via pela primeira vez o

264 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA
mundo, que começava a raiar a aurora de minha existencia. Ah! e de quão tristes foi seguida! Dissipou-se a illusão, quebrou-se o encanto, e quem o fez foi meu proprio amante. Sim, tu me tiraste a venda dos olhos; estava á borda do precipicio, déste-me a mão, e salvaste-me. As duas cartas que me escreveste forão meu remedio; assim que as guardo com todo o cuidado, não tenha alguma recaída, e para esse effeito não ha dia, em que não as leia.

Quão bemaventurada seria a minha sorte, insensivel Melcourt, se, como devias, houvesses lealmente correspondido a meu amor! Ah! que ainda agora, quando penso, me desfaço em lagrimas, que não deixão de ser acompanhadas de certa doçura. Mas emfim feito é... tal é minha ultima determinação, e na falta d'essa dita suspiro pela paz. Determinada estou a nunca mais escrever-te, porque quasi que já não sinto nem amor, nem colera. Adeus digo para sempre a ti, e ao mundo.



CARTA DECIMASEXTA E ULTIMA.

MELCOURT A EUPHRASIA.



ão te escrevo para justificar-me,
fál-o-hei, cara Euphrasia, a teus
pés ajoelhado. Alma angelica,

e terna, em breve atravessando os mares irei consolar-te, consagrar-te todos os meus dias, unir-me contigo para todo sempre, entregar-te meu coração, e pedir-te o teu. Cedo me conhecerás a fundamento. Amar-me-has por ventura menos por isso que o mereço mais? El Rei premiou meus serviços, por elle honrado mais digno sou de teu affecto. Amo, e sou Francez, e reparto os meus cuidados entre minha patria, e minha amada; porèm como é feita a paz, tendo satisfeito ao que de mim exigia a honra, livre sou de entregar-me todo ao amor. Cedo te envergonharás de me teres crido perfido. E a quem querias tu que amasse n'essa capital onde me acho? Semestima crês tu que'possa haver amor? Mais que muito conheço a inconstancia de minhas compatriotas, desgraçado d'aquelle, que se fia em suas promessas! Como has crido que infiel te fosse? Onde poderia encontrar tantas virtudes juntas com belleza tanta? Meus apí a-

rentes crimes, meu silencio culpavel era um ardil, que me tinha suggerido o amor. Não tendo esperanças de te tornar a ver, e retido em França pelos mais santos deveres, desejava curar-te d'uma paixão, que solapava tua existencia, e por compaixão por teus males tornava-me culpado, para que commigo rompeses. Mas já não hei mister de subterfugios taes... Porèm quem sabe se crendo-te desquitada de mim, não déstes teu coração a outrem. Ceos! que horrivel idea! Que triste pressentimento! Se assim for, guarda-te de meus transportes. Ir-te-hei arrancar dos braços de teus parentes, do sanctuario mesmo. Nada ha que te possa subtrahir a meu furor. Sou teu amante, e tenho de ser teu esposo. Se tua familia se opposer á nossa união, esposar-nos-hemos em espirito: emfim tenho de morrer onde nasceste, e de provar-te que não poseste emvão em mim o teu affecto.

Adeus! é tempo de partir, parece que

268 CARTAS AMOROSAS D'UMA RELIGIOSA.

ouço os teus lamentos de envolta com os rugidos dos ventos, sim, és tu que me chamas; tem paciencia que não tardo. Abismo insondavel, pégo tempestuoso, tu respeitaste meus dias quando votados á tristeza, respeita-os agora que vão ser consagrados á alegria.

FIM DA SEGUNDA PARTE, E DO SEGUNDO
E ULTIMO TOMO.

24 MAR 65



BOUND
1930



